



MAZE RUNNER

O CÓDIGO DA FEBRE

JAMES DASHNER

PLATA
FORMA 31



MAZE RUNNER
O CÓDIGO DA FEBRE

MAZE RUNNER

O CÓDIGO DA FEBRE

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: EDMUNDO BARREIROS



TÍTULO ORIGINAL *The Fever Code*

© 2016 James Dashner

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.



EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Elisa Martins

REVISÃO Bóris Fatigati

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

CAPA Marcelo Orsi Blanco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

Maze Runner : O código da febre [livro eletrônico] / James Dashner;

tradução Edmundo Barreiros. - São Paulo : Plataforma21, 2016. -
(Maze Runner); 2MB; Epub.

Título original: The fever code.

ISBN 978-85-92783-08-2

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

16-07396 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

*Para todos os fãs de Maze Runner.
Vocês são loucos apaixonados, e eu amo vocês.*

Nevava no dia em que eles mataram os pais do garoto.

Um acidente, disseram muito tempo depois, mas ele estava lá quando aconteceu, e sabia que não tinha sido acidente.

A neve chegou antes deles, quase como um mau presságio branco e gélido, caindo do céu cinzento.

Ele podia se lembrar de como estava confuso. O calor calcinante brutalizara sua cidade por meses que se estenderam em anos, uma linha infinita de dias cheios de suor, sofrimento e fome. Ele e sua família sobreviveram. Manhãs esperançosas se transformaram em tardes em busca de alimento, com brigas barulhentas e ruídos aterrorizantes. Depois, noites de torpor após os dias quentes e longos. Ele se sentava com a família e via a luz desaparecer do céu, e o mundo lentamente se esvair diante de seus olhos, perguntando-se se ele iria reaparecer com o amanhecer.

Às vezes, os loucos vinham, indiferentes ao dia ou à noite. Mas sua família não falava deles. Não a mãe, não o pai; certamente, não ele. Parecia que admitir sua existência em voz alta poderia chamá-los, como um encantamento invocando demônios. Só Lizzy, dois anos mais nova, mas duas vezes mais destemida, tinha coragem de falar sobre os loucos como se ela fosse a única inteligente o bastante para ver que a superstição era bobagem.

E ela era só uma garotinha.

O garoto sabia que devia ser ele o corajoso; devia ser ele a confortar a irmã menor. *Não se preocupe, Lizzy. O porão está bem trancado; as luzes estão apagadas. As pessoas más nem vão saber que estamos aqui.* Mas ele sempre ficava sem fala. Ele a abraçava com força, apertando-a como se fosse seu urso de pelúcia particular em busca de conforto. E toda vez *ela* dava tapinhas nas costas *dele*. Ele a amava tanto que fazia sua cabeça doer. Ele a apertava com mais força, jurando em silêncio que nunca iria deixar que os loucos a machucassem, ansiando por sentir a palma da mão dela batendo entre suas omoplatas.

Frequentemente eles adormeciam assim, enroscados no canto do porão, em cima do colchão velho que seu pai arrastara escada abaixo. Sua mãe sempre botava um cobertor sobre eles, apesar do calor – seu próprio ato de rebeldia contra o Fulgor, que tinha arruinado tudo.

Naquela manhã, eles acordaram diante de uma imagem impressionante.

– Crianças!

Era a voz de sua mãe. Ele estivera sonhando, algo sobre um jogo de futebol, a bola girando acima da grama verde do campo, seguindo na direção de um gol aberto em um estádio vazio.

– Crianças! Acordem! Venham ver.

Ele abriu os olhos, viu a mãe olhando pela pequena janela, a única no quarto do porão. Ela havia removido a madeira que o pai pregara ali na noite anterior, como fazia todo fim de tarde ao pôr do sol.

Uma luz cinza suave brilhava sobre o rosto da mãe, revelando olhos cheios de um assombro reluzente. E um sorriso como ele não via em muito tempo a iluminou ainda mais.

– O que está acontecendo? – murmurou ele, pondo-se de pé. Lizzy esfregou os olhos, bocejou e depois o seguiu até onde a mãe olhava para a luz do dia.

Ele podia se lembrar de várias coisas sobre aquele momento. Quando olhou para fora, apertando os olhos enquanto eles se adaptavam, seu pai ainda roncava como um animal. A rua estava vazia de loucos, e nuvens cobriam o céu, uma raridade naqueles dias. Ele congelou quando viu os flocos brancos. Eles caíam do cinza, rodopiando e dançando, desafiando a gravidade e adejando para cima antes de descer flutuando outra vez.

Neve.

Neve.

– Mas que diabos é isso? – murmurou ele baixinho, uma expressão que aprendera com o pai.

– Como pode nevar, mamãe? – perguntou Lizzy, os olhos drenados de sono e cheios de uma alegria que tocava seu coração. Ele abaixou a mão e puxou sua trança, torcendo para que ela soubesse o quanto fazia com que sua vida infeliz valesse a pena ser vivida.

– Ah, vocês sabem – respondeu a mãe. – Todas essas coisas que as pessoas dizem. Todo o sistema climático do mundo se esfacelou, graças às chamas solares. Vamos só aproveitar está bem? É bem extraordinário, vocês não acham?

Lizzy respondeu com um suspiro feliz.

Ele observava, perguntando a si mesmo se jamais voltaria a ver tal coisa. Os flocos fluíam, e por fim tocavam o chão e derretiam assim que encontravam o calçamento. Sardas molhadas pontilhavam a vidraça.

Eles ficaram parados assim, observando o mundo lá fora, até que sombras cruzaram o espaço no alto da janela. Elas sumiram assim que apareceram. O garoto esticou o pescoço para tentar ver quem ou o que tinha passado, mas olhou tarde demais. Alguns segundos depois, houve uma batida pesada na porta acima. Seu pai estava de pé antes que o som terminasse, de repente totalmente desperto e alerta.

– Vocês viram alguém? – perguntou o pai, com a voz um pouco rouca.

O rosto da mãe perdera o brilho de momentos atrás, substituído pelas rugas mais familiares de preocupação e aborrecimento.

– Só uma sombra. Nós atendemos?

– Não – respondeu o pai. – Nós certamente não atendemos. Rezem para que eles vão embora, seja lá quem for.

– Eles podem arrombar e entrar – sussurrou a mãe. – Sei que eu faria isso. Eles podem achar que a casa está abandonada, talvez com um pouco de comida enlatada deixada para trás.

O pai olhou para ela por um bom tempo, sua mente trabalhando enquanto o silêncio passava. Depois, *bam, bam, bam*. As pancadas fortes na porta abalaram toda a casa, como se os visitantes tivessem trazido com eles um aríete.

– Fique aqui – disse o pai com cautela. – Fique com as crianças.

A mãe ia falar, mas parou e olhou para a filha e o filho; suas prioridades óbvias. Ela os puxou em um abraço, como se seus braços pudessem protegê-los, e o garoto deixou que o calor de seu corpo o acalmasse. Ele a apertou com força enquanto o pai subia a escada sem fazer barulho, o piso acima rangendo quando ele seguiu na direção da porta da frente. Depois, silêncio.

O ar ficou pesado, fazendo pressão. Lizzy estendeu o braço e tomou a mão do irmão. Finalmente ele encontrou palavras de conforto e as derramou para ela.

– Não se preocupe – murmurou ele, pouco mais que uma respiração. – São provavelmente só pessoas famintas atrás de comida. Papai vai dividir um pouco, e então eles vão seguir seu caminho. Você vai ver. – Ele apertou os dedos dela com todo o amor que conhecia, sem acreditar em uma palavra do que dissera.

Em seguida houve uma eclosão de ruídos.

A porta se abriu bruscamente.

Vozes altas e raivosas.

Um estrondo, em seguida uma pancada surda que abalou as tábuas do piso.

Passos pesados e temíveis.

E então os estranhos estavam descendo ruidosamente a escada. Dois homens, três, uma mulher, quatro pessoas no total. Os recém-chegados estavam bem vestidos para aqueles tempos, e eles não pareciam simpáticos nem ameaçadores. Apenas extremamente solenes.

– Você ignorou todas as mensagens que mandamos – disse um dos homens enquanto examinava o ambiente. – Sinto muito, mas precisamos da menina. Elizabeth. Me desculpe, mesmo, mas não temos escolha.

E, simples assim, o mundo do garoto acabou. Um mundo já cheio de mais coisas tristes do que uma criança podia contar. Os estranhos se aproximaram, cortando o ar tenso. Eles estenderam as mãos para Lizzy, pegaram-na pela camisa, empurraram a mãe – frenética, louca, aos gritos – que se agarrava à sua garotinha. O menino saiu correndo e bateu na parte de trás dos ombros de um homem. Inútil. Um mosquito atacando um elefante.

A expressão no rosto de Lizzy durante a loucura repentina. Algo frio e duro se estilhaçou dentro do peito do garoto; os pedaços caíram como pontas afiadas, rasgando-o. Era insuportável. Ele soltou um enorme grito e se jogou com mais força contra os intrusos, socando loucamente.

– Basta! – gritou a mulher. Uma mão atravessou o ar e acertou o menino no rosto, uma picada de cobra. Alguém socou sua mãe bem na cabeça. Ela desabou. Então um som que pareceu o estrondo de um trovão, perto e por toda parte ao mesmo tempo. Seus ouvidos retiniram com um zumbido ensurdecedor. Ele caiu de costas contra a parede e viu os horrores.

Um dos homens, baleado na perna.

Seu pai parado na porta com a arma na mão.

Sua mãe gritando enquanto se levantava do chão, tentando alcançar a mulher, que sacara a própria arma.

O pai disparando mais dois tiros. Um tinido de metal e o triturar de uma bala acertando concreto. Errados, os dois.

A mãe puxando o ombro da mulher.

Então a mulher deu uma cotovelada, disparou, girou, disparou mais três vezes. No caos, o ar se adensou, todo o som se retraiu, o tempo um conceito estranho. O garoto observava, o vazio se abrindo sob ele enquanto seus dois pais caíam. Um longo momento se passou no qual ninguém se mexeu, principalmente a mãe e o pai. Eles nunca mais se mexeriam.

Todos os olhares se voltaram para as duas crianças órfãs.

– Agarrem os *dois*, droga – disse por fim um dos homens. – Eles podem usar o outro como indivíduo-controle.

A forma como o homem apontou para ele foi muito natural, como se finalmente se decidisse por uma lata de sopa qualquer na despensa. Ele nunca iria esquecer aquilo. Ele procurou por Lizzy e a puxou em seus braços. E os estranhos os levaram embora.

Stephen, Stephen, Stephen. Meu nome é Stephen.

Ele estava cantarolando isso repetidas vezes para si mesmo pelos dois últimos dias – desde que o haviam levado de sua mãe. Ele se lembrava de cada segundo de seus últimos momentos com ela, cada lágrima que rolou pelo rosto dela, cada palavra, seu toque cálido. Ele era jovem, mas entendia que tinha sido melhor assim. Ele tinha visto o pai mergulhar em loucura completa, apenas raiva, fedor e perigo. Ele não podia aguentar ver isso acontecer com a mãe.

Ainda assim, a dor de sua separação o engolia. Um oceano que o havia sugado para o fundo, seu frio e sua profundidade infinitos. Ele estava deitado na cama em seu quartinho, as pernas encolhidas junto ao peito e os olhos bem apertados, enroscado em uma bola, como se isso fosse fazer com que o sono se abatesse sobre ele. Mas desde que fora levado, o sono lhe chegara apenas em surtos, momentos curtos cheios de nuvens escuras e feras aos gritos. Ele se concentrou.

Stephen, Stephen, Stephen. Meu nome é Stephen.

Ele percebeu que tinha duas coisas a que se aferrar: suas memórias e seu nome. Sem dúvida eles não poderiam tirar as primeiras dele, mas estavam tentando roubar o segundo. Por dois dias eles o forçaram a aceitar seu novo nome, Thomas. Ele tinha se recusado, agarrando-se desesperadamente às sete letras que seu próprio sangue, sua própria carne, escolhera para ele. Quando as pessoas de jaleco branco o chamavam de Thomas, ele não respondia; agia como se não pudesse ouvi-las ou como se achasse que estavam falando com outro. Não era fácil quando só havia duas pessoas no quarto, o que normalmente era o caso.

Stephen não tinha nem cinco anos, ainda assim vislumbres do mundo tinham sido cheios de escuridão e dor. E então essas pessoas o levaram. Elas pareciam decididas a garantir que ele percebesse que as coisas só podiam piorar, cada lição aprendida mais difícil que a anterior.

Sua porta emitiu um zumbido, e imediatamente se abriu. Um homem entrou com passos firmes, vestindo um traje de peça única verde que parecia um pijama de bebê para adultos. Stephen quis lhe dizer que ele parecia ridículo, mas com base nos últimos poucos encontros que tivera com aquelas pessoas, ele resolveu guardar a opinião para si. A paciência deles estava começando a se esgotar.

– Thomas, venha comigo – disse o homem.

Stephen, Stephen, Stephen. Meu nome é Stephen.

Ele não se mexeu. Manteve os olhos bem fechados, na esperança de que o estranho não tivesse percebido que ele dera uma espiadela assim que o homem entrara. Uma pessoa diferente viera a cada vez. Nenhuma delas tinha sido hostil, mas nenhuma tampouco tinha sido muito simpática. Todas pareciam distantes, com os pensamentos em outro lugar, afastadas do garoto sozinho na cama.

O homem tornou a falar, sem sequer tentar esconder a impaciência na voz.

– Thomas, levante-se. Não tenho tempo para brincadeiras, está bem? Eles estão nos mantendo muito ocupados na preparação das coisas, e ouvi dizer que você é um dos últimos a resistir ao novo nome. Pare com isso, filho. Isso é mesmo algo pelo que queira brigar? Depois de nós termos salvado você do que está acontecendo lá fora?

Stephen fez um esforço para não se mover, resultando apenas em uma rigidez que não poderia se parecer com alguém dormindo. Ele prendeu a respiração até, finalmente, ter de inalar um grande hausto de ar. Então desistiu, rolou de costas e olhou direto nos olhos do estranho.

– Você parece estúpido – disse ele.

O homem tentou ocultar a surpresa, mas não conseguiu; divertimento passou por seu rosto.

– O que disse?

A raiva incendiava-se no interior de Stephen.

– Eu disse que você parece estúpido. Esse macacão verde é ridículo. E pode parar com isso. Não vou simplesmente fazer o que você quiser que eu faça. E com certeza não vou vestir nada que se pareça com esse pijama que você está vestindo. E não me chame de Thomas. Meu nome é Stephen.

Tudo saiu de um só fôlego, e Stephen teve de inalar mais um grande hausto de ar, na esperança de que aquilo não arruinasse seu momento. Fizesse com que parecesse fraco.

O homem riu, e pareceu mais que estava se divertindo que condescendente. Aquilo ainda deixou Stephen com vontade de atirar alguma coisa do outro lado do quarto.

– Eles me disseram que você tinha... – O homem fez uma pausa e olhou para uma agenda eletrônica que carregava. – Uma qualidade infantil afetuosa. Acho que não estou conseguindo ver isso.

– Isso foi antes de me dizerem que eu tinha de mudar de nome – retrucou Stephen. – O nome que minha mãe e meu pai me deram. Aqueles dos quais vocês me tiraram.

– Seria esse o pai que enlouqueceu? – perguntou o homem. – O que estava tão doente que quase espancou sua mãe até a morte? E a mãe que nos pediu que levássemos você? Que está ficando mais doente a cada dia? *Esses pais?*

Stephen fervilhou na cama, mas não disse nada.

Seu visitante vestido de verde se aproximou do leito e se agachou.

– Olhe, você é só uma criança. E obviamente é inteligente. Muito inteligente. Também é imune ao Fulgor. Você tem muita coisa a seu favor.

Stephen ouviu o alerta na voz do homem. O que quer que viesse em seguida, *não* ia ser bom.

– Vai ter de aceitar a perda de algumas coisas e pensar em algo maior que você mesmo – prosseguiu ele.

– Se nós não encontrarmos a cura em alguns anos, os humanos estão acabados. Então eis o que vai acontecer, *Thomas*: você vai se levantar. Vai sair comigo por aquela porta. E eu não vou dizer isso a você outra vez.

O homem esperou por um momento, com o olhar resolutivo, em seguida se levantou e virou-se para ir embora.

Stephen se levantou. Ele seguiu o homem pela porta.

Quando eles entraram no corredor, Stephen captou o primeiro vislumbre de outra criança desde que chegara. Uma menina. Ela tinha cabelo castanho e parecia ser um pouco mais velha do que ele. Era, porém, difícil dizer: ele só conseguiu dar uma olhada rápida nela enquanto uma mulher a conduzia ao quarto contíguo ao dele. A porta fechou com uma batida surda no momento em que ele e seu acompanhante passaram, e ele percebeu a placa na frente de sua superfície branca: 31K.

– Teresa não teve nenhum problema em aceitar o novo nome – disse o homem de verde enquanto seguiam pelo corredor comprido e mal iluminado. – Claro, isso pode ser porque ela queira se esquecer do antigo.

– E qual era ele? – perguntou Stephen, seu tom de voz próximo de algo como educação. Ele realmente queria saber. Se a garota tinha mesmo desistido com tanta facilidade, talvez ele pudesse se aferrar ao nome dela também – um favor a uma amiga em potencial.

– Vai ser difícil o suficiente para você se esquecer do seu próprio – foi a resposta. – Eu não vou querer sobrecarregá-lo com outro.

Eu nunca vou me esquecer, disse Stephen para si mesmo. *Nunca*.

Em algum lugar nos limites de sua mente, ele se deu conta de que já havia mudado de postura, mesmo que apenas um pouco. Em vez de insistir em ser chamado de Stephen, começara a prometer que não ia se esquecer de Stephen. Será que já tinha cedido? *Não!* Ele quase gritou isso.

– Qual o seu nome? – perguntou ele, precisando de uma distração.

– Randall Spilker – disse o homem sem interromper o passo. Eles fizeram uma curva e chegaram a uma série de elevadores. – Antigamente, eu não era tão chato, pode acreditar em mim. O mundo, as pessoas para quem eu trabalho – ele gesticulou na direção de nada em particular por toda sua volta –, tudo isso transformou meu coração em um pedaço pequeno de carvão negro. Infelizmente, para você.

Stephen não teve resposta, pois estava ocupado se perguntando para onde iam. Eles entraram no elevador quando soou o sinal sonoro e as portas se abriram.

Stephen se sentou em uma cadeira estranha, seus vários instrumentos embutidos apertando suas pernas e suas costas. Sensores sem fio, cada um mal do tamanho de uma unha, estavam presos às têmporas, ao pescoço, aos pulsos, à dobra dos cotovelos e ao peito. Ele observou o painel ao seu lado enquanto ele recolhia dados, zumbindo e apitando. O homem de pijama de bebê para adultos estava sentado em outra cadeira para observar, seus joelhos a apenas alguns centímetros dos de Stephen.

– Desculpe, Thomas. Nós normalmente esperamos por mais tempo antes de chegar a isso – disse Randall. Ele parecia mais simpático do que antes, no corredor e no quarto de Stephen. – Nós lhe daríamos mais tempo para escolher aceitar seu novo nome voluntariamente, como fez Teresa. Mas tempo é um luxo que não temos mais.

Ele ergueu um objeto prateado pequeno, um lado arredondado, o outro com uma ponta afiada como navalha.

– Não se mexa – disse Randall, inclinando-se para a frente como se ele fosse sussurrar algo no ouvido de Stephen. Antes que pudesse questionar o homem, Stephen sentiu uma dor aguda no pescoço, bem abaixo de seu queixo, em seguida a sensação desconfortável de algo penetrando em sua garganta. Ele deu um grito, mas estava acabado, tão rápido quanto começara, e ele não sentiu nada além do pânico que enchia seu peito.

– O q-que foi isso? – gaguejou. Ele tentou se levantar da cadeira apesar de todas as coisas presas a ele. Randall o empurrou de volta para seu assento. Fácil fazer isso com duas vezes o tamanho de Stephen.

– É um estimulador de dor. Não se preocupe, ele vai se dissolver e ser eliminado de seu sistema. Com o tempo. A essa altura, você provavelmente não vai mais precisar dele. – Ele deu de ombros. *O que fazer?*

– Mas sempre podemos inserir outro se você tornar necessário. Agora se acalme.

Stephen teve dificuldade para recuperar o fôlego.

– O que isso vai fazer comigo?

– Bom, depende... *Thomas*. Temos uma estrada longa a nossa frente, você e eu. Todos nós. Mas por hoje, agora mesmo, neste instante, podemos tomar um atalho. Uma pequena trilha pela floresta. Tudo o que você precisa fazer é me dizer seu nome.

– Isso é fácil. Stephen.

Randall baixou a cabeça e levou as mãos a ela.

– Faça – disse ele, sua voz pouco mais que um sussurro cansado.

Até esse momento, Stephen não conhecera a dor além dos arranhões e machucados da infância. Por isso, quando a tempestade feroz explodiu através de todo seu corpo, quando a agonia irrompeu em suas veias e músculos, ele não teve palavras – ele não tinha capacidade de entender. Havia apenas os gritos que mal chegavam a seus próprios ouvidos, até que sua mente se desligou e o salvou.

Stephen recobrou a consciência respirando com dificuldade e encharcado de suor. Ele ainda estava na cadeira estranha, mas, em algum momento, ele fora imobilizado a ela por correias de couro macio. Todo nervo de seu corpo zunia com os efeitos prolongados da dor infligida por Randall e o aparelho implantado.

– O que... – sussurrou Stephen, um murmúrio rouco. Sua garganta queimava, dizendo a ele tudo o que precisava saber sobre o quanto gritara no tempo perdido. – O quê? – repetiu, sua mente se esforçando para encaixar as peças.

– Tentei lhe dizer, *Thomas* – disse Randall com, talvez, *talvez*, alguma compaixão na voz. Possivelmente arrependimento. – Nós não temos tempo a perder. Desculpe. De verdade. Mas vamos ter de tentar isso outra vez. Acho que agora você entende que nada disso é um blefe. É importante para todo mundo aqui que você aceite seu novo nome. – O homem virou o rosto e fez uma pausa longa, olhando fixamente para o chão.

– Como você pôde me machucar? – perguntou Stephen através de sua garganta irritada. – Eu sou só uma criança pequena. – Pequeno ou não, ele entendia o quanto soava patético.

Stephen também sabia que os adultos pareciam reagir ao *patético* de duas maneiras: ou seus corações derretiam um pouco e eles recuavam. Ou a culpa queimava como uma fornalha dentro deles e eles endureciam como rocha para apagar o fogo. Randall escolheu a segunda, e seu rosto ficou vermelho quando gritou em resposta.

– Tudo o que você precisa fazer é aceitar um nome! Agora, eu não estou mais de brincadeira. Qual o seu nome?

Stephen não era burro – ele ia apenas fingir, por enquanto.

– Thomas. Meu nome é Thomas.

– Não acredito em você – respondeu Randall, seus olhos poços de escuridão. – De novo.

Stephen abriu a boca para responder, mas Randall não estava falando com ele. A dor voltou, mais forte e mais rápida. Ele mal teve tempo de registrar a agonia antes de desmaiar.

– Qual é o seu nome?

Stephen mal conseguia falar.

– Thomas.

– Eu não acredito em você.

– Não – choramingou ele.

A dor não foi mais uma surpresa, nem a escuridão que veio depois.

– Qual é o seu nome?

– Thomas.

– Não quero que você se esqueça.

– Não – chorou ele, tremendo com soluços.

– Qual é o seu nome?

– Thomas.

– Você tem mais algum outro nome?

– Não. Só Thomas.

– Alguém já o chamou de outra coisa?

– Não. Só de Thomas.

– Você alguma vez vai esquecer seu nome? Vai alguma vez usar outro?

– Não.

– Certo. Então vou lhe dar um último lembrete.

Mais tarde, ele estava deitado na cama, outra vez encolhido. O mundo exterior parecia distante, silencioso. Ele havia esgotado suas lágrimas, seu corpo estava dormente, exceto por aquele formigamento desagradável. Era como se todo seu ser tivesse adormecido. Ele visualizou Randall em frente a ele, culpa e raiva misturadas em uma forma de fúria potente e letal que transformava seu rosto em uma máscara grotesca enquanto ele infligia dor.

Eu nunca vou me esquecer, disse ele a si mesmo. *Eu não devo nunca, nunca me esquecer.*

E assim, dentro de sua mente, ele repetiu uma expressão familiar inúmeras vezes. Embora não conseguisse identificar ao certo o que era, alguma coisa parecia diferente.

Thomas. Thomas. Thomas. Meu nome é Thomas.

— **P**or favor, não se mexa.

O médico não era mau, mas também não era simpático. Ele apenas estava ali, severo e profissional. Também esquecível: meia-idade, estatura mediana, porte médio, cabelo escuro e curto. Thomas fechou os olhos e sentiu a agulha penetrar em sua veia depois daquela pontada única de dor rápida. Era engraçado como ele a temia por toda semana, mas depois durava menos de um segundo, seguida por uma onda de frio no interior de seu corpo.

— Viu? – disse o médico. – Isso não doeu.

Thomas sacudiu a cabeça, mas não falou. Ele tinha dificuldades para falar desde o incidente com Randall. Ele tivera dificuldade para comer, dormir e praticamente todo o resto também. Só nos últimos dias ele havia começado a superar aquilo, pouco a pouco. Sempre que um traço de memória de seu nome verdadeiro surgia em sua mente, ele o afastava, não querendo jamais tornar a passar por aquela tortura. *Thomas* funcionava muito bem. Teria de servir.

Sangue, tão escuro que parecia quase negro, subia de seu braço até o interior do frasco pelo tubo fino. Ele não sabia para que eles o estavam examinando, mas aquele era apenas um de muitos exames, alguns diários, outros semanais.

O médico interrompeu o fluxo e selou o frasco.

— Tudo bem, então, isso basta para o exame de sangue. – Ele extraiu a agulha. – Agora vamos para o scanner captar outra imagem desse seu cérebro.

Thomas congelou, a ansiedade se acumulando, apertando seu peito. A ansiedade sempre vinha quando eles mencionavam seu cérebro.

— Ora, ora – reprovou o médico, percebendo a tensão no corpo de Thomas. – Nós fazemos isso toda semana. É só rotina, nada com que se preocupar. Precisamos registrar imagens de sua atividade aí em cima. Está bem?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente, fechando e apertando os olhos por um instante. Ele queria chorar. Ele prendeu a respiração e segurou a vontade.

Ele se levantou e seguiu o médico até outra sala, onde havia uma máquina enorme como um elefante, com uma câmara tubular no centro e, dentro dela, um leito plano estendido, aguardando que ele deslizasse para seu interior.

— Suba aí.

Era a quarta ou quinta vez que Thomas fazia aquilo, e não adiantava tentar evitar. Ele saltou sobre o leito e deitou esticado de costas, olhando fixamente para as luzes fortes no teto.

— Lembre-se – disse o médico. – Não se preocupe com esses sons de batidas. É tudo normal. Tudo parte do jogo.

Houve um clique e, então, um gemido de máquinas. E a cama de Thomas deslizou para o interior do tubo escancarado.

Thomas estava sentado a uma escrivaninha, totalmente sozinho. A sua frente, parado ao lado de uma lousa, estava seu professor, o sr. Glanville, um homem mal-humorado, de pele cinza e quase nenhum cabelo. A menos que você contasse as sobrancelhas. Aquelas coisas peludas pareciam exigir todo folículo capilar do resto de seu corpo. Era a segunda hora depois do almoço, agora, e Thomas teria dado pelo menos três dedos dos pés só para deitar, bem ali no chão, e tirar um cochilo. Só um cochilo de cinco minutos.

– Você se lembra do que conversamos ontem? – perguntou o sr. Glanville.

Thomas balançou a cabeça afirmativamente.

– IRIC.

– Sim, isso mesmo. E o que significa?

– Iniciativa de Recuperação de Informação sobre as Chamas.

O professor sorriu com satisfação óbvia.

– Muito bom. Agora. – Ele se voltou para a lousa e escreveu as letras *CPC*. – C... P... C. Isso significa Coalizão Pós-Chamas, que foi resultado direto da IRIC. Depois que tiveram notícias do maior número de países possível, reuniram representantes e tudo mais, eles podiam começar a lidar com o desastre espetacular causado pelas chamas solares. Enquanto a IRIC procurava compreender todas as ramificações das chamas solares, e quem tinha sido afetado, a CPC tentava começar a consertar as coisas. Estou *aborrecendo* você, filho?

Thomas se espichou para cima, completamente sem perceber que a cabeça tinha baixado. Ele podia até ter cochilado por um instante.

– Desculpe – disse ele, esfregando os olhos. – Desculpe. IRIC. CPC, entendi.

– Olhe, filho – disse o sr. Glanville. Ele deu alguns passos, fechando a distância entre eles. – Tenho certeza de que você vai achar suas outras matérias mais interessantes. Ciências, matemática, preparação física. – Ele se abaixou para olhar direto nos olhos de Thomas. – Mas você precisa entender sua história. O que nos trouxe até aqui, por que estamos nesta confusão. Você nunca vai descobrir para onde está indo até entender de onde veio.

– Sim, senhor – disse Thomas obedientemente.

O sr. Glanville se aprumou e olhou para ele com desprezo, à procura de qualquer sinal de sarcasmo no rosto de Thomas.

– Tudo bem, então. Conheça seu passado. Vamos voltar à CPC. Há muito o que discutir.

Enquanto seu professor voltava para a frente da sala, Thomas se beliscou com toda a força, na esperança de que isso o mantivesse acordado.

*

– Precisa que eu repita outra vez?

Thomas olhou para a srta. Denton. Ela tinha cabelo preto e pele morena e era bonita. Olhos bondosos. Olhos inteligentes. Ela provavelmente era a pessoa mais inteligente que Thomas conhecera até então, como ficou evidente pelos enigmas com os quais ela sempre o desafiava em sua aula de pensamento crítico.

– Acho que entendi – disse ele.

– Então repita para mim. Lembre...

Ele a interrompeu, citando em resposta o que ela dissera mil vezes.

– É preciso conhecer o problema melhor do que a solução, ou a solução se torna o problema. – Ele tinha quase certeza de que isso não significava absolutamente nada.

– Muito bom! – disse ela, com elogio exagerado e desdenhoso, como se estivesse chocada por ele ter decorado suas palavras. – Então vá em frente e repita o problema. Visualize-o em sua mente.

– Um homem está em uma estação de trem e perdeu sua passagem. Há 126 pessoas paradas na plataforma com ele. Há nove trilhos separados, cinco na direção sul, quatro na direção norte. Durante os 45 minutos seguintes, 24 trens vão chegar e partir. Outras 85 pessoas vão entrar na estação durante esse período. Pelo menos sete pessoas embarcam em cada trem quando ele chega, e nunca mais de 22. Além disso, pelo menos dez passageiros desembarcam a cada chegada, e nunca mais de 18.

Isso durou por mais 45 minutos. Detalhe após detalhe. Decifrar os parâmetros era bem desafiador – ele não podia acreditar que ela realmente esperasse que ele solucionasse aquela coisa idiota.

– ...quantas pessoas sobram na plataforma? – terminou ele.

– Muito bom – disse a srta. Denton. – A terceira vez é a boa, eu acho. Você acertou todos os detalhes, o que é o primeiro passo para descobrir qualquer solução. Agora, você pode solucioná-lo?

Thomas fechou os olhos e trabalhou os números. Nessa aula, tudo era feito em sua cabeça – nenhum aparelho, nada de escrever. Ela exigia de sua mente como nenhuma outra coisa, e ele na verdade a adorava.

Ele abriu os olhos.

– Setenta e oito.

– Errado.

Ele levou alguns minutos, em seguida tentou outra vez.

– Oitenta e um.

– Errado.

Ele hesitou, decepcionado.

Levou mais algumas tentativas, mas ele percebeu que a resposta talvez não fosse sequer um número.

– Eu não sei se o homem que perdeu a passagem embarcou ou não em seu trem. Ou se algum dos outros na plataforma estavam viajando com ele, e se estavam, quantos eram.

A srta. Denton sorriu.

– Agora estamos chegando a algum lugar.

Thomas passou ocupado os dois anos desde que roubaram seu nome. Aulas e testes enchiam seus dias – matemática, ciências, química, pensamento crítico e mais desafios físicos e mentais do que ele podia ter pensado existir. Ele teve professores e foi estudado por cientistas de todos os tipos, ainda assim não tornara a ver Randall nem ouvira nenhuma menção a ele, nem uma vez. Thomas não sabia ao certo o que isso significava. Será que o trabalho do homem tinha sido completado, e então ele fora liberado? Será que ele adoecera – pegara o Fulgor? Será que havia deixado o serviço dos cuidadores de Thomas, atormentado pela culpa de fazer aquelas coisas com um garoto que mal tinha idade suficiente para começar a ir à escola?

Thomas não tinha problemas em esquecer Randall para sempre, embora ainda não conseguisse evitar aquela pontada de pânico sempre que um homem de uniforme hospitalar verde surgia. Sempre, por apenas um instante, ele achava que pudesse ser Randall outra vez.

Dois anos. Dois anos de amostras de sangue, diagnósticos físicos e monitoramento constante, aula após aula após aula, e os quebra-cabeças. Muitos quebra-cabeças. Mas nenhuma informação real.

Até agora. Ele esperava.

Thomas acordou sentindo-se bem depois de uma excelente noite de sono. Pouco depois de ter se vestido e comido, uma mulher que ele nunca vira antes interrompeu seu horário normal. Ele estava sendo convocado para “uma reunião muito importante”. Thomas não se deu ao trabalho de perguntar por nenhum detalhe. Ele já tinha sete anos, algo assim, velho o suficiente para não concordar com tudo o que os adultos queriam que ele fizesse, mas depois de lidar dois anos com aquelas pessoas, ele tinha percebido que nunca recebia nenhuma resposta. Tinha percebido, também, que havia outras maneiras de aprender coisas se ele fosse paciente e usasse os olhos e ouvidos.

A essa altura, Thomas vivia naquela instalação havia tanto tempo que quase se esquecera de como era o mundo exterior. Tudo o que conhecia eram paredes brancas, as pinturas pelas quais passava nos corredores, as telas dos vários monitores exibindo informação nos laboratórios, as luzes fluorescentes, o cinza suave de sua roupa de cama, o azulejo branco de seu quarto e seu banheiro. E em todo esse tempo, ele havia interagido apenas com adultos – ele nem uma vez, sequer por um breve encontro casual, tinha conseguido falar com ninguém aproximadamente de sua idade.

Ele sabia que não era a única criança ali. De vez em quando, captava um vislumbre da garota alojada no quarto ao lado do dele. Sempre só um ou dois segundos, os olhos se encontrando apenas quando a porta dele ou dela se fechava. Para ele, a placa naquela porta se tornara sinônimo do nome dela, Teresa. Ele queria desesperadamente conversar com ela.

A vida dele era um tédio sem tamanho, seu pouco tempo livre era preenchido por vídeos e livros antigos. Muitos livros. Essa era uma coisa que deixavam que ele utilizasse livremente. A coleção enorme à qual lhe permitiam acesso provavelmente foi o salva-vidas que o poupou da insanidade. No mês

anterior, mais ou menos, ele estivera em uma onda Mario Di Sanza, saboreando cada página dos clássicos, todos ambientados em um mundo que ele mal compreendia, mas amava imaginar.

– É bem aqui – disse sua guia quando eles entraram em um pequeno saguão, dois homens armados de sentinela postados às portas. O tom de voz da mulher o fez pensar em uma simulação de computadores. – O chanceler Anderson logo estará com você. – Ela se virou abruptamente e, sem olhá-lo nos olhos, deixou-o com os homens.

Thomas examinou sua nova companhia. Os dois usavam uniformes pretos de aspecto oficial por cima de armadura volumosa, e suas armas eram enormes. Havia neles algo diferente dos guardas aos quais ele se acostumara. Sobre seus peitos, em letras maiúsculas, havia a palavra CRUEL. Thomas nunca vira isso antes.

– O que isso significa? – perguntou ele, apontando para a palavra. Mas a única resposta que recebeu foi uma piscadela rápida e o mais leve traço de um sorriso, em seguida um olhar duro. Dois olhares duros. Depois de tanto tempo de interação apenas com adultos, Thomas ficara muito mais corajoso, às vezes até ousado nas coisas que dizia, mas era claro que aqueles dois não tinham intenção de conversar, por isso ele se sentou na cadeira perto da porta.

CRUEL. Ele refletiu sobre a palavra. Ela tinha de ser... o quê? Por que alguém, um guarda, teria tal palavra impressa sobre seu próprio uniforme oficial? Aquilo deixou Thomas perplexo.

O som da porta se abrindo às suas costas interrompeu o fluxo de seu pensamento. Thomas se virou e viu um homem de meia-idade, com cabelo escuro ficando grisalho e bolsas cor de nuvem de tempestade sob seus olhos castanhos cansados. Algo em relação a ele, porém, fez com que Thomas achasse que era mais novo do que parecia.

– Você deve ser Thomas – disse o homem, tentando sem sucesso parecer alegre. – Eu sou Kevin Anderson, chanceler desta excelente instituição. – Ele sorriu, mas os olhos permaneceram sombrios.

Thomas se levantou, sentindo-se estranho.

– Ah, é um prazer conhecê-lo. – Ele não sabia mais o que dizer ao homem. Embora tivesse na maior parte do tempo sido bem tratado nos dois anos anteriores, visões de Randall assombravam sua mente, e havia muita solidão em seu coração. Ele na verdade não sabia o que estava fazendo ali de pé, ou por que estava se encontrando com aquele homem.

– Venha até meu escritório – disse o chanceler. Afastando-se para um lado, ele acenou com um dos braços a sua frente, como se revelasse um prêmio.

– Sente-se em um dos lugares em frente a minha mesa. Temos muito o que conversar.

Thomas baixou os olhos e entrou no escritório do chanceler, uma parte pequenina dele esperando que o homem o machucasse quando ele passou. Ele foi direito até a cadeira mais próxima e se sentou antes de dar uma olhada rápida ao redor. Ele estava sentado em frente a uma escrivaninha grande que parecia de madeira, mas sem a menor dúvida não era, com alguns porta-retratos espalhados perto da borda da frente, suas fotos de costas para Thomas. Ele quis desesperadamente ver que partes da vida do sr. Anderson estavam passando naquele instante. Além de alguns aparelhos, cadeiras e uma estação de trabalho embutida na mesa, a sala estava praticamente vazia.

O chanceler entrou na sala e tomou seu lugar do outro lado da escrivaninha. Ele tocou alguma coisa na tela da estação de trabalho, pareceu satisfeito em relação a alguma coisa, em seguida se encostou na cadeira, juntando os dedos sob o queixo. Um longo silêncio encheu a sala enquanto o homem estudava Thomas, deixando-o ainda mais desconfortável.

– Você sabe que dia é hoje? – perguntou por fim o chanceler Anderson.

Thomas passara toda a manhã tentando não pensar naquilo, o que fizera com que as lembranças do único Natal bom que ele conhecera ficassem ainda mais nítidas em sua mente. Aquilo o encheu com uma tristeza tão pronunciada que cada respiração na verdade doía como uma pedra pontuda disposta sobre seu peito.

– É o início da semana das festas de fim de ano – respondeu Thomas, na esperança de conseguir esconder o quanto aquilo o deixava triste. Por uma fração de segundo ele achou sentir cheiro de pinho, o gosto de sidra no fundo da língua.

– Isso mesmo – disse o chanceler, cruzando os braços, como se orgulhoso da resposta. – E hoje é o melhor dia de todos, certo? Religioso ou não, todo mundo celebra o Natal, de um jeito ou de outro. E, ei, vamos encarar as coisas: quem tem sido religioso nos últimos dez anos? Exceto, pelo menos, os apocalípticos.

O homem ficou em silêncio por um instante, olhando fixamente para o espaço. Thomas não tinha ideia do objetivo do homem, além de deprimir a pobre criança sentada a sua frente.

Anderson de repente despertou para a vida outra vez, debruçando-se para diante em sua escrivaninha com as mãos cruzadas a sua frente.

– Natal, Thomas. Família. Comida. Calor. E presentes! Não podemos nos esquecer dos presentes! Qual o melhor presente que você já recebeu na manhã de Natal?

Thomas teve de afastar o rosto, tentando mover os olhos do jeito preciso para que nenhuma lágrima transbordasse e escorresse por sua face. Ele se recusou a responder uma questão tão malvada, tivesse ela sido feita com essa intenção ou não.

– Uma vez – continuou Anderson –, quando eu era um pouco mais jovem que você, ganhei uma bicicleta. Verde e reluzente. As luzes da árvore refletiam na pintura nova. Magia, Thomas. Isso é pura magia. Nada assim jamais pode ser duplicado pelo resto de sua vida, especialmente quando você vira um velho rabugento como eu.

Thomas tinha se recuperado e encarava o chanceler tentando colocar a maior dureza possível no olhar.

– Meus pais provavelmente estão mortos. E, sim, eu *ganhei* uma bicicleta, mas tive de abandoná-la quando vocês me levaram. Nunca mais terei outro Natal, graças ao Fulgor. Por que estamos conversando sobre isso? O senhor está insistindo nesse fato desagradável de propósito? – A torrente de palavras raivosa fez com que ele se sentisse melhor.

O rosto de Anderson ficara pálido, qualquer traço de lembranças de feliz Natal havia desaparecido. Ele espalmou as mãos sobre a mesa, e uma sombra desceu sobre seus olhos.

– Exatamente, Thomas – disse ele. – É *exatamente* isso o que estou fazendo. Para que você entenda como é importante que façamos o que quer que seja necessário para fazer do CRUEL um sucesso.

Encontrar uma cura para essa doença, não importa o custo. Não importa... o custo.

Ele se encostou em sua cadeira, girou um quarto de volta e olhou fixamente para a parede.

– Eu quero o Natal de volta.

O silêncio que se estendeu a partir daquele momento foi longo, tão estranho que Thomas se perguntou mais de uma vez se devia se levantar e ir embora. Em certo ponto, ele até se preocupou que talvez o chanceler tivesse morrido – que ele estivesse congelado e morto, com os olhos abertos, vidrados.

Mas o peito do homem se erguia e baixava a cada respiração enquanto ele permanecia sentado olhando fixamente para a parede.

Thomas na verdade se viu sentindo pena dele. E ele não aguentava mais a imobilidade.

– Eu quero o Natal de volta também – disse Thomas. Era simples, e verdade. E, ele sabia, impossível.

Foi como se o chanceler tivesse se esquecido de que Thomas estava sentado ali. Ele virou bruscamente a cabeça ao som da voz do garoto.

– D-desculpe – gaguejou, ajustando a cadeira para ficar outra vez de frente para a mesa. – O que você disse?

– Que eu também quero que tudo voltasse ao normal – respondeu Thomas. – Do jeito que era antes mesmo de eu existir. Mas não acho que isso vai acontecer, vai?

– Mas é *possível*, Thomas. – Uma luz de algum modo encontrara caminho até os olhos do homem. – Sei que o mundo está em péssimo estado, mas se pudermos encontrar uma cura... O clima vai acabar por se normalizar. Já está começando. Os Cranks podem se extinguir: todas as nossas simulações nos dizem que eles vão acabar uns com os outros. Há muitos de nós que ainda estão saudáveis, que podem reconstruir o mundo, basta apenas que possamos garantir que eles não peguem a droga da doença.

Ele olhou fixamente para Thomas, como se o garoto devesse saber o que dizer em seguida. Ele não sabia.

– Você sabe como nossa... instituição se chama, Thomas? – perguntou o chanceler.

Thomas deu de ombros.

– Bom, o senhor disse CRUEL há alguns minutos, e aqueles guardas tinham isso em seus uniformes. Esse é *mesmo* o nome deste lugar?

O chanceler Anderson balançou a cabeça afirmativamente.

– Algumas pessoas não gostaram, mas ele na verdade faz todo o sentido. Ele explica exatamente o que estamos aqui para fazer.

– A qualquer preço – disse Thomas, repetindo o que o chanceler dissera mais cedo, assegurando-se de que ele percebesse que Thomas havia entendido o que isso implicava, embora não estivesse bem certo se havia entendido.

– A qualquer preço. – O homem balançou a cabeça afirmativamente. – Isso mesmo. – Seus olhos estavam brilhando agora. – CRUEL significa Catástrofe e Ruína Universal: Experimento Letal. Queremos que nosso nome lembre às pessoas *por que* existimos, o que planejamos realizar e como pretendemos

fazer isso. – Ele fez uma pausa, aparentemente para repensar alguma coisa. – Para ser justo, acho que o mundo vai acabar se consertando. Nosso objetivo é salvar a humanidade. Do contrário, qual o sentido?

O chanceler Anderson observava Thomas com cuidado, esperando por sua resposta, mas a cabeça de Thomas doía demais a essa altura para entender metade do que o homem dissera. E ele estava muito assustado com a expressão *ruína universal*. O que isso poderia significar? Parecia pior que a palavra anterior a ela, *catástrofe*.

Ele sempre achara que, se tivesse a chance, iria fazer um milhão de perguntas a essas pessoas. E ali estava ele, com ainda mais perguntas. A certa altura, porém, elas não pareciam mais importar. Ele estava cansado, com raiva e confuso, tudo o que queria era voltar para seu quarto e ficar sozinho.

– As coisas vão ficar muito agitadas durante os próximos anos – prosseguiu o chanceler Anderson. – Trouxemos vários jovens sobreviventes, assim como você, e finalmente determinamos que estamos prontos para começar a trabalhar. Completar mais e mais testes para ver qual de nossas cob... qual de nossos alunos vai chegar ao topo. Escute meu conselho quando digo que você vai querer fazer o melhor. Ser imune ao Fulgor é algo poderoso, mas vai ser necessário mais do que simples biologia para ser bem-sucedido aqui. E temos estruturas muito magníficas a construir, laboratórios biomecânicos a erguer... *maravilhas* da vida para criar. E tudo isso no fim vai levar ao mapeamento da zona de conflito letal. Vamos identificar todas as diferenças que causam imunidade e, em seguida, desenvolver uma cura. Tenho certeza disso.

Ele fez uma pausa, o rosto iluminado de excitação. Thomas estava sentado imóvel, fazendo o possível para permanecer calmo. Anderson estava ficando um pouco assustador.

O chanceler pareceu perceber que tinha se deixado levar consigo mesmo e soltou um suspiro.

– Bom, suponho que chega de discursos motivacionais por um dia. Você está ficando mais velho, Thomas, e saindo-se melhor do que quase todo mundo no programa de testes. Nós o temos em alta consideração, e achei que era hora de nos conhecermos pessoalmente. Pode esperar muito mais disso no futuro, mais liberdade e um papel mais importante aqui no CRUEL. Tudo bem para você?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente antes que conseguisse evitar. Porque, bem, isso parecia bom. Ele às vezes sentia como se estivesse vivendo em uma prisão, e ele queria sair. Simples assim. Talvez o caminho tivesse acabado de ser aberto a sua frente.

– Posso fazer só mais uma pergunta? – disse ele, sem conseguir tirar aquela expressão horrenda da cabeça. *Ruína universal*.

– Claro.

– O que significa... *ruína universal*?

Anderson deu até um sorriso com isso.

– Ah, desculpe. Acho que supus que você soubesse. É como chamamos o cérebro, o lugar onde o Fulgor causa mais dano. Onde ele acaba por, bem, matar aqueles que são infectados. E é isso o que estamos combatendo. Acho que você poderia dizer que é o campo de batalha para nós aqui no CRUEL. A ruína universal.

Thomas estava longe de entender, mas por alguma razão aquela explicação fez com que ele se sentisse melhor.

– Então estamos combinados? – perguntou o chanceler Anderson. – Você está pronto para ter um papel nas coisas importantes que estamos fazendo aqui?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente.

O chanceler bateu com um dedo na mesa algumas vezes.

– Fantástico. Então volte para seu quarto e descanse um pouco. Grandes momentos o aguardam.

Thomas sentiu uma pequena onda de excitação, seguida por uma vergonha imediata que ele sequer entendeu.

Thomas não conseguiu se segurar depois que a mesma mulher o acompanhou de volta ao seu quarto. Pouco antes que ela fechasse a porta, ele enfiou a mão na fresta para impedi-la.

– Ah, desculpe – disse ele rapidamente. – Mas eu posso lhe fazer só uma pergunta?

Uma expressão de dúvida passou pelo rosto dela.

– Isso provavelmente não é uma boa ideia. Isso... tudo isso... é na verdade um ambiente controlado. Desculpe. – O rosto dela corou.

– Mas... – Thomas procurou pelas palavras certas, a pergunta certa. – Aquele homem... o chanceler Anderson, ele disse alguma coisa sobre grandes momentos me aguardarem. Há muitos outros como eu? Eles são todos crianças? Eu vou finalmente conhecer alguma delas? – Ele odiava o quanto ousava ter esperança. – Como a garota do meu lado... Teresa... Eu vou chegar a *conhecê-la* de verdade?

A mulher deu um suspiro com pena sincera nos olhos. Ela balançou a cabeça afirmativamente.

– Há muitos outros, mas agora o importante é que você está se saindo muito bem nos testes, e conhecer os outros não está muito longe. Sei que você deve se sentir solitário. Eu realmente sinto muito. Mas talvez ajude saber que todo mundo está no mesmo barco. Mas as coisas logo vão melhorar, prometo. – Ela começou a fechar a porta, mas Thomas a deteve outra vez.

– Quanto tempo? – perguntou ele, embaraçado por como parecia desesperado. – Por quanto tempo mais eu vou ficar sozinho?

– Só... – Ela deu um suspiro. – Como eu disse, não por muito mais tempo. Talvez um ano.

Thomas teve de puxar rápido a mão antes que a mulher batesse a porta em cima dela. Ele correu e se encolheu na cama, tentando segurar as lágrimas.

Um ano.

Uma batida em sua porta, cedo, toda manhã. Ela tinha se tornado tão rotineira quanto um relógio. A mesma hora, mas nem sempre o mesmo rosto. Apesar disso ele sabia quem esperava que fosse, a médica mais simpática que ele conhecera até então. Fácil. A mesma que o levava para ver o chanceler dois meses antes. Infelizmente, normalmente *não era* ela.

Mas quando ele abriu a porta hoje, lá estava ela.

– Dra. Paige – disse ele. Thomas não sabia por que gostava tanto dela, ela simplesmente o deixava à vontade. – Oi.

– Oi, Thomas. Adivinha o quê?

– O quê?

Ela deu um sorriso cálido para ele.

– Você vai me ver muito mais de agora em diante. Eu fui designada para você. E só para você. O que acha disso?

Ele ficou empolgado e já se sentia confortável com ela, embora só tivessem se visto algumas vezes. Mas tudo o que saiu para demonstrar sua excitação foi:

– Legal.

– Legal mesmo. – Outro sorriso que pareceu tão autêntico quanto o da srta. Denton. – Há muitas coisas boas em seu horizonte. *Nosso* horizonte.

Ele por pouco não disse “legal” outra vez.

Ela gesticulou na direção da bandeja em seu colo.

– Agora que tal o café da manhã?

Ele não sabia como ela fazia isso, mas quando a dra. Paige tirava o sangue de Thomas, ele nem sentia a pontada da agulha penetrando sua pele. Normalmente, um de seus assistentes fazia a tarefa, mas de vez em quando ela mesma cuidava disso. Como hoje.

Enquanto observava o sangue deslizar por seu tubo, ele perguntou:

– Então, o que vocês estão descobrindo sobre mim?

A dra. Paige ergueu o rosto.

– O quê?

– Com todos esses testes que vocês fazem. O que estão descobrindo? Nunca me dizem nada. Eu ainda sou imune? Minha informação está ajudando vocês? Eu estou saudável?

A médica fechou o frasco e retirou a agulha do braço de Thomas.

– Ora, sim, você está nos ajudando muito. Quanto mais aprendermos sobre seu corpo, sua saúde... Só estudando você e os outros estamos descobrindo *o que* estudar. Onde concentrar nossos esforços para descobrir uma cura. Você é tão valioso quanto eles dizem que é. Todos vocês.

Thomas deu um leve sorriso de alegria.

– A senhora não está me dizendo isso só para fazer com que eu me sinta bem? – perguntou ele.
– Absolutamente não. Se vamos deter o vírus, vai ser por sua causa e dos outros. Você devia se orgulhar.
– Está bem.
– Agora, vamos colocar você na esteira mecânica. Ver em quanto tempo conseguimos elevar seu ritmo cardíaco acima de 150.

– Isso mudou drasticamente o cotidiano das pessoas, conectando a sociedade de um jeito que nunca antes...

A srta. Landon – uma senhora pequena e tímida com dentes perfeitos – estava descrevendo o impacto cultural da tecnologia de celulares quando Thomas levantou a mão para chamar sua atenção. Ele estava desesperadamente entediado. Todo mundo sabia do impacto da tecnologia de celulares.

– Ah, sim? – perguntou ela, parando no meio da frase.
– Achei que fôssemos falar logo sobre a invenção do Transportal.
– Eu falei isso?
– Acho que falou. Enfim, isso só parece um pouco mais interessante do que... esse negócio. – Thomas deu um sorriso para remover a provocação de suas palavras.

A srta. Landon cruzou os braços.

– Quem é a professora aqui?
– A senhora.
– E quem sabe sobre o que nós devemos falar em cada dia?

Thomas sorriu outra vez; por que razão, ele não tinha ideia. Ele gostava daquela mulher, não importava o quanto ela ficasse chata.

– A senhora.
– Muito bom. Agora, como eu estava *dizendo*, você pode imaginar o quanto o mundo mudou quando, de repente, toda pessoa no mundo estava conectada por...

A srta. Denton tinha a paciência de uma lesma, Thomas estivera analisando os quarenta blocos de formas diferentes sobre a mesa a sua frente por mais de trinta minutos. Ele ainda tinha de tocar um deles. Em vez disso, olhava fixamente para cada peça separada de cada vez, tentando construir um esquema na mente. Tentando abordar o quebra-cabeça da maneira que sua professora lhe ensinara.

– Você gostaria de fazer uma pausa? – perguntou ela por fim. – Você precisa mesmo ir para sua próxima aula.

Mesmo a paciência dela tinha limites, supôs ele.

– Posso me atrasar. O sr. Glanville não vai se importar.

A srta. Denton sacudiu a cabeça.

– Não é uma boa ideia. Quando você ficar sem tempo vai começar a apressar as coisas. Você ainda não está pronto para apressar as coisas. Por enquanto tudo bem levar quanto tempo você precisar. Mesmo que leve vários dias. Exercitar bem seu cérebro, visualizar o que você tem analisado enquanto está deitado na cama à noite.

Thomas se forçou a afastar os olhos dos blocos e recostou em sua cadeira.

– Por que, afinal, fazemos tantos quebra-cabeças? Eles não são apenas jogos?

– É isso o que *você* pensa?

– Acho que não, na verdade. Parece que isso exercita mais meu cérebro que todas as outras aulas.

A srta. Denton sorriu como se ele tivesse acabado de dizer que ela era a professora mais inteligente da escola.

– É exatamente isso, Thomas. Agora vá para o sr. Glanville. Você não deve deixá-lo esperando.

Thomas se levantou.

– Está bem. Até logo. – Ele saiu na direção da porta, em seguida parou e se virou para olhar para ela. –

Aliás, há sete peças extras, elas não pertencem ao conjunto.

Parecia impossível, mas seu sorriso se abriu ainda mais.

Amostra após amostra.

Aula após aula.

Quebra-cabeça após quebra-cabeça.

Dia após dia.

Mês após mês.

A batida na porta veio exatamente na hora correta, talvez com alguns segundos de diferença. Thomas a abriu e encontrou um estranho olhando fixamente para ele. Um homem calvo que não parecia muito feliz por estar ali. Talvez não muito contente por estar vivo. Ele tinha olhos vermelhos inchados, e o cenho franzido parecia refletido em todas as rugas de seu rosto ressequido.

– Onde está a dra. Paige? – perguntou Thomas, um pouco desapontado. Por mais que às vezes odiasse a rotina, rompê-la o deixou desconfortável. – Ela está bem?

– Eu poderia, *por favor*, entrar? – respondeu o homem, apontando a cabeça para baixo, na direção da bandeja de comida que trouxera. Sua voz não tinha nada do calor da voz da dra. Paige.

– Hum, sim. – Thomas se afastou e abriu mais a porta. O estranho passou por ele empurrando o carrinho de comida e foi até uma mesa pequena.

– Assegure-se de comer tudo – disse o homem. – Você vai precisar de muita força hoje.

Thomas não gostou nada de seu tom de voz.

– Por quê? E você não respondeu minha pergunta. Qual o problema com a dra. Paige?

O homem se aprumou, como se quisesse ficar mais alto, e cruzou os braços.

– Por que haveria alguma coisa errada com a dra. Paige? Ela está perfeitamente bem. E cuide de sempre falar com os mais velhos com simpatia e respeito.

Thomas tinha sua resposta na ponta da língua – as palavras duras que sempre pareciam sair com facilidade –, mas ele ficou quieto e desejou que o homem fosse embora.

– Você tem meia hora – disse o estranho. Seus olhos nunca deixaram Thomas, um olhar sombrio e misterioso. – Volto para buscar você às oito horas em ponto. Você pode me chamar de dr. Leavitt. Eu sou um dos Psis. – Ele finalmente rompeu o contato visual e foi embora, fechando delicadamente a porta às suas costas.

Eu sou um dos Psis.

Thomas não tinha ideia de o que isso significava, embora ele tivesse ouvido o termo *Psi* antes. Ele estava com apetite zero. Ele se sentou e comeu mesmo assim.

Pareceu que o dr. Leavitt bateu na porta de entrada com muito mais força do que precisava, bem no horário. Thomas tinha terminado o café da manhã sem pressa, desejando apenas ter mais uma hora. Outro meio dia. Ele podia muito bem desejar um mês. Mas ele não queria ir a lugar nenhum com esse cara novo. Se a dra. Paige tivesse ido embora por algum motivo, ele ficaria devastado.

Quando ele abriu a porta, Leavitt estava tão calvo e curvado como uma hora antes.

– Vamos – disse ele sumariamente.

Eles seguiram em silêncio pelo corredor; Thomas lançou um olhar desejoso para a porta de Teresa ao passar por ela. 31K. Quantas vezes ele tinha visto aquela placa na porta, com vontade de abri-la e

conhecer a garota do outro lado? Que possível razão essas pessoas tinham para manter todo mundo separado? Será que era apenas crueldade? Como a dra. Paige podia fazer parte de uma coisa dessas?

– Olhe – disse o dr. Leavitt, despertando a atenção de Thomas de volta para as paredes brancas do corredor, para as luzes fluorescentes acima. – Sei que fui pouco amistoso esta manhã. Desculpe. O projeto de hoje foi um empreendimento e tanto, e temos muita coisa em jogo nele. – Ele soltou uma risada abafada que pareceu um sapo sendo eletrocutado. – Pode-se dizer que estou sob uma boa quantidade de estresse.

– Está tudo bem – respondeu Thomas, sem saber mais o que dizer. – Todos nós temos nossos dias ruins – acrescentou ele nervosamente. O que poderia ter deixado esse cara tão estressado? Não era ele quem estava sendo submetido a todos os testes.

– É – mais grunhiu que falou o dr. Leavitt.

Eles entraram no elevador, e o médico apertou o botão de um andar que Thomas jamais visitara antes. Nove. Por alguma razão, isso trouxe uma sensação agourenta. O nono andar. Será que teria sido tão assustador se a dra. Paige estivesse parada ao seu lado? Ele não tinha ideia.

As portas se abriram com uma campainha alegre, e o dr. Leavitt saiu para a esquerda. Thomas o seguiu, rapidamente deparando-se com um balcão diante de divisórias de vidro. Além delas ele podia ver as luzes piscantes dos monitores e instrumentos. Aquele andar, pela aparência, era alguma espécie de unidade hospitalar.

Talvez algo *tivesse* acontecido com a dra. Paige – talvez eles fossem visitá-la.

Thomas tentou parecer o mais simpático e tranquilo possível.

– Então, o senhor pode me contar o que está acontecendo hoje?

– Não – respondeu Leavitt. Em seguida acrescentou como uma reconsideração: – Desculpe, filho.

Thomas acompanhou Leavitt para além do balcão e para o outro lado do vidro. Eles seguiram pelo corredor, passando por porta após porta, mas, além dos monitores médicos no lado de fora de cada quarto, nenhuma entregava qualquer pista. Todas as portas eram numeradas, porém estavam fechadas, e as paredes de vidro jateado eram obscurecidas por cortinas que iam do chão ao teto, firmemente baixadas. Thomas pôde jurar ouvir vozes vindas do interior de um dos quartos, e se assustou com um grito alto que não deixou dúvidas. Ele continuou a andar até que um grito reverberante chegou ricocheteando pelo corredor às suas costas. Thomas parou e se virou para dar uma olhada.

– Continue andando – ordenou o dr. Leavitt. – Não há nada com que se preocupar.

– O que está acontecendo? – tornou a perguntar Thomas. – Qual o problema com isso...

Leavitt segurou o braço de Thomas – não com força suficiente para machucar, mas tampouco com delicadeza.

– Tudo vai ficar bem. Você precisa confiar em mim. Só continue andando, estamos quase chegando.

Thomas obedeceu.

Eles pararam diante de uma porta idêntica a todas as outras, com um gráfico eletrônico ao seu lado que tinha muita informação pequena demais para que Thomas visse do lugar onde estava. O dr. Leavitt o

estudou por um momento, em seguida estendeu a mão para abrir a porta. Ele tinha acabado de girar a maçaneta quando uma comoção no corredor irrompeu no silêncio.

Thomas se virou e viu uma porta se abrir, e um garoto vestindo uma bata de hospital e com a cabeça enfaixada saiu cambaleante, apoiado por duas enfermeiras. Ele caminhava trôpego, como se estivesse pesadamente drogado, e caiu no chão. Então se esforçou para ficar de pé outra vez, lutando contra as duas pessoas que o estavam ajudando antes. Thomas ficou congelado, olhando fixamente o garoto quando ele caiu outra vez, depois se levantou entorpecidamente e tentou sair correndo, desviando de um lado para outro e indo na direção de Thomas.

– Não entre ali – disse o garoto com voz embargada. Ele tinha cabelo preto, traços asiáticos, era talvez um ano mais velho do que Thomas. O rosto do garoto estava corado e suado; um pequeno ponto vermelho crescia na atadura enrolada em sua cabeça, logo acima das orelhas.

Thomas assistiu àquilo atônito e incrédulo. Então, de repente, o dr. Leavitt estava parado de pé entre Thomas e o garoto que se aproximava. Uma das duas enfermeiras em sua perseguição gritou:

– Minho! Pare! Você não está em condições... – Mas as palavras se perderam e calaram.

Minho. O nome do garoto era Minho. Agora Thomas sabia pelo menos dois outros nomes.

O garoto bateu contra o dr. Leavitt, quase como se não o tivesse visto. Os olhos de Minho estavam completamente concentrados em Thomas, brilhando com um medo confuso.

– Não deixe que façam isso com você! – berrou ele, lutando com Leavitt, que envolvera os braços ao seu redor. Minho era pequeno demais para escapar do homem, mas isso não o impediu de tentar.

– O que... – disse Thomas baixo demais. Ele falou mais alto. – O que está acontecendo?

– Eles estão pondo coisas em nossas cabeças! – gritou Minho, os olhos ainda selvagens, perfurando Thomas. – Eles disseram que não ia doer, mas dói! Dói! Eles são um bando de mentirosos...

A última palavra morreu na boca do garoto quando uma das enfermeiras injetou algo em seu pescoço que o fez ficar sem forças, e seu corpo desmoronou no chão. Em segundos eles o estavam arrastando pelo corredor na direção da sala de onde ele saíra, seus pés seguindo pelo chão.

Thomas se virou para Leavitt.

– O que fizeram com ele?

O médico, com o comportamento envolto em uma calma surpreendente, apenas disse:

– Não se preocupe. Ele só está tendo uma reação à anestesia. Nada com que se preocupar.

Ele parecia gostar dessa frase.

*

Thomas cogitou fugir. Pensou nisso por todo o tempo em que observou Leavitt abrir a porta, enquanto entrava atrás dele na sala, ao ouvir a porta fechar às suas costas.

Sou um covarde, pensou ele. Eu não sei nada sobre esse garoto, Minho.

A sala parecia sem dúvida com um quarto de hospital. Havia duas camas, as duas com cortinas para privacidade. A da esquerda estava aberta, revelando uma cama recém-arrumada. Já a da direita estava com a cortina fechada, escondendo quem quer que estivesse ali deitado – Thomas pôde ver a figura

sombreada de um corpo através do material fino. Equipamento médico enchia o quarto, tão moderno quanto qualquer equipamento que ele vira nos laboratórios durante os exames. Leavitt já estava parado diante de um dos mostradores, lendo com atenção uma tela de gráficos e inserindo informação.

Thomas voltou a atenção para a cortina fechada, para a cama atrás dela. Leavitt estava a cerca de dois metros dele, consumido pelo que lia nos gráficos.

Preciso ver quem está por trás daquela cortina, pensou Thomas. Ele não se lembrava da última vez em que tivera uma vontade tão forte.

A sua esquerda, Leavitt se debruçou para mais perto da tela, lendo algo em letras pequenas. Thomas entrou em ação. Seguiu discretamente na direção da cortina fechada à direita e a puxou para o lado, passou por ela e correu até a cama. Havia outro garoto deitado ali, cabelo louro cortado curto, olhos fechados, cobertas puxadas até o queixo. Leavitt chegou ao outro lado do quarto em um segundo e mexeu na cortina. Ele segurou Thomas pelo braço, puxando-o para longe da cama. Thomas, porém, tinha visto o garoto. E dera uma boa olhada em duas coisas.

Primeiro, exatamente como o garoto chamado Minho, esse menino tinha uma atadura acima dos ouvidos, um ponto vermelho de sangue brotando de um dos lados.

Depois, ele viu o nome nos monitores.

Newt.

Três agora.

Ele sabia três nomes.

— **O** que você estava pensando? – perguntou Leavitt. Ele conduziu Thomas pelo quarto até a cama vazia. – Precisamos seguir protocolos médicos, respeitar nossas zonas de segurança, tomar o máximo de cuidado. Você não tem consciência dessas coisas?

Thomas quase riu da pergunta.

– Ah, não – respondeu, sem tentar ser sarcástico. Ele não tinha nem dez anos, é claro que não tinha consciência dessas coisas!

– Aquele garoto foi submetido a uma cirurgia. Ele está frágil. Há germes. Você sem dúvida sabe sobre germes, não? – Leavitt falava com uma calma assustadora. – Vírus como o Fulgor?

– Eu sou imune – disse Thomas. – Nós não somos todos imunes?

– A maioria de vocês... – Leavitt se interrompeu e apertou a ponte do nariz com dois dedos. – Não importa. Só... por favor, não abra aquela cortina outra vez. Está entendido?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente.

– Agora preciso começar a preparar você. – Leavitt estendeu as mãos e olhou em torno do quarto como se estivesse se situando. – O cirurgião vai estar aqui em meia hora.

Uma bolha de pânico estava crescendo havia algum tempo no estômago de Thomas.

– Então aquele garoto... Minho... ele estava dizendo a verdade? Vocês vão fazer alguma maluquice com minha cabeça?

– Não alguma maluquice – disse Leavitt. O esforço da paciência forçada era evidente em sua voz. Ele abriu uma gaveta e puxou uma bata de linho. – Algo *vital*. E, mais uma vez, Minho estava tendo apenas uma reação ao remédio que demos a ele, isso raramente acontece. Vamos ter cuidado com sua dose, prometo. – Ele fez uma pausa e se virou na direção de Thomas. – Escute, você conhece os riscos. Você sabe que é imune ao Fulgor. Você também sabe que a raça humana está em sérios apuros. Estou certo? Você sabe de tudo isso?

Thomas tinha apenas uma resposta para o questionamento.

– Sei.

– Então você entende por que é tão importante que você coopere. – Leavitt jogou a bata de hospital para ele. – Estamos estudando as ruínas universais dos imunes para encontrar uma cura. *Você* é imune. E tudo o que vamos fazer hoje é colocar um pequeno instrumento em sua cabeça que vai nos ajudar a entender o que o torna diferente. Prometo que você vai se recuperar rapidamente e vai ficar grato por podermos monitorar seus sinais vitais com mais eficiência. Você não vai precisar que espetem seu braço com tanta frequência! – Ele fez essa última afirmação com uma alegria forçada. – Agora isso não é de todo ruim, é?

Thomas meio que deu de ombros e balançou a cabeça afirmativamente ao mesmo tempo. O homem fazia com que parecesse muito razoável abrir o cérebro de uma criança. Ele olhou para baixo, remexendo a bata hospitalar nas mãos.

– Tem um banheiro bem ali. – Leavitt apontou para uma porta no canto. – Por que você não se veste, depois vai para a cama? Eu lhe dou minha palavra que tudo vai ficar bem. Você vai apagar, não vai sentir nada. Talvez dor de cabeça por alguns dias. E temos comprimidos para isso, está bem?

– Está bem. – Thomas deu um passo na direção do banheiro quando ouviu uma garota gritar no corredor. Ele se virou para Leavitt, que o olhou nos olhos. Eles ficaram desse jeito por um instante, esperando para ver quem iria agir primeiro. Foi Thomas.

Ele estava na porta em um instante. Ele a abriu e praticamente pulou no corredor, sentindo Leavitt bem em seu encalço. A pouco mais de cinco metros de distância, desenrolava-se a sua frente uma cena familiar. Dois enfermeiros – um homem e uma mulher – estavam arrastando uma menina de cabelo castanho pelo corredor, e ela estava se debatendo e gritando por todo o caminho. Era ela. A garota do 31K. Teresa.

O que Thomas fez em seguida não tinha sentido. Ele correu em sua direção. A angústia no rosto dela e o temor em seus olhos tinham finalmente estourado aquela bolha de pânico que crescia no interior dele.

– Soltem-na! – berrou Thomas ao mesmo tempo em que Leavitt gritou para que ele voltasse.

Os enfermeiros se viraram para olhar para Thomas e pararam, com o rosto tomado por curiosidade, talvez até um toque de divertimento. Isso só o deixou com ainda mais raiva. Ele ganhou velocidade, já se dando conta de que a coisa inteira era uma causa perdida. Pelo menos ele iria mostrar a Teresa que tinha tentado.

No último segundo, ele pulou com os braços estendidos, como se tivesse se transformado em super-herói, pronto para derrubar os dois...

Um dos enfermeiros levantou o braço para se defender e o acertou na lateral da cabeça de Thomas. Uma dor aguda tomou sua bochecha e seu ouvido enquanto seu mundo virava de cabeça para baixo, e ele aterrissava com violência no chão; seu nariz bateu contra a parede com força suficiente para atordoá-lo. Ele rolou e olhou para cima. Os dois enfermeiros o encaravam como se perguntassem *Qual o problema com você?* Até Teresa parara de lutar, embora seu rosto expressasse algo completamente diferente: assombro. Surpresa. Aquilo podia ser quase um *sorriso*?

Thomas, de repente, se sentiu o máximo.

Leavitt ressurgiu, assomando sobre ele com uma seringa na mão.

– Eu achei que tínhamos chegado a um entendimento, filho. Eu estava mesmo torcendo para não ter de fazer isso. – Ele se ajoelhou, enfiou a agulha no pescoço de Thomas e apertou a seringa com o polegar.

Antes de apagar, Thomas olhou para Teresa outra vez, e seus olhos se cruzaram por apenas alguns segundos preciosos. O mundo já havia começado a se turvar quando eles a arrastaram para longe, mas ele ouviu com nitidez o que ela gritou para ele.

– Um dia nós vamos ser maiores.

Ele teve sonhos loucos.

Ele voava pelo ar com algum tipo de máquina presa a suas costas, vendo o mundo abaixo dele, calcinado, arruinado e sem vida. Viu figuras pequenas correndo pela areia, e então elas cresceram e se

aproximaram dele. Viu asas, então rostos horrendos, em seguida braços estendidos, monstros tentando agarrá-lo.

Por sorte, esse acabou antes que ele fosse retalhado. O seguinte foi muito mais agradável.

Thomas, sua mãe e seu pai. Um piquenique. Perto de um rio. Ele não sabia se era memória ou um desejo, mas gostou do mesmo jeito. Aquilo provocou uma dor em seu peito, e ele achou que pudesse permanecer ali por um bom tempo.

Em determinado momento, ele sonhou com Teresa. A garota misteriosa que vivia muito perto – literalmente na porta ao lado – e ainda assim apenas uma frase havia sido trocada entre eles.

Um dia nós vamos ser maiores.

Ele se aferrou a essas palavras. Viu-a repetir isso diversas vezes em seus sonhos. Havia algo tão forte nelas... tão rebelde. Ele gostou dela por dizê-las. Em seu sonho, ele e Teresa estavam sentados no mesmo quarto – o quarto *dele*, ele na cama, ela em uma cadeira. Eles não estavam conversando, apenas... ali. Juntos. Ele queria um amigo tão desesperadamente que desejou que a cirurgia durasse para sempre e o deixasse em seu sonho.

Mas aí Teresa começou a dizer seu nome repetidas vezes, só que não era a voz dela. Em algum nível, ele sabia o que estava acontecendo, e seu coração se derreteu de tristeza. Quanto mais ele tentava se agarrar àquele momento falso, mais rapidamente ele desaparecia. Logo havia apenas escuridão e o som repetido de seu nome.

Hora de acordar.

Ele abriu os olhos e piscou com as luzes fortes do quarto de hospital. Uma mulher olhava fixamente para ele. Dra. Paige.

– Douto... – começou ele, mas ela o silenciou.

– Não diga nada. – Ela, então, sorriu, e tudo pareceu bem. A dra. Paige não teria feito nada de mau com ele. De jeito nenhum. – Você ainda está sob o efeito de uma dose pesada de drogas. Você vai ficar atordoado. Só fique aí deitado e relaxe, aproveite o remédio. – Ela riu, algo que não acontecia com muita frequência.

Thomas se sentiu flutuando, em paz. Todo o incidente com Teresa agora parecia quase engraçado. Ele só podia imaginar o que aqueles enfermeiros tinham pensado ao ver aquela criança pequena atacando pelo corredor, saltando no ar como o Super-Homem. Pelo menos ele mostrara a Teresa que se importava. Que era corajoso. Ele deu um suspiro de felicidade.

– Uau – disse a dra. Paige, olhando para ele de um monitor que estivera estudando. – Eu diria que você está levando meu conselho a sério.

– O que vocês fizeram comigo? – murmurou Thomas, suas palavras embaralhadas.

– Agora você está ignorando meu conselho. Eu disse para *não* falar.

– O que... vocês fizeram? – perguntou ele outra vez.

A dra. Paige se virou para encará-lo, em seguida sentou-se na cama. O movimento do colchão machucou alguma coisa em seu corpo, mas era uma dor amortecida e distante.

– Acho que o Psi disse a você o que nós íamos fazer, certo? – perguntou ela. – O dr. Leavitt? – Ela olhou ao redor como para se assegurar que ele não tinha voltado para o quarto. Ele não estava ali.

Thomas balançou a cabeça afirmativamente.

– Mas...

– Eu sei. Parece terrível. Colocar alguma coisa dentro de você. – Ela tornou a sorrir. – Mas você aprendeu a confiar um pouco em mim, não aprendeu?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente outra vez.

– Isso vai ser muito melhor para você, para todo mundo, em longo prazo. Nós podemos medir a atividade da zona de conflito letal com muito mais velocidade e eficiência agora. Além disso, você não terá de vir ao laboratório com tanta frequência para extrair dados. Tudo vai ser instantâneo, em tempo real. Confie em mim, você vai agradecer por termos feito isso.

Thomas não disse nada. Ele não teria dito mesmo que pudesse falar normalmente. O que ela falou fazia sentido. Em sua maior parte. Ele apenas se perguntou por que Minho e Teresa tinham surtado tanto. Talvez suas cirurgias não tivessem corrido tão bem.

A dra. Paige se levantou da cama e deu um tapinha no braço de Thomas.

– Tudo certo, meu rapaz. É hora de deixar que essas drogas o levem de volta para o sono. Você vai fazer muito isso nos próximos dias. Aproveite o descanso. – Ela saiu andando, mas então se virou e voltou. Ela se inclinou para baixo e sussurrou algo no ouvido de Thomas, mas seus olhos já estavam fechados, e ele estava apagando depressa. Ele captou as palavras *surpresa* e *especial*.

Então ele ouviu passos e a batida suave da porta ao se fechar atrás dela.

A cabeça de Thomas ficou curada muito mais rápido do que ele podia ter imaginado. Logo ele estava de volta ao próprio quarto, frequentando aulas como se nada tivesse mudado. Desde o dia da operação, ele não vira sinal de Teresa, de Minho nem do garoto chamado Newt. Nem de mais ninguém, por falar nisso. Às vezes, quando seguia pelo corredor na direção de suas aulas, ele ouvia vozes. Eram distantes o suficiente para que ele não soubesse dizer ao certo de onde vinham, mas teve certeza de que eram crianças. Aquilo o fez se perguntar o que havia de errado com ele para que os outros tivessem permissão de interagir tanto. Quando seria a sua vez?

Ele se perguntava sobre isso todo dia. Às vezes, ele podia justificar tudo como parte dos experimentos. Talvez algumas crianças estivessem juntas; e outras, sozinhas. Talvez eles fossem trocar em breve.

Uma linha elevada e irregular acima da orelha marcava onde eles o haviam operado, mas o cabelo já havia crescido por cima, e ele mal pensava mais nela. Ele achou que logo não seria nem capaz de percebê-la. Às vezes, sentia uma dor profunda e ressoante no interior do crânio, como se houvessem enfiado uma mão ali dentro e apertado. Sempre que perguntava à dra. Paige ou a seus instrutores sobre o implante, simplesmente lhe diziam o que já haviam dito antes – aquilo estava analisando seu sistema – e eles sempre eram rápidos em observar como ele estava fazendo exames com menos frequência. Isso era algo de que ele gostava.

A dra. Paige lhe assegurava constantemente que havia razões para ele estar tão isolado por enquanto, que eles queriam cuidar bem dele, mantê-lo em segurança. O mundo exterior era um lugar muito assustador, com radiação e Cranks por toda parte. E ela disse que eles precisavam entender a doença melhor antes que Thomas interagisse com os outros, que o dele era um caso especial – embora ela nunca entrasse em muitos detalhes. Mas ela lhe trazia livros e um tablet com tanta frequência que ele não podia duvidar de sua bondade, o que assegurava a ele que ela não estava apenas inventando coisas para acalmá-lo. Ela sempre fazia com que ele se sentisse melhor em relação a sua vida estranha.

Certo dia, ele despertou com uma dor de cabeça terrível e uma forte tontura como nunca sentira na vida. Ele precisou de até o último grama de vontade para se levantar e cumprir lentamente a rotina matinal. Ele dava um cochilo em seu quarto na hora do almoço e sentia que mal havia fechado os olhos quando alguém bateu na porta. Aquilo o assustou, mas ele pulou para atendê-la, preocupado que tivesse dormido durante a aula da tarde. O movimento trouxe outra onda de dor quebrando no interior de sua cabeça.

Ele ficou arrasado quando viu o dr. Leavitt parado no corredor, as luzes refletidas em sua careca.

– Oh – saiu da boca de Thomas antes que ele conseguisse impedir.

– Olá, filho – respondeu Leavitt, alegre como nunca. – Temos uma grande surpresa para você esta tarde, e acho que vai gostar dela.

Thomas olhou fixamente para ele, repentinamente zozinho. Ouvir aquelas palavras havia disparado um momento tão forte de déjà vu que ele achou que podia ainda estar dormindo.

– Está bem – disse ele, tentando esconder o desconforto. Qualquer mudança em sua programação diária era bem-vinda.

– O que é?

O dr. Leavitt tinha um sorriso estranho e nervoso.

– Nós, os Psis – disse o homem através de um sorriso astuto –, decidimos que é hora de você ter alguma interação com os outros. Nós vamos, hum, iniciar você com Teresa. O que acha disso? Você gostaria de conhecê-la e passar algum tempo com ela? Talvez as coisas corram melhor do que em seu primeiro, hum, encontro não oficial. – Seu sorriso se abriu, mas não tocava seus olhos.

Fazia muito, muito tempo desde que Thomas sentira qualquer coisa como o que ardeu em seu interior naquele momento. Ele queria conhecer Teresa mais do que qualquer coisa no mundo.

– Sim – disse ele. – Absolutamente. Acho que eu gostaria muito disso.

Durante o trajeto, ele foi novamente tomado por aquele déjà vu estranho, como se tivesse feito antes exatamente a mesma caminhada com exatamente o mesmo objetivo. O homem o conduziu para uma sala pequena em seu andar, a única mobília eram uma mesa sem nada em cima e duas cadeiras, uma de cada lado. A garota chamada Teresa já estava sentada em uma delas e deu um sorriso muito tímido para Thomas.

A sensação o atingiu com ainda mais força que antes, quase fazendo com que ele cambaleasse. Tudo em relação ao episódio – a sala, Teresa, a iluminação – parecia tão familiar que era aparentemente impossível que estivesse acontecendo pela primeira vez. Confusão turvou sua mente.

– Sente-se – disse Leavitt gesticulando com impaciência.

Thomas tentou se compor. Ele se sentou, e o homem saiu para o corredor, fechando quase totalmente a porta.

– Achamos que era hora de vocês terem uma conversa – disse ele, então acrescentou com um sorriso rápido. – Divirtam-se. – E fechou a porta. Houve uma nova onda forte de familiaridade.

Thomas não conseguia parar de olhar fixamente para onde o homem estivera parado alguns momentos antes, embaraçado demais para voltar sua atenção para Teresa. Ele se sentia tão estranho – alguns minutos antes, estivera excitado; agora, estava a dois segundos de se levantar e sair correndo, intrigado pela torrente estranha de sentimentos. Por fim, ele se remexeu na cadeira, forçando o olhar a passar por ela, e descobriu que ela o estava encarando. Seus olhos se cruzaram.

– Oi. – Foi o melhor que ele pôde fazer.

– Oi – respondeu Teresa. Ela deu outro sorriso tímido. Um sorriso que Thomas podia jurar já ter visto em algum momento antes de hoje, naquela mesma sala.

Mas agora não era hora de insistir no que podia ter acontecido – ele tinha todo o tempo do mundo para pensar na estranheza mais tarde. Ele fez um gesto a sua volta.

– Por que eles nos colocaram *aqui*?

– Não sei. Acho que eles queriam que nos conhecêssemos e conversássemos.

Ela não tinha entendido o que ele quisera dizer – ele se perguntou se talvez isso fosse sua tentativa de sarcasmo.

– Há quanto tempo você mora aqui?

– Desde que tenho cinco anos.

Thomas olhou para ela, tentou adivinhar sua idade, desistiu.

– Então...

– Então quatro anos – disse ela.

– Você só tem nove anos?

– É. Por quê? Quantos anos você tem?

Thomas não tinha certeza se sabia a resposta para essa pergunta. Ele achou que era perto o bastante.

– A mesma coisa. Você só parece mais velha.

– Logo vou fazer dez. Você não está aqui há o mesmo tempo?

– Estou.

Teresa se remexeu em seu assento, puxou uma das pernas para baixo do corpo e se sentou sobre ela.

Thomas não achou que aquilo fosse especialmente confortável, mas adorou que ela parecesse um pouco mais à vontade. O mesmo era verdade para ele – quanto mais conversavam, mais aquele pulso desorientador do *déjà vu* recuava para o fundo.

– Por que eles mantêm alguns de nós separados? – perguntou ela. – Posso ouvir outras crianças gritando e rindo o tempo todo. E já vi o refeitório grande. Ele deve alimentar centenas.

– Então eles levam sua comida no quarto também?

Teresa balançou a cabeça afirmativamente.

– Três vezes por dia. A maioria tem gosto de privada.

– Você sabe qual é o gosto de uma privada? – Ele prendeu a respiração, na esperança de que não fosse cedo demais para uma piada.

Teresa não perdeu a deixa.

– Não pode ser pior do que a comida que eles nos dão.

Thomas soltou uma risada genuína, que provocou uma sensação ótima.

– Há. Você tem razão.

– Deve haver alguma coisa diferente conosco – disse Teresa, de repente ficando séria. Aquilo impressionou Thomas um pouco. – Você não acha?

Thomas fez sua melhor imitação de um aceno inteligente e pensativo com a cabeça. Ele não queria revelar que a ideia nunca lhe havia ocorrido.

– Talvez. Deve haver uma razão para sermos mantidos sozinhos. Mas é difícil saber o que é quando nós nem sabemos por que estamos aqui. – Ele franziu o cenho por dentro e torceu para que isso não se revelasse no exterior. Ele usara o verbo *saber* duas vezes, e tudo aquilo parecera idiota.

Teresa não pareceu concordar.

– Eu sei. Sua vida é basicamente escola da hora em que acorda até o apagar das luzes?

– Praticamente.

Teresa balançou a cabeça concordando, em seguida ela disse quase que distraidamente:

– Eles não param de me dizer o quanto sou inteligente.

– Para mim também. É estranho.

– Acho que tudo tem a ver com o Fulgor. Seus pais foram contaminados antes de você ser levado pelo CRUEL?

Toda a alegria que Thomas tinha começado a se permitir sentir refreou-se subitamente. Ele de repente viu o pai, embriagado de raiva, a mãe se despedindo dele quando ele não tinha nem cinco anos. Ele tentou bloquear a visão.

– Não quero falar sobre isso – disse ele.

– Por que não? – perguntou Teresa.

– Simplesmente não quero.

– Então está bem. Nem eu. – Ela não pareceu com raiva.

– Por que estamos aqui, afinal? – Mais uma vez, ele gesticulou para a salinha onde eles estavam sentados. – Sério, o que nós devíamos estar fazendo?

Teresa cruzou os braços e deixou que a perna caísse de volta até o chão.

– Conversar. Ser testados. Não sei. Desculpe se estar perto de mim é tão chato para você.

– Hein? Você está louca?

– Não, não estou louca. Você só não parece muito simpático. Eu meio que gostei da ideia de finalmente ter um amigo.

Thomas teve vontade de bater em si mesmo.

– Desculpe. Isso parece bastante bom para mim também. – Ele não sabia se aquele encontro podia ter saído pior.

Teresa aliviou sua tensão com outro sorriso.

– Então talvez tenhamos passado no teste. Talvez eles quisessem saber se nós íamos nos dar bem.

– Não importa – disse ele com um sorriso todo seu. – Parei de tentar adivinhar as coisas muito tempo atrás.

Depois de uma pausa longa, ela disse:

– Então... amigos?

– Amigos.

Teresa estendeu a mão por cima da mesa.

– Vamos selar isso com um aperto de mão.

– Está bem. – Ele se inclinou para a frente e eles apertaram as mãos.

Teresa se sentou em sua cadeira, e sua expressão se alterou outra vez.

– Ei, seu cérebro dói de vez em quando? Quero dizer, não como uma dor de cabeça normal, mas bem no fundo do crânio?

Thomas só pôde imaginar a expressão de choque em seu rosto.

– O quê? Você está falando sério? Sim! – Ele estava prestes a contar sobre sua dor de cabeça matinal terrível, talvez até a sensação de já ter feito aquilo antes, quando ela levou um dedo aos lábios.

– Silêncio, tem alguém vindo. Vamos falar sobre isso depois.

Como ela soubera, Thomas não tinha ideia. Ele não ouvira nada, mas alguém bateu na porta no instante seguinte em que ela falou. Um segundo depois, ela se abriu, e o dr. Leavitt enfiou a cabeça pelo vão.

– Olá, crianças – disse ele animado. Ele olhou de Thomas para Teresa. – Acabou o tempo por hoje. Vamos levá-los de volta para seus quartos. Nós achamos que isso funcionou bem, portanto haverá muitas outras oportunidades para se conhecerem.

Thomas trocou um olhar com Teresa. Ele não estava totalmente certo do que os olhos dela diziam, mas realmente acreditou que tinha uma nova amiga. Eles se levantaram de suas cadeiras e seguiram na direção de Leavitt. Thomas estava mesmo grato por aquele curto período de tempo que lhes haviam concedido, e iria manter os dedos cruzados para que o bom comportamento levasse realmente a mais encontros, como prometido.

Eles estavam à porta quando Teresa parou e fez uma pergunta ao dr. Leavitt. Duas, na verdade. E isso foi suficiente para mudar completamente a atitude do homem.

– O que é um gatilho de apagamento? E é verdade que sete crianças morreram durante as cirurgias de implante?

As perguntas surpreenderam Thomas. Ele se virou para olhar para Teresa enquanto o médico procurava uma resposta.

– Como... – começou o homem, em seguida parou, percebendo no mesmo instante o que notara Thomas: Teresa tinha esbarrado em algo importante. Algo *verdadeiro*. – De onde você inventou essa bobagem?

Thomas se perguntou a mesma coisa. Como ela podia ter ouvido algo como aquilo? Ele nunca ouviu nada.

Teresa deu de ombros.

– Às vezes, vocês falam quando acham que nós não podemos ouvir.

Leavitt não estava satisfeito, mas sua voz permaneceu inalterada.

– E às vezes, quando entreouvem coisas, vocês não escutam a história inteira. Não vamos nos concentrar no que não interessa a vocês, está bem?

E com isso ele se virou e começou a descer o corredor. Ele não pareceu se importar se eles o seguiam ou não, mas os dois estavam bem em seus calcanhares.

– Isso até que é divertido – sussurrou Teresa para Thomas. – Andar com meu novo amigo.

Ele olhou para ela sem acreditar, perplexo.

– Sério? Você lança essa bomba sobre crianças morrendo e agora age como se não fosse nada demais? Você é muito estranha. – Ele tentou fazer piada daquilo para esconder o quanto ficara horrorizado por sua segunda pergunta. Era, sem dúvida, um rumor, não?

Ele se sentiu melhor quando ela de repente o beijou no rosto, em seguida acelerou pelo corredor, passando pelo dr. Leavitt.

Thomas sem dúvida gostou de ter uma amiga. Mas enquanto a observava correr, a sensação de pânico retornou. O que tinha acontecido com ele hoje? Da dor de cabeça de rachar àquela sensação avassaladora de déjà vu – aquilo o tirou de prumo, deixando-o com medo de ficar de pé, temendo tropeçar e cair. Como se não estivesse sintonizado com a rotação da Terra.

Ele fez força para não pensar na pior resposta possível.

Ele tentou não pensar no Fulgor.

Uma semana depois, logo após uma sessão de quebra-cabeça especialmente difícil com a srta. Denton, Thomas se viu outra vez na salinha, sentado à mesa em frente a Teresa. Felizmente, nada da estranheza de seu encontro anterior voltou para assombrá-lo.

Tinha sido a semana mais longa de sua vida, perguntando-se a cada minuto do dia se iria conseguir ver a nova amiga. A única resposta que recebia da dra. Paige ou de seus professores ou de qualquer outra pessoa era que sim, eles iriam tornar a se encontrar em breve. Deixar uma semana inteira se passar parecia o método de tortura mais eficiente do qual ele jamais ouvira falar. E apesar de pensar naquilo muitas vezes, ele nunca reuniu a coragem para perguntar sobre o episódio poderoso de déjà vu. Ele se preocupava que as pessoas pudessem achar que havia algo de errado com ele.

– Ei, é bom tornar a vê-lo – disse Teresa para dar início às coisas. Leavitt tinha acabado de deixar a sala, recusando-se a responder a pergunta dela sobre quanto tempo eles teriam juntos.

– É, com certeza – concordou Thomas, se recompondo. Ele se sentia tolo demais perguntando sobre os sentimentos estranhos que tivera da última vez, por isso tomou outra direção. – Ei, estou louco para perguntar a você sobre aquelas crianças que você falou que... morreram. Isso é mesmo verdade? E às vezes a dra. Paige de algum modo faz parecer que eles estão nos fazendo um favor ao nos manter sozinhos. Sinto que tenho um milhão de outras coisas sobre as quais também quero conversar.

– Ei, uma coisa de cada vez – disse Teresa com um sorriso. Então ela ergueu os olhos para os cantos do teto, cada um dos quatro, com uma expressão preocupada. – Eu me pergunto se deveríamos tomar um pouco de cuidado sobre o que dizemos. Quero dizer, eles estão obviamente nos observando. Ou, pelo menos, ouvindo.

– Provavelmente os dois – disse Thomas em voz alta e insolente. – Olááááá! Olá, adultos! – Ele acenou para todos os lados como se estivesse em um desfile, sem saber ao certo de onde vinha aquela alegria súbita.

Teresa explodiu de rir, levando-o a fazer o mesmo. Aquilo durou por bons um ou dois minutos, cada um levando o outro a rir novamente justo quando estavam prestes a parar. Ele era inteligente o suficiente para saber, entretanto, que estava tentando evitar pensar sobre as mortes em questão.

– Não vamos nos preocupar demais com isso – disse Teresa quando a gargalhada tinha terminado. – Esta é nossa hora, e podemos falar sobre o que quisermos. Vamos deixar que eles se divirtam.

– Amém. – Thomas deu um tapa no tampo da mesa.

Teresa deu um pulo, surpresa, em seguida tornou a rir.

– O que ouvi sobre crianças morrendo, não sei. Provavelmente é apenas um rumor. Espero que sim. Acho que não devo ter ouvido com muita clareza. Eles podiam estar falando sobre algo que aconteceu antes que viéssemos. Eu estava só tentando provocar uma reação em Leavitt.

Thomas estava torcendo muito para que isso fosse verdade.

– Então, alguma coisa nova ou excitante em sua vida? – perguntou Teresa.

– Não posso dizer que haja – respondeu Thomas. – Vamos ver, eu como. Vou para a escola. Muita escola. Muitos exames médicos. Ah, e eu durmo também. Acho que isso resume tudo.

– Parece muito com a minha vida!

– É mesmo? Chocante.

Sorrisos, uma pausa. Então Teresa se inclinou para a frente e pôs os cotovelos sobre a mesa.

– Não sei sobre as outras crianças, nenhum segredo nem nada assim, mas escute. Nossas cabeças deviam estar completamente curadas, certo?

A pergunta o pegou de surpresa.

– Hum, sim. É de se pensar que sim. Ele tocou a cicatriz escondida pelo cabelo acima da orelha esquerda. – Pelo menos, parece que sim. Tenho certeza de que nossos cérebros brilhantes estão bem.

– Você quer dizer o que o CRUEL chama de ruína universal?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente. Ele ouvira a expressão algumas vezes, mas não sabia muito, exceto o básico.

– É. Parece algo que eles roubaram de um videogame. Mas a dra. Paige diz que é onde o Fulgor provoca todo o seu dano.

– Não é muito estranho que sejamos imunes? Quero dizer, isso devia ser a coisa mais legal do mundo, nós não termos de nos preocupar com nos transformar em loucos.

– Certo.

– Mas tudo o que isso fez por nós foi nos encerrar neste lugar idiota. O nome deles devia ser TÉDIO, não CRUEL. Estou seriamente ficando louca de permanecer trancada em salas o dia inteiro.

Thomas olhou para a porta, refletindo por um segundo.

– É tão ruim assim lá fora? É por isso que não nos permitem sair?

– Deve ser ruim. Você sempre escuta dizer que a radiação está enfraquecendo, mas ainda é bem alta em alguns lugares. Tudo que me lembro é de uma luz branca e cegante fora do Berg que me trouxe aqui. Já passei por um Transportal e andei em um Berg, tudo antes dos cinco anos. Você pode acreditar nisso?

Thomas podia se lembrar apenas da grande máquina voadora em que viajara. Por mais triste que estivesse, ele achou aquilo legal. Bergs supostamente eram para pessoas loucas e ricas. Mas isso não era nada em comparação com um Transportal. Ele nunca passara por um, mas se o CRUEL o tinha, eles deviam ter muito dinheiro.

– Quando você passou por um Transportal? – perguntou ele.

A expressão dela mudou de assombro para tristeza.

– Eu mal me lembro disso. Eu nasci em algum lugar no Leste. Perdi meus pais e fui resgatada... – Ela baixou os olhos e ficou em silêncio. Talvez conversa para outra hora.

– Ei – disse ele para mudar de assunto. – Sobre aquela dor em sua cabeça. Eu também tenho, às vezes.

Os olhos de Teresa passaram outra vez pelos cantos do teto. Não havia nada visível preso ali, mas os dois sabiam que podia haver câmeras escondidas em qualquer lugar. E microfones. O CRUEL podia

instalar centenas de microfones em um lugar daquele tamanho. Sem mencionar o que quer que eles tivessem inserido em seus cérebros – quem sabia o que aquelas coisas podiam monitorar?

Teresa se levantou, pegou a cadeira e a levou até o outro lado da mesa. Ela a colocou bem ao lado da de Thomas, o mais perto possível. Ela se sentou e inclinou na direção dele, pressionando seus ombros juntos.

Ela sussurrou em seu ouvido, tão delicadamente que ele mal ouviu as palavras. Sua respiração contra a pele dele enviou formigamentos para todas as direções.

– Vamos conversar assim até que eles nos interrompam – disse ela.

Thomas balançou a cabeça afirmativamente, em seguida falou ao ouvido dela.

– Claro. – Ele gostou de se sentar perto dela.

– Aquela dor em minha cabeça – disse ela, muito baixo. – É na verdade mais como uma coceira. Como algo que está lá dentro que precisa ser coçado. Isso às vezes quase me deixa louca. Quero enfiar qualquer coisa lá dentro até conseguir alcançar a coceira, sabe?

Thomas não sabia. Isso parecia ainda mais maluco que seu *déjà vu*.

– Acho que a minha é meio assim – disse ele sem muita convicção.

Ela riu, afastando-se por um segundo.

– Resposta perfeita – disse ela em voz alta. Então se inclinou para perto outra vez para sussurrar. – Sei que é estranho, mas apenas me escute. Há alguma coisa aí dentro que não está sendo usada. Ouvi as palavras “mecanismo de gatilho” quando estava saindo da anestesia. E é exatamente essa a sensação que me dá. Como de um gatilho que precisa ser puxado, ou um mecanismo que tenha de ser acionado. Faz sentido?

Thomas balançou a cabeça lentamente. A dra. Paige na verdade também tinha dito algo, não tinha? Ela dissera *especial*. Ele lembrava vagamente da palavra, mas podia ter sido um sonho. Aqueles implantes eram um mistério completo.

Teresa prosseguiu com a expressão franzida.

– Sinto que há alguma coisa ligada com meu cérebro. Algo extra aqui. Fico deitada na cama, me concentrando até que minha cabeça dói por causa *disso*.

– Em que você está se concentrando? – perguntou Thomas, agora explodindo de curiosidade.

– Usando meu cérebro como ferramenta. Tipo, conjurando uma coisa física em meus pensamentos, tentando usá-la no implante. Você sabe, como um gancho para puxar aquele gatilho. Alguma coisa disso faz algum sentido?

– Claro que não – disse Thomas.

Ela se afastou, cruzou os braços e bufou de frustração.

Ele tocou o braço dela.

– Mas é por isso que estou interessado.

Ela ergueu as sobrancelhas.

Ele prosseguiu:

– Você parece totalmente sã para mim. – Ela riu. – E tenho quase certeza de que a dra. Paige pode estar tentando dizer algo sobre isso para mim. Isso me fez realmente pensar. Considere-me curioso.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, continuou balançando, os olhos cheios de alívio. Ela se ergueu na cadeira e se aproximou para sussurrar.

– Vou continuar trabalhando nisso. Obrigada por não achar que eu peguei o Fulgor, afinal de contas. Mas, quero dizer, o que é isso! Essas pessoas têm uma tecnologia maluca. Eles têm Transportais e Bergs... – Ela fez uma pausa e sacudiu a cabeça de leve. – Em minha opinião, essas coisas que eles colocam em nossas cabeças podem de algum modo estar integradas com nossa verdadeira consciência. Nossos verdadeiros pensamentos. É isso o que eu acho.

Thomas, um pouco atônito com aquela quantidade de coisas sobre o que pensar, levou os lábios até junto do ouvido dela.

– Vou tentar também. Vai ser bom ter algo diferente em que trabalhar.

Ela se levantou com um sorriso genuíno iluminando seu rosto. Ela levou a cadeira de volta à posição original do outro lado da mesa e tornou a sentar.

– Eu gostaria mesmo que eles deixassem que nós nos encontrássemos com mais frequência – disse ela.

– Eu também. Espero que eles não estejam com raiva de nossos sussurros.

– Eles são só um bando de velhos esquisitos. – Ela riu. – Você ouviu essa, CRUEL? – gritou ela. – Estamos falando sobre vocês. Acordem de seu cochilo e venham nos deter!

Thomas ria sem parar, mas os dois congelaram quando soou uma batida na porta.

– Oh, oh – sussurrou Thomas.

A porta se entreabriu, e o dr. Leavitt entrou. Mas qualquer medo de punição desapareceu assim que Thomas viu o rosto do homem – ele não parecia nem um pouco com raiva.

– A sessão terminou – anunciou ele. – Mas antes que voltem para seu horário normal, queremos mostrar algo para vocês dois. Algo que vai deixá-los surpresos.

Thomas, sem saber no que pensar, e mais que um pouco desconfiado, considerando como acabara de transcorrer sua sessão, ficou de pé. O mesmo fez Teresa, com uma expressão preocupada no rosto. Talvez eles estivessem seguindo direto para o gabinete do chanceler para uma reprimenda.

Mas o dr. Leavitt parecia realmente excitado. Ele abriu mais a porta.

– Então está bem! Preparem-se para se maravilhar.

Leavitt conduziu Thomas e Teresa até o elevador, e os três desceram até o subsolo – um lugar onde Thomas nunca estivera antes –, depois ele os escoltou por um corredor comprido que terminava em outra série de elevadores. Era uma seção completamente diferente do complexo. Thomas e Teresa não disseram nem uma palavra pelo caminho, mas trocaram vários olhares intrigados. Finalmente, quando o médico apertou o botão de chamada para descer outra vez, Thomas não conseguiu mais segurar suas perguntas.

– Qual é essa maravilha que o senhor vai nos mostrar? – perguntou ele.

– Ah, bem... – respondeu o homem. – Não cabe a mim arruinar sua surpresa. Vocês poderiam dizer que eu não ganho para isso. – Ele deu uma risada alta que ecoou. – Algumas pessoas muito importantes vão mostrar a vocês... o projeto. Dou minha opinião nesses assuntos, mas não estou envolvido na atual... execução. – Ele não parecia muito confortável falando sobre aquilo.

A campanha do elevador o salvou de maiores explicações, e as portas se abriram.

Havia quatro pessoas dentro da cabine, e a respiração de Thomas ficou presa em sua garganta. Ele reconheceu o chanceler Anderson e a dra. Paige. Havia outro homem e outra mulher, cada um deles vestido muito profissionalmente.

– Eles são todos seus – disse Leavitt; então, sem esperar resposta, ele se virou e saiu pelo corredor por onde eles tinham chegado.

A dra. Paige estendeu o braço para manter abertas as portas do elevador.

– Venham, Thomas e Teresa. Estamos muito empolgados com o que vamos mostrar a vocês hoje.

– Estamos, sim – disse o chanceler Anderson. Ele apertou a mão de Thomas quando ele entrou no elevador, depois a de Teresa. – Estávamos esperando há tempos que os Psis concluíssem que vocês dois estavam prontos, e aqui estamos nós.

– O que está acontecendo? – perguntou Teresa. – Por que todo o mistério?

As portas do elevador tinham se fechado, e a dra. Paige apertou um botão para fazê-los se mover. Um zumbido baixo encheu o ar. Thomas se perguntou como eles podiam estar *descendo* em vez de subindo – o outro conjunto de elevadores dissera que eles tinham parado no subsolo. Ele sentiu um leve fio de medo.

O chanceler Anderson deu para eles seu sorriso mais caloroso.

– Não é nada com o que vocês devam se preocupar – disse ele. – Nós achamos que a melhor maneira de explicar o que estamos planejando é mostrar a vocês pessoalmente. Vocês logo vão ver do que eu estou falando.

– Mas por que nós? – perguntou Teresa. – Sabemos que há muitas outras crianças, podemos *ouvi-las* através das paredes. Por que estamos separados? Vocês vão mostrar a eles o que estão mostrando a nós?

A mulher que Thomas nunca tinha visto antes se adiantou. Ela era baixa, com cabelo preto e complexão pálida.

– Primeiro as apresentações, não? Meu nome é Katie McVoy, e sou vice-presidente assistente, encarregada especial da supervisão da produção que vocês estão prestes a ver. Esse – ela apontou para o outro homem, um homem de aparência séria de pele mais morena, cabelo grisalho e barba por fazer no queixo – é Julio Ramirez, nosso atual chefe de segurança.

Enquanto apertavam as mãos e trocavam sorrisos, Thomas se perguntou sobre a palavra que ela tinha usado, *atual*. Parecia estranho que ela descrevesse o emprego do homem daquele jeito. Quase como se ele não fosse manter a posição por muito mais tempo.

A srta. McVoy prosseguiu.

– Em relação a suas perguntas, vários de vocês fizeram progresso mais rápido que qualquer outro na escola e nos testes que realizamos aqui. Agora, nós somos pragmáticos como todo mundo, especialmente nos nossos dias, e vemos valor em suas habilidades e inteligências. Hoje é uma espécie de recompensa. Vocês vão ser os primeiros indivíduos a ver isso.

– Isso mesmo – disse Anderson com um sorriso brilhante. – *Recompensa* é uma boa palavra para isso. Vocês dois e alguns outros são acima da média e perfeitos para aquilo de que vamos precisar durante os próximos dois anos para terminar o que começamos. E devemos estar chegando... Ah, aqui estamos.

O elevador parou, depois de mergulhar até o coração da Terra, pelo que Thomas podia dizer. A viagem, combinada com tudo o que ele acabara de ouvir, fizera com que ele se sentisse mais desconfortável do que quando entrara no elevador. Quem eram aqueles “outros” de quem eles estavam falando? De todas as coisas novas que aparentemente estavam prestes a se abrir para ele, ter outras crianças por perto era o que o excitava mais, de longe. A solidão constante começara a corroer seu coração. Mas também parecia bom demais para ser verdade. Será que ele devia acreditar naquilo?

As portas tinham se aberto enquanto ele estava perdido em seus pensamentos, e todos os outros tinham saído. Teresa estava parada depois da porta, gesticulando para que ele seguisse. Ela parecia preocupada que tudo fosse cancelado se ele não acordasse daquilo e começasse a andar. Thomas se sentia do mesmo jeito. Ele saiu do elevador e entrou em um salão grande, aproximadamente do tamanho de um ginásio, suas tubulações expostas acesas com luzes azuis. Ele estava vazio com a exceção de centenas de fios e tubos aguardando para serem conectados, incontáveis caixas e materiais de construção. Em um dos cantos havia o que parecia um escritório – ele estava montado com múltiplos monitores e estações de trabalho, todos iluminando o espaço com seu brilho elétrico.

– Nosso plano – disse o chanceler Anderson. – É que este seja o centro de comando do que estamos chamando de Testes de Labirinto, uma instalação mais avançada do que qualquer instituição jamais teve. Isso deve estar pronto dentro de alguns meses, e depois os próprios dois labirintos completos dentro de dois ou três anos. Talvez quatro.

Ele estivera olhando ao redor do salão com orgulho, mas quando se virou para olhar para Thomas e Teresa, ele congelou, surpreso. Thomas imaginou que fosse porque ele mesmo parecesse completamente confuso.

Teresa fez a pergunta pelos dois.

– Testes de Labirinto?

O chanceler Anderson abriu a boca para responder, mas pareceu não encontrar palavras. A srta. McVoy veio em seu socorro com um sorriso polido.

– Bem, nosso estimado chanceler se empolgou um pouco, mas tudo bem. Estão vendo aquela porta ali? Atrás daquela porta há uma escadaria que vai nos levar a uma plataforma de observação temporária. Queremos mostrar a vocês uma coisa, depois explicar para que vai ser usada. Vocês estão prontos?

Thomas estava. Mais do que pronto, morrendo de curiosidade. Ele balançou a cabeça ao mesmo tempo em que Teresa disse:

– Sem dúvida.

Eles caminharam em grupo até a porta que McVoy indicara, o sério Ramirez por último, olhando ao redor como se esperasse problema. Eles passaram por uma parede comprida sem nada além de grandes painéis com tomadas, afastados longe o suficiente para acomodar algo grande como um carro.

– Para que é isso? – perguntou Thomas. Eles estavam na metade do grande salão.

McVoy ia começar a responder, mas o chanceler a interrompeu.

– Vamos explicar uma coisa de cada vez – disse ele com simpatia, e lançou um olhar para a srta. McVoy que Thomas não conseguiu bem interpretar. – Temos algumas coisas em desenvolvimento que não estamos ainda prontos para compartilhar.

Thomas estava excitado demais para pensar muito sobre o comentário. Ele achou que teria bastante tempo depois, deitado em sua cama, para contemplar o massacre de informações que estava sendo derramado sobre ele.

Ele seguiu Anderson pela saída, e o pequeno grupo subiu quatro lances de escada. Então todos se apertaram juntos diante de uma porta de metal maciçamente fortificada. A srta. McVoy digitou um código de segurança em uma tela. Houve um grande som sibilante, e então, com um clangor pesado e barulhento, a porta se abriu. Anderson e McVoy a empurraram e abriram por completo, e então se afastaram para o lado, permitindo que Thomas e Teresa passassem primeiro.

Thomas estava inebriado de expectativa, mas não podia imaginar o que esperar. E o que viu a sua frente o chocou de tal modo que quase fez seu coração parar. A porta aberta criara uma corrente de ar que escapava do vasto espaço aberto a sua frente. Ele parou congelado, a brisa passando por ele enquanto absorvia tudo.

Ele estava parado sobre uma plataforma diante de uma caverna tão enorme que sua mente mal conseguia conceber o tamanho. Ele podia dizer que o espaço fora escavado da terra – o teto estava exposto, pedra grosseiramente cortada pontilhada com luzes grandes o suficiente para iluminar todo o espaço. Só isso já era um feito impressionante. Mas ainda mais impressionantes eram as vigas de aço que circundavam o local; Thomas podia apenas imaginar que elas tinham sido colocadas no lugar para reforçar o teto extenso, e elas reluziam sob a luz refletida dos holofotes brilhantes acima.

E eles estavam no subsolo.

Parecia impossível, ainda assim eles estavam realmente no *subsolo*. A caverna devia ter ao menos alguns quilômetros quadrados, e era alta como um arranha-céu. Havia materiais de construção – madeira, aço e pedra – espalhados em pilhas pelo chão vasto. Ao longe, o que pareciam ser dois quilômetros, talvez três, havia um grande muro em construção. O esqueleto de sua estrutura quase tocava o teto.

Thomas, de repente, inspirou em reflexo, sem perceber que estivera prendendo a respiração. Ele simplesmente não entendia o que havia a sua frente. Era um abscesso gigantesco sob o solo, tão grande que parecia desafiar as leis naturais. Como aquele teto podia *não* desmoronar?

Ele olhou para Teresa, cujos olhos estavam arregalados e brilhando de assombro.

– Estou certo de que vocês têm muitas, muitas perguntas – disse McVoy. – E podemos respondê-las, uma de cada vez. As coisas vão ser diferentes para vocês dois a partir de agora. Vocês vão saber muito mais e vão ficar muito, muito ocupados.

– Ocupados fazendo o quê? – perguntou Teresa.

O chanceler Anderson escolheu responder essa.

– Vocês vão nos ajudar a construir este lugar.

Alguns minutos depois, eles estavam sentados em uma pequena sala de reunião em torno de uma mesa com a srta. McVoy, a dra. Paige e o sr. Ramirez, que ainda não tinha dito uma única palavra. O chanceler pedira licença para se retirar, mas não antes de reiterar como estava excitado por trazer Thomas e Teresa para o nível seguinte. Ele lhes assegurou que a srta. McVoy iria levar o tempo que eles precisassem para responder suas perguntas.

A questão era que Thomas não sabia ao certo se conseguia pensar nas perguntas. Depois da escala enorme da caverna acima da qual estivera, a sala pequena parecia quase claustrofóbica. E agora, organizando seus pensamentos, aquilo parecia um feito incrível.

– Está bem – disse McVoy, as mãos cruzadas graciosamente sobre a mesa a sua frente. – Como vocês podem imaginar, o que acabaram de ver é o resultado de vários anos de desenvolvimentos. Eu não poderia explicar tudo de uma única vez. Mas vamos fazer o seguinte: façam suas perguntas, e vamos ver aonde elas nos levam. O que acham?

Thomas e Teresa balançaram a cabeça afirmativamente.

– Ótimo. Teresa, por que você não começa?

– O que é esse lugar? – perguntou ela, a primeira e mais óbvia pergunta.

McVoy balançou a cabeça afirmativamente, como se esperasse exatamente aquelas palavras.

– O que vocês viram é uma de duas cavernas naturais que encontramos nesta área que depois expandimos significativamente para abrigar o que planejamos construir em seu interior.

– E o que é isso? – perguntou Thomas.

– Um labirinto. Dois labirintos, na verdade. Como eu disse, há duas cavernas.

– Por quê? – perguntou Teresa. – Por que razão vocês estão construindo dois labirintos?

– Como campo de teste. Como ambiente controlado para estimular uma lista longa de reações, tanto físicas quanto emocionais, de indivíduos testados. Não podíamos arriscar que essas locações fossem a céu-aberto, e não só por causa de razões óbvias como a paisagem dizimada e o potencial para invasão de Cranks. O mundo é um lugar muito, muito perigoso no momento. Mas tão importante quanto isso, nós precisávamos de uma área de testes próxima para podermos controlar os estímulos de maneira eficaz.

Thomas ouviu aquilo tudo, mas achou difícil de acreditar. Ou talvez fosse muita coisa para processar ao mesmo tempo.

– Thomas? – disse McVoy. – Você quer fazer a próxima pergunta?

– Eu... – Ele procurou as palavras. – Isso é tudo tão louco. Um labirinto? *Dois* labirintos? O que vocês vão testar dentro deles? *Quem* vocês vão testar?

– É complicado, como eu disse. Mas, basicamente, precisamos de um ambiente em larga escala que possamos controlar sem influência externa, nossos médicos e Psis acham que é um ambiente perfeito para obter o que precisamos. – Ela recostou e deu um suspiro. – Mas estou falando demais. A resposta simples

é esta: vamos continuar fazendo aquilo que já começamos. Vamos testar pessoas imunes, estudando sua função cerebral e biológica, e descobrir como elas conseguem viver com o vírus do Fulgor sem sucumbir a seus efeitos. Em resumo: estamos tentando encontrar uma cura, Thomas. Estamos tentando evitar todas essas mortes desnecessárias que agora nos cercam.

– O que vocês quiseram dizer com nós ajudarmos a construir este lugar? – perguntou Teresa.

– Exatamente isso – respondeu McVoy com um sorriso franco. – Decidimos usar você e Thomas, assim como duas outras crianças de sua idade, para nos ajudar. Talvez outras. Mas vocês quatro são tão... além do que esperávamos de pessoas tão novas. Nós vamos utilizar isso. Como eu disse antes, somos pessoas pragmáticas com recursos limitados. Não pretendemos desperdiçar seus talentos. O planejamento, o design, a construção dos labirintos... tudo vai ser complicado.

A escassez de palavras de Thomas continuou. Ele só ficou ali sentado, atônito. Teresa também estava em silêncio, talvez sentindo a mesma coisa.

– Vocês *querem* nos ajudar, não querem? – perguntou McVoy.

A dra. Paige, que estava quieta por toda a tarde, interveio.

– É uma honra e uma oportunidade fantástica, garotos. Sei que as coisas estão horrendas no mundo atualmente, mas este projeto pode até ser divertido para vocês. Um desafio. Temos muita fé em vocês dois. E nos outros também. Os nomes deles são Aris e Rachel.

Depois de um longo silêncio, McVoy disse:

– Bom? O que vocês acham?

Thomas sabia que eles não tinham escolha. E que podia ter muito trabalho duro. Mas a ideia como um todo era excitante. E algo *novo* com que ocupar seus dias.

– É claro – disse ele, mal conseguindo conter a felicidade.

– Sim – acrescentou Teresa, soando mais séria.

McVoy se levantou, em seguida apertou as mãos de Thomas e Teresa.

– Este vai ser um projeto divertido. Vocês estão se tornando mais parte do CRUEL a cada dia! – disse ela, como se esse fosse o maior cumprimento que ela pudesse fazer.

Enquanto saíam da sala de reunião e seguiam de volta para seus quartos, indo de um lado para outro por corredores, escadas e elevadores do complexo, as palavras de despedida de McVoy ecoavam na mente de Thomas. *Parte do CRUEL.*

Ele não sabia ao certo como se sentia em relação a isso.

*

A dra. Paige disse a Thomas que ele tinha o resto do dia para descansar, relaxar e pensar nas coisas. Ele se deitou na cama e olhou fixamente para o teto. O que queria realmente fazer, porém, era estar com Teresa, conversar sobre tudo aquilo. Sua mente girava com as coisas que ele ouvira e vira durante o dia e podiam mudar sua vida, e ele precisava da ajuda de Teresa para processar tudo.

Ele olhou para sua porta. Ela estava fechada, como sempre. E desde que se lembrava, ela trancava automaticamente ao fechar. Mas ele não se lembrava da última vez que a testara. Por meses, talvez

mesmo um ou dois anos, ele simplesmente havia suposto que estivesse trancada e não se dera ao trabalho de verificar. Bom, agora ele tinha uma razão para tentar.

Ele rolou para fora da cama e foi até a porta. Lentamente estendeu a mão como se ela pudesse eletrocutá-lo ao toque. Ele segurou a maçaneta e a girou.

A porta se abriu.

Thomas a empurrou e fechou e correu de volta para sua cama, com o coração pulsando nos ouvidos. Ele olhou ao redor, perguntou-se sobre os muitos, muitos modos como mantinham controle sobre ele. Câmeras, microfones, sensores, quem sabia o que mais – alguns estavam em plena vista, outros ele sequer podia ver. O medo que sentiu de repente não era racional – tudo o que tinha feito fora entreabrir a porta e em seguida fechá-la. O CRUEL o tratara bem na maior parte do tempo. Ele sequer vira Randall havia muito tempo. Porque o calafrio súbito congelando seus ossos?

Eles observavam cada movimento seu – ele tinha certeza disso. Talvez fosse por isso que tinham parado de trancar as portas. Segundo acreditava, queriam que ele sáísse, para observá-lo, ver o que acontecia. Ou seria possível que sua obediência em ficar em seu lugar por todos aqueles anos tivesse sido o que lhe assegurara aquela ascensão ao topo junto com Teresa e aquelas outras duas crianças? Será que podia ser isso?

Levou algum tempo, mas seu coração finalmente se acalmou, e o suor que havia umedecido seu rosto e seus braços evaporou. Ele olhou fixamente para a porta, fingindo, até para si mesmo, que o que iria acontecer em seguida na verdade era algo aberto ao debate. Não era. E ele sabia disso. Algo teria de matá-lo para impedir que ele explorasse.

Mas ele tinha de ser inteligente em relação a isso. Ele iria esperar até anoitecer.

O medo se transformou em pura expectativa.

As horas se arrastaram.

Ele queria desesperadamente dormir para estar descansado para a excursão planejada, mas ele levou uma eternidade para finalmente apagar, e aí chegou o jantar e acabou com tudo. Ele comeu, descansou e tornou a dormir.

Ele acordou assustado em um quarto escurecido. Preocupado que tivesse desperdiçado a noite inteira, ele rapidamente verificou a hora, apenas alguns minutos depois da meia-noite. Tomou uma ducha rápida para espantar o sono, vestiu-se e, em seguida, viu-se outra vez diante de sua porta, hesitante, cheio de dúvidas. Ele podia arruinar tudo andando pelos corredores. Arruinar a chance de trabalhar no projeto louco, insano, do CRUEL para construir gigantes labirintos subterrâneos. Arruinar sua chance de estar com Teresa e os outros.

Ele deu um suspiro, com raiva pela redução de seu entusiasmo. Talvez houvesse um mecanismo de tempo, e a porta *estivesse* trancada. Ah, bem. Eles não iam castigá-lo por abrir a droga de uma porta, nem mesmo por se aventurar no corredor. Ele sempre podia dar uma olhada e então voltar se parecesse errado.

Algo estalou, e então a porta se abriu vários centímetros na direção dele.

No início, ele não entendeu o que tinha acontecido – ele na verdade olhou para as mãos tentando ver se elas tinham agido por conta própria e girado a maçaneta. Mas elas estavam ao seu lado, com as palmas suadas. Não, alguém tinha aberto a porta pelo outro lado.

Ele projetou a cabeça em torno do batente, e seu coração deu um pulo quando ele viu um completo estranho olhando fixamente para ele. Um menino aproximadamente de sua idade. Não, *não* um estranho. O garoto apenas parecia diferente porque o cabelo louro não estava coberto com uma atadura e ele estava um pouco mais velho.

– Oi, eu sou Newt – sussurrou o garoto. – E sei muito bem quem é você. E é por isso que resolvemos finalmente buscá-lo. Vamos, quero lhe mostrar uma coisa.

Thomas nunca tivera de pensar tão rápido. Mil coisas passaram por sua cabeça nos dois ou três segundos antes de responder a Newt. Será que devia realmente ir com o garoto, ou bater a porta na sua cara? Como Newt podia ter conseguido aparecer exatamente no momento em que Thomas descobrira sua porta destrancada e planejava sair por conta própria? Em um lugar como o CRUEL, ele não acreditava em coincidências – qualquer coisa podia ser alguma espécie de teste. O que esse garoto queria mostrar a ele? Seria uma armadilha? Será que devia convidá-lo a entrar em seu quarto e questioná-lo sobre isso. E se...

– Está bem – disse ele por fim, saindo no corredor. Ele fechou a porta a suas costas, em seguida conferiu para se assegurar que ela não iria trancá-lo do lado de fora. Não trancou. Ele se virou para Newt e perguntou.

– Podemos levar Teresa conosco? Ela está bem ao meu lado.

Newt bufou.

– Isso não é uma festa do pijama. – Mas então ele deu um sorriso malicioso. – Na verdade eu a acordei antes de vir buscar você. Ela está se vestindo. Nós a pegamos e vamos. Só temos uma ou duas horas.

Thomas foi até o 31K e abriu a porta, ainda assombrado. Nenhuma das portas ficava trancada? Sério? Quando ele entrou, Teresa estava sentada a sua mesa, totalmente vestida. Ela se levantou imediatamente, parecendo pronta para brigar, quando registrou que seu intruso era Thomas.

– O que... – começou ela, mas não terminou. – Você sabe... – Ela também não completou.

– Tudo o que sei é que tem um garoto chamado Newt no corredor – disse Thomas para Teresa. – E ele diz que tem alguma coisa para nos mostrar. E eu acho que devíamos ir.

Ela estava ao seu lado e abrindo a porta antes que ele pudesse terminar a última frase.

– Então está bem – disse ele enquanto a seguia para o corredor.

– Oi de novo – disse ela para Newt, que respondeu com um amistoso aceno de cabeça.

– Nós ouvimos falar de vocês dois – disse o garoto novo. – E aquelas crianças, Aris e Rachel. – Se não fosse pela expressão simpática em seu rosto, Thomas teria desconfiado de suas palavras diretas.

– O que está acontecendo? – perguntou Thomas. – E você tem certeza de que não há problema? E se nos pegarem?

– Pare de ficar se preocupando – respondeu Newt. – Se eles nos pegarem, o que vão fazer? Trancar você no seu quarto?

Thomas sabia exatamente o que eles podiam fazer – retirar a nova oportunidade com os labirintos. Ele tentou comunicar isso a Teresa com os olhos. Talvez aquilo fosse uma péssima ideia.

– Faz sentido – disse Teresa, olhando de volta para Thomas com uma expressão que o provocava a desafiá-la. – Vamos. – Ela fez uma pausa. – Espere, aonde estamos indo mesmo?

Newt deu uma risada pelo nariz.

– Tudo a seu tempo. Vamos conhecer Alby e Minho.

Com essas palavras, Thomas não pôde dizer não.

Suor escorria pela nuca de Thomas enquanto Newt o conduzia através de vários corredores, por portas, subindo e descendo escadas. Quem precisava de um labirinto quando o próprio complexo servia como um? Thomas esperava que o dr. Leavitt ou alguém pior surgisse a qualquer minuto e os pegasse no ato. As coisas pareciam melhores naquele dia, ele não queria mesmo arruinar aquilo. Mas afinal, ele estava se divertindo como nunca. Era bom correr um risco, caminhar à beira do abismo.

Eles acabaram em um corredor mal iluminado no subsolo onde a última porta tinha um letreiro que dizia: MANUTENÇÃO.

– Este é nosso esconderijo favorito – disse Newt, com orgulho na voz. Ele abriu a porta e os conduziu para o interior de uma sala grande e empoeirada cheia de mesas de madeira, equipamento de limpeza, caixas e um milhão de bugigangas.

– Como vão, cavalheiros?

A saudação veio de Minho – o garoto que Thomas conhecera no corredor durante o dia louco dos implantes. Ele parecia muito mais feliz agora do que antes, gritando e berrando como se o mundo tivesse acabado. Thomas se perguntou se ele sequer se lembrava do suplício.

– Quer parar de dizer *cavalheiros*? – disse outro garoto, de pele morena e mais velho, com os olhos mais inteligentes que Thomas já vira. – Não é engraçado, e está me dando nos nervos.

A repreensão não intimidou Minho nem um pouco. Ele se aproximou com um sorriso no rosto e abraçou Thomas, depois Teresa, a última coisa que qualquer um deles esperava. Mas Thomas tinha de admitir que a sensação era muito boa. A dra. Paige podia ser uma senhora simpática, mas ele não sentia aquele tipo de calor em anos. Talvez não desde que dissera adeus para sua mãe.

Teresa pareceu tão surpresa pela situação quanto ele, mas ela também estava com um leve sorriso no rosto. Eles estavam se *divertindo*.

– Vocês dois parecem bem mais legais do que eu imaginei – disse Minho, recuando. – Eu esperava dois esquisitões de cabelo seboso e dentuços citando Shakespeare e escrevendo problemas de matemática nas mãos. Vocês na verdade parecem meio normais!

– Obrigado? – disse Thomas como uma pergunta.

O outro garoto se adiantou e empurrou Minho da frente.

– Eu sou Alby – disse ele. – É um prazer conhecê-los. Minho, dessa vez, até que tem razão. Com todos os rumores sobre vocês, sujeitos importantes, nós não sabíamos o que esperar. E é por isso que os trouxemos aqui hoje. Para conhecer vocês. É bom ver que não são de todo ruins, aparentemente.

Foi a vez de Teresa dizer obrigada com um ponto de interrogação. Isso fez todo mundo rir e quebrou um pouco o gelo.

– Então – disse Thomas, sem saber ao certo por onde começar. – Há quanto tempo vocês têm saído às escondidas assim? Obviamente não é a primeira vez.

– Não – respondeu Alby. – Fica muito chato seguir todas as regras deles, fazer tudo o que nos mandam fazer. Ah, sim, eles podem saber o que estamos fazendo, nós não somos idiotas. Mas, ei, até eles virem e

nos mandarem parar, nós não vamos parar. – Ele se virou para Minho e Newt. Estou certo, rapazes?

Minho deu vivas, e Newt fez tediosamente sinal de positivo com o polegar.

– Quais são todos esses rumores sobre nós dos quais ficam falando? – perguntou Teresa. – E por que ficamos isolados de vocês? Parece que vocês três se conhecem há anos. Thomas e eu *acabamos* de nos conhecer. – Ela olhou para ele, e algo em seus olhos disse que ela quase tinha mencionado os labirintos, mas havia se segurado no último segundo. Que os labirintos, por enquanto, deviam ser segredo deles.

Newt, sentado em um banco perto da parede, respondeu às perguntas dela.

– Honestamente, não sabemos o que há de diferente em vocês e naqueles outros dois. O resto de nós tem dividido o refeitório, ido às mesmas aulas, e tudo isso há mais de um ano. Em minha opinião, ou vocês são muito mais inteligentes ou muito mais burros do que nós.

– Somos mais inteligentes, é óbvio – disse Teresa. Sua resposta petulante pegou todos de surpresa por um instante, mas então Alby bateu palmas e riu, e o gelo quebrou um pouco mais.

– Nossa, eu gosto de vocês, caras – disse ele.

– Olhem – falou Minho. – Por mais que eu quisesse dizer que estamos apenas sendo legais convidando vocês aqui em baixo, acho que vocês sabem que há uma razão.

– É claro – respondeu rapidamente Teresa.

Minho balançou a cabeça afirmativamente, com uma expressão avaliadora nos olhos.

– Bom. Bom. Nós temos ideias. Planos. Nada sólido. Nada louco demais. Mas a informação é fundamental, e achamos que estamos no escuro sem conhecer vocês dois. Embora vá levar um tempo até haver confiança completa. É justo?

– Justo – respondeu Thomas. – Vamos dizer a vocês o que sabemos se vocês nos disserem o que sabem.

Minho sorriu.

– Legal. Mas não vamos depressa demais. Vai haver várias outras chances de conversar. Primeiro queremos só conhecer vocês, talvez lhes mostrar um pouco do lugar. Nos divertirmos um pouco. As coisas sérias podem vir em algumas semanas, mais ou menos. Quando conhecermos vocês melhor. Tudo bem?

Thomas e Teresa olharam um para o outro e deram de ombros. Os dois viraram de volta e disseram sim.

Newt pulou de seu banco e foi até a porta.

– Vamos sair daqui antes que fiquemos com claustrofobia – disse ele. – Conheço um bom lugar para começar o tour. Vamos lhes mostrar o Grupo B.

Thomas nunca tinha ouvido falar nas palavras *Grupo B* antes, mas elas sem dúvida despertaram seu interesse. Ele também percebeu uma sombra encobrir o rosto de Newt quando ele falou aquilo, e uma expressão de desconforto passar por seus amigos Alby e Minho.

Havia algo estranho naquilo, o que apenas intrigou Thomas ainda mais.

Newt conduziu seu pequeno grupo de cinco pelo corredor do subsolo até chegarem a uma porta pequena e sem identificação que dava apenas até a cintura de Thomas. Ela tinha um trinco e um cadeado, mas a fechadura havia sido arrombada muito tempo atrás, sua superfície coberta de ferrugem laranja – aquela área do CRUEL era obviamente pouco frequentada. Newt se abaixou e abriu a portinha, em seguida passou engatinhando. Thomas lançou um olhar intrigado para Alby, e este se inclinou para perto para sussurrar algo em seu ouvido.

– Isso é meio que um ritual para nós. – Teresa se aproximara para poder ouvir também. – Newt cria razões para que isso aconteça. Sabe, eles têm a irmãzinha dele aqui, e quando ele diz que quer ir vê-la... Bem, descobrimos há alguns meses que é melhor você simplesmente ir junto ou vai ter problemas. Você me entendeu? Família, cara. Algo que a maioria de nós não tem mais. Vamos.

A viagem foi empoeirada, envolvendo escadas e passagens sujas pouco mais largas que os quadris de Thomas. Minho disse algo sobre aquela ser uma rota de fuga secreta de anos atrás. Ninguém sabia na verdade qual tinha sido o propósito original do prédio antes de ser ocupado pelo CRUEL.

Eles finalmente chegaram a seu destino, uma espécie de mezanino pontilhada de janelas sujas de onde avistavam um grande alojamento repleto de beliches. E aqueles beliches estavam cheios de crianças dormindo. Thomas forçou os olhos, olhando as fileiras de alto a baixo. Até onde podia dizer, com base no comprimento dos cabelos, do que podia dizer dos rostos iluminados pela luz escassa – não havia um único menino sequer em todo o salão.

Thomas não sabia o que pensar. Era um contraste muito grande com os quartos particulares nos quais ele e Teresa dormiam.

– Eles nos chamam de Grupo A – explicou Alby. – E esse é o Grupo B. Nós somos todos garotos, elas são todas garotas. Como Aris e Teresa aqui se encaixam nisso, eu não entendo. Acho que faz sentido nos separar. Quem sabe.

– Então vocês vivem em um lugar como esse? – perguntou Teresa.

Minho respondeu:

– É. Mas acho que eu aguentaria ser transferido para o Grupo B. Alguém me lembre de fazer uma solicitação.

– Por que nós somos... – Thomas calou-se. A pergunta era óbvia, e ele de repente teve aquela sensação absurda de que se ele a fizesse, pareceria estar se gabando.

– Especiais? – perguntou Alby. – É isso o que esperamos descobrir com vocês.

– Parece que vocês sabem mais do que nós – disse Teresa com voz distraída. Sua mente estava girando. Thomas percebeu. Ele desejou poder dar uma espiada no interior de seu cérebro, ver o que se agitava ali.

Ele olhou para Newt. O garoto estava parado em silêncio, olhando através de uma janela a alguns metros deles. Thomas caminhou até ele.

– O que você está olhando? – perguntou Thomas, embora ele soubesse.

Newt fungou, e Thomas percebeu pela primeira vez que o menino estava chorando.

– Você a vê? – disse ele, a ponta de seu indicador tocando o vidro. – Fileira do fundo, a primeira da esquerda.

Thomas viu uma menina enrolada embaixo de um cobertor, os braços envoltos em torno de um travesseiro, cabelo escuro caindo para fora.

– Sim. Aquela é sua irmã?

Newt olhou para ele com surpresa.

– Isso mesmo. O nome dela é Lizzy. – Houve uma longa pausa, durante a qual sua cabeça baixou até repousar contra a janela. – Pelo menos, costumava ser. Eles podem achar que fizeram lavagem cerebral em todos nós com nossos nomes novos, mas eu não vou nunca me esquecer do dela.

– Para qual eles mudaram? – perguntou Thomas.

– Sonya. – Sua voz estava cheia de amargura. – Pode acreditar nisso? Eles a rebatizaram de *Sonya*. – Ele tossiu. Ou soluçou. Alguma coisa. Os olhos dele brilharam na penumbra. – E o CRUEL é muito mau em relação a isso. Eles não me deixam vê-la, e tive de fingir ter me esquecido de tudo ou eles... me castigam.

Thomas ficou atônito. Pela primeira vez desde que o homem chamado Randall o machucara, sentiu uma raiva súbita e repentina das pessoas por trás de tudo aquilo. Raiva do CRUEL. Ali estava um menino, a alguns metros da própria irmã, e ele tinha de fingir não conhecê-la.

– Fiz o que eles me pediram, parei de usar meu nome real – prosseguiu Newt. – Acho que fui um dos últimos a aceitar. Mas do dela eu nunca vou me esquecer. Eles vão ter de me matar primeiro.

– Sinto muito – sussurrou Thomas, sem saber ao certo o que dizer. Seu próprio coração doía pensando na mãe, e como seria impossivelmente difícil se ela estivesse deitada em uma cama no alojamento abaixo dele. Como ele poderia *não* quebrar o vidro e ir até ela? Como?

Newt se aprumou e enxugou as lágrimas dos olhos. Ele não parecia ter nenhuma vergonha de deixar alguém vê-lo chorar.

– As coisas funcionam desse jeito, Tommy – disse ele, sua voz não muito firme. – O mundo lá fora foi para o inferno. Por que devíamos esperar qualquer coisa diferente aqui? Pelo menos eu posso vê-la, ali, dormindo em paz. Quantas pessoas neste mundo não cortariam o próprio braço para poder dizer isso sobre alguém que amam e está morto e desaparecido? É como as coisas funcionam.

Ele disse aquilo como se eles fossem amigos por anos.

Teresa chegou por trás de Thomas e se apoiou contra suas costas.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

– Está – disse ele. – Newt estava só me mostrando sua irmã, lá embaixo.

– É melhor não abusarmos da sorte hoje – disse Alby. – Vamos dar uma cochilada até a hora de acordar, depois fazer isso tudo de novo amanhã. O que vocês acham?

Todo mundo concordou. Enquanto caminhavam de volta, um silêncio sombrio pairava sobre eles, e a jornada pareceu muito mais longa do que antes. Thomas esperara que eles tivessem tempo para comparar o que sabiam e não sabiam, mas parecia que ele teria de aguardar. Eles se despediram, e seus caminhos se separaram.

Thomas voltou para o quarto sem incidentes, disse boa-noite para Teresa – rapidamente, preocupado que alguém pudesse aparecer no corredor – e em seguida entrou e caiu na cama sem se despir. Ele pegou no sono mais rápido do que poderia imaginar depois de tudo o que havia acontecido.

Por toda sua noite encurtada, ele sonhou com Newt e Sonya.

Com Newt e Lizzy.

Os dias e as noites que se seguiram passaram em um turbilhão de descobertas e exaustão; Thomas dormia menos de três ou quatro horas por noite. O despertador de manhã era como um punhal em seu crânio, e sua cabeça nunca parou de doer durante os dias muito, muito longos de aulas. Ele esperava que a dra. Paige, o dr. Leavitt ou um de seus professores comentassem sobre suas escapadas noturnas, ou pior, que um guarda armado do CRUEL o levasse para uma cela de detenção. Mas ninguém agiu como se houvesse algo fora do normal.

Em sua segunda noite de exploração, eles descobriram um laboratório enorme com tonéis fétidos de líquido fumegante, pelo menos duas dúzias deles. Até na parte mais profunda da noite, funcionários em trajes de segurança completos trabalhavam em meio aos velhos tanques, fazendo todo tipo de testes. Algumas vezes, Thomas e os outros avistavam o que pareciam ser peixes grandes ou tentáculos se movendo sob o vapor, rompendo a superfície de qualquer líquido repulsivo onde estivessem nadando. Aquilo tudo intrigou até Newt, que disse que eles estavam observando o local havia meses.

Eles vasculharam os escritórios administrativos na terceira noite, chegaram a flagrar um homem e uma mulher que ficaram para trás depois do horário de trabalho para namorarem um pouco escondidos. Alby quase não deteve Minho a tempo antes que ele desse um pulo e matasse de susto o pobre casal. Thomas quase desejou que ele tivesse deixado que isso acontecesse.

A quarta e a quinta noites foram cheias de novas aventuras – mais laboratórios, os refeitórios e uma grande instalação esportiva da qual Thomas nunca sequer ouvira falar. Eles encontraram uma sala de hospital onde aparelhos complexos que pareciam máscaras pendiam sobre cada leito, tubos e fios saindo deles como as pernas de uma aranha monstruosa, guarnecidos com todo tipo de equipamento de monitoramento. Thomas queria desesperadamente ficar mais tempo e descobrir para que serviam aquelas coisas, mas Alby tirou-os dali rapidamente. Era a primeira vez que Thomas o via realmente agitado, com gotas de suor cobrindo a testa. Algo o deixara nervoso.

Era divertido. Excitante. Aterrorizante. Revigorante. Em todos os anos desde que o CRUEL pegara Thomas, ele nunca se sentira tão vivo. Podia sentir os laços de confiança crescendo entre eles, embora ele ainda não tivesse ideia de aonde aquela confiança iria levar. Era como se o propósito original de seu chamado tivesse sido perdido em uma amizade crescente.

Alby, Minho, Newt, Teresa.

Thomas tinha *amigos*.

Newt estivera prometendo a eles que estava guardando algo especial, e ele fazia aquele sinal irritante de fechar a boca com zíper sempre que Thomas ou Teresa lhe perguntavam o quê – dedos juntos passando sobre a boca bem fechada e apertada. A pequena luz em seus olhos mostrava que ele saboreava cada segundo da tortura.

Independentemente de aonde eles estavam se dirigindo em qualquer noite, eles sempre se reuniam na sala de manutenção no subsolo. A sala velha e empoeirada tinha se tornado uma espécie de santuário para o grupo. Depois de sua terceira escapada, Newt parou de acompanhar Thomas e Teresa até ali – eles sabiam o caminho –, e a excitação de andar às escondidas pelos corredores escuros do CRUEL apenas se tornava mais agradável a cada vez que Thomas fazia isso.

Ele bateu de leve na porta de Teresa, e ela a abriu imediatamente. Ela colocou a cabeça para fora com cautela e olhou de um lado para outro do corredor para se assegurar de que a barra estava limpa.

– Está bem – disse ela na quarta noite quando se juntou a ele e fechou a porta. Ela não conseguia esconder o sorriso que florescia em seu rosto. – O que você acha que é esta noite? – Eles saíram andando.

Thomas fez o gesto de Newt de fechar os lábios com zíper, e isso lhe valeu um cutucão forte nas costelas.

– Ai – disse ele secamente, e eles apertaram o passo.

Minho e Alby estavam lutando quando eles entraram na sala de manutenção. Por um segundo, Thomas achou que fosse uma briga de verdade, mas então Alby soltou uma grande gargalhada quando fez uma manobra que virou Minho de costas com um grunhido.

– Dessa vez, não, otário! – gritou Alby. Ele apertou o antebraço sobre o peito de Minho, e Newt bateu três vezes no chão.

Alby pulou de pé, de braços erguidos em uma dança da vitória.

Minho também se levantou e limpou a poeira. Ele soltou algumas palavras que Thomas costumava ouvir o pai dizer, depois acrescentou um nada sincero “bom trabalho”. Alby pareceu levar tudo como cumprimento. Aquilo significava que ele tinha vencido.

– Tudo bem, então – disse Newt, esticando os braços acima da cabeça e soltando um bocejo. – Vamos em frente com isso, sim?

– Qual a grande surpresa desta noite? – perguntou Thomas. – Aonde estamos indo?

Newt olhou para o teto.

– Bom, nós já fomos praticamente de um lado a outro deste lugar.

Foi difícil para Thomas não olhar para Teresa. A verdade era que Newt e seus amigos não tinham ideia do que se escondia sob seus pés. Com ou sem confiança, porém, Thomas e Teresa não podiam

compartilhar a informação sobre a caverna do labirinto. Ele estava apenas chocado que, com toda sua exploração, os outros ainda não a houvessem encontrado por conta própria. E, supostamente, devia haver dois labirintos. Como Newt e seus amigos não tinham esbarrado com nenhum deles?

– Tommy?

Thomas percebeu que Newt estava olhando fixamente para ele, de sobrancelhas erguidas.

– Desculpe – disse ele embaraçado. – Eu me distraí por um instante. O que você disse?

Newt sacudiu a cabeça em censura.

– Tente acompanhar, Tommy. Você está pronto para ver o grande exterior?

*

Eles subiram uma escada escondida por trás de uma parede de blocos de concreto, seu propósito original era um mistério para Thomas. O prédio fora construído muito antes do surgimento de qualquer organização chamada CRUEL, e a escada provocava uma sensação sinistra, como se tivesse sido colocada sem o conhecimento dos projetistas originais. Instalada ali para a realização de atos sorrateiros.

Thomas engasgou com a poeira enquanto eles subiam – degrau por degrau, sempre para cima. De algum modo ele ficara por último, por isso tinha quatro pessoas acima dele soltando com os pés terra, cascalho e qualquer coisa que tivesse se acumulado ao longo dos anos. Até alguns pregos caíram, um deles quase perfurando seu globo ocular direito.

– Ei, vocês aí em cima podiam tomar mais cuidado? – gritou aos sussurros para o grupo mais de uma vez. A única resposta foi uma risada, e ele teve quase certeza de que Minho era o culpado.

Por fim, depois de subirem o que deviam ser dez andares, eles chegaram a uma plataforma de aço que mal era grande o suficiente para abrigar os cinco. Havia uma porta de metal pesada, empenada e enferrujada, parecendo um dente feio, na parede de cimento a sua esquerda. A única coisa na porta que não parecia ter cem anos era a maçaneta, de um prata brilhante de tanto ser esfregada pelo uso.

– Quantas vezes vocês fizeram isso? – perguntou Teresa.

– Uma dúzia? – respondeu Alby. – Talvez quinze? Não sei. Mas vocês não têm ideia de como é bom respirar um pouco de ar fresco. Estão prestes a ver por si mesmos. Ah, cara, e o som do oceano a distância? É incomparável.

– Eu achava que o mundo exterior fosse uma terra devastada – disse Thomas, sentindo como nunca a excitação no estômago. – Radiação e calor e essas coisas todas? Coisinhas conhecidas como chamadas solares?

– Sem falar nos Cranks – acrescentou Teresa. – Como vocês sabem que não há Cranks lá fora?

– Ei, gente – disse Minho, erguendo a mão como se pedisse para irem mais devagar. – Vocês acham que somos idiotas? Nós teríamos ido lá quinze vezes se tivéssemos perdido um dedo para um Crank cada vez, ou tivéssemos nossas partes íntimas destruídas por radiação? Ah, parem com isso.

Newt agitou os dedos diante do rosto de Thomas.

– Ainda tenho todos eles. E por enquanto não estou preocupado com as coisas lá embaixo.

Uma risada explodiu da boca de Thomas, espirrando perdigoto por todo lado.

– Desculpem – disse ele, esfregando os lábios na manga.

Alby assumiu a conversa com um pouco mais de sensatez.

– As coisas estão começando a melhorar lá fora. Além disso, nós estamos mais para o Norte, que não foi tão atingido. Nós vimos neve nas árvores algumas vezes.

– Neve? – repetiu Teresa, soando tão chocada quanto se ele tivesse dito *alienígenas*. – Você está falando sério?

– Sim.

– Chega de conversa – disse Newt. – Minho, abra-a.

– Sim, senhor! – exclamou Minho. Ele segurou a maçaneta e a empurrou com um grunhido de esforço.

Houve um alto clangor metálico; em seguida a porta se abriu para fora com um ranger das dobradiças.

Uma brisa forte soprou pelo duto da escada quando ar pressurizado escapou do complexo, como se correndo para a liberdade. Ele agitou as roupas de Thomas quando passou por ele, dando-lhe um leve calafrio, e a expectativa do que o aguardava perfurava-o com tanta força que ele mal conseguia se conter. Minho saiu primeiro, depois Alby. Newt gesticulou para que Teresa fosse em seguida, e ela fez isso, mas não antes de lançar um último olhar para Thomas. Os olhos dela diziam um milhão de coisas, mas ele não conseguiu decifrar nenhuma delas.

– Você é o próximo, Tommy – disse Newt. – Tente não bater a cabeça, está bem?

Thomas se abaixou para passar pela pequena abertura e saiu em uma plataforma larga de concreto, o ar no exterior limpo e fresco. Toda a lembrança do tempo anterior ao CRUEL quando ele tinha permissão de sair lá fora voltou repentinamente para ele, junto com ternura, calor e suor. Era estranho mas fantástico sentir uma pontada tão refrescante de ar fresco – assim como previra Alby – e ouvir as ondas do oceano quebrando em penhascos rochosos a distância.

– O que vocês acham? – perguntou Minho.

Thomas olhou ao redor, embora não pudesse ver muito na escuridão. Luzes brilhavam de algum lugar acima, obscurecendo ainda mais sua visão. Tudo o que ele podia identificar era a plataforma, com uma grade em torno da borda, e um mar de escuridão além. O céu mostrava os mais leves pontos das estrelas.

– Não consigo ver muita coisa – respondeu Thomas depois de um momento de silêncio. – Mas, cara, a sensação é ótima.

– Eu falei para vocês – disse Alby. Thomas podia ouvir o sorriso em sua voz.

– Tem uma calha ali – observou Newt, debruçando-se sobre a grade no canto da plataforma. – Ela tem reentrâncias, está vendo? Facilita para descer, mas é um esforço meio grande para subir de volta. Um pouco de suor, porém vai ser bom para vocês.

– Vamos mostrar a floresta para eles – disse Minho. – Talvez tenhamos sorte e vejamos um cervo. E talvez ele nos deixe acariciá-lo.

Thomas tinha a sensação de que nunca saberia se Minho estava brincando ou não. Ele usava o mesmo tom – suas palavras cheias de diversão – não importava o que saísse de sua boca.

Alby passou por cima da grade de proteção e começou a descer. Newt fez com que Thomas fosse o segundo dessa vez. Seus dedos doeram quando ele agarrou as reentrâncias da calha. Por sorte, a viagem não era nem de perto tão longa quanto a subida pela escada no interior. Quando os pés de Thomas finalmente aterrissaram em terra fresca, pareceu que ele estava pisando em um planeta alienígena.

Ele parou ao lado de Alby enquanto esperavam que os outros se juntassem a eles. Não havia neve, mas um travo frio no ar que indicava que ela talvez não estivesse muito longe.

– O que tem lá fora? – perguntou Thomas, gesticulando para o grande espaço aberto que terminava no muro negro da floresta. – Nós podemos mesmo simplesmente sair andando daqui? Por que nós iríamos voltar?

– Confiem em mim – respondeu Alby. – Nós já pensamos sobre isso. Conversamos sobre reunir um monte de comida e tentar fugir. Mas... as chances, cara. Quem sabe quanto tempo nós iríamos durar. Porém há muito mais do que isso: as coisas são melhores lá dentro. Somos alimentados, é quente, não tem Cranks... Ainda assim, é algo sobre o que pensamos. – Pareceu haver mais em sua mente do que ele escolheu dizer.

Teresa foi a última a saltar o metro final da calha. Thomas viu Alby abrir a boca para dizer alguma coisa, mas antes que pudesse falar uma palavra, luzes ofuscantes se acenderam de todas as direções, junto com uma série de sons metálicos abafados, como se interruptores gigantes estivessem sendo ligados. Thomas protegeu os olhos e girou em círculo, mas não conseguia ver nada, cego pela luz.

Apertando os olhos, ele pôde aos poucos identificar três figuras altas que perfuravam a claridade. Elas se aproximaram, curvadas sobre alguma espécie de arma de mão, e, ao chegarem mais perto, Thomas pôde ver que usavam uniformes e capacetes. Um quarto homem surgiu por trás delas, e, quando se aproximou, as entranhas de Tommy pareceram se dissolver em algo tóxico. Era um homem que Thomas não via desde o dia em que lhe deram seu novo nome.

Randall. E parecia que ele tinha sido promovido do uniforme hospitalar verde.

– Vocês, garotos, na verdade não deviam estar aqui – disse. Ele parecia quase triste. – Mas não acho que precisem de mim para lhes dizer isso. Vocês são inteligentes o suficiente para ter descoberto isso por conta própria. Parece que precisamos lhes ensinar uma lição sobre os perigos do mundo exterior. Fazer com que vocês apreciem o que o CRUEL faz por vocês só um pouquinho mais. – Seu discurso tinha uma cadência estranha, como se estivesse recitando algo que havia memorizado e praticado de antemão.

Ele apontou para Newt.

– Aquele não é imune. Levem-no de volta para seu quarto e chamem um médico para examiná-lo. Depressa!

Quando um dos guardas se moveu na direção de Newt, Randall deu um suspiro alto, em seguida agitou a mão na direção de Thomas e dos outros.

– Levem o restante para os poços de Cranks.

Thomas não sabia quando aquilo havia começado, mas ele e Teresa tinham dado as mãos. Eles estavam parados juntos, compartilhando seu medo repentino do que estava prestes a acontecer, preocupados com o castigo. Um dos guardas, uma mulher, se aproximou deles.

– Não fiquem com medo – sussurrou ela. – Randall só quer lhes dar uma lição rápida sobre os perigos de ir lá fora. É para seu próprio bem, e vocês vão ficar em segurança. Façam apenas o que dissermos, e isso vai acabar logo. Combinado?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente; as palavras *poços* e *Cranks* ainda estavam reverberando por sua mente. Quantas vezes em sua vida ele ouvira falar nos Cranks, pessoas com o Fulgor que estavam completamente loucas? Que não eram mais que animais consumidos por sede de sangue?

O que Randall quisera dizer? *Aonde* eles estavam sendo levados?

– Vamos lá agora – disse a guarda para ele, estendendo a mão e pegando seu braço com delicadeza. – Se cooperar, vai estar de volta em seu quarto bem e em segurança antes que perceba, e com tempo suficiente para um cochilo rápido antes de começar o dia.

Teresa estava apertando a mão dele com tanta força que doía. Mas ele balançou a cabeça afirmativamente e seguiu a guarda quando ela saiu andando, afastando-se da calha, conduzindo-os por uma trilha que seguia o contorno do complexo do CRUEL. Outro guarda caminhava com Alby e Minho. Os dois pareciam tão surpresos quanto Thomas.

O terceiro guarda permaneceu no prédio, com Newt ao seu lado, olhando para o chão com expressão ilegível. Thomas procurou por Randall, mas o homem estava ao telefone, a vários metros de seu amigo.

Thomas os perdeu de vista quando eles fizeram uma curva, mas não conseguiu esquecer o que Randall dissera sobre Newt – que ele não era imune. Até aquele momento, Thomas não tinha se dado conta das implicações enormes disso. Então, por que Newt estava ali se não era um Privilegiado?

A voz de Teresa o arrancou de seus pensamentos.

– Você não pode nos dizer aonde estamos indo? – perguntou ela. – O que são os poços de Cranks?

O pequeno grupo continuou a andar, seguindo a trilha. A mulher não respondeu, nem o guarda que escoltava Alby e Minho, apenas alguns passos atrás. Os sons do oceano e o cheiro de sal e pinho enchiam o silêncio.

– Responda a ela – pediu Thomas. – Por favor. Nós não fizemos nada de errado, estávamos apenas explorando. O que somos? Prisioneiros?

O silêncio continuou.

– Diga alguma coisa! – gritou Teresa.

Sua guarda girou para encará-los.

– Vocês acham que eu gosto disso? – repreendeu ela. Então, olhou ao redor como alguém pego roubando. Ela baixou a voz. – Desculpem. Sério. Simplesmente façam o que lhes dizem, isso torna as

coisas muito mais fáceis. Tudo o que vamos fazer é ajudar que vocês tomem consciência de por que é melhor ficar lá dentro.

Depois dessa afirmação agourenta, ela se virou e continuou a conduzi-los ao longo do exterior do prédio. Ninguém disse mais nem uma palavra.

Eles chegaram a uma estrada. Para a direita, atravessava sinuosamente alguns campos, depois desaparecia na floresta que assomava a distância. Para a esquerda, ela se encontrava com o próprio complexo do CRUEL e virava uma rampa íngreme que descia por baixo do prédio. Sem hesitar, o guarda pisou no asfalto e virou à esquerda, na direção do túnel escuro dez metros à frente deles.

Thomas ergueu os olhos enquanto a seguia. Viu as paredes altas de concreto das instalações do CRUEL, as estrelas delicadas espalhadas pelo céu escuro acima disso. Ele tinha torcido demais para ver a lua.

A estrada descia, e logo eles estavam abaixo do prédio, em um túnel largo sem luzes. Alguém devia tê-las desligado, porque não havia como manterem aquele lugar normalmente sem iluminação.

Ele ouviu um som que o fez parar onde estava. Era assustador, um som humano entre um grito e um gemido. Talvez não tão humano. Arrepios percorreram sua pele, e ele sentiu um tremor de horror atravessar seu peito.

Estava tão escuro que ele mal conseguia ver a silhueta de sua guarda quando ela parou e se virou para olhar para eles. Ela sacou uma lanterna, ligou-a e apontou-a para seus rostos, depois para a esquerda. Ela revelou um portão de ferro frágil, com corrente e cadeado em torno de suas barras para mantê-lo fechado. Sem dizer mais nada, o outro guarda deixou Alby e Minho e foi até lá, sacou uma chave, em seguida destrancou o cadeado. O chacoalhar alto da corrente sendo desenrolada ecoou pelo túnel.

O homem deixou a corrente cair no chão e abriu o portão.

– Entrem – disse ele. – Isso só serve para assustá-los. Eles na verdade não vão conseguir lhes fazer mal. Eu garanto.

– O que tem aí dentro? – perguntou Thomas.

– Cranks – respondeu a guarda em um tom simpático completamente incompatível com a própria palavra. – Às vezes apenas precisamos lembrá-los de como a doença é horrível.

– Eles não vão fazer mal a vocês – tornou a dizer o homem. A voz dele estava solene. – Eles vão matar vocês de medo, mas não vão machucá-los.

– Vamos lá, gente – disse Minho, passando pelo guarda. – Vamos ver o que tem dentro desse buraco do inferno. Thomas não queria fazer isso. Todo pesadelo que jamais tivera estava se acumulando em seu interior. Teresa corajosamente o sacudiu para que parasse com aquilo. Ela cruzou o portão, depois Alby. Thomas os seguiu.

A escuridão era a parte mais assustadora. Embora a guarda continuasse com a lanterna acesa atrás deles, parecia que o facho se perdia em uma névoa negra. Eles caminharam, um passinho de cada vez, por cascalho barulhento e desceram por uma trilha estreita cercada dos dois lados pela grade de ferro de uma cerca. As barras que se erguiam do chão eram espaçadas a um intervalo de cerca de quinze centímetros; duas barras compridas corriam pelo alto e pelo pé. Se houvesse alguma coisa do outro lado da cerca, Thomas não conseguia identificar.

– Isso é assustador – disse Minho em voz baixa, embora parecesse alta na escuridão imóvel. – Alby, segure minha mão.

– Cara, calma. – Foi a resposta de Alby.

Seus pés se arrastaram sobre o cascalho, provocando um eco que quase soava como sussurros. Thomas sentiu a claustrofobia avançar devagar, quanto mais longe eles iam. Ele teve de fazer um esforço enorme para não se virar e sair correndo. Eles seguiram em frente.

Logo chegaram a um muro de tijolos. A cerca dos dois lados levava direto a ele. Um beco sem saída. Isso apenas atizou as chamas do pânico de Thomas.

– O que agora? – perguntou ele, odiando o quanto o guincho em sua voz entregava seu medo. – Voltar?

– Com certeza voltar – respondeu Teresa. – Talvez isso tenha sido apenas um teste para ver se faríamos o que nós fomos...

Minho pediu que ela se calasse, levando um dedo aos lábios. Ele olhou para baixo, escutando. À luz mortiça que vinha de baixo deles, ele parecia um fantasma.

– Tem alguma coisa vindo – disse. Ele apontou para as barras à esquerda do muro de tijolos. – De trás disso.

Thomas se virou para onde Minho havia indicado e olhou fixamente para a escuridão além da cerca. Ele se esforçou para ouvir. E ali estava. Embora os quatro não estivessem se movendo, mal sequer respirando, o arrastar de passos ecoava pelo túnel. Thomas pensou ouvi-lo vindo de trás também e girou para olhar. Mas agora o som estava por toda parte, parecendo vir de todas as direções. Ficando mais alto.

– Cranks – sussurrou Alby. – Eles os jogam em uma cadeia horrível embaixo de seu próprio prédio. Legal.

Formas estavam surgindo à vista para corresponder ao arrastar das pegadas. Corpos.

– Acho que eles, na verdade, devem mantê-los em algum lugar – disse Minho. – Ou eles estariam apertados contra as barras enquanto caminhávamos até aqui. Acho que eles acabaram de libertá-los, como animais selvagens, para nos fazer uma visita.

Gemidos e murmúrios indecifráveis irromperam entre a multidão de Cranks que se aproximava, aumentando rapidamente. Thomas e seus amigos sem dúvida tinham sido vistos.

E então, como se um interruptor tivesse sido acionado, o ambiente se encheu com um som trovejante, ensurdecedor. Gritos e exclamações de angústia. Urros. Batidas de passos correndo na direção da grade. Thomas estremeceu com um medo avassalador enquanto por toda a volta deles Cranks batiam contra a cerca, corpos sobre corpos se comprimindo sobre aqueles que haviam chegado primeiro. Braços se estendiam através das barras, mãos se abriam e fechavam enquanto tentavam em vão agarrar Thomas e os outros.

Thomas estava parado no centro da passarela, com Teresa bem ao seu lado – Alby e Minho estavam a pouco mais de um metro de distância. Alby estava de costas para o muro de tijolos, virando a cabeça de um lado para outro sem parar, tentando ver tudo. Minho estava à frente dele, em posição de luta, como se isso fosse adiantar alguma coisa se as barras cedessem à pressão da multidão.

Thomas olhou para os Cranks, todos eles há tanto tempo passados à Insanidade que ele sentiu partes iguais de horror e pena. Os olhos das criaturas emanavam um vazio como ele nunca vira, e arranhões e carne rasgada cobriam os rostos e braços. Suas roupas eram imundas e cheias de sangue. Alguns gritavam, outros choravam, com lágrimas correndo pelo rosto. Outros falavam, com aspereza e rapidamente, palavras impossíveis de entender. Todos eles esticavam os braços sem parar, como se Thomas e os outros fossem sua única esperança de escapar daquela doença horrenda que arruinara suas mentes.

Uma mulher apareceu de repente, depois de abrir caminho à força até a frente. Com o rosto relativamente limpo, ela olhou fixamente para Thomas, seus lábios se movendo como se ela estivesse tentando pensar no que dizer. Então, ela começou a falar, sua voz trêmula e hesitante.

– Meus bebês meus bebês meus bebês meus bebês meus bebês meus bebês.

Essas duas palavras, repetidas vezes. Ela chorava o tempo inteiro, então, abruptamente, atacou as barras como um gorila raivoso, jogando o corpo contra a grade com fúria até finalmente cair. Parecia que ela tinha nocauteado a si mesma. Outros Cranks pisotearam a mulher enquanto tomavam seu lugar. Thomas sentiu uma tristeza arrasadora, um desespero sombrio que encheu seu peito.

– Acho que aprendemos nossa lição! – gritou Alby. – Vamos voltar, agora!

Thomas sacudiu a cabeça. O horror que os cercava de certa forma o havia hipnotizado, congelado em incredulidade. E era exatamente isso. Mesmo após ver o pai degenerar na casca raivosa de um homem, mesmo depois de todas as histórias escutadas ao longo dos anos, nada podia tê-lo preparado para aquilo. Ele não podia acreditar até ver por si mesmo naquele momento.

– Thomas, vá! – gritou Minho. Eles estavam enfileirados ao seu lado, todos parados no centro da passagem, permanecendo bem fora do alcance dos braços estendidos dos Cranks.

Thomas balançou a cabeça afirmativamente, não com medo como antes. Apenas mergulhando cada vez mais naquela sensação sombria. Aquilo tinha acontecido com sua mãe? Ela tinha chorado sem parar por seu bebê em sua loucura? Seus pés pareceram presos ao cascalho embaixo dele. Ele não conseguia se mover.

– Thomas – sussurrou Teresa em seu ouvido. – Está tudo bem. Isso. É por isso que estamos aqui. Nós vamos ajudá-los a encontrar uma cura. Salvar as pessoas disso.

A voz dela acendeu uma chama em seu interior. Fez com que ele sentisse alguma coisa. Ele se virou e saiu andando pelo caminho por onde tinham vindo. Ele não precisou olhar para saber que Teresa estava bem atrás dele. A mão dela estava na parte de baixo de suas costas como se ela sozinha o estivesse empurrando adiante. Cranks enchiam o túnel dos dois lados, uma massa infinita deles, as barras de ferro a única coisa que os impedia de destroçar sua próxima refeição.

Thomas olhou para os da esquerda. Para os da direita. Eles eram todos diferentes, e ele tentou se concentrar na única coisa que fazia de cada um deles um indivíduo: um rosto, cabelo, biótipo. Porque em todos os outros aspectos eles tinham se tornado um só. Uma massa ensandecida de loucura, completamente inconscientes dos próprios atos.

Thomas olhou direto à frente e viu alguém parado em seu caminho a alguns metros de distância. Ele engasgou e se deteve. Teresa bateu em suas costas. Medo se alojou em sua garganta, sufocando-o.

Era um homem. Ele não se parecia em nada com os Cranks atrás das barras, mas também não parecia estar bem. Seu cabelo louro estava sujo e despenteado; suas roupas, amarrotadas; os olhos, avermelhados. Mas o homem não tinha ferimentos que Thomas pudesse ver e estava parado ereto e imóvel, calmo. A coisa mais estranha de todas, porém, era que ele segurava um pequeno quadro-negro embaixo do braço. Sem falar, ele o sacou e usou o pedaço de giz na outra mão para escrever sobre a lousa. Então o homem o ergueu para que o grupo o lesse. As três palavras pareciam brilhar à luz mortiça:

CRUEL é bom.

O estranho apontou para a lousa e balançou solenemente a cabeça, com lábios trêmulos como se fosse chorar. Ele tornou a guardar o quadro embaixo do braço.

Thomas estava prestes a falar quando o homem se virou e saiu andando. O garoto não sabia mais o que fazer além de segui-lo – a única outra escolha era mergulhar mais fundo nos poços de Cranks outra vez. Dos dois lados, os Cranks berravam, urravam e rangiam os dentes, com braços sempre estendidos. Eles tinham quase se transformado em ruído de fundo para Thomas, de tanto que sua concentração estava fixa no estranho a sua frente.

Thomas seguiu o homem, entrou no túnel com portão até que percebeu que os sons horrendos dos infectados tinham diminuído. Finalmente o homem estendeu a mão para o portão que levava de volta ao túnel principal, abriu-o e o atravessou. Os guardas, que ainda estavam onde eles os haviam deixado, observaram o desenrolar de toda a série de acontecimentos; então um deles se adiantou, pegou a corrente e tornou a trancá-la. Os sons dos Cranks agora eram ecos distantes do que podia ser praticamente qualquer coisa.

Thomas e os amigos permaneciam agrupados, um círculo instintivo de proteção. Alby e Minho estavam mais quietos do que jamais estiveram, e Teresa parecia tão abalada quanto Thomas se sentia. Ele não conseguia tirar os olhos do homem com o letreiro estranho. *CRUEL é bom*.

Enquanto Thomas refletia sobre aquilo, o homem caminhou até mais perto de seu pequeno grupo até parar a menos de um metro deles. Ele levou um segundo para olhar nos olhos de cada um deles em separado; em seguida falou pela primeira vez.

– Vocês provavelmente estão se perguntando quem sou eu – disse ele. Sua voz era perturbadora. Por demais... alegre para se encaixar nas circunstâncias. – E deviam mesmo. Vocês já viram o fardo que tenho de suportar, o peso que preciso carregar por aí comigo. Três palavras, meus amigos. Só três palavras, mas espero que esta noite elas tenham ensinado a vocês que são as três palavras mais importantes do mundo.

– Quem é você? – disse Alby, pergunta em que todos estavam pensando (Thomas, sem dúvida, estava). – Você... trabalha aqui?

O homem balançou a cabeça afirmativamente.

– Meu nome é John Michael. Eu... – Ele fez uma pausa para tossir, apertando a mão contra o peito. – Eu era muito... essencial para esta organização. Há muito, muito tempo. Era eu. Era... eu... quem recolhia os sobreviventes. Os líderes. Eu os reunia aqui. Eu tive a ideia, meus amigos. Eu... tive a... *ideia*! – A última palavra saiu em um grito, e perdigoto voou de sua boca.

Thomas deu um passo para trás, os outros se moveram junto com ele.

– Mas aí, sabem – prosseguiu John Michael, os olhos um pouco mais arregalados, seu comportamento um pouco mais confuso. – Aí eu peguei o Fulgor. O... maldito... Fulgor. Eu lutei tanto para ajudar nossos

irmãos humanos. – Ele baixou a cabeça, e lágrimas correram por seu rosto. – Não é justo que logo eu pegasse. Logo vou estar vivendo com... – Seu olhar passou por eles e se concentrou nas jaulas do outro lado do túnel. Os poços.

– Mas enfim... Não – disse ele. – Não, nós não vamos permitir um fim tão indigno para mim. Não para mim. Não para o homem que deu início à Coalizão Pós-Chamas, que lutou por sua sobrevivência, que alertou sobre sua importância. Você jogaria alguém assim naqueles poços? Eu pergunto isso a vocês agora. Fariam isso?

O homem estava ficando histérico, olhando fixamente para Thomas.

– Você... faria isso?

Thomas sacudiu a cabeça com determinação, vendo-se com mais medo então do que sentira o dia inteiro.

John Michael se moveu meio passo na direção do grupo, um arrastar de pés levemente desequilibrado. Todo seu rosto reluzia com lágrimas.

– Não estou aqui para lhes pedir nenhum favor – disse ele. – Estou aqui para dizer a vocês que não há escolha na questão. É sua... obrigação ajudar pessoas como eu. Ajudar pessoas *futuramente* como eu. *Vocês entendem?* – Ele enfatizou a última frase com uma tristeza de apertar o coração.

Os guardas próximos não fizeram nada, apenas ficaram ali parados como se tivessem sido esculpidos em cera. As sombras tornavam impossível ver seus olhos.

– Nós... entendemos – disse Teresa com uma voz muito mais firme do que a que Thomas teria conseguido exibir. – Sentimos muito por o senhor estar infectado. A maior parte de nossos pais também foi contaminada, por isso sabemos como é.

O rosto do homem de repente se transformou em uma horrenda máscara vermelha trêmula. Seus olhos se esbugalharam quando ele irrompeu em fúria e começou a despejar uma falação raivosa.

– Vocês não têm ideia de como é! – gritou ele com voz vacilante. – Como vocês podiam estar tentando escapar, fugindo de nossa chance de cura!

O homem mal estava conseguindo manter a compostura. Thomas não sabia quanto mais poderia aguentar o ataque de fúria. Minho passou por Thomas e se postou diretamente à frente de John Michael. Foi um choque os guardas não fazerem nada para interferir.

– Nós não íamos a lugar nenhum – disse Minho, tentando sem muito sucesso firmar a voz. – E não parece certo nos tratar assim.

– O que você acha que está... – No meio da frase, o homem saltou para a frente com braços estendidos, tentando agarrar a garganta de Minho. Ele o pegou antes que Minho conseguisse se mover, as duas mãos apertando o pescoço do menino quando os dois caíram no chão. John Michael rapidamente subiu em cima dele, em seguida pôs todo o peso sobre a garganta de Minho, forçando-o para baixo.

Minho esperneou, arqueou as costas e atacou com violência as mãos do homem. O tempo inteiro ele produzia um som engasgado e sufocado. Thomas começara a se mover para ajudar embora não tivesse ideia de o que fazer, mas Alby o derrubou, atingindo John Michael com o ombro, que desmoronou em cima de Minho, que se sentou respirando com dificuldade.

Thomas observou Alby e John Michael rolarem algumas vezes, ambos lutando para ficar por cima. Então o homem montou em Alby, como montara em Minho. Thomas foi incapaz de se mexer antes que Minho ficasse de pé e corresse para resgatar o amigo. Minho atingiu John Michael, seu impulso derrubou o homem no chão.

Os guardas saíram de seu estupor e se aproximaram para acabar com a violência súbita.

– Tudo bem – disse a guarda com voz calma. – Já chega. Ele, obviamente, não está bem.

Nem Minho nem Alby fizeram qualquer movimento que sugerisse terem ouvido sequer uma palavra dita por ela.

A guarda engatilhou a arma, em seguida gritou em voz muito mais alta:

– Parem! Todo mundo!

Thomas e Teresa conseguiram agarrar os amigos pelo peito e os tiraram de cima do homem caído. Logo eles estavam todos ali de pé, tentando recobrar o fôlego, olhando para baixo para o homem adulto que agora jazia no chão fraco e infantil, sangrando pelo nariz e com o lábio inchado. Em seguida, chocando todo mundo outra vez – aparentemente, até os guardas –, ele se ergueu de joelhos, juntou as mãos e as estendeu à frente na altura do peito, os dedos entrelaçados tão apertados que reluziam brancos.

– Por favor – disse ele com voz trêmula. – Por favor, não me julguem. Por favor, *salvem-me*. Se não a mim, os que vierem depois. Por favor, estou implorando a vocês. Por favor, por favor, por favor. – Todas as suas palavras agora estavam chorosas, lágrimas escorriam por seu rosto como se houvesse uma torneira aberta por trás de seus olhos. Seus ombros tremiam, os braços e as mãos se agitavam, o peito saltava com soluços pesados, estremecendo seu corpo.

Então, saído da escuridão, Randall surgiu, como se estivesse assistindo àquilo tudo das profundezas das sombras. Ele caminhou adiante, sem dizer palavra até parar diretamente acima de John Michael.

– O mundo se transformou *nisso* – disse Randall. – A menos que você seja imune, é claro, e até termos a cura. Do contrário, há duas escolhas. Se tornar uma daquelas... *coisas* que vocês viram nas jaulas, ou acabar com tudo antes de passar à Insanidade, acabar com sua vida. O que este bom homem me pediu para fazer quando o momento parecer certo. Espero que vocês apreciem o esforço que deve ter custado a ele para juntar algumas frases coerentes esta noite. – Ele moveu a cabeça na direção dos guardas.

– Levem-nos de volta. Acho que o prazo de validade de nosso velho amigo se esgotou.

Randall sacou uma arma da cintura e a engatilhou.

– O que você vai fazer? – perguntou Thomas.

Randall não respondeu, o que foi resposta suficiente.

Ninguém falava. Nem uma palavra. Eles entraram no complexo do CRUEL e foram registrados. Thomas e os amigos permaneciam em silêncio absoluto. Os dois guardas os acompanharam até um elevador, e eles subiram vários andares, em seguida, desceram por alguns corredores. No fim, chegaram a outro elevador e subiram nesse, também. Minho e Alby foram acompanhados para fora do elevador primeiro pelo guarda homem. Eles saíram da cabine mal dando um aceno de cabeça de despedida cada um, com olhos cheios de tristeza. Thomas e Teresa balançaram a cabeça em resposta e esperaram em silêncio que as portas se fechassem. Thomas subiu os andares restantes consumido pelos próprios pensamentos.

Por fim, depois do que pareceu uma jornada interminavelmente longa, Thomas e Teresa estavam parados diante das portas de seus quartos, a guarda ao lado deles.

– Chegamos – disse ela, as primeiras palavras faladas desde o túnel. E elas foram alegres demais para enraivecer Thomas.

– Como ele pôde fazer aquilo? – disse ele, encolhendo-se devido à altura que soou sua voz nos confins do corredor. – Simplesmente atirar em um homem na nuca? – *E dar uma surra em uma criança de cinco anos*, quis acrescentar, mas não o fez.

A mulher deu um suspiro, fruto de alguma frustração profunda que parecia complicada demais para entender.

– O próprio sr. Michael, o homem que possibilitou que todos nós estivéssemos aqui hoje, *pediu* a ele que fizesse isso. – Ela abriu a porta de Thomas. – Vamos, agora. Hora de ir para a cama. Pode levar um tempo até que você e seus amigos voltem a se encontrar, está bem? Agora, durma um pouco.

– Quanto tempo? – perguntou Thomas, surpreso por aquele anúncio repentino. Em tudo o que acontecera, não lhe ocorrera que ele poderia passar muito tempo sem tornar a ver os amigos.

– Alguns anos, eles me dizem – foi a resposta dela. – Há muito trabalho a fazer, e todo mundo precisa de uma boa noite de sono. Simplesmente... nada de festas por enquanto. É para sua própria segurança. – Ela se virou e saiu apressada.

Thomas entrou no quarto e fechou a porta, em seguida se recostou nela, olhando fixamente para o interior insípido no qual ele vivera desde que chegou ao CRUEL. Apesar de todos os horrores da noite, a separação dos guardas tinha sido o mais difícil de aguentar.

Alguns anos, dissera a mulher. Então sua preocupação anterior voltou a atingi-lo. E se eles lhe retirassem os encontros com Teresa? Ou o trabalho que havia sido agitado a sua frente, na construção do labirinto? A srta. McVoy dissera que o CRUEL podia usar toda a ajuda que tivessem à disposição. Sem dúvida aquela noite não havia mudado isso.

Thomas foi para a cama e se deitou, mas não conseguiu dormir. Seu relógio lhe mostrou que logo seria hora do café da manhã, e sua mente estava agitada com tudo o que vira naquela noite. O garoto fechou os olhos e pensou em todas as coisas boas e ruins daquele lugar que eles chamavam de CRUEL. Pensou nos

Cranks dos quais fora forçado a se aproximar tanto apenas algumas horas antes – seus olhos vazios, as roupas rasgadas, os gritos de desgraça. Todos eles eram humanos, mas ao mesmo tempo a coisa mais distante disso. Ele pensou em John Michael e no final piedoso de sua vida.

Ele pensou no Fulgor. Na droga do Fulgor.

E o CRUEL queria encontrar uma cura para aquilo. Queria que ele ajudasse. Ele não devia estar disposto a fazer isso? Sua cabeça estava latejando quando veio a batida na porta anunciando o café da manhã. Era a dra. Paige.

Thomas perguntou a ela se sabia de alguma coisa sobre os acontecimentos da noite.

Ela apenas deu um sorriso muito triste.

Alguns meses depois, Thomas teve um dos piores dias de todos.

O dia começou com mais exames médicos do que ele fizera em um bom tempo. Extraíram seu sangue, é claro, mas também plasma; depois, 45 minutos na esteira com o que pareciam centenas de sensores presos a seu corpo. Durante toda a experiência, seu estômago doía. Parecia que estava sendo apunhalado com facas no local, e só piorou com o passar do dia. Uma dor de cabeça se juntou à diversão logo depois e o forçou a pedir para se retirar mais cedo da aula do sr. Glanville. Ele não gostou do olhar de reprovação que isso lhe valeu. Depois, a srta. Denton lhe enviou um bilhete dizendo sentir muito por vê-lo perder sua sessão, a mensagem implícita era clara.

Desde a suposta tentativa de “fuga”, seus professores e membros da equipe pareceram um pouco mais distantes. Até a dra. Paige, que sempre fora tão simpática com ele – seu sorriso não parecia tão genuíno. E seus olhos sempre carregavam algo por trás, como se soubesse de mil coisas que ele não conhecesse, e parte dela quisesse contar.

Mas Thomas teria aceitado de bom grado dores no estômago e uma dor de cabeça de rachar todos os dias se pudesse apenas ver outra vez os amigos. Seu peito se apertava sempre que pensava em seus nomes. Quanta diversão ele tivera naquelas preciosas noites juntos, quando a solidão de ser uma cobaia do CRUEL fora aliviada, mesmo que por pouco tempo. Até as reuniões com Teresa haviam parado recentemente, deixando-o realmente preocupado que seu trabalho no interior da caverna também tivesse sido cancelado.

Os dias de suas reuniões no subsolo tinham terminado havia muito, muito tempo. Sem dúvida, alguma catástrofe cósmica tinha alterado para sempre a passagem normal do tempo, estendendo-o.

Thomas estava deitado na cama naquela noite; o jantar não comido repousava sobre a mesa. Ele mal comeria qualquer coisa em horas, e seu estômago assegurara-se de nada deixar em seu interior. Estava vazio, em todos os sentidos.

Ele também estava exausto, ainda assim incapaz de pegar no sono. Em vez disso, fechou os olhos e se ouviu respirar.

Algo zunia em sua cabeça.

Thomas se sentou e olhou ao redor do quarto. Ele ouvira... ou melhor... *sentira*... um zunido em algum lugar no fundo do latejar pulsante no interior de seu crânio que o havia atormentado por todo o dia. Sacudiu a cabeça, apertou os dedos contra as têmporas. Ele se levantou para chamar a dra. Paige, para pedir algo que o apagasse pela noite, quando voltou o zunido, dessa vez mais forte.

Ele caiu na cama, enrolou-se em posição fetal e levou as mãos aos dois lados da cabeça. O zunido não doía, na verdade. Ele era apenas muito esquisito, estranho. Que teste ridículo o CRUEL tinha inventado, agora?

Bzzz. Bzzz. Bzzz.

Cada vez mais alto e mais forte. Parecia uma invasão de seu corpo; aquilo o assustou, fez com que pensasse em Cranks. Em enlouquecer. Ver e ouvir coisas que não estavam ali.

Talvez tenham mentido para nós, pensou ele. Talvez não sejamos imunes. Eles disseram que Newt não era. Seria possível?

BZZZ.

Ele rolou de costas e olhou fixamente para o teto, as mãos ainda coladas às laterais de sua cabeça, como se isso pudesse fazer alguma coisa para ajudar. A dra. Paige. Ele precisava chamar a dra. Paige.

Thomas.

Dessa vez, era uma voz. Mas ao mesmo tempo, *não* uma voz. Uma vibração, um chacoalhar de sua mente, um distúrbio que dava a sensação de que o zunido tinha se transformado em uma palavra sólida. Ele se levantou devagar, com as mãos estendidas para se equilibrar.

Thomas, aqui é Teresa.

Ele estava enlouquecendo. Estava realmente enlouquecendo. Era o sintoma mais antigo e mais comum: ouvir vozes na cabeça.

– Oh... – disse ele em voz alta.

Isto está funcionando? Isto está funcionando?

A última palavra aterrissou entre seus olhos como um raio. A dor derrubou a parte de baixo de seu corpo, e ele desabou no chão. O mundo nunca estivera tão fluido embaixo dele, como se nada sólido existisse, nenhuma forma, nenhuma substância.

– Teresa? – perguntou ele em voz alta, desorientado. – Teresa?

Nenhuma resposta. Claro que não havia resposta. Ele tinha enlouquecido. Ele tinha o Fulgor; logo seria um Crank. Sua vida estava acabada.

Me escute, retornou a voz, a série de palavras parecendo um cavalo a galope em sua mente. Se você consegue me ouvir, bata em sua porta. Eu vou conseguir escutar.

Thomas se ergueu de joelhos. Ele imaginou que não tinha nada a perder, por isso, com o mundo nadando a sua volta, rastejou por seu quarto até a porta. Por mais esquisito que soasse, a voz estranha em sua cabeça parecia mais uma presença, e ele não sabia como explicá-la, mas a *sentia* como Teresa.

Ele chegou até a porta, alta como uma montanha quando se ajoelhou diante dela.

Thomas?, disse a voz. Thomas, por favor. Por favor, diga que isso funciona. Levei meses para descobrir isso. Se você puder me ouvir, bata em sua porta!

Ela gritou a última parte, outra série de batidas em sua cabeça que doíam como um furador de gelo.

Ele se aprumou, levou as mãos para repousar na porta, então cerrou os dedos em punhos. *O que está prestes a fazer, disse a si mesmo, pode muito bem ser o último prego em seu caixão do Fulgor. Se estiver errado, você vai saber que está realmente louco.*

A voz outra vez. Teresa.

Thomas? Thomas? Faça o som.

Ele o fez. Ele recuou os dois punhos, em seguida bateu com eles contra a porta, golpeou-a como se pudesse ser a última barreira para sua liberdade. *Quem está na chuva é para se molhar.* Ele lera isso em

um dos clássicos que eles haviam lhe dado. Por bons dez segundos, ele lançou os punhos à frente contra a superfície dura até os nós de seus dedos latejarem, e a dor subir pelos dois braços.

Então ele tornou a desabar no chão, esforçando-se para recuperar o fôlego. Ele ouviu gritos no fim do corredor, passos, alguém vindo ver como ele estava. Mas antes que qualquer pessoa chegasse, uma última frase emergiu em sua mente.

Certo, entendi, disse Teresa, uma sensação de excitação de algum modo ligada a sua voz. *Depois eu lhe ensino a fazer isso.*

Então ela se foi. Não apenas a voz, mas sua presença também. Como uma luz apagada.

A porta se abriu, e a dra. Paige estava ali parada.

– Mas que droga aconteceu com você?

O dia seguinte passou em agonia para Thomas. Mal podia esperar para ver Teresa pessoalmente – por apenas dez minutos. *Cinco* minutos. Tudo de que precisava era tempo suficiente para olhá-la nos olhos e perguntar a ela: *Foi você?* Ele saberia em um instante, e precisava desesperadamente da confirmação. Enquanto tomava seu café da manhã e ia de aula em aula, a mesma pergunta passava por sua cabeça.

Eu estou louco?

Ele até tentou perguntar à dra. Paige sobre seus medos assim que ela chegou para buscá-lo naquela manhã.

– Então, como a senhora *sabe* que eu sou imune? – perguntara a ela, observando atentamente sua expressão enquanto ela respondia.

– É bastante simples – respondeu ela tranquilamente, caminhando ao lado dele pelo corredor. – Há marcadores muito específicos na composição de seu sangue, DNA e fluido cérebro-espinhal que são consistentes com todos os que são imunes. Não há marcadores nos que *não* são imunes. Foi preciso muito estudo para chegar a esse ponto, mas isso agora é algo solidificado.

Ele refletiu sobre aquilo. Sem dúvida parecia que ela estava dizendo a verdade.

– Além disso – acrescentou ela. – Está duplamente confirmado em pessoas como você e os outros indivíduos imunes que juntamos.

– O que a senhora quer dizer com isso?

– Bem, podemos verificar com escaneamentos cerebrais que o próprio vírus se alojou em seu interior, conseguiu se abrigar. E ainda assim ele não tem nenhum efeito em sua matéria física, sua capacidade mental, suas funções corporais. E você tem o vírus há anos, sem alteração. A menos que seja alguma espécie de mutação enorme do vírus, coisa da qual nossos estudos não encontraram nenhum indício, podemos dizer com praticamente toda certeza científica e médica que você é imune.

Ele balançou a cabeça concordando, razoavelmente confiante que ela estivesse sendo honesta com ele.

– Então, se eu começasse a sentir sintomas do Fulgor, digamos, amanhã, o quanto a senhora ficaria chocada? Em uma escala de um a dez?

Ela olhou para ele.

– Dez, Thomas. Eu ficaria mais que chocada. Tão chocada como se crescesse em você uma terceira orelha. De que isso tudo se trata?

Ele parou no corredor e a encarou.

– Dra. Paige. A senhora jura, jura por sua própria vida, que eu sou imune? Que isso não é alguma espécie de... não sei, algum tipo de teste? Sei que vocês gostam muito de testes. Como eu sei que não sou como Newt? *Não* imune?

A dra. Paige deu aquele sorriso para ele – aquele sorriso que sempre o fazia se sentir melhor.

– Juro a você, Thomas, juro pelos túmulos dos inúmeros entes queridos que morreram... Eu juro que nunca menti para você. Você é tão imune quanto a ciência e a medicina têm condições de concluir. E se houvesse alguma chance de qualquer coisa colocar sua vida em risco, eu não iria permitir isso.

Ele olhou fixamente nos olhos dela. Ele descobriu que acreditava realmente nela, e isso o aqueceu por dentro – como se um pequeno pedaço do muro que erguera para se proteger tivesse desmoronado.

– Por que você está me questionando essas coisas? – perguntou ela. – Qual o problema?

Ele quase contou a verdade a ela. Que ele ouvira uma voz no interior da cabeça. Ele quase contou a ela.

– Sonhos – respondeu ele. – Não paro de ter esses sonhos em que fico louco. E a pior parte é que nem tenho consciência de que isso aconteceu. Algum Crank na verdade sabe que enlouqueceu? Como nós sabemos que *não somos* Cranks?

Ela balançou a cabeça afirmativamente, como se essa fosse uma pergunta completamente válida.

– Isso parece algo para sua aula de filosofia. No mês que vem, eu creio.

Ela tinha começado a andar outra vez, e a conversa estava acabada.

Thomas estava sentado em seu quarto refletindo sobre a conversa da manhã com a dra. Paige mais uma vez. Desde que acordou, esperava que Teresa falasse com ele novamente, ao mesmo tempo que torcia para que ela não o fizesse. Talvez isso fosse apenas um sinal de que ele tinha perdido o juízo para a infecção.

Porém quanto mais pensava nisso, mais acreditava na dra. Paige. Ou ela era sincera, ou a melhor atriz de todos os tempos. Por fim, Thomas ficou cansado para se preocupar mais, apagou as luzes e torceu para que o sono contrariasse as probabilidades e o levasse.

Foi apenas cerca de uma hora depois, quando ele estava começando a apagar, que Teresa tornou a falar com ele.

Thomas, você está aí?

Isso não o chocou como da primeira vez. Dessa vez não houve zunido, e de certa forma ele estava esperando por isso, portanto não foi tão desorientador. Ainda assim, qualquer traço de sono desapareceu com suas palavras, e ele se sentou, levantou da cama e foi sentar a sua mesa.

– Estou aqui – disse ele em voz alta, mais uma vez sentindo-se como um idiota por fazer isso. Ele não fazia ideia de como responder a ela com sua mente.

Posso senti-lo tentando responder, disse ela. *Os implantes que eles puseram em nossa cabeça – eu estive tentando descobrir qual era a sensação diferente desde que eles fizeram isso, e assim que eu me esforcei para fazer contato com você, tudo se encaixou.*

Thomas ficou ali sentado, balançando a cabeça para si mesmo como um boneco. Ele não deixou de perceber como era estranho achar normal uma garota falar com ele por telepatia.

Você precisa se concentrar, prosseguiu Teresa. *Vasculhar sua mente para encontrar o objeto estranho, em seguida se concentrar nele. Insistir nele. Você não vai saber do que estou falando até experimentar.*

Agora suas palavras chegavam em enxurrada, não mais dolorosas, mas ainda desorientadoras.

– Está bem – disse ele, sabendo que ela não podia ouvi-lo.

Tente quando você for dormir esta noite, disse ela. *Vou fazer contato com você toda noite até ouvi-lo de volta. Não desista!*

Ele pôde sentir o peso que ela colocava nas últimas duas palavras. A importância do que ela estava lhe contando.

– Está bem – tornou a dizer.

Em seguida, confiante de que ela tinha terminado de falar, ele se deitou na cama e começou a vasculhar a própria mente.

Por vários dias e noites, trabalhou nisso, e foi a coisa mais frustrante que ele jamais fizera. Tudo o que tinha a sua disposição eram ferramentas mentais, nada físico. Talvez, se ele pudesse pegar um bisturi e abrir a própria cabeça, fosse mais fácil vasculhar até encontrar algo como um interruptor antiquado que precisasse ser ligado. Mas não, ele tinha de fechar os olhos e buscar com dedos que existiam apenas em sua própria imaginação.

Depois que parou de pensar nas coisas de uma maneira tão simplista, ele conseguiu começar a ver os próprios pensamentos e a consciência como coisas que ele *podia* manipular mentalmente. Foi então que começou a fazer progressos. Ele deixou que seu pensamento desaparecesse e se concentrou em nada até que de repente ficasse claro – havia uma área que não parecia se encaixar. E então ele insistiu, trabalhando contra isso e pensando na palavra que queria enviar: *Teresa*.

Então, finalmente, uma noite ele sentiu mais do que ouviu Teresa receber sua mensagem. Era como se ele a tivesse cutucado com um agulhão de gado.

Ele vibrou, deitado na cama, sabendo que estava perto. Torcendo para não tê-la machucado muito.

Continue, disse ela na mente dele. *Você está quase lá. E da próxima vez, tente não eletrocutar meus globos oculares.*

Ele não fazia ideia do que ela quisera dizer, mas sorriu mesmo assim.

E continuou tentando.

Não consigo dormir, disse Thomas para Teresa. Quase um ano havia se passado desde que ele finalmente dominara a telepatia implantada.

Talvez seja porque mal passa das oito horas, respondeu ela. E da última vez que verifiquei, você não era um homem de setenta anos.

Eu gosto do meu sono da beleza. Como você acha que mantenho esse belo rosto?

Ela emitiu uma expressão de escárnio. Pareceu um daqueles zunidos que ela comunicara da primeira vez que falara com ele desse jeito.

É, eu desmaio sempre que vejo você.

O que é nunca.

Exatamente.

Houve uma longa pausa, mas a melhor coisa no truque deles era que mesmo quando nenhum dos dois estava falando, qualquer que fosse a conexão que eles tinham em sua mente fazia com que sentissem a presença um do outro. Depois de meses e meses de prática, ele quase podia acreditar que ela estava no quarto com ele. Thomas ansiava por isso toda noite, e sentia falta sempre que estava ocioso durante o dia. Sempre que, por acaso, tinha um minuto livre.

Como anda o plano?, perguntou ele por fim, embora soubesse que isso iria irritá-la. Ele quase gostava de perguntar a ela a mesma coisa toda noite por semanas só *porque* isso a perturbava. Mas dessa vez ele não recebeu a habitual resposta irritada.

Acho que descobri, disse ela.

Thomas se sentou. *É mesmo?*

Não, na verdade, não. Vá dormir seu sono da beleza.

Thomas apenas revirou os olhos. Ele pôde sentir que Teresa recebeu sua resposta.

Embora as portas de Thomas e Teresa permanecessem destrancadas, Thomas sabia que eles estavam sendo observados, e que ainda estavam sofrendo as consequências de seu passeio no exterior do complexo. Eles haviam tentado sair às escondidas para se encontrar com os amigos algumas vezes desde aquela noite, mas no momento em que deixavam o quarto, um guarda aparecia e, com simpatia mas também firmeza, dizia a eles:

– Por favor, voltem para o quarto. É para seu próprio bem. – Tudo sempre era *para seu próprio bem*.

E embora eles não tivessem o melhor chef gourmet do mundo, a comida era uma das poucas coisas que Thomas aguardava com ansiedade na vida. Pelo menos, o CRUEL considerava quantidade mais importante que qualidade, e isso era muito bom para Thomas. Crescendo como louco, ele estava sempre com fome.

Mas talvez em bem pouco tempo ele tivesse mais com que se animar do que comida.

Teresa, aprendendo cada vez mais sobre computadores e sistemas de informação – suas áreas de estudo tinham começado a divergir recentemente, tornando-se mais especializadas –, soubera que a construção física dos Labirintos estava quase completa, e que o CRUEL logo estaria pronto para receber sua ajuda com coisas como programar o céu falso e testar os sistemas de ilusão de ótica. Aris e Rachel, duas pessoas que eles ainda não tinham conhecido, também estavam no cronograma de trabalho.

Teresa tinha uma habilidade especial com os sistemas de computadores, por isso era onde ocorria a maior parte de seu treinamento. E ela era muito, muito melhor nisso do que eles sabiam.

Muito melhor.

*

Nós podemos fazer isso, disse ela certa manhã, despertando-o de um sono pesado.

Thomas esfregou os olhos, ainda grogue, sem se dar ao trabalho de perguntar a ela o que queria dizer com isso. Ela iria lhe contar logo. Ela sempre fazia isso.

Conheço o sistema de câmeras de segurança como a palma de minha mão. Eu já identifiquei todas as imagens que precisamos repetir indefinidamente durante a noite, em seguida voltei a gravação e apaguei meus movimentos. Está tudo pronto.

Thomas estava totalmente desperto em um instante. Sua excitação quase o fez rir de felicidade, mas ele também estava morrendo de medo. Seu castigo da última vez em que tinham sido pegos fora do quarto – os poços de Cranks – ainda o assombrava, mas depois de tanto tempo sem os amigos, ele estava desesperado para tentar qualquer coisa.

Você tem certeza de que não vamos ser pegos?, perguntou ele.

Certeza absoluta. Sei onde os guardas ficam posicionados. Todas as outras pessoas estarão dormindo. E a luz à noite é tão fraca que vai ser muito difícil alguém descobrir a repetição das imagens. Vamos ficar bem.

Cem por cento bem?

Noventa e nove.

É bom o bastante para mim.

Então vamos explorar esta noite.

Abra a porta em vinte segundos, disse Teresa para ele pouco depois da meia-noite. *Quero estar em seu quarto o mais rápido possível.*

Thomas fez exatamente o que ela instruiu, e menos de meio minuto depois ela se juntou a ele no interior de seu aposento. Era a primeira vez que alguém além de empregados do CRUEL passava por aquela porta. Ele a surpreendeu – e a si mesmo – ao envolvê-la em um abraço caloroso, apertando-a como se ela fosse desaparecer caso a soltasse. Felizmente, ela retribuiu o gesto com o mesmo ímpeto.

Cara, é bom ver você, disse ele, ainda falando com a mente, de tão acostumado que ficara.

Ela respondeu abraçando-o com mais força ainda.

Finalmente, e infelizmente, eles se soltaram. Ele se sentou na cama, e ela se sentou à mesa dele.

– Vamos dar alguns minutos para nos assegurarmos de que a primeira repetição de imagens está funcionando – disse Teresa, sorrindo de ansiedade. Ele nunca a vira tão cheia de energia e excitação.

– O que vamos fazer se eles nos pegarem? – perguntou Thomas, aliviado por tornar a usar sua voz verdadeira com ela. – Isso pode nos prejudicar. Quero dizer, nós vamos trabalhar mais nos Labirintos e em outras coisas. Temos *certeza* de que queremos arriscar? E se eles nos retirarem disso?

Ele não sabia por que se preocupava. Teresa respondeu apenas revirando os olhos. Eles iam explorar e pronto.

Depois de alguns minutos de silêncio, Teresa falou em sua mente.

Vamos, disse ela. E vamos continuar com a telepatia, só para garantir. O vídeo vai funcionar muito bem, mas quem sabe quem pode nos ouvir se estivermos falando em voz alta. Só podemos falar se encontrarmos nossos amigos. E, mesmo assim, apenas sussurrar. Tudo bem?

Parece um plano, respondeu ele.

Eles abriram a porta do quarto, olharam para os dois lados, em seguida saíram.

Estou com tudo cronometrado, disse Teresa. *Quando eu disser que temos de ir para a área seguinte, nada de discussões. Ou alguém vai nos pegar quando a repetição de imagens terminar.*

Thomas apenas assentiu, logo eles estavam correndo, o peito dele ardendo.

Algumas curvas, uma viagem de elevador, mais algumas curvas, sempre se detendo para espiar do outro lado, assegurando-se de que não havia ninguém andando pelos corredores.

Sua primeira parada foi o setor do Grupo B. O objetivo era conhecer Aris e Rachel – eles tinham placa na porta como Thomas e Teresa. Mas quando Teresa bateu à porta de Aris, não houve resposta. Eles tentaram a de Rachel. Mais uma vez, nenhuma resposta.

Teresa falou com sua habilidade especial. *Esses caras ou têm sono muito profundo, ou são extremamente obedientes, ou saíram e estão quebrando as regras exatamente como nós.*

Thomas balançou a cabeça afirmativamente. *Certo. Vamos dar um alô para Newt e os rapazes agora?*

Teresa balançou a cabeça afirmativamente, e ele foi à frente, serpenteando pelos corredores e pelas escadarias, agradecido pela luz mortíça. Teresa informava o padrão da repetição das imagens das câmeras para descobrir o melhor caminho, e onde parar e esperar. Por fim, eles viraram a última curva antes do setor do Grupo A e pararam assustados. Thomas levou um susto. Havia um menino no corredor; ele devia ter apenas sete ou oito anos e era um pouco gorducho. Ele estava sentado de costas para a parede com os braços envoltos em torno dos joelhos. Lágrimas cobriam seu rosto. Quando viu Thomas e Teresa, ele ficou pálido como a lua e saltou de pé.

– De-desculpe – gaguejou ele. – P-por favor, não me entreguem.

Thomas percorreu lentamente a distância entre eles e pôs uma das mãos no ombro do menino, tentando tranquiliza-lo.

– Está tudo bem, cara, nós somos como você. Não tem nada com que se preocupar.

– Qual é o seu nome? – perguntou Teresa. Todo seu plano agora estava em risco, mas o menino parecia novo demais, inocente demais, assustado demais.

O garoto irrompeu em nova leva de lágrimas, em seguida respondeu entre um de seus soluços.

– Eles estão fazendo com que eu me chame Charles.

Thomas sacudiu a cabeça.

– Bem, isso é mau. Nós vamos chamá-lo de Chuck.

— Você está ficando no alojamento? – perguntou Thomas ao garoto.

– Alojamento? Não. Eu tenho meu próprio quarto. Pelo menos por enquanto.

Teresa olhou para Thomas, e ele soube o que ela estava pensando mesmo sem a telepatia. Por que aquele garoto tinha o próprio quarto?

– É perto? – perguntou Teresa ao menino. – Talvez possamos ir até lá e conversar. – Ela tornou a olhar para Thomas. – Temos outros amigos que podemos chamar. Isso iria ajudar você a se sentir um pouco melhor?

Chuck balançou a cabeça afirmativamente, alívio enchendo seus olhos. Ele provavelmente achava que nunca mais teria amigos. Ele se virou e os conduziu a seu quarto, e Thomas se ajeitou na cadeira junto à mesa enquanto Teresa ia buscar Newt, Alby e Minho. Segundo o esquema das imagens nas câmeras, eles tinham algumas horas antes de precisar estar de volta em seu próprio quarto.

Chuck estava deitado em sua cama, e Thomas puxou a cadeira da mesa para cerca de um metro de distância.

– Há quanto tempo eles o trouxeram para cá? – perguntou Thomas.

– Algumas semanas. Não sei se meus pais souberam disso. Não sei nem se eles tinham o Fulgor! – Ele começou a chorar outra vez, e Thomas não sabia o que fazer.

– Está tudo bem – disse ele, uma tentativa lamentável de fazer com que o garoto se sentisse melhor. – Teresa e eu estamos aqui há anos. Você meio que se acostuma com isso. Eu sei que eles podem ser uns idiotas na hora de rebatizar você, mas depois disso as coisas melhoram muito. Desde que, basicamente, você faça o que eles mandam fazer.

Chuck não pareceu muito apaziguado. Mais algumas lágrimas escorreram por seu rosto.

– O que eles vão fazer comigo? – perguntou o garoto, fungando e segurando as lágrimas. – Até agora eles me espetaram com agulhas cerca de um milhão de vezes.

– Bem, é. Eles vão fazer isso com você por anos. Você se acostuma. – *Agradeça apenas que você ainda não sabe sobre os implantes*, segurou-se para não dizer. – Mas a maior parte do que acontece é igual à escola. Você vai para aulas, aprende muitas coisas. Na verdade, é divertido. Além disso, você vai fazer novas amizades. – Ele tornou a se perguntar por que Chuck estava em um quarto individual, não no alojamento com os outros garotos do Grupo A.

Chuck se sentou na beira da cama, curioso em relação ao que Thomas podia dizer a ele, e começou a despejar perguntas.

– Por que você acha que somos imunes? Seus pais pegaram o Fulgor? Você os viu enlouquecer? Você tinha algum irmão ou irmã? – Algumas outras indagações atravessaram o ar. Chuck não dava a Thomas um segundo sequer para tentar responder nenhuma delas. Por sorte, Thomas foi salvo quando a porta se abriu, e entraram Alby, depois Minho, depois Newt, depois Teresa.

– Tudo bem, Tommy? – exclamou Newt, com o rosto cheio de verdadeira felicidade com a surpresa agradável que haviam feito para ele. Thomas não conseguia se lembrar de quanto tempo exatamente fazia desde a última vez que vira Newt. – Você parece muito bem para as três da manhã.

– Quem é o garoto novo? – perguntou Minho.

Alby, com um pouco mais de consideração, foi até Chuck e apertou sua mão.

– Qual é o seu nome? O meu é Alby.

– Eu sou Chuck. Acabei de chegar aqui.

Alby balançou a cabeça afirmativamente.

– Legal, cara. Eles provavelmente vão mandá-lo para o alojamento junto com a gente. Vai ser legal, não se preocupe. Este lugar é muito legal e divertido.

Thomas nunca tinha ouvido mentiras tão bondosas.

As horas seguintes passaram com uma conversa leve, muitos risos e sonhos com um futuro que, na verdade, ninguém acreditava que iria acontecer. Mas durante algum tempo, pelo menos, foi bom fingir relaxar, se permitir pensar que tinham um *futuro* e podiam fazer o que quisessem.

Foi a melhor noite que Thomas se lembrava de ter desde que conhecera os amigos. Ele riu ainda mais do que se lembrava de rir na primeira noite. Também se sentiu em paz enquanto falavam, frequentemente um ao mesmo tempo em que o outro, muitas vezes precisando repetir o que foi dito por ter sido abafado. O comportamento de Chuck tinha ido de olhos baços e um rosto marcado de lágrimas para a alegria e o assombro de uma criança em uma festa de aniversário. E isso fez com que Thomas se sentisse bem.

Este lugar, pensou. CRUEL. Podia ser pior de um milhão de maneiras. Ele tinha sido poupado de ver a mãe sucumbir ao Fulgor, poupado das realidades duras do mundo exterior. Poupado de uma morte aterrorizante nas mãos de um Crank. Poupado de muita tristeza e horror em sua vida.

E qual era o preço? Tédio? Alguns exames? Lidar com um monte de adultos estranhos que nem sempre sabiam como proceder com crianças? E ali estava Thomas, sentado com um grupo de amigos, brincando, rindo, sentindo-se bem. E, ei, uma cura. Por que não?

– Tommy? – Era Newt, arrancando-o de seus pensamentos. – Posso ver as engrenagens girando aí em cima. – Ele deu um tapinha na lateral da cabeça. – Se importa de contar?

Thomas deu de ombros.

– Não sei. Nós não paramos... bem, *eu* não paro de pensar que o CRUEL fez algo terrível ao nos roubar de nossa família.

– É – disse Alby, embora o meio sorriso em seu rosto mostrasse que ele provavelmente já havia pensado no que Thomas estava prestes a dizer em seguida.

– Mas eu não tenho tanta certeza de que isso seja verdade.

– Então o CRUEL não é mau? – perguntou Chuck, empertigando-se. Havia tanta esperança na voz do menino que isso fez com que Thomas sofresse um pouco.

Thomas ergueu os olhos para o grupo de amigos, em seguida virou-se para Chuck.

– Um homem uma vez nos deu uma mensagem da qual nunca vamos nos esquecer – disse ele. – “CRUEL é bom.” Acho que nossas vidas podem ter muito mais propósito do que jamais poderíamos imaginar.

Acho que precisamos nos lembrar de ver o quadro geral.

Que pensamento profundo, disse Teresa telepaticamente. *Faz você ficar bonitinho.*

Não, não na frente dos outros! Ele fez o possível para gritar com ela, e sentiu uma pontada de orgulho quando ele a viu se encolher um pouco.

– Thomas, parceiro – disse Alby. – Lá vai você de novo, se distraindo. Olhando fixamente para o espaço como um idiota.

Ele tinha coisas demais na cabeça para tentar pôr tudo em palavras.

– Eu apenas acho que precisamos manter as coisas em perspectiva. Estamos seguros, estamos aquecidos, estamos alimentados. Estamos protegidos do clima e dos Cranks.

– Você faz isso parecer com uma droga de férias – murmurou Newt.

– Podia ser muito pior – retrucou Thomas. – Sem falar no pequeno detalhe de que estamos tentando ajudar a salvar toda a raça humana.

– E isso significa você, Newt – acrescentou Alby. – Não quero que você venha como um Crank para cima de mim um dia desses.

Isso cortou a onda de Newt imediatamente. Até Teresa pareceu triste. Thomas tinha estragado tudo para todo mundo, embora tivesse *tentado* ser positivo sobre seus tormentos.

Thomas olhou para Minho, que estava quieto havia algum tempo. Ele estava sentado no canto, de costas para a parede, olhando fixamente para o chão. Ele captou o olhar de Thomas e ficou de pé.

– Podem criar todas as fantasias sobre o CRUEL que quiserem – disse ele. – Digam a si mesmos que esta é uma boa causa, que eles nos tratam bem. Mas eu não engulo isso. Parece que sou o único ainda trabalhando em... – Minho se deteve no meio da frase e sacudiu a cabeça. – Eu vou voltar para meu quarto agora. Até logo.

Minho estava na porta e a abriu antes que alguém tivesse tempo de se recuperar.

Alby reencontrou a voz antes que Minho desaparecesse.

– Do que você está falando? – perguntou Alby.

Minho estava de costas para eles, mas nem virou a cabeça para responder.

– Costumávamos falar sobre fugir antes de Thomas e Teresa aparecerem – disse ele. – Bem, na verdade eu nunca parei de pensar nisso. Nem de planejar. Nós devíamos estar aqui por vontade própria, não deles. Não tratados como prisioneiros. Espero que vocês venham comigo. Quando eu estiver pronto.

Então ele saiu e fechou a porta às suas costas.

Aquela foi a última vez que Thomas ouviu falar do plano de fuga de Minho por seis meses. Durante esse tempo, a vida foi fascinante e divertida. Cerca de uma vez por semana, Teresa fazia sua mágica com a repetição de imagens nas câmeras, e eles faziam uma reunião no quarto de um deles ou, com mais frequência, na velha sala de manutenção, nas profundezas do local.

E era sempre o mesmo grupo: Alby, Minho, Newt, Thomas e Teresa. E, às vezes, o pequeno Chuck. Ele tinha se tornado o favorito deles. Era bobinho, inocente e crédulo, e caía sempre em todas as suas brincadeiras. Ele havia se transformado no irmão caçula que eles tinham perdido ou, no caso de Thomas, na verdade nunca tiveram.

Às vezes eles contrabandeavam comida e comiam enquanto conversavam e riam. Depois de alguns meses dessas noites, eles haviam praticamente se esquecido do medo que todos tinham. O medo de Randall ou Ramirez entrarem a qualquer momento. De serem mandados de volta para os poços de Cranks. Talvez dessa vez não houvesse cercas para protegê-los.

Eles se esqueciam de ficar com medo e se sentiam em segurança. Era a melhor época de sua vida.

Está bem, disse Teresa na mente de Thomas. *Me avise quando você vir um ponto vermelho piscar no centro exato do teto.*

Entendido, respondeu ele.

Você podia, por favor, *parar de dizer isso?*

Thomas segurou um riso. Ele estava cercado por paredes montanhosas de rocha que equipes de construção pesada haviam erguido em torno de esqueletos de aço e fibra de vidro. Pelo menos metade do Labirinto estava completa, e estava começando a parecer espetacular. Enquanto esperava pelo sinal de Teresa, ele tentou imaginar como seria o local quando estivesse pronto, especialmente com a tecnologia de ilusão de ótica utilizada. A tecnologia ia funcionar junto com certas... sugestões poderosas fornecidas pelo implante no cérebro dos indivíduos para fazer com que tudo *parecesse* três vezes mais alto, mais largo e mais comprido. E ele já era *grande*.

Embora ele e Teresa estivessem ajudando com a criação de tudo, seus supervisores do CRUEL não compartilhavam muita informação sobre como exatamente as coisas iriam funcionar depois que eles pusessem o Labirinto em funcionamento. Ele ouvira a palavra *Variáveis* ser muito mencionada, e sabia que os Psis tinham passado anos planejando esses experimentos com a zona de conflito letal.

Ele também sabia que haveria alguma perversidade. Thomas e Teresa estavam longe de serem burros, e eles aproveitavam toda oportunidade para descobrir mais sobre o projeto em que estavam trabalhando. Certa vez, encontraram uma página que listava Variáveis preliminares, e algumas coisas realmente se destacavam. Palavras como *dor forçada*, *ataque* e *eliminação de confortos*. Elas estavam misturadas com montes de escritos científicos que nem sempre faziam sentido.

Mas as coisas estavam seguindo em frente, mesmo com o cronograma um pouco atrasado. Um dia, talvez com apenas alguns anos de pesquisas e testes intensos, o CRUEL poderia encontrar a cura. E Thomas sempre poderia dizer que tinha sido grande parte daquilo. Ele havia começado a se dizer isso com frequência. Era fácil, e fazia com que se sentisse melhor.

Sério, você ainda não o viu?, perguntou Teresa, um tom de irritação nas palavras.

Ah! Desculpe. Ultimamente, ele se perdia em pensamentos com frequência. *Sim, sim, tem um ponto vermelho grande, praticamente bem acima de mim.*

Praticamente? Ou está exatamente no lugar certo?

Hum, bem. Pode, na verdade, estar a uns três metros de distância. E, hum, talvez haja mais cerca de uma dúzia deles turvos e espalhados. Desculpe.

Tinha de ser um. Apenas um ponto vermelho, centralizado.

Tom, precisamos acertar isso antes de poder seguir para outro projeto, e eu já estou farta deste.

Nem me fale. Meu pescoço está me matando de olhar para todos esses erros acima.

Ela o ignorou, depois de aprender que essa era a melhor maneira de rebater seus horríveis comentários sarcásticos.

Deixe-me tentar outra vez, disse ela.

Eles estavam naquilo havia pelo menos duas semanas, tentando sem sucesso repetidas vezes. A srta. McVoy os havia designado para o Projeto Céu, e seu trabalho era programar e ajustar os sistemas de forma que se parecessem com um céu normal para os que estivessem embaixo. Céu azul, céu noturno, as estrelas, a passagem do sol, tudo. Thomas mal podia esperar para ver o resultado em toda sua glória.

Mas primeiro ele e Teresa tinham de conseguir o equilíbrio certo. Thomas desconfiava que o CRUEL sabia que eles estavam se comunicando por telepatia antes de serem “oficialmente” informados sobre ela e “ensinados” a usá-la, mas ninguém disse nada. Ele imaginou que o CRUEL só pudesse se beneficiar do fato de eles terem dominado a técnica, pois a comunicação instantânea os tornava ideais para aquele tipo de projetos – que pareciam ser muitos.

Teresa estava projetando um ponto vermelho a partir de mil fontes diferentes pela vasta superfície interior da caverna do Labirinto, e até que Thomas o visse como um ponto único em uma localização específica, os técnicos não podiam avançar com o software de projeção.

Meia hora depois, Teresa tentou novamente. Dessa vez, havia apenas seis pontos vermelhos, e o maior estava a apenas um metro ou um metro e meio do centro. Eles estavam bem próximos.

Vamos resolver isso amanhã, disse Thomas depois do teste. *Preciso dormir um pouco antes de nosso encontro esta noite com nossos amigos.*

Fechado.

Apenas uma palavra, não dita em voz alta, mas ela parecia exausta mesmo assim.

Eles se reuniram na sala de manutenção por volta de uma da madrugada. Thomas tirara um bom cochilo de três ou quatro horas, mas ainda se sentia grogue quando Minho passou um horrível preparado líquido que fez queimar a garganta de Thomas. Alby tinha um saco gigante de batatas fritas, roubado de onde, ninguém tinha ideia – e ninguém se deu ao trabalho de perguntar. O sabor salgado e crocante de cada

mordida era especialmente poderoso a uma hora tão avançada. Chuck comia muito mais do que sua porção justa.

– Tem um cara novo vindo esta noite – disse Minho, nem dez minutos depois que eles tinham parado para comer o salgadinho.

A mão de Thomas congelou a meio caminho de sua boca, segurando uma batata frita tentadora à espera de ser mastigada. Teresa se inclinou para a frente. Newt ergueu as sobrancelhas. Alby disse apenas:

– O que você falou?

Chuck não parou nem por um segundo. Ele continuou a comer como se a cura para o Fulgor dependesse disso.

Minho, vendo o quanto seu pronunciamento fora recebido de forma inesperada, se levantou e acenou com o braço para mostrar que não era nada demais.

– Nada com que se preocupar, amigos. Ele é um cara bacana. – Ele parou de falar, embora seus olhos dissessem que ele tinha muito mais a dizer.

– Bacana? – repetiu Teresa. – Esse agora é o critério para confiar nosso segredo a alguém novo?

A confiança e a presunção que definiam Minho apenas vinte segundos antes de repente desapareceram.

– O nome dele é Gally. E ele é, ah... Vocês se lembram daquele plano que eu contei para vocês. Sobre fugir?

Thomas ficou preocupado com isso. Ele supusera – *torcera* – para que a ideia de Minho houvesse morrido uma morte rápida e duradoura.

– Sim, nós nos lembramos – disse Alby. – Também nos lembramos dos poços de Cranks, e das camas que temos, e da comida que recebemos e das paredes que nos protegem do asilo de loucos que eles chamam de mundo. O que você quer dizer com isso?

– Gally vai me ajudar – respondeu Minho, olhando timidamente em torno da sala. – Ele deve estar aqui a qualquer segundo.

Com sintonia aparentemente perfeita, alguém bateu à porta assim que ele terminou a frase.

Thomas sentiu pena de Gally no segundo em que ele entrou na sala. Na verdade, não havia nada de especial no garoto – cabelo preto, alto e magro, pele branca. Ele tinha dentes feios, mas isso não era tão incomum. Thomas mesmo não se lembrava de alguma vez ter ido ao dentista.

Ainda assim, Gally parecia... patético de alguma forma. Os olhos, talvez. Se você olhasse em seus olhos, podia dizer que algo havia se partido em seu interior muito tempo atrás.

– Pessoal, esse é Gally – disse Minho. – Gally, esse é o pessoal. Alguns de vocês o conhecem, ou pelo menos o viram por aí. Tenho certeza de que vamos nos dar muito bem.

– Bom isso – disse Newt.

Gally saudou a todos com um aceno de cabeça simpático o suficiente, uma tentativa sincera de um sorriso. Thomas e os outros fizeram o possível para retribuí-lo.

Depois de um longo e desconfortável silêncio, Alby perguntou exatamente o que Thomas estava se perguntando.

– Então, como Gally deve nos ajudar com esse plano idiota de fuga?

– Vou deixar que ele conte a vocês – respondeu Minho, dando um tapinha nas costas do garoto novo.

Gally limpou a garganta.

– Eu trabalho no exterior do complexo com outros dois. A maioria coisas de jardinagem, cortar ervas daninhas, limpar a neve quando uma tempestade rara acontece, tentando fazer moitas e flores crescer. Mas também faço trabalho elétrico, manutenção, o que for. Nós três trabalhamos para um cara chamado Chase.

– E como isso vai ajudar? – insistiu Alby, deixando claro como ele se sentia em relação ao plano de fuga. – Você vai empurrar Minho até a floresta em um carrinho de mão?

Newt riu, em seguida se recompôs.

– Desculpe – murmurou.

Gally, em vez de ficar ofendido, também sorriu.

– Se alguém vai ser empurrado em um carrinho de mão vou ser eu. Minho me deve.

– Por quê? – perguntou Teresa.

Minho respondeu:

– Porque ele é o único jeito de essa coisa funcionar.

Todo mundo olhou para Gally para uma explicação. Todo mundo menos Chuck, que tinha adormecido no chão usando um esfregão sujo como travesseiro.

– Digamos apenas que Chase não é o cara mais inteligente do CRUEL. – Gally olhava fixamente para o chão enquanto falava. Thomas não sabia como interpretar isso. – Estou preparando as coisas já há algumas semanas, coisas que vão ajudar uma pessoa a passar pelas medidas de segurança do CRUEL. A

verdade é que o CRUEL confia na ameaça dos Cranks e no estado do mundo para impedir que façamos qualquer coisa. É muito mais difícil *entrar* no CRUEL do que sair.

– E o que, afinal, você planeja fazer quando sair no grande Alasca selvagem? – perguntou Teresa. – Alugar um carro e procurar um bom apartamento em Juneau?

– Cara, vocês gostam mesmo de seu sarcasmo – disse Gally. – Quero dizer, vocês acham que eu sou burro? Só porque não fujo para fazer festinhas com os materiais de limpeza?

– Gally, calma – alertou Minho.

Gally jogou os braços para o alto.

– São eles que precisam crescer!

– Ei! – gritou Alby. – Não venha até aqui todo cheio de marra. Nós não chamamos você.

– Chega, estou fora – disse Gally enquanto se dirigia para a saída. Minho pulou à frente dele e pôs a mão em seu peito. Gally parou.

Minho olhou ao redor.

– Vamos lá, caras. Vocês podem me dar o benefício da dúvida aqui? Por que vocês acham que esperei meses para tomar essa decisão arriscada? Porque sou paciente e *não* estúpido. Gally descobriu um meio de se comunicar com um primo no Canadá, ele está mais perto da fronteira. Gally usou os códigos de comunicação de Chase. Vamos ter gente a nossa espera a alguns quilômetros no interior da floresta, eles já estão de prontidão.

Thomas não podia acreditar no que escutava. Minho estava falando sério mesmo. Apesar de todas as coisas que eles tinham melhores que o resto do mundo, ele queria sair.

– Por quê? – perguntou Thomas. Essa pergunta chamou a atenção de todos. – Só nos explique *por que*, Minho. Sabemos que você não é burro, e tenho certeza de que Gally também não é. Mas por que vocês, caras, querem ir embora?

– Porque somos prisioneiros – respondeu Minho. – Porque estamos detidos aqui contra nossa vontade. Essa é toda a razão de que preciso.

– Mas as coisas para você não vão ser tão boas quanto são para nós aqui! – quase gritou Teresa. – E como você pode simplesmente dar as costas para ajudar o mundo?

Pela primeira vez desde que se conheceram, parecia que Minho talvez não gostasse tanto deles.

– Acho que temos filosofias diferentes – disse ele. – Se vocês não entendem, não entendem e ponto. Vocês não tiram minha liberdade sem perguntar primeiro.

– Desculpem por termos começado mal – interveio Gally. – Acho que estou nervoso por estar aqui embaixo. Mas garanto a vocês, caras, que isso pode funcionar. – Ele olhou ao redor para o grupo, em seguida acrescentou: – Alguém vem com a gente?

Suas palavras foram recebidas por um silêncio sepulcral.

– Quando? – perguntou Newt, rompendo a mudez.

Minho e Gally responderam ao mesmo tempo.

– Amanhã à noite.

Eles apareceram para buscar Thomas horas antes de amanhecer.

Randall, o dr. Leavitt e Ramirez. Os três mosqueteiros. Thomas sabia que, apesar de zozzo de sono, os três chegarem juntos significava que alguma coisa muito ruim tinha acontecido. Ou estava prestes a acontecer. Ele estava de pé segundos depois que eles o sacudiram para acordá-lo.

– O que está acontecendo? – perguntou ele.

– Desconfio que você sabe muito bem o que está acontecendo – respondeu Randall, brusco e em voz alta no silêncio da noite. – E é por isso que você vem conosco agora mesmo. Precisamos de sua ajuda.

Thomas ia fazer mais uma pergunta, mas o dr. Leavitt o interrompeu imediatamente.

– Vamos, Thomas. Vai ficar tudo bem. Só faça o que lhe pedirem.

– Rápido, agora – acrescentou Ramirez, a primeira vez que Thomas tinha ouvido o chefe de segurança falar.

Os três homens escoltaram Thomas pelo prédio, com frequência agarrando seu braço em uma curva no corredor ou para sair do elevador, embora ele não precisasse disso. Não foram brutos com ele, mas estavam nitidamente com pressa.

Eles pararam ao chegar a uma porta extremamente fortificada. Ramirez apertou a digital contra um painel de vidro e disse seu nome. A porta se abriu. Randall cutucou Thomas de leve para que ele entrasse.

Thomas queria respostas, mas decidiu se conter e permanecer quieto. Randall estava sendo mais simpático do que fora na noite dos poços de Cranks, e Thomas não queria forçá-lo a ultrapassar algum limite que ele ainda não estivesse pronto para cruzar.

Thomas olhou em torno da sala onde entrara. Ela era nova para ele, parecia ser um centro de controle da segurança. Havia uma parede grande cheia de monitores mostrando tudo desde os consultórios médicos e os dormitórios até o progresso na construção do Labirinto. Estranhamente, as imagens de vídeo do Labirinto se moviam por ele com rapidez, como se as câmeras tivessem sido presas às costas de gatos muito raivosos. Acomodado no meio da sala, e de frente para os monitores, havia um painel de equipamento montado com mais telas de monitoramento e várias cadeiras posicionadas atrás delas. Havia dois guardas ali de olhar fixo em um monitor do lado direito da parede.

Thomas olhou mais de perto e teve uma horrível surpresa. O monitor mostrava Minho em uma saleta, preso a uma cadeira – as cordas se afundando em sua pele –, o corpo ensanguentado e machucado. Ele olhava direto para a câmera, inabalável, e sua expressão de determinação fez com que Thomas se sentisse um pouco orgulhoso. E um pouco envergonhado. Ele não quisera que Minho fugisse, e duvidou que ele fosse realmente tentar.

– É difícil dizer isso – disse Randall. – Mas parece que seu amigo não aprendeu com a última tentativa de ir lá fora. Acho que pegamos muito leve com ele, com todo mundo. Agora não temos escolha além de acelerar as coisas. Você não concorda?

Thomas olhou fixamente para Minho, que o encarava de volta. Seria possível que houvesse uma câmera do outro lado também? Thomas, de repente, se sentiu constrangido.

– O silêncio provavelmente não é sua melhor opção neste momento – disse o dr. Leavitt. – Sente-se e vamos conversar. É preciso lidar com pessoas como Minho e Gally, pessoas que acreditam estar acima do esforço de nos ajudar aqui. Espero que você possa aprender alguma coisa observando.

Ramirez pôs a mão no ombro de Thomas e delicadamente o ajudou a encontrar um assento entre os dois guardas.

– Vocês estão liberados agora – disse Randall.

Por uma fração de segundo, Thomas achou que Randall estivesse falando dele, o que teria sido terrivelmente estranho, pois eles tinham acabado de colocá-lo sentado. Mas logo ficou claro que ele estava errado quando os guardas se levantaram e saíram.

Ramirez tomou a cadeira do lado esquerdo de Thomas; o dr. Leavitt, a da direita. Randall ocupou o espaço entre os controles e os monitores, em seguida entrelaçou as mãos às costas como se estivesse prestes a fazer um sermão.

– Thomas – começou ele. – Vamos ser honestos. Você sabe que temos observado você e seus amigos se reunirem à noite, certo? Pode ser novo, mas é inteligente demais para achar que vocês estavam de algum modo nos ludibriando.

A boca de Thomas se abriu, em seguida se fechou. Ele tinha ao menos *esperança* de que os estivessem enganando. Não sabia por que eles os haviam deixado continuar a se reunir, mas ao pensar nisso, percebeu que tinha sido apenas um desejo. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

Randall pôs a mão na borda externa do painel de controle e se inclinou para a frente, para mais perto de Thomas.

– Escute – disse o homem. – Não estamos aqui para repreender você pelo erro de Minho. De fato, conseguimos ver que a maioria de vocês tentou convencê-lo a não fazer isso. Mas há algumas lições valiosas a tirar de tudo isso, e vamos aproveitar a situação.

Thomas desejou desesperadamente que o homem dissesse logo o que queria.

– Você vai se sentar conosco e ver como ensinamos uma lição a Minho. Para ser francos, precisamos de testemunhas. Precisamos que a informação se espalhe. Não podemos deixar que uma coisa como essa torne a acontecer. Nossas cobaias precisam saber que ações têm consequências.

– O que vocês vão fazer com ele? – gritou Thomas, realmente temendo pelo amigo.

Randall se encolheu com um barulho alto repentino, em seguida continuou como se não tivesse ouvido a pergunta.

– Depois que terminar, vamos trazer Teresa e lhe mostrar o mesmo. Assim como para Aris e Rachel na sala de controle do Grupo B. Mas queríamos que vocês todos estivessem sozinhos nisto, para terem as próprias reações, sem a influência dos amigos.

– Também é um grande passo em outra direção – acrescentou o dr. Leavitt. – Os Testes de Labirinto serão daqui a apenas um ou dois anos, com base em nosso ritmo atual. E isto... – Ele gesticulou ao redor da sala. – Isto é algo que você vai ver muito depois que pusermos o primeiro grupo de cobaias nos Labirintos. Então veja este exercício como um treino. Tudo bem?

Thomas permaneceu em silêncio. Às vezes eles podiam ser condescendentes demais.

– Thomas? Tudo bem? – repetiu Leavitt.

Thomas sentiu uma raiva tão grande que mal conseguiu contê-la, como uma chama faminta por oxigênio. Ele não entendeu como, mas de algum modo ele segurou tudo em seu interior.

– Tudo bem – murmurou ele.

Randall apontou para uma tela diferente da que mostrava Minho. Na nova, Thomas podia ver uma espécie de cápsula oval. Ela tinha uma emenda de um dos lados e dobradiças do outro. Parecia o caixão de um alienígena muito gordo e rico.

– O que é isso? – perguntou Thomas, caindo direitinho na armadilha deles. A curiosidade costumava sair vencedora quando se tratava dele.

– Esses são os compartimentos – respondeu Randall. – Compartimentos para uma criatura biomecânica que os militares conseguiram nos ajudar a projetar. Neste momento, nós os estamos chamando de Verdugos. Eles ainda estão nos estágios iniciais de desenvolvimento, mas grande progresso foi feito com essa última rodada. Acho que estamos a apenas duas ou mais modificações de ter nosso monstro do Labirinto perfeito.

Thomas ficou tão surpreso com sua afirmação aparentemente simples que pôde imaginar a expressão ridícula que devia haver em seu rosto. Ele fechou a boca e se forçou a piscar algumas vezes.

– Não é o que você estava esperando? – perguntou Randall.

– Eu... eu não... Esperando? – Ele não conseguia encontrar as palavras. – Do que, afinal, vocês estão falando? Criaturas biomecânicas? Monstros no Labirinto? Do que o senhor os chamou, de Verdugos?

Ramirez falou:

– Você vai conhecer todos os detalhes em breve. Honestamente, nós não tínhamos intenção de compartilhar isto com você por algum tempo, mas surgiu esta oportunidade e, bem... Eu diria, como uma pessoa que está no comitê liderando o desenvolvimento dessas armas vivas, que elas são uma realização, sob qualquer padrão.

– Em suma – acrescentou Randall. – Se vamos entender como os cérebros dos Privilegiados funcionam apesar de contaminados pelo Fulgor, precisamos ser capazes de estimulá-los com todo tipo de sensação e atividade cerebral conhecido dos humanos. Quando começarmos os Testes de Labirinto, essas criaturas vão ajudar com isso de forma importante. Você devia ver os relatórios dos Psis. Muito interessantes.

Thomas sentou como se uma sombra escura tivesse passado sobre ele. Algo que sugou a vida do ambiente, e o ar de seus pulmões. Tudo o que aqueles homens estavam lhe dizendo – tudo parecia piorar a cada momento.

– Vamos logo com isso – disse Randall. Ele estendeu o braço e apertou alguma coisa. – Vá em frente, Alice. Abra o compartimento.

Thomas observou a emenda ao longo da cápsula oval se dividir e se abrir. Jatos de vapor sibilaram pela abertura, obscurecendo qualquer visão nítida do próprio compartimento. Nuvens revoltosas e em turbilhão encheram a sala na tela. Thomas olhou rapidamente para a imagem que mostrava Minho, e o verdadeiro horror do que estava prestes a acontecer se tornou evidente. Minho tinha finalmente perdido a expressão vazia e olhava ansiosamente para a direita. Ramos de névoa deslizavam pelo chão daquele lado da tela.

Thomas se levantou, sua pele agora fria.

Minho estava na mesma sala daquele compartimento que se abria.

— **P**arem! – gritou Thomas. – Parem com essa... coisa! – Sua imaginação tinha se descontrolado, tentando visualizar que criatura terrível estava prestes a se revelar. – Eu entendi, está bem?

– Sente-se! – berrou Ramirez de trás de Thomas, e o homem segurou os dois ombros de Thomas e o jogou de volta em seu assento. Thomas nem percebeu quando o homem se levantou de sua cadeira.

Randall se virou da tela cheia de névoa.

– Se não cumprirmos nossas ameaças – disse ele. – Então como teremos controle neste experimento? Se deixarmos que as pessoas escapem, ou tentem escapar, sem consequências, o que isso diz aos outros indivíduos? Minho fez sua escolha. Agora as coisas têm de se desenrolar como deveriam.

– Por favor – sussurrou Thomas, sentindo a disposição belicosa se esvair dele. Minho, duro, impetuoso, sempre brincando, tinha uma expressão de tamanho terror no rosto que Thomas não aguentou mais ver. Ele voltou a atenção para o compartimento.

A névoa tinha se dissipado o suficiente para revelar a cápsula, suas duas metades repousando no chão. Thomas olhava fixamente e mudo quando algo começou a sair.

O que quer que esperasse, ele jamais poderia ter sonhado com o que viu em seguida. Era impossível dizer sua forma; a criatura estava molhada e reluzente, com faixas de pelo cobrindo partes de sua superfície. Mas havia metal também, reflexos de apêndices de metal e discos afiados projetando-se da massa trêmula. Thomas observou a criatura horrenda subir por cima da borda do compartimento e desabar no chão, revelando um corpo como de lesma do tamanho de uma vaca pequena.

Ele estremeceu ao ver a... abominação se mover. Tornou a olhar para Minho, viu o garoto se debatendo nos imobilizadores que o prendiam, gritando sem som. A névoa derramara-se sobre ele. Ela pairava no fundo, derretendo na direção do teto.

Thomas perdeu o que ainda lhe restava de contenção.

– Parem com isso! – gritou, levantando-se. Ramirez estava ali no mesmo instante, empurrando-o para baixo outra vez. – Vocês não podem fazer isso!

Randall olhou para trás – ele estava observando Minho com atenção – e fez uma expressão cansada para Thomas.

– Nós não temos escolha – disse simplesmente o homem.

Teresa!, gritou ele em sua mente. *Você precisa fazer alguma coisa. Eles amarraram Minho a uma cadeira e... essa... coisa, esse monstro, está prestes a atacá-lo!*

As palavras no interior de sua mente dessa vez pareceram estranhas, vazias. Parecia que alguma barreira invisível havia se erguido, e tudo o que ele dizia voltava para ele.

É claro, pensou. É claro que o CRUEL pode desligá-la. Eles podem fazer a droga que eles quiserem.

Minho continuou a se debater e gritar. Ele conseguiu mover a cadeira, deslizando para trás até bater contra a parede mais distante do Verdugo. Do lado esquerdo da tela, algo surgiu de repente, uma bolha

com ferrões que a impulsionavam pelo chão. Antes de atropelar Minho, ela parou, os ferrões metálicos se retraíram para o interior de sua pele, e a criatura se achatou.

Thomas estava desesperado, vendo um de seus poucos amigos à beira de sofrer danos sérios, possivelmente até morrer.

– Randall! – suplicou ele. – Escute-me! Por favor, só... pare aquela coisa. Só pare-a! Só... me escute! Deixe-me falar, e aí se você não mudar de ideia pode começar de novo. *Por favor.*

Parte do corpo da criatura agora estava se levantando, e várias extensões de metal surgiram onde antes estavam os ferrões. Elas eram sólidas, cobertas de objetos mortais – lâminas, serras e garras que se abriam e fechavam. Thomas observou quase às lágrimas enquanto, bem lentamente, as armas se estenderam na direção do corpo de Minho.

Thomas tentou uma abordagem mais calma. Ele respirou fundo.

– Randall, por favor. Minho é valioso demais para isso. Se não parar essa coisa, não vou mais ajudar você. Com nada. Não me importa o que vocês façam comigo.

A criatura se levantara sobre a parte traseira, e ela agora se erguia alguns metros mais alto que a cabeça de Minho. Os braços de metal que tinha projetado de sua pele envolveram Minho, cercando-o, prendendo-o contra a parede na qual ele recuara.

– Randall – disse Thomas, lutando para ficar calmo. – Vá buscar a dra. Paige. Os Psis. Vá chamar o chanceler. Chame todos eles! Eles precisam de mim e precisam de Minho. Ele tem potencial demais para ajudar nos testes para desperdiçá-lo aqui.

A criatura ergueu seu apêndice com serra, e a lâmina girou e ganhou vida, o braço aproximando-se da testa de Minho. Ele já havia apertado a cabeça contra a parede. Thomas observou enquanto o rosto do amigo agora se contorcia de puro medo.

– Última chance! – gritou Thomas. – Se ele morrer, posso muito bem...

Nesse instante Randall apertou o botão de chamada outra vez.

– Pausa – ordenou, com um pouco de urgência, como se o tivesse deixado ir longe demais, tarde demais para detê-lo.

A criatura congelou. E Thomas soltou um suspiro longo e trêmulo. Ele desabou de volta em seu assento e mergulhou a cabeça entre as mãos. Teve de se segurar para não irromper em lágrimas.

– Olhe para ele, por favor – sussurrou Randall. – Olhe para a tela.

Thomas ergueu a cabeça e se concentrou na imagem de Minho.

– Está vendo? – perguntou Randall. Ele também estava olhando para Minho. A criatura estava dobrada sobre o garoto, quase como um cobertor. – Eu não disse a você que estamos quase lá, que tornamos quase perfeito o maior dos soldados?

Thomas não via nada além do amigo, literalmente a centímetros da morte, e um homem que parecia ter perdido o senso de realidade – se é que ele alguma vez tivera isso.

– Acho que é desnecessário dizer – prosseguiu Randall com a voz ainda imbuída com uma sensação de assombro. – Eu preciso que você nunca se esqueça do que viu aqui hoje. Preciso que você entenda o

poder e o perigo dessas criaturas. O padrão de sua empatia podia acabar sendo uma das maiores peças de nosso quebra-cabeça.

Thomas estava achando difícil se concentrar nas palavras do homem. Tudo o que conseguia fazer era olhar fixamente para Minho e seu rosto coberto de suor. A lâmina, embora tivesse parado de avançar, ainda girava rápido como nunca. Thomas sentia dificuldade para respirar, sabendo que bastaria uma palavra de Randall para acabar com a vida de Minho.

O homem apertou o botão mágico outra vez e disse:

– Está bem, vá em frente e chamem-no de volta.

Segundos depois, os braços de metal do Verdugo recuaram, dobrando-se para longe de Minho e se retraindo para o interior de seu corpo gordo e molhado. O Verdugo pareceu derreter em um pedaço achatado de carne no chão, depois se envolveu em uma bola arredondada, e os ferrões de tração se estenderam; finalmente ele se puxou e girou até sumir rolando fora da vista na tela. Thomas voltou a atenção para a outra tela, e a criatura surgiu, girando até chegar ao compartimento, retraiu seus ferrões e escorreu de volta para o interior. A tampa da cápsula estava se fechando antes mesmo que a criatura tivesse desaparecido em seu lar. Alguns segundos e um chiado de vapor depois, o compartimento se fechou, e tudo ficou imóvel.

Thomas tornou a olhar para Minho, à espera de ver que um pouco da natureza rebelde do amigo tivesse retornado a ele.

Mas não dessa vez.

A cabeça de Minho pendia baixa, e seu corpo tremia com soluços. Thomas apenas baixou a cabeça, entristecido. Ele estava completamente perdido tentando entender ao que acabara de assistir.

– Vamos voltar para seu quarto – disse Randall. – Ainda temos mais três indivíduos para testemunhar o que acabou de ver. Se fosse você, escreveria algo importante que tenha aprendido hoje.

Thomas tinha perdido alguma coisa.

– Espere... o quê?

Randall o ignorou.

– Você percebe que nunca teríamos deixado o Verdugo machucar Minho, muito menos matá-lo. Você é inteligente o bastante para saber disso, certo? Nós só queremos que todo mundo aprenda uma lição valiosa: regras devem ser seguidas. Sair, muito menos deixar o complexo do CRUEL... agora você sabe as consequências.

– Mas... – Thomas estava tão abalado que não conseguiu formar a pergunta que queria fazer.

O dr. Leavitt falou.

– Não se preocupe com sua reação de hoje, Thomas. Ela foi bem próxima do que esperávamos, e não deixamos de notar com que paixão você tentou salvar seu amigo. Vou lhe dizer uma coisa: os Psis vão se divertir com isso. Muita informação para analisar.

Thomas finalmente se deu conta do que o homem estava dizendo.

– O que você quer dizer com ter mais três outros a quem mostrar... isso? – Ele apontou para todas as telas a sua frente, o painel de controle, o teto acima. – Você *quer* dizer uma gravação disso, certo? – O

meio segundo seguinte pareceu se estender para sempre. *Por favor, por favor, por favor*, pensou ele. *Diga-me que sim, que vocês gravaram isso.*

– Sinto muito lhe dizer que a resposta é não – respondeu Randall. – É mais eficaz se Minho passar por isso outra vez. – Ele deu um suspiro. – De tantas maneiras, Thomas.

Thomas estendeu o braço, apertou o botão da função soneca no despertador e deixou que o braço caísse ao lado da cama. Ele odiava o despertar nos dias após um encontro na sala de manutenção, talvez odiasse mais aquele despertador que uma casa cheia de Cranks. Cranks *famintos*.

Mas ele saboreava aqueles dez minutos após apertar o botão de soneca, antes que o alarme berrasse outra vez. Era como um pequeno bônus para si mesmo toda manhã.

Ele se encolheu em posição fetal, contente, mesmo que apenas por um momento.

Ele não via Minho havia mais de um ano, embora ele tivesse sobrevivido à punição com o Verdugo. Bem, ao menos fisicamente. Alby disse que mentalmente, emocionalmente... Minho estava diferente. Não estava tão falante nem impetuoso, e com certeza nunca mais mencionou a palavra *fuga* outra vez. A passagem do tempo pode sem dúvida curar muitas feridas, mas pela forma como Alby descrevia o amigo em comum, Minho iria precisar de mais cerca de vinte anos.

Os outros membros de seu clã da “sala de manutenção” se encontravam uma vez por semana. Todo mundo, menos Minho. Ele não aparecera desde o fatídico dia, e Newt disse que o amigo não queria nem pensar nisso. Ele era a casca da pessoa que todos eles haviam conhecido. Aquilo deixou Thomas incrivelmente triste. Ele gostava mesmo de Minho, e tudo em relação a sua situação parecia injusto demais. Quem poderia culpá-lo por reagir desse jeito depois do show de horrores que o CRUEL chamou de sua *punição*?

Thomas acreditava na cura – ao menos, ele dizia a si mesmo que sim. Mas o CRUEL os tratava como ratos de laboratório – às vezes isso transformava sua tristeza em raiva. Frequentemente ele tinha de se ajoelhar ao lado da cama e socar o colchão com os dois punhos até desabar de exaustão. Ele queria que tudo aquilo terminasse, com uma cura em mãos, e ele fazia o possível para se manter positivo em relação a isso. A dra. Paige sempre dizia que era informação demais e não parava de aumentar.

Talvez, apenas talvez, o fim estivesse à vista, não importando o quanto o horizonte estivesse distante.

Ele e Teresa tinham praticamente terminado o Labirinto, apenas um pouco atrás do Grupo B, pelo que lhes haviam dito. Mas era apenas isso. Thomas tinha cada vez mais dificuldade em *acreditar* neles. O CRUEL continuava isolando ele e Teresa, por isso ele confiava nas últimas fofocas de Alby, Newt e sua fonte mais fértil, Chuck. Aquele garoto tinha um cérebro de esponja, absorvendo cada pequeno comentário que jamais escutava ou entreouvira. Eles podiam provocá-lo sem piedade, mas quando Chuck falava, as pessoas ouviam.

Os dez minutos diários de felicidade matinal de Thomas terminaram em uma cacofonia de sons quando seu despertador tornou a tocar. Ele odiava mais aquilo do que chamamos solares.

A dra. Paige apareceu com o café da manhã bem na hora. Há quanto tempo ele conhecia aquela mulher? Mais tempo que sua mãe, sem dúvida. Há anos. E hoje ele conseguiu ler algo diferente em seus modos,

uma diferença em seu sorriso. Uma dor por trás da inteligência que seus olhos sempre mostravam.

Ele quis perguntar a ela qual o problema, mas sua relação nunca se recuperara completamente desde o que o CRUEL fizera com Minho. Ainda assim, entre todas as pessoas que trabalhavam ali, em qualquer função, a dra. Paige era de quem mais gostava, e ele teve de lutar para manter qualquer tipo de muro entre os dois. Embora fosse um muro muito fino, e a argamassa que o mantinha erguido houvesse começado a desmoronar.

– Como estamos hoje? – perguntou ela depois de pôr seu café da manhã sobre a mesa. – Hoje é dia de trabalho, certo?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente. Em seguida sentou-se para comer. Normalmente, eles conversavam um pouco, sobre como estavam indo os testes, suas aulas, o progresso nos Labirintos etc. Mas antes que Thomas pudesse comer a primeira garfada de seus ovos, a dra. Paige estava a caminho da porta. Ela tinha acabado de abri-la e estava prestes a sair para o corredor quando Thomas a deteve.

– Ei – disse ele. – A senhora pode voltar aqui por um instante?

Ela parou, soltou um suspiro. Mas então fechou a porta, voltou até a escrivaninha e tomou a outra cadeira. Ela o encarou com olhos tristes.

Thomas não conseguiu se segurar – a curiosidade sempre vencia.

– Eu não ia perguntar – disse ele. – Mas... tem alguma coisa errada? – Ele ficou com medo por um longo instante. E se um de seus amigos tivesse morrido? Não Teresa. Ele sem dúvida teria sentido sua ausência, ou seus últimos momentos. Ele teria tido alguma pista.

– Thomas... – começou a dra. Paige. Ela olhou em torno do quarto como se pudesse, literalmente, encontrar palavras presas nas paredes. – Estamos chegando muito perto de mandar as cobaias para os Labirintos. – Ela soltou um risinho e tornou a olhá-lo nos olhos. – Bem, você deve saber disso melhor que qualquer um. Como está seu trabalho lá?

Ela estava falando sobre os esforços dele e de Teresa na caverna do Labirinto.

– Está indo bem. É bastante divertido. Não sei.

– Você não parece muito entusiasmado.

– É que tem sido difícil para mim superar certas coisas. Há segredos, coisas que vocês estiveram escondendo de nós. Algo simplesmente não parece certo. E as pessoas podiam ser mais simpáticas. Como Randall. Como Ramirez. O dr. Leavitt. – Foi bom tirar um pouco daquilo do peito.

Ela cruzou as pernas e deu para ele um olhar sincero de preocupação.

– Não sei se você vai acreditar nisso, Thomas, mas eu também lutei contra essas mesmas coisas. Eu podia lhe oferecer desculpas, mas acho que não é isso o que você quer escutar.

Thomas sacudiu a cabeça.

– Mesmo o fato de a senhora nos chamar de cobaias. Quero dizer, somos humanos, não um bando de camundongos. – A voz dele tinha ficado um pouco mais firme, mas Paige se mantinha tranquila, balançando a cabeça como se entendesse completamente.

– Acho que isso se resume a duas coisas – disse ela. – Primeiro, embora tudo o que estamos fazendo no momento esteja levando aos Testes de Labirinto, isso não significa que os Psis não têm procurado toda

oportunidade de identificar padrões de ruína universal. Todo segundo do dia importa, e tenho certeza de que você entende. Só no tempo em que conversamos esta manhã, quantas centenas ou milhares de pessoas pegaram o Fulgor lá fora no mundo? Quantas morreram?

– Então sua solução é... descontar nas crianças? – perguntou Thomas, embora soubesse ser uma coisa estúpida de se dizer. Aquelas pessoas os salvaram da morte quase certa.

Raiva passou pelo rosto da dra. Paige.

– Este é um vírus duro e brutal com o qual temos de lidar... *usando* determinação dura e brutal, Thomas. Se simplesmente... parasse de pensar em quanto as coisas são ruins para você. Você não tem ideia... – Ela hesitou, e uma expressão de arrependimento turvou seu rosto. – Desculpe. Você... me desculpe. A verdade é simplesmente dura demais para se falar a respeito.

Ela se levantou com os olhos úmidos de lágrimas. Parecia estar prestes a dizer alguma outra coisa, mas então ela deu as costas para ele e deixou a sala, fechando a porta delicadamente atrás dela.

Thomas atingira um ponto delicado. Ele a fizera falar com mais honestidade do que nunca, e não ia desperdiçar a oportunidade, não importava o quanto sua exibição súbita de emoção o surpreendesse. Ele se levantou e foi atrás dela.

Ela estava caminhando apressada pelo corredor, quase correndo, por isso ele teve de correr para alcançá-la. Ele agarrou seu braço para detê-la.

Ela se desvencilhou dele e deu um grande passo para trás até encontrar a parede. Com respiração ofegante, olhou para ele com algo parecido com aversão. Seus olhos brilharam com um momento de raiva. Mas então tudo derreteu, e ela voltou a ser a mesma dra. Paige que ele sempre conhecera. A dra. Paige afetuosa e simpática. Embora a tristeza pintada sobre os traços dela quase tivesse feito Thomas se desculpar e voltar para seu quarto.

– O que está acontecendo? – perguntou ele. – O que a senhora não está me contando? – Quando ela apenas sacudiu a cabeça, ele insistiu. – Todo dia eu saio daqui e deixo seu Labirinto gigante mais perto de ficar pronto para testes. Eu não choro nem reclamo, apenas faço. Trabalho como um louco, e Teresa também. Nós dois sabemos o que está em jogo.

A dra. Paige balançou a cabeça afirmativamente.

– Sim. Você tem razão. Desculpe.

– Mas é exatamente disso que eu estou falando – prosseguiu ele. – *Porque* tivemos de crescer rápido, merecemos ser tratados como adultos. Não como bebês, não como ratos em uma gaiola, não como idiotas. Todos nós queremos a mesma coisa. Por que não podemos ser tratados como parceiros em vez de... cobaias? Minho, Alby, Newt... todo mundo que conheço aqui colaboraria muito mais se vocês mostrassem um pouco de respeito.

A dra. Paige tinha se recuperado do que quer que a tivesse pegado de guarda baixa. Ela agora se erguia alta e serena como sempre, braços cruzados, olhos aguçados e concentrados nele.

– Escute aqui. Lá no seu quarto eu disse que tudo se resumia a duas questões. Primeiro, alguns desses episódios que você chama de *dureza* na verdade foram planejados pelos Psis. Eles são maneiras de estimular padrões cerebrais antes de chegarmos aos grandes testes no interior dos Labirintos. Está bem?

Não, não estava nada bem. Thomas não gostou, embora *fosse* ao menos uma explicação.

– Certo. E a segunda coisa?

– Essas pessoas são sobreviventes, Thomas. Sei que você era novo, terrivelmente novo, mas sem dúvida você se lembra do estado horrível do mundo depois que o vírus se espalhou e nos alcançou aqui. As coisas não deviam...

Ela fez uma pausa, e alguma coisa em seus olhos disse a Thomas que ela falara algo que não tinha a intenção de falar.

– Mas o que estou dizendo é que... o mundo se transformou em um lugar de horror, morte e loucura. Por natureza... por definição... todos que sobreviveram àquelas primeiras ondas de puro terror tinham de ser um pouco endurecidos. Mais duros que o normal. Foi isso que os ajudou a sobreviver. Os fracos... ou morreram, ou vão, em breve.

Thomas, um pouco surpreso por sua torrente de palavras, não sabia o que dizer.

– Então, sim – prosseguiu ela. – A maioria das pessoas aqui não são as mais simpáticas que você vai conhecer na vida. Elas não têm tempo nem inclinação para se preocupar com sentimentos. Está bem? Elas viram as profundezas do inferno lá fora no mundo e estão prontas a fazer todo o possível para encontrar uma cura e acabar com esses horrores. E você simplesmente vai ter de aceitar isso.

– Certo – disse Thomas, impressionado por tudo o que acabara de ouvir. O discurso apaixonado dela havia drenado dele todo desejo de insistir na discussão.

– Agora, ânimo, e ao trabalho – disse a dra. Paige. O canto de sua boca se retorceu em um meio sorriso, que ele achou ser o melhor que poderia pedir naquela manhã.

– Está bem – respondeu ele, as palavras tão mal-humoradas quanto ele conseguiu dizê-las.

Thomas caminhava pelos corredores do Labirinto, orgulhoso do progresso que eles haviam feito nos últimos meses. Ele não podia levar muito crédito pelos muros majestosos em si – a rocha cinza fendida, a hera que rastejava como veias por sua superfície, a própria magnitude daquilo tudo. Especialmente o nível avançado de engenharia utilizado nos muros móveis, as configurações cambiáveis do próprio Labirinto. Era legal observar, mas ele não tinha ideia de como ele funcionava – os engenheiros não eram as pessoas mais amigáveis do mundo e estavam ocupados demais para darem muita informação.

Mas muitos dos detalhes mais finos ao seu redor – as coisinhas que na verdade faziam com que o lugar ganhasse vida e parecesse real – deviam-se aos esforços dele e de Teresa.

Ele estava pensando sobre tudo o que haviam feito quando fez uma curva e seguiu por uma longa extensão do Labirinto. Até os médicos, Psis e técnicos do CRUEL ficaram surpresos com a utilidade que a telepatia revelou ter. Não só Thomas e Teresa podiam se comunicar instantaneamente, eles também tinham se tornado muito melhores em captar os sentimentos um do outro, antecipar seus pensamentos, entender coisas impossíveis de articular. Ninguém realmente acreditava nele quando tentava explicar isso, por isso ele parara de tentar muito tempo atrás.

Você ainda está aí?, perguntou Teresa do centro de controle.

Dê-me um segundo, respondeu ele. *Estou admirando nossa obra*. Ele ergueu os olhos para o céu azul claro, o sol começando a surgir acima do alto muro de pedra a sua esquerda. O céu por si só tinha levado incontáveis dias de esforços compenetrados para aperfeiçoar, mas ver o resultado final – ver aquele belo céu que parecia tão real – simplesmente o fez se esquecer de como tinha sido difícil.

O som de pequenos pés chacoalhantes de metal se aproximou por trás, e ele soube o que era. Besouros mecânicos com câmeras que agora se espalhavam por todo o complexo, prontos para gravar tudo o que acontecesse durante os testes. Ele ia ignorar a coisa, até que ela saltou na parte de trás de sua perna e começou a subir por seu corpo.

– Ahhh! – gritou ele e saltou no ar, se retorcendo, tentando alcançar as costas, tentando arrancar a criatura com um tapa. Ele girou em um círculo enquanto a coisa corria por suas roupas, espetando sua pele com aquelas pernas afiadas. Ela chegou a seu pescoço e se agarrou, cravando-se até doer.

O que você estava dizendo mesmo?, perguntou Teresa. Ele sentiu cada fragmento de sua alegria perversa. *Essa foi uma dança muito legal que você fez aí embaixo. Não se preocupe, eu a gravei, pronta para mostrar a Newt e todo o resto na próxima vez em que nos encontrarmos.*

– Nada engraçado! – gritou alto. O besouro mecânico estava batendo a cabeça em seu ouvido, bem em um ponto onde doía que era uma loucura. Thomas finalmente conseguiu segurar o corpo de metal e lançou a criatura fora. Ela aterrissou sobre os pés e saiu correndo, desaparecendo na hera da parede à direita.

Nada engraçado, disse ele. *Estou chegando.* Ele tentou não sorrir, mas não conseguiu evitar.

Da próxima vez vou mandar um Verdugo, respondeu ela. *Ou pior... Randall.*

Ele riu, e ela também, uma dessas coisas que ele sabia e sentia sem entender como.

Tudo bem, estou aqui, disse ele. Ele alcançara o fim do corredor, que tinha uma queda de cerca de seis metros até um chão pintado de preto. Aquela era uma das áreas estranhas no interior do Labirinto onde a tecnologia de ilusão de ótica ainda não estava completa, fazendo com que você achasse ter enlouquecido. Quando olhou para cima, ele viu um céu perfeito. Quando olhou para baixo, além da borda do abismo, viu um chão preto que levava a uma parede igualmente preta – a borda da caverna do Labirinto. Mas bem à frente, o céu e a parede não se encontravam exatamente – o limite entre os dois variava aqui e ali, combinava-se e separava-se, misturava-se e remoinhava. Aquilo o deixou tonto e enjoado.

Você consegue ver a escotilha dos Verdugos?, perguntou Teresa.

Ele fechara os olhos para impedir que o estômago se embrulhasse, mas tornou a abri-los. Em algum lugar no meio daquele caleidoscópio louco de ilusões e mundo real se misturando, ele viu um poço que se erguia do solo abaixo, com um círculo aberto no topo. Aquele era o buraco pelo qual os Verdugos iriam entrar e sair do Labirinto.

Eu posso vê-lo, respondeu a Teresa. *Mas ele não para de entrar e sair da ilusão. Ele vai me fazer vomitar.*

Ela não retribuiu com nenhum toque de simpatia.

Diga-me quando desaparecer completamente.

Ele observou, apertando os olhos, na esperança de que isso ajudasse o estômago. A imagem a sua frente tremeluziu, saiu de foco, saltou, depois tornou a tremeluzir. Mas logo o poço da entrada dos Verdugos desapareceu de sua vista, e enquanto ele não olhava para baixo, a ilusão de um céu azul infinito se descortinava a sua frente. Agora, em vez de tontura, ele sentiu uma sensação devastadora de vertigem, quase como se estivesse caindo. Ele deu um passo para trás.

Funcionou!, gritou ele. *Parece perfeito!*

Ela soltou um grande grito de alegria, algo que ele sentiu até os ossos. Eles estavam trabalhando naquela seção havia um mês, e agora eles estavam bem perto.

Bom trabalho, disse ele. *Sério. O que essas pessoas fariam sem nós?*

Eles iam precisar de pelo menos mais alguns anos.

Thomas olhou fixamente para a vista a sua frente, sem acreditar em como parecia realista. Como se o corredor do Labirinto terminasse em um penhasco no fim do mundo, no fim da existência.

Eu me pergunto quem vai ser o primeiro a ver um Verdugo, disse ele. *E será que eles vão se borrar nas calças? Nós devíamos apostar nisso?*

Ele ficou surpreso pelo tom sombrio que retornou até ele. E ainda mais pelas palavras dela.

E quem vai ser o primeiro a morrer?

Eles não vão deixar que isso chegue tão longe, respondeu Thomas. *Não tem como.*

Teresa interrompeu sua conexão sem responder.

Thomas não podia acreditar nas pessoas sentadas em torno da mesa. Toda pessoa importante que ele conhecia ou de quem ouvira falar, e mais. Psis, médicos, técnicos. Randall, Ramirez e Leavitt. A dra. Paige estava sentada ao lado de Thomas e Teresa. O chanceler Kevin Anderson à cabeceira da mesa, Katie McVoy ao seu lado. Havia apenas dois outros adolescentes na sala – Aris e Rachel. Embora nunca tivessem se encontrado, Thomas sabia exatamente quem eles eram.

Nunca vão deixar que nós saíamos com eles?, perguntou Teresa na mente dele.

Thomas enviou uma imagem de si mesmo dando de ombros.

Eu estava apenas pensando que talvez seja uma competição, ou algo assim. Talvez eles estejam esperando que os dois grupos se saiam melhor se eles estiverem tentando... fazer primeiro. E se houver um prêmio!

Um suprimento vitalício de camisetas do CRUEL!

Thomas riu baixo.

O chanceler Anderson limpou a garganta para dar início à reunião.

– Eu gostaria de dar as boas-vindas a nossos principais candidatos a sua primeira reunião do Comitê da Chancelaria, um passo importante em seu progresso contínuo. Thomas, Teresa, Aris, Rachel... nós estamos muito orgulhosos de vocês. O trabalho que fizeram durante o projeto dos Labirintos foi fenomenal. Simplesmente fenomenal. Nós selecionamos vocês no início desse projeto como destaques e não estávamos errados. Meus parabéns. – Ele abriu um sorriso que pareceu três pontos forte demais para ser verdadeiro, mas Thomas imaginou que o homem estivesse sob muito estresse.

Thomas olhou para Aris – pele azeitonada, cabelo castanho, olhos angulados com consciência – depois Rachel – pele morena, cabelo um pouco cacheado, sorridente. Não havia nada de especial neles, mas foram instantaneamente fáceis de gostar. Seus rostos eram simpáticos, e eles não tinham nada da arrogância nem da soberba que Thomas teria esperado.

– Agora – prosseguiu o chanceler Anderson. – Faz dez anos desde que o primeiro conceito do CRUEL foi concebido por John Michael, e percorremos um longo caminho em nossa pesquisa desde que começamos a reunir os imunes ao Fulgor. O progresso nesses primeiros anos foi lento, é claro. Tentando entender a própria doença, testando nossas cobaias para assegurar que elas eram realmente imunes, aprendendo sobre o vírus e como ele interage com seus corpos e seus cérebros. Devagar, mas constantemente. Nem um ano se passou em que não fizemos alguma conquista significativa, e eu diria que isso é mais do que qualquer um poderia ter esperado.

Dez anos, pensou Thomas. Isso parecia muito, muito tempo para ele. E eles obviamente não estavam perto de uma solução, ou eles não estariam se dando ao trabalho de toda aquela coisa do Labirinto.

– Thomas? – disse o chanceler. – Você tem a maior expressão de dúvida no rosto que acho que já vi. – Ele ofereceu mais um daqueles sorrisos bobos.

– Ah... hum... – Thomas se remexeu em sua cadeira. – Não, eu só... Parece que vocês estão trabalhando nisso há muito tempo. Não sei. Acho que só me pareceu que as coisas não estão indo tão bem.

Anderson balançou a cabeça afirmativamente, os lábios franzidos como se aquela fosse uma observação razoável.

– Dr. Leavitt, o senhor gostaria de falar a respeito?

O homem calvo parecia ávido para fazer isso.

– Estude a história, filho. Eu desafio você a encontrar qualquer tipo de vírus durante os últimos séculos que tenha sido curado em *várias* décadas, muito menos em uma. Qualquer coisa do resfriado comum ao Ebola e ao HIV, aos estágios iniciais de certos tipos de câncer. É um processo muito, muito *longo*. E aquelas pessoas não tinham um mundo semidestruído com Cranks doentes da cabeça andando sem rumo. O fato de que tivemos a paciência e a determinação para trabalhar nisso com uma estratégia de longo prazo parece até um milagre. Mas mesmo que reste apenas dez por cento da população quando nós encontrarmos uma cura, pelo menos teremos salvado a raça humana da extinção.

– E os Privilegiados? – perguntou Aris. – Será que a raça humana poderia continuar se apenas eles sobreviverem?

O dr. Leavitt escarneceu, em seguida pareceu embaraçado por ter feito isso.

– Quantos desses vão sobreviver a um mundo cheio de Cranks?

Eu não gosto mesmo dele, disse Teresa para Thomas.

É, nem eu.

– As observações do dr. Leavitt são pertinentes – disse Anderson. – Nós fizemos o possível para reunir as pessoas mais inteligentes, os recursos mais avançados, e os melhores indivíduos, em seguida asseguramos nossa proteção do mundo exterior. Nós planejamos uma longa caminhada desde que começamos, e não planejamos parar até termos uma resposta para essa doença nas mãos, e pronta para apresentá-la ao mundo. E não deve ser surpresa para os candidatos que estão aqui hoje que tenhamos feito experimentos e testes com a maior frequência possível desde o primeiro dia. Estou certo?

Thomas balançou a cabeça afirmativamente, embora achasse que fosse uma pergunta estranha para fazer às próprias pessoas que ele estava testando. Na verdade, toda a situação – tê-los ali, para começar – simplesmente parecia estranha. Quem poderia saber, talvez isso também fosse uma espécie de teste. Uma das Variáveis sobre as quais eles sempre falavam.

– O início dos Testes de Labirinto está muito próximo – prosseguiu Anderson. – E estamos preparando isso há algum tempo. Mas o progresso que fizemos nos últimos anos na direção de nosso mapeamento definitivo da zona de conflito letal... – Ele se esforçou para encontrar as palavras certas. – Eu acho que estabelecemos uma base sólida através dos exames e testes menores, mas talvez tenhamos um mapeamento depois dos Testes de Labirinto. Quem sabe? Talvez possamos evitar as Segunda e Terceira Fases. Hoje estou me sentindo otimista.

Ele fez uma pausa, com o olhar desfocado, como se sua mente estivesse anos no futuro, imaginando o final perfeito para aquilo a que ele devotara toda sua vida. Ao lado de Thomas, a dra. Paige começou a

aplaudir. Devagar, no princípio, até que os outros se juntaram. Logo toda a sala estava aplaudindo, o som das palmas deixando até Thomas um pouco animado. Ele se sentiu ridículo.

O chanceler Anderson ergueu a mão, e as palmas desaceleraram até terminar.

– Tudo bem, tudo bem. Esses aplausos, é claro, são para todos nós. E para todos os indivíduos dos Grupos A e B. Eu sinto realmente que estamos no caminho certo. Sinto mesmo. – Ele sorriu, pareceu se recompor, em seguida expirou longamente. – Está bem, é hora de começar a trabalhar. Estamos a um ou dois meses, quatro no máximo, de mandar as primeiras pessoas para os Labirintos.

Outra de suas pausas dramáticas – Thomas achou que o homem merecia de um momentinho sob os holofotes depois de dez anos de trabalho – então ele *realmente* deu início à reunião.

– Os testes estão chegando, amigos. Precisamos nos preparar para as dificuldades.

Aquela noite foi a maior mudança até então na vida de Thomas. Daquele ponto em diante, ele e Teresa seriam completamente integrados com os outros indivíduos do Grupo A, incluindo refeições, aulas e horário de recreação. Parecia que as escapadas noturnas não seriam mais necessárias.

Claro que esse não era o maior presente do mundo, porque a maior parte dos amigos de Thomas estava condenada a entrar no Labirinto no primeiro grupo, em algum momento dos meses seguintes.

Ramirez, entre todas as pessoas, escoltou Thomas e Teresa para seu primeiro jantar no refeitório, onde todos os outros garotos estavam comendo havia anos. Quando entraram no amplo salão – cheio de balcões de serviço de aço inoxidável, mesas de plástico compridas e cadeiras iguais –, o local ficou em silêncio, e todos os olhos apontaram para os recém-chegados.

– Escutem – gritou Ramirez. Sua voz ecoou no silêncio. – Muitos de vocês ouviram falar de Thomas e Teresa. Há anos eles são considerados candidatos de elite.

Ele está nos dando uma sentença de morte!, berrou Teresa na mente de Thomas, a raiva nítida como um choque elétrico. *Mas que droga é essa?*

– ...sejam legais com os dois, eles trabalharam muito duro – dizia Ramirez. – Os Testes de Labirinto vão começar em breve, como todos sabem muito bem, e há muito a fazer. Esses dois vão ser considerados a ligação oficial entre vocês, indivíduos, e o pessoal do CRUEL que está supervisionando a preparação do teste. Vamos determinar o cronograma de entrada nos Labirintos muito em breve. Enquanto isso, aproveitem o tempo para conhecer Thomas e Teresa, preparem-se mental e fisicamente, e permitam-se ficarem animados com as divertidas mudanças à frente. Agora, de volta a suas refeições.

Ele balançou a cabeça com rigidez, em seguida se virou e saiu do refeitório, sem dizer uma palavra para Thomas e Teresa.

Como esse cara é charmoso, disse Teresa.

Antes que Thomas pudesse responder, ele viu Newt e Alby caminhando em sua direção, os rostos iluminados com grandes sorrisos.

– Ora, vejam quem o maldito chefe trouxe para cá – disse Newt, puxando Thomas em um grande abraço. Ele bateu em suas costas algumas vezes antes de soltá-lo. – É meio estranho ver vocês sem precisar sair escondido e tal. Bem-vindos à sociedade.

Alby já tinha abraçado Teresa, e em seguida eles trocaram, e Alby sufocou Thomas com um abraço.

– É bom te ver, cara – disse o garoto mais velho. – Não está se achando demais com toda essa porcaria que estão dizendo sobre vocês? O que você é agora, o chanceler? Ninguém aqui vai gostar muito de você.

Thomas abriu a boca para responder, mas alguém meio que colidiu com ele pela esquerda, quase o derrubando. Era Chuck.

– E aí, seu tampinha? – perguntou Thomas, bagunçando o cabelo do garoto.

– Basicamente cuidando deste lugar, só isso – disse ele, estufando o peito. – Isso quando não estou fugindo até o Grupo B para conseguir algum amor com as mulheres.

Isso fez com que todos eles caíssem no riso, e Thomas não conseguiu parar até ver Minho sentado próximo, parecendo não saber ao certo se devia se levantar. Thomas caminhou até ele.

– Ei, cara – disse ele. – Tem perturbado alguém ultimamente?

Minho sorriu, embora ainda parecesse um pouco derrotado por trás de seu olhar. Ele, porém, estava melhor desde o incidente com o Verdugo. Thomas percebeu isso.

– Eu sou um perfeito anjo – respondeu ele. – Às vezes invento palavras perto de Randall. Você devia vê-lo, ele sempre age como se soubesse que é algo ruim e meio que ri disso. Que idiota.

É, Minho sem dúvida estava melhorando.

Tom, disse Teresa, olhe só para sua direita. Gally.

Thomas olhou naquela direção, procurando, até que encontrou o garoto de cabelos pretos que, para começar, tinha inconscientemente causado todo o problema com Minho. Havia algo diferente nele, e levou alguns segundos para Thomas descobrir o que era. O nariz do cara estava cerca de duas vezes maior do que costumava ser, e totalmente deformado. Como uma espécie de legume amassado que tivesse sido colado ali. Ou pior, grampeado – aquilo *parecia* doloroso.

Os olhos de Gally se encontraram com os de Thomas e, surpreendentemente, o garoto fez um aceno de desculpas com a cabeça que pareceu sincero. Mas ele rapidamente voltou sua atenção para os amigos sentados com ele a sua mesa.

– O que aconteceu com *ele*? – perguntou Thomas a Minho.

Seu amigo ergueu o punho.

– Foi *isso* que aconteceu. Sua língua solta nos entregou, tenho quase certeza. Provavelmente se gabando nos chuveiros, ou algo assim. Mesmo que não tenha sido sua culpa, isso com certeza fez com que eu me sentisse melhor.

Thomas esperou que ele risse, ou pelo menos desse um sorriso, mas uma sombra passou pelo rosto do amigo. Thomas apenas ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça. Alby, Teresa, Chuck e Newt tinham se juntado a eles.

– Vamos pegar comida para vocês – disse Alby. – Não é a pior coisa que vocês vão colocar na boca. Depois temos muito o que pôr em dia, pessoas para ridicularizar e planos a fazer.

E por um breve espaço de tempo, coisas como chamas solares e Cranks foram praticamente esquecidas.

*

Semanas se passaram, e o início oficial dos testes se aproximava cada vez mais. Thomas ia ao Labirinto sempre que possível, vendo-o como uma espécie de santuário. Ele amava especialmente a área de convivência central, com seus espaços abertos amplos, sua pequena floresta: ela devia se tornar um local de descanso e segurança para aqueles mandados para lá. O CRUEL queria que a maioria dela fosse construída pelos próprios indivíduos – a fazenda, os jardins, o espaço de convivência – provavelmente uma boa oportunidade para analisar seus padrões de ruína universal durante um período tão produtivo.

Thomas sentia uma significativa sensação de orgulho quando se tratava do Labirinto, e ele se perguntou se algum dia seria mandado para seu interior. Ele estava louco de curiosidade sobre como seria, e todo dia ficava um pouco mais ávido para que os verdadeiros testes começassem. A vida deles precisava de uma injeção de mudança.

Mas à medida que o dia da inserção se aproximava, ele se lembrou de que tinha uma promessa a cumprir. E certa noite ele disse que aquela era a noite. Embora tivesse acesso liberado a mais áreas que antes, ele ainda se sentia um pouco travesso quando seguia pelos corredores até o alojamento do Grupo A. Ele não tinha contado a ninguém o que estava prestes a fazer, achando que seria melhor conseguir perdão por algo tão inofensivo do que pedir permissão antes. A maioria das pessoas estava tão ocupada, até durante a noite, que ele duvidava que fossem descobertos.

Newt estava esperando por ele junto da porta.

– Você veio mesmo, Tommy! – exclamou Newt, provavelmente apenas meio de brincadeira. Thomas sempre se preocupava que as pessoas estivessem desconfiadas dele e de Teresa devido a seu status de “elite”.

– Vim – respondeu ele. – Eu sou um homem de palavra.

Eles apertaram as mãos e então se dirigiram para as profundezas do complexo do CRUEL.

— Você provavelmente conhece esse lugar melhor até que eu – disse Thomas enquanto eles viravam uma curva e desciam em silêncio por outro corredor comprido. – Com todas as saídas às escondidas que vocês deram.

– É, provavelmente – concordou Newt.

– Bem, acho que encontrei um jeito mais rápido de chegar ao alojamento do Grupo B. Com menos chance de ser visto pela segurança.

Ainda está tudo bem?, perguntou Thomas a Teresa em sua mente. Ela estava ajudando a guiá-los pelos lugares com menor probabilidade de serem pegos. Ela tinha estudado imagens de vídeo mais cedo e deixara bem claro que Thomas ia ficar devendo muito a ela.

Sim, respondeu ela. *Vá por aquele laboratório de pesquisa e desenvolvimento do qual eu falei a você, e vocês devem ficar muito bem. Tem um túnel de escape de emergência no final que vai direto ao alojamento.*

Entendi, disse ele.

Depois de mais algumas curvas, eles chegaram a uma porta de segurança identificada como PESQUISA E DESENVOLVIMENTO, uma das muitas às quais ele nunca tivera acesso.

Ela deve estar aberta agora, disse Teresa a ele. Era como se ela os estivesse observando em tempo real. *E você deve ficar bem no caminho de volta. Vou para meu quarto e para a cama. Se alguém prendê-lo ou atirar em você, vai ser uma pena.* Ela interrompeu a conexão antes que ele pudesse responder, mas não antes de mandar uma última pequena imagem mental de um beijo no rosto que, ela sabia, iria deixá-lo embaraçado.

– Tommy – sussurrou Newt. Ele tinha se agachado ao lado da porta da P&D. – Tire essa droga de expressão do rosto e vamos em frente.

Thomas o ignorou, empurrou e abriu a porta, em seguida entrou na sala apressado, gesticulando para que Newt o seguisse. Quando a porta se fechou, eles começaram a andar pelo laboratório. Era um espaço amplo, cheio de bancadas repletas de equipamento e mesas armadas com estações de trabalho e monitores. A sala estava cheia de recipientes de vidro e máquinas pouco comuns cobertas com uma variedade de tubos e fios. As paredes estavam repletas de ferramentas que pareciam pertencer a uma câmara de tortura da Idade Média: metal prateado reluzente, e muito dele afiado. Thomas e Newt se mantiveram abaixados enquanto seguiam pelo corredor que cortava ao meio o salão enorme.

– O que eles estão *fazendo* aqui? – perguntou Newt, seu sussurro soando como uma pequena explosão no silêncio sinistro.

Thomas levou um susto com o som, então tropeçou. Newt tropeçou por cima dele, e os dois começaram a rir, pernas e braços emaranhados em uma pilha no chão. Ou eles estavam estressados ou começando a surtar.

– Tem certeza que o CRUEL sabe o que está fazendo com você? – brincou Newt enquanto se levantavam e se limpavam. – Você parece mais um palhaço que da elite.

Thomas estava à procura de algo inteligente a dizer quando os olhos perceberam algo inusitado. Escondida por trás da escuridão do salão havia uma massa verde reluzente. Era enfeitiçante e estranha, e ele não conseguia afastar os olhos.

O sorriso de Newt vacilou, em seguida desapareceu.

– O que é isso? – perguntou ele, olhando na mesma direção. Havia uma névoa turva envolvendo a luz verde-limão.

Thomas sabia que devia se afastar, continuar a andar e encontrar a passagem oculta para o Grupo B. Mas não havia chance disso.

– Vamos verificar – sussurrou ele, como se pudesse acordar qualquer monstro que estivesse nadando na gosma brilhante.

Juntos, ele e Newt caminharam lentamente por várias escrivaninhas e estações de trabalho, passo a passo, na direção da luz sinistra. Enquanto se aproximavam, Thomas viu que o brilho vinha de uma grande lâmina de vidro, talvez de três por três metros, que cobria um tanque que chegava à altura do peito. Filetes de névoa branca saíam pelas bordas e remoinhavam para o interior da escuridão da sala.

Thomas debruçou-se sobre o vidro, que tinha o topo pontilhado de gotas de água, e olhou para Newt. O rosto do amigo estava iluminado pela luz verde, e por um momento ele pareceu doente. Thomas sacudiu a cabeça para se livrar do pensamento.

– Provavelmente não devíamos mexer com isso – disse Newt, erguendo os olhos do tanque. – Essa droga, para mim, parece radioativa. Nós podemos acordar com três dedos extras e um olho a menos de manhã.

Thomas sorriu, escutando-o apenas parcialmente, e olhou outra vez para o tanque de outro mundo abaixo, sentindo-se quase hipnotizado. Névoa revolvía-se sob a superfície, girando em pequenos redemoinhos. Mas havia algo por baixo disso. Ele podia identificar indistintamente uma silhueta estranha. Ele quase sentiu que, se continuasse a olhar para ela, o que quer que houvesse no interior iria se revelar.

– Tommy? – disse Newt. – Vamos em frente, sim? Essa coisa me dá medo.

Thomas não conseguiu seguir adiante. Ele queria desesperadamente saber...

Um objeto cheio de caroços se mexeu no tanque, batendo contra o vidro com um som pesado e seco, e Thomas deu um pulo para trás. O objeto rangeu contra a lateral do recipiente por vários segundos antes de desaparecer outra vez na névoa. A coisa era amorenada, com linhas como veias correndo através dela. Um braço. Parecia um braço.

Thomas estremeceu, e os pelos em sua nuca e seus braços se eriçaram. Ele olhou para Newt, que o encarou nos olhos com uma expressão de horror.

– Por que ainda estamos parados aqui? – perguntou Newt.

– Boa pergunta.

Thomas se moveu para ir embora quando outra massa de carne se apertou contra o vidro. Parecia ser o torso de qualquer criatura que estivesse sendo mantida no tanque. Ela também tinha veias, e algo

parecendo muito cobria sua pele. Thomas teve de se segurar para que seu estômago não devolvesse o jantar por sua garganta acima.

– Olhe, Tommy – disse Newt, inclinando-se para mais perto do vidro, apontando.

– Ele tem... coisas crescendo na pele. – Ele se afastou do recipiente, sacudindo a cabeça enquanto virava os olhos.

Thomas não conseguiu olhar para outro lado até que viu do que o amigo estava falando. Com uma explosão súbita de coragem, ele debruçou-se sobre a extremidade do tanque e limpou um pouco da condensação. A massa carnosa apertada contra a janela tinha inchaços bulbosos, vários deles. Eles pareciam tumores ou bolhas gigantes. E a menos que seus olhos o estivessem enganando, Thomas podia jurar que os inchaços eram de onde vinha a luz.

Por fim, ele recuou e esfregou os olhos. Ele vira muitas coisas estranhas na vida, mas nada como aquilo.

– Mas que... – disse ele, prolongando as palavras. – ...negócio estranho... é esse?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Newt, recusando-se a olhar novamente. – Nós já vimos o suficiente? – Ramificações de névoa subiam cascadeando por sua camisa e se separavam em torno da cabeça.

– O suficiente – concordou Thomas. – Vamos.

Ele dera ainda mais uma última olhada por trás da cortina de mistérios do CRUEL – e não havia gostado do que tinha visto.

Um estado de ânimo sombrio pairava entre eles enquanto seguiam pelo resto da sala de P&D, pelo túnel de segurança sobre o qual Teresa lhes falara, e então finalmente até uma parede falsa por trás de um armário que levava ao alojamento do Grupo B. Toda vez que Thomas achava ter se acostumado com as coisas em torno do CRUEL, ele descobria algo como um tanque de vidro no qual um monstro horrendo com tumores reluzentes crescia como feto em um útero.

Eles obviamente não estavam lhe contando tudo. Claro que não estavam – ele não era um idiota ingênuo. Mas às vezes parecia que eles não lhe diziam nada, como se estivessem jogando com ele como com todo mundo. Como se ele fosse apenas mais uma cobaia. Quem sabia que tipo de horrores estavam reservados para aqueles mandados para os dois Labirintos? Os Verdugos, aquela coisa crescendo no tonel na P&D...

Thomas deu um suspiro quando Newt apertou a parede e dela saltou um grande painel. Ele revelou um armário pequeno, praticamente todo escuro, com uma porta a apenas pouco mais de um metro que levava ao salão do alojamento. A porta do armário estava entreaberta, e, pela abertura, Thomas podia ver beliches alinhadas junto das paredes.

– E se elas surtarem? – sussurrou Thomas. – Não quero quarenta garotas me atacando ao mesmo tempo.

– Achei que você ia gostar disso – sussurrou em resposta Newt. Thomas mal conseguia vê-lo, mas sabia que o amigo estava sorrindo.

Thomas sacudiu a cabeça e empurrou Newt na direção da abertura, em seguida foi atrás dele para o outro lado do armário. Eles espiaram através da porta para o Grupo B. Os suspiros delicados de sono eram interrompidos aqui e ali por um ronco forte ou o ranger de molas quando corpos se ajustavam.

Thomas esperou que seus olhos se ajustassem à escuridão. Ele estava examinando o ambiente com beliches quando uma figura apareceu de repente diante dele. Ele segurou um grito e cambaleou para trás. A garota o seguiu para o interior das sombras do armário.

– O que vocês querem? – sussurrou ela com ferocidade. – Quem são vocês?

Thomas finalmente se recuperou.

– Desculpe por entrarmos aqui às escondidas assim. Nós somos do Grupo A. Estamos aqui para que Newt possa se despedir da irmã antes que comecem os Testes de Labirinto. – Ele não conseguia ver o rosto de Newt devido à escuridão, mas imaginou o garoto rindo dele por ficar tão assustado.

– Vocês podiam ter nos mandado um aviso – respondeu a garota. – Antes de entrarem aqui escondidos como sequestradores. Qual o nome de vocês? Bem, o *seu* nome, se ele é Newt. Todos nós sabemos de Newt. Sonya é uma de minhas melhores amigas.

– Eu sou Thomas.

– Ah. – Ela pareceu decepcionada. Ou irritada. Seu grupo provavelmente tinha ouvido tanto sobre ele e Teresa quanto seus amigos sobre Aris e Rachel. O CRUEL parecia ter espalhado a informação. – Meu nome é Miyoko. Eu vou chamar Sonya.

Ela se dirigiu ao alojamento, uma sombra em meio a sombras.

– Espero que elas estejam do nosso lado – disse Newt. – Essa garota podia enfrentar metade de nós, hein?

Thomas não respondeu; a escuridão do armário de repente pareceu ameaçadora. Ele sabia que o CRUEL mantinha os indivíduos separados em grupos de meninas e meninos por várias razões. Tinha a ver com como eles iriam excluir as Variáveis mais tarde nos testes. Mas ele também sabia que havia algo a mais acontecendo, e não gostava disso.

Miyoko reapareceu, dessa vez com outra garota bem ao lado dela. Ela pareceu um borrão ao passar correndo por Thomas, atravessando rapidamente a porta, direto na direção de Newt. Eles se envolveram em um abraço instável e cambalearam de volta até o armário escuro.

– Aqui – disse Miyoko, empurrando delicadamente Thomas do caminho para que ela pudesse fechar a porta do closet. Então acendeu uma luz que parecia brilhar como dois sóis. Ele apertou os olhos e ergueu uma das mãos até eles, temporariamente cego.

Newt estava chorando, e Thomas não precisava enxergar para saber disso. O garoto soluçava, os sons abafados pelo pescoço ou o ombro da irmã. Quando a visão de Thomas voltou, ele viu que os dois tinham lágrimas correndo pelo rosto, e estavam se abraçando ardorosamente. Ele não sabia quanto tempo fazia desde a última vez que eles tinham se visto, ou se eles eram capazes de se comunicar de alguma forma. Mas ele sentiu uma dor no coração ao observá-los.

– Vamos – disse Miyoko para Thomas, agarrando seu braço. – Vamos dar a eles um pouco...

– Eu os odeio – disse Newt alto em meio a fungadas. Ele soltou a irmã e limpou o rosto. – Eu odeio todos eles! Como podem fazer isso? Como eles podem nos roubar de nossas casas e nos manter separados assim? Isso não está certo! – Ele berrou a última palavra, e a expressão de Miyoko se contraiu enquanto ela olhava para a porta.

– Não, não, não – disse Sonya em um tom tranquilizador. Ela segurou o rosto do irmão entre as mãos, olhando-o direto nos olhos. – Não diga isso. Você está vendo tudo errado. Nossa situação é melhor do que a de 99 por cento das crianças lá fora. Eles nos *salvaram*, irmãozão. Qual a probabilidade de estarmos vivos se eles tivessem nos deixado lá fora? – Ela puxou Newt de volta em um abraço.

– Mas por que eles nos mantêm separados? – perguntou ele, e a tristeza em sua voz partiu o coração de Thomas. – Por que todos os testes, jogos e crueldade? Eu os odeio. Não me importa o que você diga.

– Um dia tudo isso vai acabar – sussurrou a menina mais nova. – Lembre-se, você não é imune. Um dia vamos conseguir deixá-lo em segurança, aí vamos voltar a ficar juntos. Ei, você é meu irmão mais velho. Era você quem devia estar me confortando.

– Eu amo você, Lizzy – respondeu ele, apertando-a com força. – Eu amo muito você. – Ele se inclinou para trás e olhou para ela.

Ela sorriu, e Newt sacudiu a cabeça, puxando-a de volta em um abraço forte, e Thomas teve a sensação de que aquilo era aproximadamente o melhor que as coisas iriam ficar por algum tempo.

Eles estavam a dias da inserção. Dias. Thomas mal conseguia dormir. Ele e Teresa se conectavam por telepatia toda noite na hora de dormir, mas frequentemente eles apenas permaneciam em silêncio, sem muito a dizer. Entretanto, a mera presença da outra pessoa, de algum modo *ali*, sempre era um conforto. Além de sua mãe, quem ele sempre iria amar, Teresa tinha se tornado a coisa mais próxima de uma família – a coisa mais próxima do que Newt tinha com Lizzy – que Thomas jamais poderia imaginar.

A última coisa que ele lembrava antes da batida que o despertou naquela manhã foi de Teresa cantarolando para si mesma. Ela parecia fazer isso sem pensar. A vibração, o tom e a sensação daquilo viajaram através de sua conexão, e isso o mergulhara em um sono profundo como ele não desfrutava em muito tempo.

Ele se levantou grogue da cama e abriu a porta. A dra. Paige estava ali, e parecia preocupada.

– Desculpe – disse Thomas esfregando os olhos. – Dormi demais. Mas acredite em mim, eu precisava disso. – Eles estavam se esfalfando de trabalhar para se preparar para os Testes de Labirinto.

– Está tudo bem – respondeu ela, que parecia distraída. – O chanceler Anderson quer se reunir com você e Teresa bem rápido esta manhã. Aris e Rachel também vão estar lá. É urgente. Corra e vista-se. Você pode tomar café da manhã depois da reunião.

Thomas percebeu, então, que ela estava um pouco desgrenhada, seu rosto pálido, e fez uma pausa antes de responder.

– Estou falando sério, Thomas! – repreendeu ela. – Corra.

– Está bem, está bem. Vou estar pronto em cinco minutos.

– Faça isso em três.

Era a mesma sala de reunião onde ele tinha visto Aris e Rachel pela primeira vez alguns meses antes. Naquela última vez, a sala estava cheia de gente. Dessa vez, havia apenas três pessoas presentes além de Thomas e dos três outros candidatos de “elite”. O chanceler Anderson, o oficial de segurança, Ramirez, e a dra. Paige. Eles estavam sentados de um lado da mesa, e Thomas, Teresa, Aris e Rachel sentavam-se diante deles, do outro. Ninguém na sala parecia muito feliz.

– Obrigado por virem – começou Anderson. Eles sempre começavam essas coisas com frases assim, como se Thomas e seus amigos tivessem alguma escolha em relação a isso. – Infelizmente tenho más notícias. E não vou ficar de rodeios. Vou dizer logo.

Em vez disso, ele fez o oposto. Ficou em silêncio, trocando olhares com Ramirez e Paige. Thomas observou isso até que quase se tornou cômico. Mas o temor na voz de Anderson tinha sido real, e pesado.

– Então simplesmente diga – disse Aris.

Anderson balançou a cabeça com rigidez.

– Nós achamos... nós *acreditamos* que talvez tenhamos um surto em nossas mãos. – Ele se recostou na cadeira e soltou um suspiro cansado. Tornou a olhar para a dra. Paige.

– Um surto – repetiu Teresa. – De Fulgor?

– Paige, diga alguma coisa – resmungou Anderson.

A dra. Paige entrelaçou as mãos sobre a mesa e olhou para os adolescentes.

– Sim, de Fulgor. Como vocês podem imaginar, nenhum dos adultos aqui é imune, por isso tomamos extrema cautela para preservar nossa segurança contra o vírus. Há alguns meses, porém, começamos a nos preocupar que tivéssemos uma falha de segurança, embora ninguém de nossa equipe tenha exibido sintomas nem testado positivo.

– Então o que fez com que o senhor se preocupasse com isso? – perguntou Rachel. Não pela primeira vez, Thomas desejou que o CRUEL deixasse os quatro trabalharem mais juntos.

– Vocês sabem da existência dos poços de Cranks? – disse Anderson, mais uma afirmação que uma pergunta. – Essa é a parte de maior risco de nossas instalações, mas uma parte vital. É uma armadilha e instalação de contenção que penetra em nossa área, e fornece material biológico para nossos estudos sobre o vírus.

– Então, o que aconteceu? – perguntou Thomas.

– Nós mantemos um registro minucioso – respondeu Ramirez. Era sempre uma surpresa quando o homem grosseiro falava. – É quase como uma armadilha de peixes antiquada, lá embaixo. Eles podem circular, mas não conseguem mais sair. A instalação de contenção é monitorada constantemente. Temos câmeras por toda parte. – Ele fez uma pausa e emitiu um som de esgarro horrendo de algum lugar no fundo de sua garganta. – Há uma regra estrita de contato zero sem traje de contenção – na verdade, uma regra de seis metros de distância –, a menos que você seja um Privilegiado, é claro. Como vocês, garotos. – Ele fungou, como se ofendido pelas próprias palavras.

– O senhor ainda não nos contou o que aconteceu – disse Teresa, sem se dar ao trabalho de esconder sua repulsa pelo homem. Thomas sabia muito bem que ela, como ele, associava o homem com tudo relacionado a Randall.

– Um dos Cranks desapareceu – disse Ramirez. – Nós fazemos contagens três vezes por dia, para registrar recém-chegados das florestas, menos aqueles removidos por necessidade dos laboratórios. Nunca houve uma discrepância, nenhuma vez em todos os meus anos aqui. Até alguns meses atrás. Um deles desapareceu de repente.

Essas palavras se assentaram por um instante. Ninguém falava. Thomas sentiu um tremor de medo, apesar de ser imune. Ele na verdade não tinha medo do vírus, eram os Cranks que o aterrorizavam. E pensar que um deles podia estar escondido em algum lugar dentro do complexo do CRUEL fez com que seu estômago se liquefizesse.

– Não queremos alarmar a vocês nem a ninguém – disse o chanceler Anderson. – Mas nós os trouxemos aqui para informar que tomamos algumas decisões. Algumas decisões difíceis. Para começar, decidimos reduzir os Testes de Labirinto de cinco para dois anos. Por mais que falemos que esse é um processo

longo e lento, a possibilidade de um surto nos fez parar e pensar. Nós talvez tenhamos de ser um pouco mais... intensos com as Variáveis.

Thomas nunca se sentira tão desconfortável. Anderson estava dando voltas em torno de alguma coisa ali, mas ele não sabia ao certo o quê. Teresa não disse nada específico na mente, mas ela abriu as emoções para ele, mostrando que compartilhava de sua sensação agourenta.

– Temos trabalhado com várias possibilidades para uma Segunda Fase, até mesmo uma Terceira Fase se necessário. Depois de passarmos pelas inserções iniciais no Labirinto, vamos ver o andamento das coisas.

Thomas pensou imediatamente no que ele e Newt tinham visto no laboratório de pesquisa e desenvolvimento: o tanque com tampa de vidro, a pele com veias, os tumores bulbosos...

Anderson deu um suspiro, em seguida pôs a cabeça nas mãos antes de erguer os olhos outra vez. Thomas nunca o vira tão frustrado.

– Sinto como se às vezes houvesse coisas demais a fazer – prosseguiu o homem. Ele bateu na mesa com a mão espalmada. – Vejam, as coisas podem ser resolvidas durante os próximos meses enquanto estudamos e analisamos os resultados do interior dos Labirintos. Basta dizer que temos tecnologia de Transportais, temos o potencial para mais recursos humanos, e estamos até à procura de locações para testes futuros. Tudo pode acontecer, e vai acontecer. Tudo em seu próprio tempo. Reduzir os Testes de Labirinto de cinco para dois anos é simplesmente a coisa certa a fazer. – Ele deu um sorriso fraco. – Acho que metade de minha frustração com essa mudança é porque foi necessário tanto esforço para construir essas coisas que é uma vergonha vê-las utilizadas por menos de metade do tempo que pretendíamos.

Ele está se esquivando, disse Teresa na mente de Thomas. *Tem alguma coisa que ele precisa dizer que ele não quer dizer.*

Thomas deu para ela um aceno quase imperceptível com a cabeça. Ela estava exatamente certa.

– O que o senhor não está nos contando? – perguntou Aris.

Inicialmente, Anderson agiu surpreso diante da pergunta, mas então deu um sorriso astuto.

– Às vezes eu me esqueço de como vocês, garotos, são perceptivos. O negócio é o seguinte: eu só estou nervoso, está bem? Eu não devia demonstrar a vocês, muito menos admitir isso, mas esta é a verdade. – Os olhos dele piscaram em torno da sala, em seguida repousaram sobre a mesa diante dele antes que erguesse o rosto e olhasse para cada um dos garotos e desse um suspiro. – Acho que o que estou tentando dizer é que isso vai ser difícil, mas sei que todos vocês estão à altura.

Mais coisas foram ditas, mais informação foi trocada durante a reunião. Porém Thomas não ouviu muito porque tudo parecia decorativo. Alguma coisa havia mudado. Ou alguém tinha recuado. De algum modo, Thomas sabia que, por alguma razão, no último segundo o chanceler Anderson e seus dois parceiros haviam decidido *não* contar tudo a eles.

O que ele está escondendo?, perguntou Thomas a Teresa quando eles estavam finalmente se levantando para ir embora. Mas então ele olhou para a dra. Paige, e a expressão estranha no rosto dela fez com que ele se desse conta de que tinha perguntado sobre a pessoa errada.

Olhe para Minho, disse Teresa para Thomas.

Era a manhã da véspera do grande dia – a primeira inserção no Labirinto. Quarenta garotos do Grupo A estavam enfileirados ao longo das paredes do corredor, prontos para seus exames médicos finais. Newt, Minho, Alby, Gally – todos os garotos que Thomas viera a conhecer durante os últimos anos fariam parte do grupo. Auxiliares de enfermagem andavam pelos corredores de um lado para outro, preparando-os para entrar nos consultórios médicos – medindo temperaturas, pressões sanguíneas, examinando olhos, línguas.

É, eu o estou vendo, respondeu Thomas. Ele e Teresa estavam ali a pedido do chanceler Anderson, para observar e fornecer apoio moral. Mas tudo o que ele sentia era uma tristeza muito, muito pesada ao se despedir, e ele estava em silêncio desde que chegara.

Minho estava a cerca de dez garotos de distância de onde ele e Teresa estavam parados, e ele passara toda a manhã inquieto. Mas agora aquilo tinha se transformado em algo pior – seu corpo lembrava Thomas uma arma engatilhada, seus músculos tensos estavam como se estivessem prontos para entrar em ação.

Cara, disse Thomas. *É impossível que ele tente alguma coisa outra vez. Certo?*

Embora houvesse várias coisas para perturbar o amigo deles. No interior dos consultórios médicos, nitidamente visível de seu lugar no corredor, aparelhos ameaçadores pendiam acima de cada cama – eles pareciam máscaras robóticas, metálicas e cheias de tubos e fios. Thomas supôs que eles eram feitos para capturar todo tipo de medição imaginável da ruína universal, uma base a partir da qual eles podiam estudar o progresso dentro dos Testes de Labirinto.

Siga-me, disse Teresa. Ela se afastou da parede e caminhou na direção de Minho. Thomas seguiu logo atrás. Ela tinha um ar de autoridade em torno dela, por isso os auxiliares de enfermagem mal olharam em sua direção. Ela parou quando chegou a Minho, e pôs a mão em seu ombro. Ele se encolheu, e, por um instante, Thomas achou que pudesse até agredi-la, mas então seus olhos se encontraram com os dela, e uma onda de calma pareceu se derramar sobre ele, relaxando seus músculos enquanto fluía por seu corpo. Para surpresa de Thomas, lágrimas se formaram nos olhos do garoto.

– Está tudo bem – disse Teresa a ele. – Não piore as coisas lutando contra eles. Tudo vai ficar bem no interior do Labirinto. Você vai ver.

– Vocês não vão com a gente? – perguntou Minho.

A resposta pegou tanto a Thomas quanto a Teresa de surpresa.

– Ah, bem... – gaguejou Teresa.

– Ainda não – interveio Thomas rapidamente, deixando as coisas assim. Na esperança que seus amigos não perguntassem mais.

Um toque de raiva enrubescou o rosto de Minho novamente, e dessa vez ele se estabeleceu com firmeza.

– É sério? Então você está me dizendo para não lutar contra *eles*? Tem certeza de que não quer dizer *nós*? O que exatamente você está fazendo aqui, Thomas? Não o vejo sendo tocado como gado.

Alby, a apenas alguns metros no corredor, virou-se para olhar para os três.

– É – disse ele. – Na minha opinião, o que ele diz faz muito sentido. Vocês vão simplesmente nos jogar dentro de um grande experimento, depois vão voltar para sua cama macia e relaxar? Vocês iam nos contar algum dia? Ou iam simplesmente deixar que pensássemos que vocês também entrariam, e aí, *surpresa!*

Thomas não sabia o que dizer. Ele tinha se convencido de que era igual a seus amigos. Que eles não se importavam por ele ter sido separado, por ele ter responsabilidades distintas das deles. Como ele pôde imaginar que isso não iria importar? Que isso não seria jogado na sua cara?

– O quê? Esqueceu o roteiro que você devia seguir? – perguntou Alby. – Ou você está apenas preocupado em não aborrecer seus amigos? – Ele apontou a cabeça na direção dos médicos e enfermeiros, todos eles continuavam seu trabalho como se nada estivesse acontecendo.

– Caras, parem com isso – disse Teresa, finalmente recuperando a fala. – Nós não somos diferentes de ninguém, só fazemos o que eles pedem.

– Pode dizer qualquer coisa que faça você se sentir melhor – respondeu Alby. Ele cruzou os braços, encostou-se à parede e olhou para outro lado. Eles estavam compreensivelmente no limite.

Então a realidade ficou clara como o dia. Os amigos de Thomas estavam sendo mandados para o Labirinto, e ele não estava. Não sabia se algum dia seria mandado para lá. Ele era diferente dos amigos, e ninguém podia mais ignorar isso. Eles ficaram parados, encostados na parede, alguns o encarando como se ele soubesse daquilo o tempo inteiro. Como se estivesse mentindo para eles. Até Newt, lá no fim da fila, olhou para Thomas com raiva, retorcendo seu rosto.

Thomas estava absolutamente arrasado.

Minho não dissera nada, mas o olhar feroz de serpente pronta para o bote tinha voltado. Raiva, medo, ansiedade em relação ao que aquela nova mudança significava – Thomas entendia como eles se sentiam. E ele era a pessoa perfeita para ser culpada.

Minho tirou a mão de Teresa de seu ombro.

– Alby tem razão – disse ele. – Tentei várias vezes dar a vocês o benefício da dúvida. Achei que vocês iam conseguir nos ajudar. Mas agora é óbvio o que estavam fazendo. Vocês estavam os ajudando o tempo inteiro. Tudo tem sido sobre se preparar para fazer *isso* com *a gente*, não é? – Ele bateu duas vezes no peito enquanto enfatizava as palavras.

– Minho, escute... – começou Teresa.

– *Suma da minha frente!* – berrou Minho.

O mundo estava desmoronando, e Thomas não conseguia pensar em nada para dizer. Alby, Minho, Newt. Até cinco minutos atrás, ele os considerava seus melhores amigos, e simplesmente supunha que eles compreendiam a situação e seus sentimentos. E agora tudo tinha ruído, e ali estava ele parado diante deles como um completo idiota. Tudo o que ele dizia soava como mentira, até para si mesmo.

Pelo canto do olho, ele percebeu alguém se aproximando pelo corredor. Ele olhou e viu que era Gally. Ele havia deixado seu lugar na fila, e seu rosto estava inflamado de raiva. Duas enfermeiras o seguiam,

tentando alcançá-lo antes que ele chegasse até Thomas.

– Thomas! – gritou o garoto, apressando o passo, e só então, quando estava mais perto, Thomas pôde ver que sua expressão não era de raiva, era de medo.

– Vocês precisam nos ajudar! Não podem nos ajudar? – Dois auxiliares de enfermagem agarraram o garoto antes que ele pudesse se aproximar e o detiveram. – Nós sabemos que vocês têm algum poder com eles. Ajudem-nos! – Ele parecia desesperado, e se esforçava para manter os olhos em Thomas enquanto os auxiliares de enfermagem o viraram bruscamente e o arrastaram para a sala de exames.

Thomas se sentiu impotente. Ele olhou para a fila de garotos que tinham sido seus amigos, e seu coração se partiu várias vezes. Minho, Alby e Newt tinham olhos cheios de ressentimento. Como tudo havia desmoronado tão repentinamente?

Ele precisava dizer alguma coisa, depressa. Sua chance terminaria logo. Ele precisava consertar aquilo! Eles precisavam saber que estavam todos errados, que, na verdade, ele e Teresa não estavam trabalhando com o CRUEL. Eles iriam *ajudá-los*, até entrar eles mesmos no Labirinto, se precisassem. Ele tinha de falar, agora!

Thomas abriu a boca, pronto para despejar suas palavras, suas súplicas, suas desculpas.

Mas alguma coisa aconteceu. Algo nas profundezas de seu cérebro estalou, e parecia que uma mão havia entrado em seu corpo real e começado a manipulá-lo, a brincar com seus nervos, seus pensamentos, seu tudo. Como se possuído por um espírito maligno, ele perdeu completamente o controle – perdido para alguém, ou alguma outra *coisa*. Ele falou as palavras contra sua vontade.

– Sinto muito – disse ele, o tom e a altura soando tão estranhos como se viessem de uma pessoa totalmente diferente. – Não há nada que eu possa fazer.

Então ele observou congelado, impotente, gritando por dentro, enquanto levavam seus amigos embora.

No dia seguinte, a dra. Paige chegou bem no horário. Thomas passara a noite acordado pensando sobre o que acontecera, ficando cada vez com mais raiva. Quando seu despertador tocou, ele estava pronto para jogar tudo aquilo em cima dela. Mas quando ele abriu a porta e viu o rosto da médica, esmoreceu. O que acontecera com ele fez com que se sentisse meio louco, e estava com medo de trazer isso à tona.

– Não diga nada, Thomas – disse ela. – Há razões para coisas que você não entende. Saiba também que eu não tenho a palavra final em nenhuma decisão. Mas eu consegui uma vitória para você hoje. O que acharia de um dia de folga? Você pode passá-lo observando seus amigos no Labirinto. Acho que merece isso.

Thomas se empolgou, mas logo desanimou.

– A única razão por que vocês querem que eu faça isso é porque querem *me* observar enquanto eu os observo.

Ela deu um suspiro.

– Você quer fazer isso ou não?

Ele engoliu seu orgulho.

– Quero.

A dra. Paige levou Thomas até a sala de observação na qual ele tinha visto Minho atormentado por um Verdugo muito tempo atrás. Dessa vez, os monitores mostravam vários vislumbres do interior do espaço verde enorme no centro do Labirinto, onde residia agora a maior parte de seus amigos. A dra. Paige lhe ofereceu uma cadeira no painel de controle, e ele se sentou, já grudado nas várias cenas exibidas nos muitos monitores. Sem dizer mais nenhuma palavra, ela o deixou e fechou a porta.

Thomas se inclinou para a frente.

Ele assistiu.

Eles passaram uma noite em sua nova casa, embora nenhum deles ainda tivesse visto o verdadeiro Labirinto. O CRUEL ainda tinha de abrir as portas que levavam ao Labirinto, guardando isso para o dia seguinte.

Thomas observou os garotos andando pelo grande pátio abrigado no interior dos muros gigantes do próprio Labirinto. Seus rostos diziam tudo. Seus *olhos* diziam tudo, normalmente visíveis quando um besouro mecânico conseguia se aproximar o suficiente. Eles não tinham ideia de onde estavam. Pareciam desorientados, e quanto mais Thomas olhava, mais algo parecia errado. Todo mundo tinha se dispersado e parecia estar por conta própria.

Ele se concentrou em dois dos garotos que não conhecia muito bem, que estavam apenas cruzando o caminho um do outro.

– Ei – disse um deles com voz trêmula. – Você sabe onde estamos? Como chegamos aqui?

O outro menino sacudiu a cabeça, parecendo estar à beira das lágrimas.

– Eu não... Não sei nem se... – Ele não terminou, mas se virou e saiu apressadamente.

Coisas parecidas estavam acontecendo em outros lugares. A maioria dos garotos evitava um ao outro, mas quando eles interagiam, parecia que estavam agindo como estranhos. Como se não soubessem mais quem ninguém era. Ou quem eram eles mesmos. Alguns nomes foram mencionados, mas mesmo esses foram ditos com incerteza.

Aquelas máscaras. Era para *isso* que serviam as máscaras. O CRUEL tinha feito algo terrível com suas memórias. Algo relacionado com seus implantes, provavelmente.

Se esse fosse o caso, se isso fosse algo permanente, Thomas não podia imaginar nada mais horrível. Era tudo o que eles *tinham*, suas memórias. Ele relembrou quando Randall retirara seu nome – a sensação tinha sido de perder parte de sua alma. E isso era bem, bem pior. Que profundidade alcançava? Será que poderia ser temporário?

Ele encontrou Minho caminhando apressadamente ao longo dos muros, estudando cada centímetro da estrutura. Ele devia estar fazendo isso por horas. Desde o nascer do falso sol. Ele estava com medo, isso ao menos era óbvio. Perder suas memórias, combinado com ser jogado em uma prisão de pedra, isso devia encher você de um pânico além do que a maioria poderia imaginar. Ele andava e andava, ia de uma parede do muro à seguinte, depois à seguinte e à seguinte. Não tinha como não perceber que estava andando em círculos.

Em outra imagem, Alby estava sentado perto do bosque de árvores, de costas para um dos pinheiros esqueléticos. Ele estava imóvel demais, parecia quase sem vida. Ele demonstrava estar arrasado, e isso foi de matar para Thomas. Aquele jovem que Thomas conhecia como impetuoso e determinado, sempre pronto para enfrentar qualquer coisa que fosse contra ele. O CRUEL conseguira transformá-lo em nada mais que uma concha.

Newt era um dos que estavam andando a esmo. Ia sem objetivo de um lado para outro, do celeiro aos campos até a pequena estrutura que devia ser a casa deles. Na verdade, não era nada mais que uma cabana. Ele tinha a mesma expressão vazia nos olhos que Alby. Newt caminhou lentamente até o velho amigo, como se estivesse abordando um estranho. Thomas apertou um botão para escutar o áudio daquele monitor.

– Você sabe onde estamos? – perguntou Newt.

Alby ergueu bruscamente o rosto.

– Não, não sei onde estamos – respondeu sem paciência, como se Newt tivesse lhe perguntado cem vezes e ele estivesse farto de ouvir aquilo.

– Ah, que inferno, nem eu.

– É, acho que todos percebemos isso.

Eles se encararam por um longo momento, nenhum deles baixando os olhos. Por fim, Newt disse:

– Pelo menos eu sei meu nome, é Newt. E você?

– Alby – disse ele, quase como um palpite.

– Bem, nós não devíamos tentar começar a entender as coisas?

– É, devíamos. – Alby pareceu tão mau quanto na noite que eles tinham sido capturados fora do complexo do CRUEL.

– E então? – perguntou Newt.

– Amanhã, cara. Amanhã. Dê-nos um dia para nos lastimarmos, pelo amor de Deus.

– Está bem.

Newt saiu andando e chutou uma pedra solta que correu sobre o chão empoeirado.

Depois, naquela mesma tarde, Minho tentou escalar o muro.

As trepadeiras eram bem tentadoras, convidando aqueles que ousassem escalar a hera coberta de folhas. Minho fez exatamente isso, agarrando-as com mãos, os nós dos dedos embranquecidos, encontrando apoios perigosos para os pés enquanto subia lentamente. Mão acima de mão, movendo os pés com cuidado, ele subiu.

Três metros.

Cinco metros.

Sete metros

Dez metros.

Ele parou. Olhou na direção do céu, em seguida esticou o pescoço para olhar outra vez para o chão. Uma multidão tinha se reunido e o incentivava. Outros dois garotos tinham começado a subir as trepadeiras também, tentando seguir o caminho de seu colega prisioneiro.

Minho tornou a olhar para cima. Para baixo. Para a parede. Para as mãos. Outra vez para cima. O chão. O céu. O muro. As mãos. Então, sem qualquer explicação, apesar da abundância de hera acima dele, ele começou a retornar para o chão. Ele pulou o último metro, em seguida limpou as mãos na calça.

– Não pode ser feito aqui – disse ele. – Vamos tentar outro ponto.

Três horas e quatro muros depois, com o céu quase escuro, ele desistiu.

Assim como todo mundo.

Naquela noite, quando a dra. Paige chegou para buscá-lo, Thomas não pôde acreditar que o dia já havia terminado.

– Hora de voltar para seu quarto – disse ela gentilmente.

Ela fizera com que lhe enviassem suas refeições durante o dia, por isso Thomas pensou em tirar vantagem da boa vontade dela para pedir um favor. Ele não queria arriscar aborrecê-la perguntando sobre a aparente perda de memória, ele teria de guardar isso para outra vez.

– Posso voltar aqui de manhã? – perguntou ele. – Sinto que preciso ver a reação deles quando as portas se abrirem pela primeira vez. É importante. – Ele tentou insinuar que falava da importância para o estudo.

– Está bem, Thomas. Não tem problema. Você pode tomar café da manhã aqui.

Ele se levantou, com o coração tão pesado que parecia ter ficado na cadeira. Depois de uma última olhada para os amigos – que se preparavam para a noite, conversando em pequenos grupos, comendo um pouco da comida que lhes tinha sido fornecida –, ele se virou.

Na manhã seguinte, ele chegou à sala de observação bem a tempo.

Todo o Labirinto se abalou, e ele ligou o som. A sala onde estava sentado de repente se encheu com o estrondo de um trovão, e as portas gigantescas começaram a deslizar e se abrir. Ainda era uma visão impressionante para Thomas, que tinha ajudado a *construir* essas portas.

Os amigos de Thomas se reuniram, confusos. Alguns choravam de medo. Outros, com expressões tão animadas de esperança no rosto que aquilo quase partiu seu coração. Parecia muito óbvio que suas memórias ainda estavam perdidas para eles.

Ele observou quando eles saíram em fila pelo Labirinto propriamente dito e começaram a explorar a grande estrutura de corredores que se retorciam e viravam segundo seus padrões. Thomas se perguntou o que eles iriam pensar na primeira vez que as paredes lá fora se movessem e formassem um novo padrão. Ele imaginou os momentos aterrorizantes que havia à frente para seus amigos, então se lembrou da criatura gelatinosa debruçada sobre Minho, e o que iria acontecer no dia em que o CRUEL decidisse soltar aquilo no Labirinto pela primeira vez.

– Thomas?

Ele se virou, arrancado de seus pensamentos, para encontrar a dra. Paige às suas costas.

– Vai haver muitas outras oportunidades para observar seus amigos – disse ela. – Mas suas responsabilidades aqui têm prioridade, está bem? Você ainda tem um horário cheio. Vamos.

Ele se foi, deixando os amigos para trás.

Thomas estava sentado na cadeira olhando fixamente para o conjunto de monitores à frente do painel de controle, sentindo-se melhor do que se sentia em meses. O que não era dizer muito. Pelo menos, ele queria continuar respirando, em vez de desejar que isso talvez não acontecesse, que alguma doença misteriosa o matasse de repente. Há muito tempo que ele não se sentia... bem. E hoje ele se sentia bem.

A dra. Paige continuava a deixá-lo observar os amigos no Labirinto enquanto ele mantivesse o horário de aulas, testes, check-ups e tudo mais. Ele não tinha mais dias de trabalho desde que o Labirinto fora terminado, então restava tempo livre e, embora soubesse que eles o estavam observando enquanto se sentava para assistir, aquele era o único lugar onde queria ficar.

Os técnicos haviam instalado um novo sistema de exibição, e talvez isso fosse parte da razão porque ele tinha finalmente sido capaz de sair de seu abatimento, mesmo que apenas por uma fração de cada dia. Agora ele podia escolher qualquer um dos besouros mecânicos e os jogar em uma tela central bastante aperfeiçoada, que tinha quase dois metros de largura, cores e detalhes espetaculares e áudio melhorado. Ele adorou ver e ouvir seus velhos amigos no Labirinto mais de perto, quase como se estivesse ali com eles. Todo o sistema estava cem vezes melhor, e ele sabia que agora toda sua vida iria girar em torno de encontrar cada vez mais desculpas para estar ali naquela mesma sala, assistindo. Observando. À procura de algo que lhe fizesse entender aquilo. Infelizmente, as memórias deles nunca voltaram, uma coisa que ainda deixava Thomas muito amargurado.

Ele escolheu o besouro mecânico número 37 e o colocou na tela principal. A imagem mostrava Alby e um garoto chamado George parados na Porta Leste do Labirinto, conversando e rindo, os dois comendo pêssegos que tinham acabado de pegar na pá da escavadeira. Thomas nunca sequer falara com George antes, mas aquele era o tipo de cena pela qual ansiava: uma imagem dos Clareanos realmente aproveitando a vida. Aquilo sempre lhe dava esperança, ajudava-o a se esquecer por algum tempo do roubo terrível que eles tinham experimentado. E sem nada de interessante acontecendo em nenhum outro lugar, ele se sentou e observou, desejando poder estar lá. Só para uma visita.

Alguém bateu à porta.

– Entre! – gritou Thomas, sem se dar ao trabalho de verificar quando a porta se abriu e fechou. Ele soube pelo som dos passos. Ele soube com certeza. – Oi, Chuck – disse ele sem olhar.

– Oi, Thomas! – disse o menino mais novo com a voz cheia do entusiasmo habitual. Ele puxou uma cadeira e a colocou bem ao lado de Thomas, a pouco mais de um centímetro de distância, e saltou em seu assento com um grunhido jovial. – Alguma coisa excitante já aconteceu?

– Você está olhando para ela – respondeu Thomas. – Está vendo aquilo? Parece muito perto. Veja o que Alby e George estão comendo. Você não vai acreditar.

Chuck se debruçou para a frente, seu cabelo com erupção descontrolada de sempre, e apertou os olhos para a tela, procurando com toda a seriedade que ele podia exibir.

– Parecem pêssegos – disse ele por fim.

– Bingo – respondeu Thomas, dando um tapinha nas costas de Chuck. – Você deve ser o melhor analista de todo o CRUEL.

– Boa piada. – Essa era a resposta favorita do garoto quando Thomas o provocava. – Você é muito engraçado. – Essa era sua segunda favorita.

Thomas implorara à dra. Paige que permitisse que Chuck trabalhasse como seu assistente por uma ou duas horas todos os dias. Tinha ficado claro que o CRUEL gostava das sacadas fornecidas por Thomas, e ele insistiu que precisava de alguém com quem discutir suas ideias durante esses períodos de trabalho. Teresa estava frequentemente ocupada demais aprendendo sistemas de computador além de seu horário normal para ajudá-lo.

Ele disse estar preparando Chuck para fazer grandes coisas, mas a verdade era que Thomas precisava dele. Estar frequentemente sozinho costumava fazer com que suas memórias desabassem sobre ele, e Chuck era um farol que iluminava a escuridão. A dra. Paige pareceu muito feliz em concordar, considerando o valor de estudar as reações de Chuck às coisas que testemunhava. Era puro egoísmo da parte de Thomas, mas ele não conseguia abrir mão disso. Ele nitidamente precisava de Chuck, como uma criança com um cobertor de segurança.

Chuck era um ponto luminoso constante no que tinham sido meses de infelicidade desde que mandaram o primeiro grupo de indivíduos para o Labirinto, depois de roubar suas memórias. Se não fosse por Chuck e Teresa, Thomas não sabia como teria sobrevivido.

Como se o pensamento a houvesse convocado – o que poderia muito bem ter acontecido –, Teresa falou em sua mente.

Ei, o que você está fazendo?, perguntou ela. *Acabei de preparar o próximo garoto a entrar. É hora da Caixa para ele amanhã de manhã. Coitado.*

Eu estou na sala de observação, respondeu ele. *Vou lhe dar três chances de adivinhar quem está sentado ao meu lado, e as duas primeiras não contam.*

O fofo do Chuck-Chuck? Ele pôde senti-la sorrir através da conexão. Os dois gostavam do garoto. *Vocês se importam se eu for aí me juntar a vocês?*

Você está brincando? Nunca é o mesmo sem você.

Ela não respondeu imediatamente, e ele soube que ela estava prestes a dizer algo sério. Ele se encolheu, à espera.

Posso dizer que você está se sentindo melhor, disse ela por fim. *E isso me deixa muito feliz.*

Ele deu um suspiro de alívio.

Você e eu, os dois, respondeu ele de volta. *Agora venha logo para cá.*

Teresa apareceu na sala de observação alguns minutos depois. Ela entrou sem dizer nada e puxou uma cadeira para o lado de Thomas. Toda a rotina era tão confortável como um par de sapatos velhos. Chuck olhou para ela e piscou – azarar uma garota mais velha era algo que ele considerava hilariante – em seguida fez sinal de positivo com o polegar.

– Como está você, Chuck? – perguntou ela. – Já foi mandado para seu quarto, hoje?

– Não, senhora – respondeu com olhar sedutor. – Um perfeito anjinho, como sempre.

– Aposto que sim. – Ela estendeu o braço por cima do colo de Thomas, pegou um pedaço da pele da perna de Chuck e o torceu com força.

Chuck deu um grito de agonia e pulou da cadeira, saltando para cima e para baixo enquanto esfregava o ponto dolorido.

– Isso não foi legal! – berrou ele. – Não foi legal!

– Isso é por roubar os ovos cozidos recheados da minha bandeja do almoço quando eu fui buscar uma bebida – disse ela com uma sobrancelha erguida acusatoriamente. – Você sabe o quanto eu amo ovos recheados.

– O quê? – perguntou ele. – Como você... – Ele olhou para Thomas. – Ela é uma espécie de leitora de mentes.

– Não mexa com Teresa – disse Thomas, sacudindo lentamente a cabeça de um lado para outro, como se muito impressionado com os poderes dela. – Se eu tiver de ensinar uma coisa a você na vida, filho, é isso. Não mexa com Teresa.

– Venha aqui, seu pequeno sem-vergonha – disse Teresa, agora perseguindo Chuck pela sala, tentando sufocá-lo com abraços. Apesar de suas piadas sedutoras, o garoto odiava quando ela fazia isso.

Thomas se encostou na cadeira, saboreando cada segundo daquilo.

É, pensou ele. *Eu estou me sentindo bem outra vez.*

Outro dia de inserção.

O nome do garoto era Zart, e era sua vez de entrar na Caixa. Era trabalho de Teresa preparar as novas inserções dessa vez. Ela preparara Zart na véspera, e ele passara pelo processo do Dissipador no início daquela manhã. Thomas olhou para ele inconsciente na maca. O que quer que eles davam às crianças para apagá-las parecia capaz de derrubar um rinoceronte.

Ele ergueu os olhos para Teresa e lhe lançou um sorriso. Eles estavam no elevador junto com a dra. Paige, dois enfermeiros e Chuck. Mais uma vez, Thomas convencera a dra. Paige a permitir que seu parceiro o acompanhasse, o que Chuck adorou. Ele sempre se animava com uma quebra de seu horário de escola e testes. Thomas acreditava cada dia mais que o futuro do menino não devia ser escondido dele, que seria bom preparar sua mente, mesmo que acabasse por ser a nível subconsciente.

O elevador fazia um ruído baixo enquanto eles desciam na direção do subsolo da instalação. Ninguém falou durante toda a viagem, nem mesmo Chuck, o que era um pequeno milagre. A mente de Thomas divagou.

Como é?, perguntou-se ele, olhando para o rosto adormecido de Zart. Como devia ser estranho acordar com as lembranças apagadas. A dra. Paige explicara muitas vezes como isso funcionava, mas qual seria a *sensação*? Era isso o que Thomas queria saber. Ter uma imagem completamente intacta do mundo e como ele era... mas com tudo o que importava apagado. Amigos, família, lugares. Era algo fascinante e terrível.

A campainha do elevador tocou, e eles chegaram. No subsolo. Thomas sentiu uma leve pontada no coração com aquilo. Era onde ele e seus amigos tinham se encontrado uma vez na semana por tanto tempo. Onde ele se transformara de uma criança solitária e infeliz em uma pessoa relativamente feliz com amigos.

As portas se abriram, e os enfermeiros empurraram a maca para o corredor. Chuck foi junto, os olhos arregalados de ansiedade. Se o que havia em seu futuro o incomodava, ele nunca demonstrava isso.

As rodas da maca faziam ruído no chão de lajotas enquanto eles seguiam pelo corredor comprido até onde a Caixa aguardava.

– Porque vocês estão tão quietos? – perguntou Chuck. De poucos em poucos segundos, ele tinha de correr alguns passos para acompanhar todo mundo.

– Por que é o início do amanhecer – respondeu Teresa. – Antes do horário normal de acordar, e ainda não tomamos café da manhã.

– Nem um cafezinho – acrescentou a dra. Paige, demonstrando um raro lampejo de personalidade. – E eu mataria um Verdugo com minhas próprias mãos por uma xícara de café.

Thomas e Teresa trocaram olhares surpresos, depois bem-humorados. A mulher acabara de fazer uma piada. Talvez o mundo *estivesse* acabando.

Isso me assusta, disse Teresa do nada.

O que assusta você?, perguntou ele.

A ideia do Labirinto. Inserção. Mas isso também meio que me excita. Às vezes invejo os garotos na Clareira. Sim, as coisas são bem difíceis para eles, mas eles se divertem.

Thomas deu de ombros, agindo como se nunca tivesse pensado naquilo. Mas, na verdade, ultimamente ele tinha pensado muito naquilo. *Não sei*, disse Thomas. *Você sabe que os Psis não vão deixar que a diversão dure por muito tempo lá dentro.*

Teresa, de início, não respondeu. Eles caminharam pelo corredor em silêncio.

A merda logo vai atingir o ventilador, concordou ela finalmente.

Por fim, eles chegaram às portas duplas largas que levavam à câmara onde ficava a Caixa. Com toda a sofisticação que cercava o CRUEL e seus testes, experimentos e maravilhas tecnológicas, não havia muita produção em torno da Caixa em si. Ela ficava em uma sala empoeirada no fundo de um poço que levava à Clareira, conectada a engrenagens enormes na superfície por correntes e polias. Um elevador mágico para um mundo totalmente novo.

Thomas estremeceu ao pensar em como seria acordar naquela caixa de metal escura, sem lembranças. Devia ser aterrorizante.

– Aqui estamos nós – disse a dra. Paige enquanto os enfermeiros empurravam a maca na direção da parede alta de aço prateado. – Sei que passamos as últimas semanas levando mais cobaias para o Labirinto enquanto os Psis fazem ajustes no programa, mas depois de Zart, vamos ficar um pouco mais organizados. Vamos mandar um garoto por mês para a Clareira, no mesmo dia, à mesma hora. Como um relógio. A menos que alguma coisa mude.

Eles sempre mantêm aberto seu leque de opções, não é?, disse Thomas para Teresa

Com certeza. De algum modo, ela projetou sua imagem pondo a língua para fora e envesgando os olhos. Não fazia sentido, ainda assim parecia a resposta perfeita.

Os enfermeiros pararam bem ao lado da Caixa, que tinha cerca de três metros de altura. Um deles deu a volta e retornou arrastando uma escada grande e robusta sobre rodas.

– Onde é a porta dessa coisa? – perguntou Chuck, examinando a parede sem emendas mais perto deles, indo em seguida para as laterais. Ninguém respondeu até que ele fizesse a volta completa no contêiner e retornou até onde havia começado.

– Apenas olhe – disse Teresa, sem esconder seu desdém pelo processo.

– Não é o que você chamaria de glamouroso – acrescentou Thomas.

– Mal posso esperar! – disse Chuck, um pouco alegre demais. Às vezes Thomas achava que o garoto tinha um senso de humor mais seco do que as pessoas percebiam.

– Está bem – disse a dra. Paige. – Vamos subir a escada com ele. Tudo deve estar arrumado. Eles estão todos prontos na sala de comando.

Os enfermeiros pegaram Zart – um pelas pernas, o outro o erguendo após envolver os braços por baixo de seu peito – e o levantaram da maca. Então subiram lenta e cuidadosamente a escada rolante, que balançava precariamente sob seu peso. Eles chegaram ao topo, e então aquilo se tornou uma tarefa constrangedora enquanto o enfermeiro que segurava Zart pelo peito o erguia para a borda superior da

Caixa, esforçando-se até conseguir passar o braço do menino por cima da beirada de metal para mantê-lo no lugar. Ele esperou, assegurou-se de que o garoto não ia cair, em seguida se abaixou para ajudar o outro enfermeiro a erguer Zart pelas pernas.

Que coisa lamentável, disse Thomas para Teresa. *Será que eles não podiam mesmo inventar um jeito melhor de fazer isso? Eles têm implantes em nossos cérebros, Transportais, pequenos besouros robôs com câmeras. E é assim que eles...*

Ele parou quando os enfermeiros acidentalmente soltaram o corpo de Zart cedo demais, e o menino caiu e desapareceu de vista, batendo ruidosamente no fundo da Caixa com um estrondo chacoalhante que ecoou no teto alto. Chuck riu, em seguida ficou envergonhado quando a dra. Paige olhou feio para ele.

– Desculpe – murmurou ele.

– Ele está bem? – perguntou a dra. Paige, com a voz cheia de irritação.

Os dois enfermeiros estavam na ponta dos pés, debruçados além da borda enquanto examinavam Zart lá embaixo.

– Ele parece bem – respondeu um deles. – Ele se enrolou como uma bola. Está dormindo como um bebê.

– Por que não colocar uma porta na lateral da caixa? – perguntou Chuck com voz tão doce que obviamente tinha a intenção de significar o oposto. Como em *Como vocês podem ser tão burros?*

– Tudo o que fazemos tem uma razão – respondeu Paige, mas ela não se esforçou muito para parecer convincente. Podia ter sido mais uma piada? – Venham, vamos observar sua inserção.

– O que acontece agora? – perguntou Chuck enquanto eles caminhavam de volta por onde tinham chegado, descendo o corredor inacreditavelmente longo. – Quando ele vai acordar?

Para sua surpresa, a dra. Paige respondeu, dessa vez saciando a curiosidade do garoto.

– Em cerca de uma hora – disse ela. – Assim que fizer isso, vamos começar a subida simulada e dar início às nossas observações. Nós devemos ver alguns padrões novos, e muito interessantes, durante os próximos um ou dois dias.

O humor dela mudara rapidamente, seu tom de voz e os passos rápidos exalavam excitação.

– Legal – respondeu Chuck.

Eles continuaram andando.

Thomas observava, Teresa a seu lado. Eles haviam feito Chuck voltar a seu quarto, sem querer que ele visse a pura angústia sentida pelos garotos ao acordar pela primeira vez na Caixa. Não era necessário apressar a preparação para o futuro do menino.

Juntos, Thomas e Teresa observaram e imaginaram como seria aquilo.

Zart acordou na escuridão, as câmeras na Caixa mal eram capazes de captar seus movimentos. No início, ele não disse nada, cambaleando pelo compartimento de metal como um bêbado. Mas então ele tomou consciência de tudo ao mesmo tempo. A perda de memória, o lugar estranho, o movimento, os sons. Ele entrou em pânico, bateu nas paredes, gritou.

– Socorro! Socorro!

A histeria continuou; abriu-se um corte em seu punho, molhando sua mão de sangue. Por fim, ele desabou no chão, em seguida rastejou para um canto. Ali, ele puxou as pernas para junto ao peito e as envolveu nos braços. No início, as lágrimas eram apenas um filete, mas logo vieram os soluços, seus ombros tremiam enquanto ele chorava.

A Caixa parou, e uma bolha de silêncio encheu o ar, como algo que poderia estourar e explodir ao mínimo toque. Zart pulou de susto quando o teto de repente estalou e rangeu, e duas portas se arrastaram ao deslizarem e se abrirem. A luz de dez sóis queimando o cegou do alto. Ele apertou as duas mãos sobre os olhos, rolando de um lado para outro no chão enquanto gemia.

Ele ouviu vozes murmurantes, sussurros, riso baixo vindo do céu. Finalmente espiou através dos dedos, conseguindo enxergar. Viu um quadrado de luz, silhuetas de trinta garotos todos envoltos em torno dele, todos de cabeça abaixada, olhando para ele. Alguns deles cutucavam o vizinho com o cotovelo, apontavam, riam.

Uma corda caiu. O laço amarrado em sua extremidade aterrissou bem diante dele. Ele se levantou, pôs o pé no laço, segurou-se à corda com as duas mãos. Eles o puxaram para cima, o arrastaram para fora da caixa e o ergueram de pé. Três ou quatro meninos o limpavam, batendo nele com mais força que o necessário, mas seus gritos e risos faziam com que tudo parecesse bem. Como velhos amigos recebendo de volta uma alma perdida.

Um garoto alto de cabelo castanho se aproximou dele e estendeu a mão. Zart a pegou e apertou.
– Meu nome é George – disse o garoto que o cumprimentou. – Bem-vindo à Clareira.

O dia tinha transcorrido de forma muito parecida com os anteriores. Café da manhã, algumas aulas, mais tempo na sala de observação. Almoço. Sala de observação. O tempo todo, Teresa estava ao seu lado. Chuck teve permissão de se juntar a ele depois de suas aulas da tarde.

Chuck à esquerda.

Teresa à direita.

Thomas não sabia exatamente em que seu papel no CRUEL estava se transformando. Eles pareciam deixar que ele fizesse o que desejasse, fosse onde quisesse. Ele costumava comer no refeitório com os indivíduos que ainda não tinham sido mandados para o Labirinto. Ele não se conectava com eles como com Newt, Alby e Minho, mas eles eram legais em sua maioria. Dois garotos chamados Jeff e Leo eram muito simpáticos, embora estivessem obviamente preocupados com o que estava reservado para eles – tinham ouvido rumores sobre como era o Labirinto, e em que ele poderia se tornar. Na maioria das vezes, porém, eles se resguardavam para si.

Enquanto Thomas assistia aos monitores, ele decidiu que estava bem, satisfeito com a situação até que surgisse alguma coisa melhor.

– O que está acontecendo, aqui? – perguntou Teresa, arrancando Thomas de seus pensamentos. Ele apontou para um dos monitores à direita. Thomas o transferiu para a tela central para poder olhar melhor.

Um grupo de garotos, liderado por Alby e Newt, estava parado de forma suspeita em torno de um abrigo improvisado de restos de madeira contra o muro de pedra perto do canto noroeste da Clareira. O CRUEL, no início, havia fornecido para os garotos uma estrutura pequena e simples para que eles se abrigassem, na esperança que os indivíduos a aumentassem à medida que fossem enviados suprimentos, que eles tivessem alguma iniciativa e melhorassem suas condições de vida. Eles já haviam começado a lidar com essa ideia nas últimas semanas, e recolheram toda a madeira espalhada que tinham e a apoiaram contra a parede. Alguns garotos tinham até dormido ali embaixo nas últimas noites.

Mas agora o grupo parado em sua entrada mais próxima ao canto do muro parecia... preocupado. Eles ficaram estranhamente de pé, perto demais, juntos, como se não quisessem que os besouros mecânicos vissem o que havia no interior do abrigo. Suas cabeças giravam de um lado para outro, examinando a área ao seu redor como criminosos à espera de um carro de fuga. Alby e Newt sussurravam furiosamente um com o outro, ou discutindo ou ambos preocupados com alguma coisa.

– O que eles estão tramando? – disse Thomas em voz baixa, inclinando-se para a frente para ver se conseguia identificar algo nas sombras. Nada daquele ângulo.

Teresa foi mais rápida que ele e apertou um botão de comunicação que os ligava à sala de comando, onde trabalhavam as pessoas *importantes*.

– Tem como pôr um besouro mecânico lá dentro? – perguntou Teresa a quem quer que estivesse ouvindo.

– Não – respondeu um homem. Um dos Psis, provavelmente. Eles não interagiam muito com os indivíduos, quando interagiam, mesmo com Thomas e Teresa. – Queremos ver como isso se desenrola antes que eles saibam que estamos observando de perto.

Isso deixou Thomas ainda mais intrigado.

– Não podemos, pelo menos, aproximar com o zoom de onde ele está agora?

– Faremos o possível – respondeu laconicamente o homem. – Sala de comando desligando. – Houve um clique alto que ele obviamente tornou audível de propósito. Em outras palavras: *Deixem-nos em paz*. Eles às vezes ficavam assim.

Um movimento na tela captou a atenção de Thomas. Alby tinha se inclinado para o interior do abrigo triangular e estava atarefado com alguma coisa, o corpo tenso com o empenho. Newt se juntou à atividade, e em seguida eles começaram a arrastar algo do interior da escuridão para a luz cinzenta – o sol falso já tinha sido eclipsado pelo muro enorme do lado oeste e jogado aquela área da Clareira na sombra.

– O que... – disse Teresa. – O que é aquilo?

– É uma pessoa! – berrou Chuck, fazendo Thomas saltar mais de dois centímetros de sua cadeira.

Mas o menino tinha razão. Alby e Newt, cada um levava uma perna, arrastavam uma pessoa até a junção das paredes norte e oeste. Quando chegaram lá, Alby se ajoelhou ao lado do garoto e o socou no rosto. Teresa deu um grito de choque, e Thomas recuou alguns passos sem pensar. Alby recuou o punho e em seguida socou o garoto de novo, e de novo. Newt o segurou pelo braço e o puxou dali.

– Você pode nos dizer quem é? – perguntou Teresa.

Chuck tinha feito a volta no painel de controle de modo que seus olhos estavam a apenas alguns centímetros da tela.

– Eu o conheço – disse ele. – É George.

– O que deu as boas-vindas a Zart na Clareira? – perguntou Thomas. – Isso foi há menos de 48 horas. Como tudo pode ter dado errado desde então?

– *O que* deu errado? – acrescentou Teresa. – Quero dizer, que diabos está acontecendo? Por que Alby está enchendo George de pancada?

Thomas percebeu que a imagem de uma das câmeras do lado esquerdo do monitor principal turvou-se com movimento, o besouro mecânico correndo o mais rápido possível pela folhagem das trepadeiras.

– Chuck, volte para cá – repreendeu Thomas. – Não consigo ver todas as imagens.

Chuck obedeceu, a expressão em seu rosto em algum ponto entre o medo e a alegria. Thomas pegou rapidamente a tela que queria e a jogou para o monitor principal no centro. Quando ela surgiu ali, o ângulo da câmera abriu das trepadeiras e mostrou uma visão panorâmica de Alby, Newt e George. Apesar do ruído que o besouro mecânico devia ter feito em sua pressa, nenhum dos garotos pareceu perceber.

Agora Thomas podia ver tudo em perfeito detalhe e podia ouvir cada uma de suas respirações e seus movimentos.

George estava em estado lastimável. Ele se contorcia no chão, os músculos contraídos como se estivessem permanentemente fixos naquela posição, tensos e doloridos. Estava com os olhos esbugalhados; os lábios apertados em uma linha pálida; a pele de seu rosto parecia ter sido arrancada, fervida e, em seguida, presa de volta no lugar. Thomas piscou, esfregou os olhos. George parecia quase uma animação, um produto de efeitos especiais de estúdio. Enquanto se contorcia como se estivesse sentindo a pior dor imaginável, ele soltava gemidos pronunciados através da boca fechada que pareciam raivosos.

– Mas qual o problema com ele? – gritou Newt.

Outro garoto agora estava parado ao lado dele, alguém que Thomas não conhecia. Esse garoto disse:

– Eu falei para vocês, caras. Nós estávamos explorando o Labirinto. Ele ia sempre a minha frente. Eu ouvi todos aqueles sons mecânicos, então Georgie gritou. Eu mal consegui trazê-lo de volta até aqui. – Ele parecia com raiva, fervilhando enquanto falava.

– Quem é esse? – perguntou Thomas. – Ele sentia-se quase como se estivesse na Clareira com seus velhos amigos.

– O nome dele é Nick – disse Chuck. – Ele enfia o dedo no nariz.

Thomas tirou os olhos do monitor para olhar para o garoto.

– Agora sério.

– Isso é tudo o que eu sei sobre ele!

– Eu não queria que os outros o vissem – disse Alby, chamando a atenção de Thomas de volta para a tela grande. – Vai assustar todo mundo. Há poucas chances de evitar isso agora.

– Bem, por que você estava batendo na cara dele? – perguntou o garoto chamado Nick, ainda furioso. – Ele é meu amigo, sabia? Ele precisa de ajuda médica, não de um cara de cabeça quente batendo nele.

– Ele estava tentando me morder, droga! – gritou Alby na cara de Nick. – Pare com isso!

– Garotos, calma – disse Newt, entrando no meio deles. – Vamos tentar entender isso. O que nós fazemos?

Eles estavam de pé acima de George, que tinha piorado. A cabeça dele parecia realmente prestes a explodir pelo inchaço. Ele estava vermelho como beterraba e empolado. Veias saltadas corriam pela testa e pelas têmporas. E os olhos... estavam enormes. Thomas nunca tinha visto nada como aquilo.

– Você viu o que o atacou? – perguntou Alby a Nick, parecendo ter esquecido que alguns segundos antes eles estavam à beira de uma briga.

Nick sacudiu a cabeça.

– Não vi nada.

– Será que George viu alguma coisa? – Newt perguntou.

– Bem, é, acho que sim. Não tenho certeza, mas... acho que ele não parava de murmurar: “Ele me picou, ele me picou, ele me picou...”. Foi estranho, cara. Ele parecia possuído, algo assim. O que nós vamos fazer?

Thomas desabou de volta em sua cadeira. Por alguma razão, aquelas palavras realmente o assustaram.

Ele me picou.

— **V**amos – disse Alby, abaixando-se para segurar as pernas de George. – Não adianta mais esconder isso. Vamos levá-lo para o meio da Clareira e reunir todo mundo. Ver se alguém sabe o que fazer.

Nesse exato momento, Newt ergueu os olhos, direto para a câmera. Thomas se encostou mais, por um segundo pensando que seu amigo de algum modo o havia *visto*.

Newt juntou as mãos em concha em torno da boca e gritou:

– Ei! Quem quer que tenha nos mandado para cá! Envie-nos algum remédio. Que tal a droga de um médico? Melhor ainda, por que vocês não nos tiram desse buraco do inferno?!

Thomas ficou gelado. Era loucura que Newt e os demais realmente não soubessem quem os havia mandado para lá. Nem mesmo que algo chamado CRUEL existia. Tudo o que eles conheciam era aquela vida estranha que agora levavam no centro do Labirinto, e as câmeras nas extremidades dos insetos robóticos que corriam pelo local. Só agora parecia que eles iam conhecer a verdade sobre os Verdugos também.

Ele me picou. Ninguém mencionara nada para Thomas sobre ser picado. Tinha de ter alguma relação com um daqueles apêndices de metal que se projetavam do corpo das criaturas.

Os garotos tinham erguido George – foram necessários quatro deles porque ele estava se debatendo muito. E os ruídos que ele estava fazendo. Gemidos tão assustadores que Thomas quis cobrir os ouvidos.

O grupo circundou a pequena estrutura que tinham começado de chamar de Sede. E seguiu para a área central da Clareira perto da abertura da Caixa. Outros garotos – alguns trabalhando nas hortas, outros na área de criação de animais, outros apenas perambulando por lá – perceberam a situação imediatamente, e logo os outros Clareanos estavam reunidos em torno de George, que foi colocado meio largado no chão por seus carregadores muito frustrados.

Como teria sido percebido de qualquer maneira, o CRUEL desistira de qualquer tentativa de fingir não observar, e encheu o lugar de besouros mecânicos. Vários ângulos da cena surgiram nos monitores na sala, e Thomas escolheu o melhor deles – desejando ainda ter uma vista superior – e transferiu a imagem para a tela central a sua frente.

– Escutem! – gritou Nick. Thomas ficou um pouco surpreso por Alby não ter assumido o controle. – Georgie e eu estávamos lá fora no Labirinto, correndo pelos corredores, ele ficou muito a minha frente. Alguma coisa o atacou. Ele não para de dizer que foi *picado*. Alguém sabe alguma coisa sobre isso?

– Minho viu alguma espécie de criatura lá fora – disse Alby. – Onde está Minho?

– Ainda correndo – respondeu alguém. – Provavelmente tirando um cochilo em um dos becos sem saída.

– Foi sobre uma dessas criaturas que ele falou – disse Alby. – Só pode ser.

– Na verdade, não importa o que era. – Nick apontou para George, que estava encolhido de lado, em posição fetal, balançando para a frente e para trás. – O que nós vamos fazer com ele? Tudo o que temos é um monte de aspirinas e ataduras.

– Havia alguma coisa estranha nos suprimentos de cozinha que eles mandaram na semana passada.

Thomas não tinha visto quem havia falado, mas aí um garoto alto de pele morena saiu do grupo reunido e foi ao lado de Nick.

– Do que você está falando, Siggy? – perguntou a ele o líder.

– O nome dele é Caçarola! – gritou alguém. – Você é o único que não o chama assim.

Alguns risos irromperam, o que não podia ser mais incongruente com a situação, considerando o garoto se contorcendo em agonia a seus pés.

Nick ignorou todo mundo, embora Thomas percebesse Alby lançando alguns olhares duros.

– Estava no fundo de uma caixa de papelão – disse Siggy, Caçarola, qualquer que fosse seu nome. – Alguma espécie de seringa, tinha a palavra *soro* impressa nela. Achei que tivesse sido um erro, que alguém a tivesse deixado cair ali dentro, não sei. Eu a joguei fora com os restos de salsicha esta manhã.

Alby caminhou até o garoto, segurou-o pela camisa e o puxou para perto.

– Você a jogou fora? Você não pensou em contar a ninguém? Não espanta que você queira cozinhar, você não tem cérebro para mais nada.

Siggy sorriu.

– Se isso faz com que você se sinta mais inteligente. Enfim, estou contando a você agora, não estou? Pare com isso.

– Afinal, onde você a jogou? – perguntou Nick. – Talvez não esteja quebrada. Vamos pelo menos dar uma olhada.

– Já volto. – Siggy saiu correndo na direção da Sede.

Levou apenas três ou quatro minutos, mas quando o garoto voltou com um cilindro metálico delgado agarrado na mão, George tinha piorado.

Ele ficara imóvel, exceto pelo peito, que se movia rapidamente enquanto ele se esforçava para respirar. Seu queixo pendia frouxo, os membros ficaram inertes; os músculos, relaxados de seu estado tenso anterior. O garoto não ia durar muito.

– O CRUEL não vai deixá-lo morrer, certo? – perguntou Chuck. – Isso é só algum tipo de teste. Eles querem ver como todo mundo reage.

Teresa passou as mãos por trás de Thomas e deu um tapinha nas costas de Chuck.

– É para isso que serve a seringa, tenho certeza. Só é melhor eles se apressarem.

Ela olhou para Thomas, falou com a mente dele: *Isso não vai acabar bem.*

Ele sacudiu a cabeça de leve, em seguida voltou a atenção para a tela. Siggy entregara a seringa a Nick, que agora estava ajoelhado ao lado de George. O garoto doente – o garoto *picado* – quase não se movia, mal respirando. Seus olhos pareciam vazios de vida.

– Alguém sabe fazer isso? – gritou Nick. – Onde aplicar?

– Em qualquer lugar – gritou Alby. – Apenas corra e faça isso logo! Olhe para ele! – Ninguém mais se deu ao trabalho de responder, por isso Nick pegou a seringa, posicionou o polegar sobre ela, em seguida a enfiou no braço de George. O garoto nem piscou. Nick apertou o êmbolo até que todo o fluído acabou; em seguida ele largou a seringa no chão, levantou-se e deu alguns passos para trás. Todo mundo deu um

pouco de espaço para George, mas permaneceu por perto para observar o que podia acontecer, bloqueando a visão que Thomas tinha do corpo.

– Vamos lá, Georgie – disse Nick, alto o bastante para ouvir. Isso e o farfalhar de uma brisa suave eram os únicos sons na Clareira.

Um longo momento se passou. Teresa apertou o joelho de Thomas, a mão dela quente em torno de seu jeans. Ela estava tão nervosa quanto ele.

Então os garotos se afastaram, andando para trás, e um rugido inumano encheu o ar. George estava de pé, de boca aberta, o rosto esticado em uma careta de dor. Ele gritou com uma voz tensa.

– Verdugo! Era a droga de um Verdugo! Eles vão matar todos nós! – As palavras saíram dele como a percussão de explosões distantes.

De repente ele correu na direção do garoto mais próximo, saltou em cima dele e começou a socá-lo. Thomas observou totalmente chocado, mal conseguindo acreditar no que estava vendo. Alby e Nick tentaram puxar George de cima do garoto, mas ele os afastou e virou-se para Nick, exibindo os dentes.

– Mas que... – sussurrou Teresa.

George arranhou o garoto com as unhas, tirando sangue de seu rosto, de sua boca. Então se dirigiu aos olhos, gritando o tempo inteiro. O garoto embaixo dele reagiu, gritando enquanto tentava torcer o corpo e sair de baixo de seu ataque. Mas George parecia ter a força de dez homens. Ele apertou a vítima no chão com uma das mãos e lhe deu um soco na cara. Então atacou outra vez os olhos do garoto, uivando como um animal.

Era insanidade. Como se George tivesse passado de uma gripe para um Crank completo em questão de minutos. Outros garotos intervieram, tentaram tirá-lo de lá, mas ninguém conseguiu agarrar nenhuma parte de seu corpo, que não parava de atacar selvagememente. Thomas notou um movimento surgir da direita, viu que era Alby, correndo a toda velocidade. Em algum momento, ele havia deixado a cena, e agora voltava atacando.

Nas mãos, erguidas próximas do ombro como se ele fosse um guerreiro experiente de tempos antigos, ele carregava uma vara longa e fina de madeira. Parecia um cabo de vassoura ou de pá quebrado, sua extremidade era uma ponta afiada cheia de lascas.

– Saiam do caminho! – gritou Alby com os pés trovejando pelo chão empoeirado.

Thomas olhou outra vez para George, viu que suas mãos estavam cravadas nas órbitas oculares da vítima, o garoto gritando de dor.

Alby o alcançou e enfiou a lança improvisada com tanta força na nuca de George que ela saiu pelo outro lado. Os gritos de George se transformaram em gorgolejos sufocados enquanto seu corpo caía para o lado. O garoto saiu apressadamente de baixo dele, com as mãos cobrindo o rosto ferido.

George se retorceu, gemeu, em seguida ficou imóvel.

Sangue escureceu a terra e a pedra sob ele.

— Que droga – sussurrou Thomas, mais surpreso que nunca.

Teresa largou a perna de Thomas e desabou de volta em sua cadeira, expirando alto e profundamente.

— É uma droga mesmo. O que está acontecendo?

Thomas olhou para Chuck e se sentiu um pouco deprimido. O garoto tinha encolhido as pernas sobre a cadeira e envolvido os braços em torno delas, o rosto pálido, duas linhas claras de lágrimas brilhando por seu rosto. Ele estava tremendo. Uma culpa insuportável girou em torno do coração de Thomas – ele nunca esperava que o amigo visse algo tão horrível. *Ele mesmo* não esperava ver algo tão horrível.

— Ei, ei – disse Thomas, virando-se para Chuck. Ele segurou o garoto pelos ombros. — Ei, olhe para mim. Olhe para mim.

Chuck finalmente fez isso, com olhos cheios de tristeza.

— Nós vamos descobrir o que aconteceu, está bem? – disse Thomas. — Tenho certeza de que... Não sei. Alguma coisa deu errado. Alguém fez uma besteira. Isso não era para acontecer. O Labirinto *não vai* ser assim, está bem?

Chuck falou em meio ao espasmo de um soluço.

— Eu estava só me divertindo, eu não... – A voz dele vacilou, e ele não parava de chorar, baixinho.

— Eu sei, cara, eu sei. Foi difícil ver isso. – Ele puxou Chuck em seus braços. Teresa já estava ali, abraçando-o pelo outro lado. Seu pequeno abraço em grupo durou cerca de um minuto; então Thomas olhou para trás para ver como os Clareanos estavam reagindo à morte violenta.

Alguns garotos tinham se dispersado. A maioria deles saiu andando sozinha. Alby estava de joelhos, apoiado na lança de madeira que usara para matar George, olhando fixamente para o chão, completamente imóvel. Newt estava perto dele, sentado de pernas cruzadas na terra, a cabeça entre as mãos, olhos fechados, tão infeliz quanto uma pessoa podia parecer.

Um besouro mecânico correria para perto do corpo de George, e Thomas pôs essa imagem no monitor central. De todas os garotos presentes, Nick parecia ter segurado a barra melhor do que qualquer outro, embora George tivesse sido um amigo próximo. Ele o chamava de Georgie, afinal de contas. Nick se ajoelhou ao lado do companheiro morto e remexeu em suas roupas, olhando em seus olhos, estudando seus membros. Ele de repente congelou, com os olhos focalizados em um ponto no meio das costas de George

Depois de um ou dois segundos, ele estendeu o braço, agarrou a camisa do garoto morto e a tateou com o dedo até encontrar um pequeno rasgo. Então, com vários movimentos rápidos e bruscos do braço, ele rasgou um buraco maior, se aproximou e olhou fixamente para alguma coisa. Thomas se aproximou também, na sala de observação, concentrando-se na tela grande à sua frente.

O besouro mecânico se aproximou até ficar bem ao lado do corpo, sua visão apontava para o ponto exato que interessava Nick. A pele ali estava vermelha e inchada, e várias veias grossas negras

irradiavam de uma ferida, um círculo quase perfeito de escuridão cortado na carne de George. Parecia o corpo de uma aranha com patas quebradas saindo de seu corpo. Era difícil olhar para aquele ferimento feio por muito tempo.

– *Picada* – disse Teresa. – Isso parece a droga de uma picada para mim.

Thomas se levantou.

– É isso – disse ele. – Vamos. – Ele se virou da imagem horrenda projetada na parede e seguiu na direção da porta.

– Aonde vamos? – perguntou Teresa, bem ao seu lado.

Thomas virou-se para Chuck, que estava logo atrás deles.

– Na verdade, você precisa ficar aqui. Quero dizer, eu *preciso* que você fique aqui.

– O quê? Por quê? – Ele ficou ofendido ou aterrorizado de ser deixado sozinho. Thomas não sabia dizer.

– Alguém precisa ficar de olho nesses monitores para mim. Se alguma coisa acontecer, se um Verdugo aparecer, se alguém for picado ou o lugar inteiro explodir, qualquer coisa, você vem me procurar. Está bem?

Thomas sabia que Chuck era esperto demais para acreditar nessa explicação para deixá-lo para trás, mas ele a aceitou sem impor resistência.

– Está bem. Mas aonde vocês vão? Como eu vou encontrar você?

Thomas abriu a porta e gesticulou para que Teresa passasse.

– Eu vou conseguir algumas respostas.

Thomas bateu à porta com força.

– Deixem-nos entrar! – gritou ele.

A sala principal de comando era um lugar proibido para qualquer um com menos de 21 anos. Ele ouvira alguém dizer isso uma vez, mas parecia uma formalidade inventada para mantê-los de fora. Ele, Teresa, Aris e Rachel eram parte da “equipe” quando conveniente. Ele sabia que estavam todos sendo analisados como qualquer um na Clareira.

E depois do que ele acabara de ver, Thomas estava começando a se sentir muito desconfortável em relação às coisas.

Ele estava prestes a bater outra vez na porta com força quando houve um estalido, seguido por um chiado; então a grande placa de metal se abriu. Um homem que ele nunca tinha visto antes estava ali parado, baixo e troncudo com cabelo escuro. E ele não parecia nada satisfeito.

– Qual o problema, Thomas? – perguntou o homem com uma voz surpreendentemente calma. – As coisas estão um pouco loucas aqui agora.

– Vocês vivem dizendo que nós somos importantes, que fazemos parte disto – disse Thomas. Ele apontou para Teresa, em seguida para si mesmo. – Nós ajudamos a projetar seu Labirinto. E ajudamos a mandar todos os nossos amigos para lá. E agora acabamos de ver um deles morrer, e vocês não fizeram nada para impedir. Por quê? Por que vocês não entraram em ação e ajudaram? Alguém precisa explicar o que aconteceu, e alguém vai fazer isso agora mesmo.

Thomas estava tremendo, tentando manter a compostura. Ele inspirou fundo com um tremor, esperando que o homem respondesse.

Várias emoções passaram pelo rosto do homem. A última foi raiva.

– Espere aí – disse ele, em seguida fechou a porta sem esperar resposta.

Thomas estendeu a mão para bater outra vez na porta, mas Teresa o segurou e sacudiu a cabeça.

Eles vão falar com a gente, disse ela na cabeça dele. *Tenha apenas um pouco de paciência. Precisamos agir com tanta calma quanto eles nessas situações se queremos conseguir chegar a algum lugar.*

Decepcionado, irritado por ela estar certa, sentindo-se estúpido por sua atitude ridícula de bravata, ele tornou a suspirar e balançou a cabeça afirmativamente.

A porta se abriu menos de um minuto depois. O dr. Leavitt estava ali parado, tão careca e infeliz como sempre, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, a dra. Paige surgiu ao seu lado. Ela praticamente empurrou o homem para fora do caminho.

– Thomas – disse ela com simpatia. – Teresa. Tenho certeza que vocês devem estar tão preocupados quanto nós.

Ele não esperava que aquelas fossem as primeiras palavras dela para eles, embora não soubesse dizer por que elas lhe pareceram estranhas.

– Bem, sim, estamos – respondeu Teresa. – Vocês acham normal matar crianças agora?

Thomas não sabia se ele teria sido corajoso o suficiente para dizer isso de forma tão direta, mas concordava. Entretanto, tinha acontecido, o CRUEL tinha acabado de assassinar George. Um garoto que não tinha nem dezoito anos.

A dra. Paige chegou para o lado, abrindo mais a porta.

– Entrem. Vamos explicar a vocês o que aconteceu. O que saiu errado. Vocês merecem saber.

– É, eu acho que sim – ouviu-se dizer Thomas, embora estivesse um pouco perdido no momento. Ele tinha tomado consciência de uma coisa que nunca pareceu mais verdadeira: não importava o que eles fizessem ou dissessem. Tudo e qualquer coisa poderia ser um teste armado pelo CRUEL.

Era demais.

Ele entrou atrás de Teresa na sala de comando, de repente desconfiado do ambiente.

– Sigam-me – disse a dra. Paige, deixando que a porta se fechasse.

Leavitt ainda estava parado ao lado, olhando para Thomas e Teresa quando passaram por ele como se fossem invasores inimigos.

Depois de caminhar por um corredor curto e estreito, eles entraram em um salão amplo que se abria para os dois lados. À direita de Thomas havia vários monitores, estações de trabalho, painéis de controle e cadeiras. Parecia sua própria sala de observação anabolizada, pelo menos dez vezes maior. Cerca de vinte pessoas ocupavam-se com várias tarefas no enorme espaço. À esquerda de Thomas havia várias mesas, uma sala de reuniões cercada por vidros e algumas portas fechadas, escondendo quem sabe quais mistérios. Aquilo fez com que Thomas se lembrasse de que tinha visto apenas uma pequena parte da vasta operação do CRUEL.

– Não quero mais ninguém falando com vocês sobre isso agora – disse a dra. Paige olhando para trás enquanto caminhava pelo meio da atividade. – Vamos encontrar um lugar tranquilo, e vou lhes explicar o que aconteceu. Eu gostaria que vocês confiassem em nós, confiassem em mim, um pouco mais do que acabaram de demonstrar agora. Talvez nos dar um voto de confiança.

– Um voto de confiança? – repetiu Thomas, surpreso por sua reação. Será que ela podia mesmo esperar isso deles? Depois do que eles tinham acabado de ver?

A médica chegou a uma pequena sala envidraçada com uma mesa e quatro cadeiras no centro. Ela abriu a porta e gesticulou para que eles entrassem e sentassem. Thomas não estava gostando de como aquilo caminhava, ele queria ter entrado ali pisando firme, exigindo respostas, e agora de algum modo eles estavam em paz com o CRUEL outra vez.

– Nós não viemos para uma conversa agradável – disse ele. – Não queremos mentiras. Queremos *respostas* de verdade. Por favor.

– Vocês mataram uma pessoa – acrescentou Teresa em voz muito mais calma. – Nós não nos colaboramos com vocês para isso, não colaboramos para vocês matarem nossos amigos. Nós somos os próximos?

A dra. Paige não parecia com raiva, nem culpada, sequer abraçada. Em vez disso, ela parecia... aborrecida.

– Vocês terminaram? – perguntou ela com voz cansada. – Posso falar agora? Vocês estão cansados de mentiras e meias verdades? Eu também. Mas vocês vieram aqui em busca de respostas e tudo o que estão fazendo são acusações. Isso precisa parar se vocês querem que eu fale.

Thomas deu um suspiro. Parecia que eles sempre acabavam por tratá-lo como criança, e não havia nada que ele pudesse fazer em relação a isso. O mais irritante era ser ainda uma criança aos olhos dela, embora ele tivesse certeza de não se sentir mais uma.

– Bem – dissera Teresa enquanto ele fervilhava. – Então fale.

A dra. Paige balançou lentamente a cabeça, concordando.

– Obrigada. Eis a verdade. Nós produzimos uma mutação numa versão do vírus do Fulgor que pode se alojar nos imunes de... maneiras interessantes. Maneiras que vão nos ajudar a entender melhor o vírus principal. Foi essa versão alterada que o Verdugo injetou em George, e também é para ela que serve o soro, para eliminar seus efeitos. Infelizmente, o soro ainda não foi aperfeiçoado, e vocês viram o... resultado infeliz.

Ela fez uma pausa, olhando para Thomas à espera de sua reação. Thomas estava chocado demais por sua candura para conseguir refletir sobre aquilo. Teresa também permanecia em silêncio.

A dra. Paige cruzou os braços.

– Nós vamos continuar a trabalhar nele. Não queríamos que George morresse, essa é a mais pura verdade. Vamos corrigir o soro. – Ela fez uma pausa para respirar antes de continuar.

– Mas posso lhes contar isso: nós obtivemos resultados muito significativos nas horas após ele ser picado, resultados de que precisamos e vamos continuar a precisar. Não apenas de George, mas de todos

os que viram o que aconteceu e reagiram a isso. – Ela ficou de pé, em seguida pôs as mãos na mesa e se inclinou na direção deles. – E é o que importa.

Ela caminhou na direção da porta e a abriu, em seguida olhou de volta para eles.

– Eu passei a amar vocês dois. Como meus próprios filhos. Juro a vocês que não há nada neste mundo mais verdadeiro. – Ela fez uma pausa, quase chorando. – Vou fazer qualquer coisa, qualquer coisa, para que vocês tenham, um dia, um mundo para onde voltar.

Ela olhou para baixo, uma lágrima cintilante perigosamente perto de escorrer de seus olhos, em seguida ela saiu e fechou a porta.

Thomas comeu rapidamente seu jantar. Tinha a sala de observação agendada para toda a noite e não queria desperdiçar nenhum minuto de seu tempo disponível. Era o mais perto que podia chegar de realmente estar com todos aqueles amigos de quem sentia tanta falta. Ele devorou as últimas garfadas de comida, em seguida correu até chegar lá.

Ele se sentou, assegurou-se de que todos os monitores estavam ligados e funcionando. Examinou rapidamente os controles e as perspectivas diferentes nas telas.

Então Thomas se inclinou para a frente.

E observou.

Minho e Newt tinham sido parceiros hoje, Corredores lá no Labirinto. Ele os observou chegarem pela Porta Leste, seguindo na direção do enorme edifício parecido com uma tartaruga que eles tinham transformado em uma espécie de casa de mapas. Eles haviam requisitado lápis e papel deixando uma mensagem na Caixa depois que ela entregou seus suprimentos semanais, e seu pedido havia sido atendido.

Eles não pararam de correr até chegarem à porta ameaçadora do edifício de concreto. Ele sempre tivera uma tranca operada por um volante, como algo que você veria em um submarino – razão pela qual eles a escolheram para guardar os mapas que desenhavam. Minho inseriu uma chave, em seguida girou o volante até que algo estalou, e as portas se abriram. Os dois entraram, os primeiros Corredores a chegarem de volta à casa. Um besouro mecânico os seguia, e Thomas transferiu essa imagem e esse áudio para a tela principal.

Enquanto Minho pegava papéis para eles, os dois garotos recitavam palavras em voz baixa. Parecia que estavam dizendo: “Esquerda, esquerda, direita, esquerda, direita, direita, direita” e “rocha grande, depois três para a direita” e “fenda arco-íris, ponto na hera sem plantas, esquerda, direita, direita”. Eles escreviam furiosamente em seus respectivos papéis, registrando as palavras antes que as esquecessem.

– Ufa! – disse Minho, largando o lápis; ele esticou os braços acima da cabeça e bocejou. – Hoje foi uma corrida tranquila.

– Não foi ruim – murmurou Newt, sorrindo consigo mesmo.

Então eles pegaram novas folhas de papel e começaram a transformar as palavras em um mapa visual.

Alby estava sentado sozinho no banco ao lado de um mastro de bandeira. A noite caíra, e as portas estavam fechadas havia um bom tempo. Tinha um prato vazio ao seu lado; migalhas pontilhavam sua camisa. Os olhos estavam fechados; o corpo, perfeitamente imóvel.

– Alby? – disse alguém, caminhando até ele.

– Psiu! – chiou Alby. – Deixe-me em paz. Eu quero escutar.

– Está bem. – Mas o garoto ficou por perto e fechou os olhos como Alby.

Fora da enorme área delimitada de seu lar, os muros do Labirinto começaram seu processo de mudar de posições. O chão tremeu, e o ronco distante de pedra contra pedra encheu o ar. Alby tinha algo perto de um sorriso no rosto.

– Trovão? – sussurrou ele.

– O quê? – perguntou seu visitante.

– Trovão. Eu me lembro do trovão.

Uma lágrima escorreu e desceu por seu rosto. Ele não a enxugou.

*

Thomas estava sentado em sua cadeira, em silêncio e chateado, enquanto a dra. Paige se ocupava em medir seus sinais vitais. Ele tinha muitas aulas hoje e temia aquilo com um peso que lhe deu vontade de chorar.

– Você está quieto esta manhã – disse a médica.

– Preciso estar – respondeu ele. – Por favor. Hoje preciso ficar quieto.

Ela sussurrou sua resposta.

– Está bem.

Thomas visualizou os amigos se ocupando com as várias atividades na Clareira. Tentava imaginar o que eles estariam fazendo a cada segundo. E ele pensou em algo em que estivera pensando havia algum tempo: um dia, provavelmente, ele iria se juntar a eles lá. Seria a coisa certa a fazer.

A dra. Paige lhe enfiou uma agulha e, dessa vez, ele a sentiu.

Thomas continuou com sua estranha, entediante, às vezes tristíssima, às vezes estimulante, vida. Assistindo à dura existência dos amigos no interior da Clareira e do Labirinto. Mas também vendo-os prosperar, com tarefas designadas, rotinas criadas. A Sede estava três vezes maior que quando eles haviam começado, e Minho havia sido nomeado Encarregado dos Corredores.

Todas essas coisas e muito mais aconteceram conforme os dias se transformaram em semanas; e as semanas, em meses. Teresa e Chuck eram seus companheiros constantes, e ele adorava tê-los por perto. Eles tornavam sua vida suportável, às vezes até divertida. Mas era difícil ficar irreverente quando o lugar onde você vivia com frequência o lembrava de duas coisas: seus amigos estavam em um experimento, e esse experimento existia porque uma doença terrível e repugnante assolava o mundo exterior.

E assim, ele vivia. Um dia depois do outro. Tinha o corpo monitorado, ia a aulas, fazia o que lhe pediam. Como todo mês ajudar Teresa a preparar o garoto novo para a inserção. O subsolo, onde ele criara tantas memórias queridas, agora era um lugar que visitava só uma vez por mês. Parecia estar mais escuro e úmido do que jamais estivera. Ele fazia o possível para arranjar tempo para a sala de observação, fazendo as próprias anotações sobre o que via, e compartilhando-as com a dra. Paige. Quanto melhor a análise, mais sessões ele obtinha.

Em sua maioria, era uma vida de tédio, interrompida por momentos agradáveis com Teresa e Chuck. Tornada tolerável pela bondade cada vez maior da dra. Paige, que parecia ser o único membro do

CRUEL com um coração, a única que se lembrava de como era ser criança. Ela não parava de repetir o que dissera naquele dia, sobre amá-los como se fossem seus próprios filhos. Mas isso sempre vinha acompanhado com uma sensação de perigo, como de alguma ela soubesse que se permitir sentir-se daquele jeito podia ser o maior risco que jamais correria.

Era um mundo estranho. Mas Thomas estava vivo. E ele vivia.

Seu dia louco começou com uma batida à porta, durante um intervalo matinal.

Quando ele a abriu, estava ali parado um garoto que ele nunca vira antes, com Randall. O homem era visto raramente nos últimos dias – na verdade, Thomas estava bem seguro de que não o via desde o dia da morte de George. E ele não parecia muito bem. Estava mais magro que antes, e sua complexão parecia pálida e acinzentada. Em relação ao garoto novo, ele era um pouco mais alto que Thomas, com cabelo louro, e seus olhos estavam tão arregalados e curiosos quanto os de um bebê.

– Este é Ben – disse Randall. – Ele é um dos novos indivíduos que recolhemos nos últimos dias, e tem a idade perfeita para a inserção. A dra. Paige quer que você o prepare antes de realizar seus check-ups e testes diários.

Randall deu as costas sem esperar por resposta e saiu andando apressadamente pelo corredor, como se estivesse atrasado para um compromisso. O pobre Ben ficou ali parado, piscando nervosamente.

– Não se preocupe com esse cara – disse Thomas, abrindo mais a porta. – Ele sempre foi esquisito. Venha. Acredite ou não, posso me lembrar da sensação de ser novo aqui.

– Obrigado. – Ben entrou no quarto timidamente e se sentou à mesa quando Thomas lhe indicou a cadeira. – Eles me encontraram em Denver.

E então o garoto se transformou em um instante, caindo em lágrimas. Ele pôs as mãos sobre o rosto, e os ombros se agitavam bruscamente a cada soluço.

Denver? Thomas estudara muito sobre a cidade – como era uma zona de segurança, um local de reunião para os que não tinham o Fulgor. Eles tinham evidentemente tomado precauções extremas para garantir que nenhum contaminado jamais entrasse. O fato de Ben vir de lá pareceu a Thomas... estranho. Aquilo não significava que seus pais eram saudáveis? E ainda assim o CRUEL o levava embora?

Thomas percebeu que o garoto ainda estava chorando.

– O que aconteceu? – perguntou ele, sem saber ao certo como agir. – Quero dizer, não precisa ter pressa, mas estou aqui para ouvir. – Ele quase revirou os olhos diante da escolha brega de palavras.

– Nós finalmente tínhamos encontrado um lugar para viver – disse Ben em meio às lágrimas. – Um lugar legal. E nenhum dos meus pais tinha Fulgor, eu sei disso! Eles não teriam nos deixado entrar se eles tivessem. – Tudo agora estava saindo em uma enxurrada, suas lágrimas se evaporando em raiva. – Eles perguntaram se eu me juntaria a seus estudos, e meu pai disse não, e eles me agarraram e me levaram mesmo assim. Eles empurraram minha mãe no chão e ameaçaram atirar em meu pai. Quem são essas pessoas? Por que estou aqui?

Thomas se sentou em sua cama, congelado. Ele não tinha absolutamente nenhuma ideia de o que dizer. Ele sempre se perguntara sobre os pais de todo mundo, e parecia que suas suspeitas eram verdade. O CRUEL disse que todos eles vinham de famílias com dois pais doentes e mais nenhum cuidado a disposição. Seria aquilo alguma anomalia ou uma de muitas mentiras?

Ben começou a chorar outra vez, enterrando a cabeça entre os braços sobre a mesa.

– Sinto muito, cara – disse Thomas, sentindo a tristeza do garoto profundamente em seu interior. – Eles estão tentando encontrar uma cura para o Fulgor, e estão desesperados. – Isso era tudo o que tinha. Ele não tinha a coragem nem as palavras para tentar qualquer outra coisa. – Mas, ei, as coisas não são tão ruins. Eu prometo.

Ben ergueu a cabeça, enxugou as lágrimas, em seguida assentiu.

– Vamos, deixe-me mostrar o lugar a você. – Thomas ficou de pé e caminhou até a porta, abriu-a e acompanhou Ben até o corredor. Chamando a si mesmo de um grande mentiroso o tempo inteiro.

Depois de fazer um tour no complexo com Ben, Thomas sentou-se com o garoto novo na sala de observação e o apresentou ao Labirinto. Ele não teve coragem para abrir o jogo logo e dizer que ele seria mandado para lá em pouco tempo, não depois da manifestação chorosa mais cedo. Mas ele tinha certeza de que o garoto não era burro.

Ele tentou manter um clima positivo.

– A maioria dos garotos adora. Dormir ao ar livre com os amigos. – Thomas não deixou de perceber que estava contando mentiras com a mesma facilidade que o CRUEL parecia fazê-lo. Aquilo o incomodava, mas ele não sabia mais o que fazer. Ele queria que o garoto se sentisse melhor.

Seus pensamentos se dissolveram quando algo aconteceu no lado direito do monitor principal. Em uma das telas, um besouro mecânico seguia Gally, que não parava de olhar para trás como se estivesse tramando alguma coisa.

– Ah, hum – sussurrou ele, transferindo a imagem de Gally para a tela grande no centro.

– Qual o problema? – perguntou Ben.

Por alguns segundos, Thomas tinha esquecido completamente que Ben existia, muito menos que estava sentado ao lado dele.

– Hum, nada – respondeu Thomas distraidamente. – Só, hum, eu quero ver onde meu amigo está indo. – Preocupado que algo ruim acontecesse para traumatizar Ben logo em seu primeiro dia, ele rapidamente o acompanhou até o corredor e fez com ficasse parado a alguns metros da porta.

– Escute, espere aqui, está bem? Vou chamar uma amiga para terminar seu passeio. Foi ótimo conhecê-lo.

– Está bem – disse o garoto, sentindo-se obviamente estúpido.

Thomas se sentiu mal, mas voltou correndo para a sala, deixando a porta entreaberta para ouvir quando Teresa chegasse. Ele encontrou outra vez sua cadeira.

Gally tinha chegado até a Porta Sul e estava agora fazendo a volta na direção da Clareira, dando uma busca na área, obviamente se perguntando se havia alguém a observá-lo. Evidentemente, ele não se importava com os besouros mecânicos, apenas com os outros garotos. Parecendo confiante de não ter sido percebido, ele concentrou a atenção no lado esquerdo da própria porta enorme, a fileira de farpas salientes e afiadas erguendo-se alta acima dele.

– O que você está fazendo? – sussurrou Thomas – Vamos, seu besouro mecânico idiota, consiga um ângulo melhor para mim.

Como se a criatura mecânica o tivesse escutado, ela saiu correndo mais rápido, rastejando ao lado de Gally junto da parede, em seguida fez a volta e correu para trás, de modo que qualquer observador pudesse ver com clareza o rosto do garoto.

Ele estava chorando, seu rosto tão molhado que era óbvio que aquilo estava acontecendo havia algum tempo. Thomas não entendeu nada. O que ele estava fazendo indo às escondidas a território proibido? Não sendo um Corredor, ele não tinha permissão para entrar no Labirinto propriamente dito, e ele parecia ter a intenção de entrar.

Thomas, de repente, lembrou-se de Ben, esperando no corredor.

Ei, você aí? Thomas chamou Teresa imediatamente. Em seguida abaixou o volume de modo que Ben não pudesse ouvir o que estava acontecendo. *Venha tirar esse garoto do meu pé. O nome dele é Ben, e ele está do lado de fora da sala de observação. Gally está tramando alguma coisa estranha.*

Está bem, foi a simples resposta dela.

Gally acabara de quebrar as regras e fez a volta na beira da porta. Ele agora estava oficialmente fora da Clareira. Ele fechou os olhos, começou a respirar fundo. Um sorriso estranho se abriu em seu rosto. Os braços se estendiam de seu corpo, projetados para os lados como se ele estivesse imaginando que pudesse voar. E, de repente, Thomas entendeu. Gally saíra da Clareira apenas pela adrenalina.

Então a tela irrompeu em um borrão de movimento. Thomas inspirou bruscamente quando um Verdugo surgiu do nada, e sua pele úmida horrenda de repente encheu a tela, Gally coberto por seu corpo. Houve um gemido inumano e o ruído de maquinaria. O besouro mecânico saiu correndo. Sua câmera agora não mostrava nada além de hera e pedra, e tudo isso tremido. Mas Thomas ouviu o grito de Gally. E não foi um grito de medo, foi um grito de dor.

A imagem da câmera voltou ao lugar, e o Verdugo tinha desaparecido. Gally se agarrava ao lado do corpo com uma das mãos e usou a outra para se levantar do chão. Levou alguns segundos agoniantes, mas ele finalmente conseguiu voltar inteiro para a Clareira. Garotos correram em sua direção. Um deles, chamado Clint, estava à frente do grupo, levando um kit de primeiros socorros. O CRUEL tinha finalmente descoberto a dose correta de soro, e Clint segurava uma seringa em sua mão livre enquanto corria.

Os gritos de Gally eram algo que Thomas achou que jamais poderia esquecer.

Ele ouviu alguém levar um susto atrás dele e girou para ver Ben espiando pelo espaço estreito da porta aberta. Os olhos do garoto tinham se arregalado de horror.

– O que acabou de acontecer? – perguntou ele com voz tímida.

Thomas teve dificuldade para encontrar palavras.

– Ah, isso? Eles, ah, às vezes fazem esses testes, verificam seu tempo de reação. Nada com que se preocupar.

Ele não deixou de perceber que tinha acabado de usar uma das frases favoritas do dr. Leavitt.

Teresa chegou nesse instante para levar Ben dali.

Pobre garoto, pensou Thomas.

Thomas aguardou pacientemente a volta da dra. Paige depois de levar sua última amostra de sangue ao laboratório. Em uma ocorrência rara, não havia mais ninguém na sala com ele, nem mesmo um assistente. Depois de alguns minutos de silêncio, ele ficou curioso.

Levantou-se da cadeira e foi até o balcão. Abriu algumas portas, puxou algumas gavetas. Nada parecia muito fora do comum. Frascos, seringas, produtos embalados em papel. Mas então, na última gaveta à direita, ele achou uma verdadeira mina de ouro.

Um tablet de pesquisa.

O aparelho fino e retangular de trinta centímetros de comprimento tinha uma tela cinza brilhante, pronta para revelar um mundo de informação. Ele sabia que, provavelmente, iria precisar de senhas, mas aquela era uma oportunidade que podia jamais aparecer outra vez. Recusando-se a pensar nas consequências, ele enfiou o aparelho na cintura de sua calça, às costas, e jogou a camisa por cima da parte que restou para escondê-la.

Ele estava sentado muito antes que a dra. Paige voltasse.

Naquela noite, ele disse a um auxiliar de enfermagem que estava se sentindo um pouco mal e queria cancelar sua sessão habitual na sala de observação. Ninguém deu muita importância a isso.

Ele queria mergulhar em seu tablet de pesquisa furtado. Também tinha pegado alguns petiscos no refeitório para criar uma noite completa de entretenimento. Sentado a sua mesa, sem ninguém por perto para incomodá-lo, comendo batatinhas fritas, ele ligou o tablet e começou a trabalhar. Ele ainda não tinha contado a Teresa sobre aquilo. Ele não ia correr o menor risco de alguém levar seu tesouro embora antes que tivesse ao menos a chance de usá-lo uma vez.

Para sua grande decepção, e como ele desconfiava, a maioria dos portais de informação no aparelho exigiam senhas. Ele podia desistir de tentar acessar remotamente os sistemas principais do CRUEL. Mas havia coisas suficientes em plena vista para prender sua atenção, todas arquivadas em uma aba de acesso aberto chamada *História*.

Ele examinou atentamente os documentos, decorando o máximo possível. Ele aprendeu os nomes originais de seus amigos, rindo de alguns deles. Siggy, também conhecido como Caçarola, tinha sido chamado de Toby pelos pais. Toby. Thomas não soube por que achou aquilo tão engraçado.

Havia mais informações interessantes. Plantas do complexo do CRUEL e seus vários prédios. Um antigo relatório militar sobre o que iriam se tornar os Verdugos. Dados do clima remontando ao ano das chamas solares, assim como gráficos comparativos das médias anteriores àquele momento. Toneladas de informação sobre o Fulgor, seus sintomas, seus estágios, suas tentativas anteriores de tratamento.

Uma observação aparentemente aleatória em um memorando chamou sua atenção – dois membros da equipe se lembrando da vez em que tiveram de “manipular as memórias do pobre A2 porque seu

primeiro encontro com Teresa tinha sido um grande desastre”. Isso fez com que Thomas parasse de ler. Ele olhou para o tablet, recordando.

Ele se lembrou do dia em que conheceu Teresa oficialmente. Como estava atordoado pela sensação de déjà vu. Será que o CRUEL estivera experimentando com seus implantes e suas memórias tanto tempo atrás? Fazia sentido à luz do que eles fizeram com os amigos quando eles os mandaram para o Labirinto, algo para o qual eles teriam de estar bem preparados. Mas Thomas se sentiu tonto ao considerar a possibilidade – pensar que houvera todo um encontro com Teresa apagado de sua mente. O que mais eles podiam ter retirado dele?

Quanto mais pensava nisso, mais perturbador ficava, o que não estava ajudando em nada, disse a si mesmo. Por isso voltou a estudar o tablet em busca de informações.

Depois de alguns becos sem saída, ele viu um arquivo identificado como *Comunicações apagadas*. Ele o abriu.

Era uma série de memorandos e correspondências que ele tinha de acreditar terem sido deixadas fora da área de segurança por engano. Comunicações entre altos membros do CRUEL e várias outras entidades que ele só podia imaginar terem sido precursoras da organização. Havia várias siglas, algumas das quais ele reconheceu das aulas de história. IRIC (Iniciativa de Recuperação de Informação sobre as Chamas), CPC (Coalizão Pós-Chamas) e IPEDI (Instituto de Pesquisas do Exército para Doenças Infectocontagiosas), e outras que ele não reconheceu. Ele as examinou, fascinado com como deveria ter sido viver durante aquele período.

Ele ficou naquilo por horas, os olhos ardendo de ler por tanto tempo. Em determinado momento, passou a dar apenas uma olhada por cima, lendo rápido demais para captar muito do que o documento realmente dizia.

Então ele parou em algo interessante. Duas siglas que ele nunca tinha visto antes, junto com a palavra *ALTAMENTE CONFIDENCIAL* em letras vermelhas. Aquilo devia ser alguma coisa. Ele examinou um ou dois memorandos, seu ritmo cardíaco acelerando a cada palavra que lia. Coisas em que não podia acreditar, sobre um vírus. Sobre ele ter sido criado pelo homem. Sobre ter sido liberado intencionalmente. Sobre uma população que ficara grande demais para alimentar.

– Minha nossa – sussurrou ele, lendo o último mais uma vez. Ele mal podia acreditar no que ele dizia:

Memorando de Coalizão Pós-Chamas

DATA 12.2.219, às 19h32

Para: Todos os membros da diretoria

DE: Chanceler John Michael

REF: MINUTA DA ORDEM EXECUTIVA

Por favor, gostaria de saber o que acham do seguinte rascunho. Ele vai ser liberado amanhã.

Ordem Executiva n.13 da Coalizão Pós-Chamas, por recomendação do Comitê de Controle População (CCP), para ser considerada SUPERSECRETA, da mais alta prioridade, sob pena de punição capital.

Por meio desta, nós, da Coalizão, concedemos ao CCP permissão expressa para a implementar por completo sua Iniciativa n. 1, como vem apresentada em sua totalidade e anexada a seguir. Nós, a Coalizão, assumimos plena responsabilidade por esta ação e vamos monitorar seu progresso bem como oferecer assistência com toda a extensão de nossos recursos. O vírus será disseminado nos locais recomendados pelo CCP, com a anuência da Coalizão. As Forças Armadas estarão de prontidão para assegurar que o processo ocorra da maneira mais organizada possível.

OE n. 13, Iniciativa n. 1, está, por meio desta, ratificada. Deverá ter início imeditamente.

Uau.

Foi só isso o que ouviu de Teresa depois de lhe contar tudo.

É, respondeu ele. Uau está certo. Eles achavam que o vírus ia matar apenas uma pequena parcela da população – torná-la mais administrável. Eles não tinham ideia de que ele iria sofrer uma mutação e se transformar naquela coisa monstruosa que basicamente nos exterminou. Eu simplesmente não posso acreditar nisso tudo. Não posso acreditar nisso.

Teresa estava em silêncio. Ela nem sequer transmitiu como aquelas revelações a faziam se sentir.

A pior parte, prosseguiu ele, é que há várias ligações diretas com o CRUEL. Por exemplo: você se lembra de John Michael? Aquele cara que vimos nos poços de Cranks? Ele foi um dos que ordenou a liberação do vírus.

Passado é passado, Tom.

As palavras dela o fizeram parar imediatamente.

Pelo menos eles estão tentando consertar o que estragaram, prosseguiu ela. Quero dizer, não tem nada que possamos fazer em relação a isso agora.

Teresa..., começou a dizer ele, mas então esbarrou em um vazio. Ele não tinha ideia de como responder. Você já... você já sabia disso?

Eu tinha ouvido rumores.

E nunca me contou? Ele estava pasmo. Como ela podia saber disso e nunca ter dito nada? Ela era sua melhor amiga. A primeira pessoa que ele procurava para tudo.

Eu simplesmente não vejo sentido. Sim, temos razão para odiar essas pessoas. Mas como se apegar ao passado vai ajudar alguém? O que importa é a solução.

Thomas nunca fora pego tão de surpresa na vida. *Você não aprendeu nada com nossas aulas de quebra-cabeças com a srta. Denton? Para saber a solução, você precisa conhecer o problema muito bem. Isto é um problema.*

A resposta que ele recebeu de Teresa não tinha nenhuma emoção.

É, acho que você tem razão, respondeu ela. *Estou muito cansada, Tom. Podemos conversar sobre isso amanhã?*

Ela saiu de sua mente antes que ele pudesse responder.

No dia seguinte, Teresa se recusou a falar sobre isso, enfatizando que ela preferia se concentrar no futuro a pensar no passado. A dra. Paige também o ignorou, dizendo que aquelas decisões tinham sido tomadas muito antes do tempo dela. Era quase como se as duas estivessem determinadas a esquecer.

Thomas não iria esquecer.

Ele jurou a si mesmo que sempre iria lembrar daquilo.

Que ele sempre iria lembrar que o CRUEL estava tentando consertar um problema que seus antecessores tinham criado primeiro.

O inverno veio em arrancos naquele ano, como motores velhos tornando a ser ligados depois de anos parados à espera de manutenção. Mas ele finalmente se instalou, durando muito além do que deveria ter sido o início da primavera.

Thomas não se arriscava com frequência no mundo exterior – e mesmo assim, apenas com permissão especial e com pelo menos dois guardas armados ao seu lado –, mas ele viu o suficiente para saber que o gelo, o frio e a neve haviam retornado ao mundo com vingança. O climatologista residente do CRUEL disse que os padrões climáticos estavam lentamente retomando seus ciclos na Terra – inverno, primavera, verão e outono –, mas que em lugares mais distantes ao Norte e ao Sul do Equador, as estações eram muito mais imprevisíveis e extremas do que tinham sido antes das chamas solares. Ele descreveu o clima do mundo como um pêndulo que agora balançava cada vez mais rápido nas duas direções.

Thomas aproveitava quando podia, saboreava a sensação da neve em seu rosto, o formigamento do frio congelante no nariz e na ponta dos dedos. Parecia um modo de rir da cara das chamas solares. *Estão vendo? Estou com frio. Chupa!*

No início de maio, quando o inverno ainda se recusava a amainar, Thomas deu uma volta no exterior do complexo com Chuck e Teresa, dois dos guardas bem atrás deles, com armas na mão. Thomas estava com um ânimo azedo.

Tudo sobre o CRUEL o havia esgotado, endurecera seu coração. Os Psis, as Variáveis, a ruína universal, os padrões. Tudo. Ele se sentia desse jeito desde a noite em que descobrira a verdade sobre seus antecessores – que eles haviam liberado o próprio vírus para o qual queriam encontrar uma cura. Sair por algum tempo era uma pequena fuga.

Teresa tremeu e esfregou os braços por cima do casaco.

– Nós temos certeza de que este é o planeta Terra? O CRUEL não nos jogou através de um Transportal e nos pôs em um planeta de gelo?

– Seria legal – respondeu Chuck. – Alienígenas gelados. Eu queria saber se a língua gruda na pele deles quando alguém os lambe. Vocês sabem, como nos cubos de gelo.

Thomas despenteou o cabelo cacheado do amigo, tentando deixar para trás suas sensações ruins.

– É, nós sabemos, Chuck. Você nem sempre precisa explicar suas piadas para nós. Às vezes elas são mesmo engraçadas. Como essa. Ela foi engraçada. Estou rindo tanto que dói tudo por dentro.

– Eu também – acrescentou Teresa. – Estou gargalhando, rindo demais. Por dentro.

Chuck roncou como um porco e riu. Ele costumava reagir às coisas assim. Isso só fazia com que fosse mais fácil gostar dele.

– Você podia falar um pouco mais baixo – disse Teresa. – Nós não queremos acordar os Cranks nos poços, queremos?

– Eu nunca os vi – respondeu Chuck, fingindo tristeza. Pelo menos, Thomas *torceu* para que ele estivesse fingindo.

Eles viraram uma curva do complexo e pararam, com uma vista espetacular se abrindo a sua frente. As luzes no exterior do prédio do CRUEL eram claras o suficiente para iluminar a floresta no entorno, os pinheiros salpicados de neve brilhavam com o reflexo. Pontos de neve iluminavam o céu. O estouro das ondas abaixo dos penhascos parecia mais distante que nunca. Thomas sentiu como se estivessem parados no interior de alguma espécie de cenário feito pelo homem, a brisa fria vinda de ventiladores gigantes.

Um mundo falso como o Labirinto.

– Cara, é muito bonito – sussurrou Teresa.

Thomas esperou que saísse uma piada da boca de Chuck, mas ele estava igualmente fascinado pelas maravilhas em torno deles.

– Nosso mundo não está tão mal – disse ele. – Depois que o CRUEL descobrir como deixar todos bem outra vez, a vida vai ser bastante boa, vocês não acham?

Thomas apenas balançou a cabeça afirmativamente, com uma das mãos no ombro de Chuck. Usando o tablet roubado, Thomas terminara sua própria pesquisa sobre o Deserto, um local onde o CRUEL havia montado alguma espécie de operação secreta. Se Chuck pudesse ver as imagens daquele buraco infernal desolado, talvez ele mudasse um pouco de opinião. Mas o garoto estava certo. O mundo tinha muitos lugares como aquela floresta sobre um penhasco, com o oceano majestoso quebrando contra ele. Lugares onde a humanidade podia se estabelecer e reconstruir.

– Tom, aqui – disse Teresa com tom de voz urgente.

Ele a seguiu até um grupo de árvores a cerca de cem metros de distância.

Uma figura saía cambaleando das árvores e caía. Quem quer que fosse, levantou-se outra vez, limpou a neve, em seguida começou a caminhar bem na direção do grupo de Thomas. Os guardas se posicionaram rapidamente à frente dos garotos com as armas erguidas.

– É melhor voltarmos – disse um deles.

– É um Crank, não é? – perguntou Chuck. Ele disse aquilo com calma, com coragem, e Thomas se encheu de orgulho, tanto que quase doía.

– Bingo, homenzinho – respondeu o outro guarda. – Não se preocupe, vocês estão seguros. Vamos entrar.

– Esperem um segundo – disse Teresa. – Aquele não é... Quero dizer... aquele é *Randall*.

Thomas apertou os olhos contra as luzes brilhantes do CRUEL. E ela tinha razão. Era ele. Randall. Andando com dificuldade pela neve como se tivesse perdido alguma coisa ali e esperasse chutá-la para o ar.

O primeiro guarda baixou a arma.

– E não é que é ele mesmo?

– O que ele está fazendo aqui fora? – sussurrou Thomas.

– O que devemos fazer? – perguntou Chuck, alto demais. Thomas tentou fazê-lo falar mais baixo, mas era tarde demais. Randall tinha parado, erguendo bruscamente a cabeça. Ele os viu, e por um longo momento, ninguém se mexeu.

Então Randall entrou em ação, lutando para atravessar a neve até eles.

– Desculpe – murmurou Chuck.

– Vamos voltar – disse o guarda com mais urgência. – Precisamos contar a Ramirez.

Eles deram as costas para Randall e correram apressados na direção da entrada mais próxima quando o homem gritou para eles às suas costas.

– Parem! Marion! Moureu! Eu só preciso dizer uma coisa! – Ao ouvir seus nomes, os guardas se viraram, posicionando-se mais uma vez à frente das crianças e erguendo as armas.

Randall saiu do terreno coberto de neve e cambaleou sobre o calçamento, a cerca de seis metros deles. Ele estava com aspecto terrível. Olhos avermelhados. Nariz sangrando. As bochechas magras e encovadas. A pele no lado direito da testa tinha se aberto, um filete de vermelho pintava a lateral de seu rosto. Thomas olhou fixamente para o pobre homem. O que ele poderia estar fazendo ali fora?

– Fale rápido, então, Randall – disse a mulher. Você não parece bem. Precisamos buscar ajuda para você.

– Eu não posso mais esconder, posso? – disse Randall, agora com o corpo dobrado, apoiado nos joelhos. – Isso é uma grande droga! – Ele se moveu bruscamente para cima, cambaleou para a esquerda, depois para a direita, até que conseguiu se equilibrar. – É uma coisa terrível, tentar esconder o Fulgor de seus chefes.

Thomas segurou Chuck pela mão. A neve parecia congelar em pleno ar, não mais girando, não mais dançando, não mais caindo.

– Tudo bem, acabamos aqui – disse a guarda. – Abra a porta, Moureu. Leve-os para dentro e ache um médico. Depressa.

– Vocês acham que são especiais? – berrou Randall. – Vocês acham mesmo que eles não vão fazer com vocês a mesma coisa que vão fazer com todos eles?

Moureu digitou o código de segurança. Um bipe alto soou. A cor no mostrador mudou de vermelho para verde; em seguida, um estalido ecoou pelo ar. A porta destrancou. O guarda a puxou para abrir e saiu do caminho.

Thomas praticamente enfiou Chuck pela entrada, então agarrou o braço de Teresa e a puxou com ele, entrando correndo. Ele não queria passar nem mais um segundo lá fora com Randall, que ele ainda podia ouvir gritando.

– Escutaram o que eu disse? – gritou o homem doente. – Vocês estão fugindo do cara errado. Não é de mim que vocês deveriam ter medo. Estão me ouvindo?

O guarda fechou a porta para as incoerências ditas por Randall. Thomas espiou através da pequena janela de segurança e observou o homem se virar e retornar cambaleante para a floresta.

– Você pode dormir no chão do meu quarto hoje – disse Thomas para Chuck. Eles estavam parados no corredor diante da porta dele. – Não me importa se nos encrencarmos.

Teresa tinha ido para seu quarto usar o banheiro, mas acabara de voltar para se juntar a eles. Ela tinha uma expressão perturbada no rosto.

Thomas olhou para ela, preocupado.

– Você quer dormir aqui também? Eu mesmo também estou um pouco assustado.

– Na verdade...

– Qual o problema? – perguntou Thomas.

Teresa virou os olhos para Chuck, que estava perdido em seus pensamentos. Ela falou na mente de Thomas.

Vamos colocá-lo para dormir em seu quarto. Depois precisamos ir. Agora.

Espere, o quê?, respondeu Thomas. *Ir aonde?*

As coisas estão piores do que você pensa, disse ela. *Olhe... apenas o ponha para dormir, conte a ele histórias de ninar, não interessa. Faça o que for necessário. Bata em minha porta quando você tiver certeza de que ele apagou.*

Qual o problema?, perguntou ele outra vez.

– Sabem de uma coisa? – disse ela em voz alta ignorando sua pergunta. Ela afastou com delicadeza um fio de cabelo de Chuck da frente de seu rosto, e ele olhou para ela, com olhos cheios do peso daquilo que ele acabara de ver. – Estou cansada. Porque vocês não vão fazer essa festa do pijama de vocês e eu os vejo de manhã? E não se preocupem. – Ela se inclinou um pouco para conseguir olhá-lo nos olhos. – É sério. Randall está doente, e eles vão cuidar dele. Nós somos imunes, vocês se lembram disso? Não há nada com que se preocupar. – Ela deu um grande sorriso caloroso para o garoto. Ela estava tão confortadora que quase o próprio Thomas acreditou nela.

– Boa noite – disse Thomas a ela. – Venha, Chuck.

– Boa noite – respondeu ela, em seguida entrou em seu quarto.

Thomas fechou a porta a suas costas e jogou alguns cobertores no chão para Chuck. Enquanto deitava em sua cama improvisada, o garoto lembrou a Thomas mais uma vez que ele era muito mais inteligente do que eles costumavam acreditar.

– É, ela tem razão, *nós* somos imunes – disse ele na escuridão. – Mas e todas aquelas pessoas que trabalham para o CRUEL?

Teresa abriu a porta antes que ele batesse duas vezes.

– Entre – sussurrou ela com urgência, embora sua calma o assustasse.

Ele entrou, e ela fechou a porta.

– O que foi?

Ela estendeu um pedaço de papel. Thomas o pegou. Havia algumas palavras escritas nele a lápis:

Venha me ver. O mais rápido possível.

Dra. Paige

Thomas olhou para Teresa.

– Agora é sério, o que está acontecendo?

– Esse bilhete foi colocado por baixo da minha porta quando estávamos fora. – Ela fez uma pausa e respirou. – Tenho quase certeza de que a dra. Paige sabe o que aconteceu lá fora esta noite. Isso tem de estar de algum modo relacionado a Randall.

Thomas encostou-se à parede. Havia alguma coisa terrivelmente errada, ele só sabia disso. Um medo horrível subia por seu peito. Ele sentiu uma incerteza avassaladora, uma mudança no mundo.

– O que faremos? – perguntou ele.

Teresa pôs a mão no ombro de Thomas.

– Vamos apenas procurar a dra. Paige. Ela é a pessoa mais inteligente que eu já conheci. Se ela quer conversar conosco, então precisamos ir.

– Está bem – disse Thomas desanimado. – Se há alguém em quem podemos confiar, é nela.

Teresa acenou para ele com a cabeça para encorajá-lo, em seguida abriu a porta e saiu do quarto.

Ele foi atrás dela.

Ele delicadamente bateu à porta da dra. Paige. A última coisa que queriam fazer era acordar qualquer um dos outros médicos ou Psis no mesmo corredor. Como ela não respondeu, ele bateu com um pouco mais de força. Finalmente ele ouviu uma voz delicada do outro lado.

– Quem é?

– Thomas – disse ele, sendo subitamente tomado por um pensamento. – E se o bilhete, na verdade, não tivesse sido dela? – E Teresa. Recebemos seu recado.

A porta se entreabriu. Ele nunca tinha visto a dra. Paige tão... desgrenhada. Seu cabelo estava solto e emaranhado pelo sono, e seu rosto não tinha maquiagem. Ela abriu mais a porta e balançou a cabeça para que eles entrassem.

– Que bom que vocês vieram.

A dra. Paige estava sentada a sua escrivaninha, Thomas e Teresa na cama, lado a lado, esperando que ela falasse. Ele se viu pensando em Newt, talvez aquele de quem mais gostasse entre todos eles, não imunes. Havia apenas dois futuros para Newt: ou eles encontravam um modo de tratar aquela doença, ou um dia ele ia ficar louco e acabar como Randall.

A dra. Paige por fim falou. E enquanto ela parecia tão calma e contida como sempre, seus olhos diziam algo diferente. Thomas viu medo neles.

– Estou temendo este dia há meses, desejando que pudéssemos esperar um pouco mais – disse ela.

Ela se levantou, parou em silêncio por um momento, pensando, em seguida se virou para olhar para eles.

– Há uma razão por eu ter lutado por vocês e buscado sua ajuda tantas vezes – disse a dra. Paige. – Vocês fazem parte desta organização. Cresceram aqui, como um de nós, e sei que temos os mesmos objetivos. Sei que posso confiar em vocês para fazer qualquer coisa para nos ajudar a realizar nossa missão. E agora preciso que confiem em mim. Vocês podem fazer isso?

Thomas olhou para Teresa, e ela retribuiu o olhar. Ele podia sentir o que ela estava pensando.

Os dois balançaram a cabeça afirmativamente.

A médica deu um sorriso caloroso para eles.

– É, eu achava que sim – disse ela. – Está bem, agora não temos escolha. Depois que começarmos com isso, não há nenhuma maneira de voltar atrás. – Ela levou um segundo para olhar para cada um deles nos olhos. – Por isso, preciso perguntar aos dois: vocês estão prontos?

Thomas ficou de pé. Teresa também. Os dois tornaram a balançar a cabeça afirmativamente.

– Então está bem – disse a dra. Paige. – Eu desconfio há algum tempo que certos funcionários do CRUEL estão escondendo informações de nós que podem potencialmente minar tudo o que estamos fazendo aqui. Alguns membros de nosso mais alto escalão não aparecem há semanas. É hora de iniciar o protocolo.

Ela fez uma pausa antes de falar novamente. Respirou fundo.

– É hora da Purgação.

A dra. Paige desceu marchando pelo corredor, passo confiante após passo confiante, seu comportamento diferente de tudo o que Thomas tinha visto antes. Era como se ela tivesse aceitado algum manto pesado de responsabilidade e o usasse em torno dos ombros. Ele começou a acreditar que ela poderia salvar a situação.

– Temos de fazer tudo nas próximas 24 horas – disse ela calmamente por cima do ombro. – Tenho bastante ajuda do meu lado, e Aris e Rachel vão ajudá-los no seu.

– Aonde estamos indo? – perguntou Teresa. – O que é a Purgação?

A dra. Paige parou no elevador, apertou o botão de chamada e entrou quando a cabine chegou, falando enquanto a porta se fechava.

– Uma coisa de cada vez. No fim de cada dia, o CRUEL sempre exige um exame de sangue obrigatório de seus membros. Sempre entendemos a importância de monitorar uma possível contaminação. – Ela pressionou o número do andar, e o elevador começou a se mover. – Mas ao longo dos últimos meses, percebi alguma atividade estranha, houve uma propensão oculta à desconfiança, e então descobri que alguns de nossos dados pessoais de saúde foram violados. O chanceler Anderson finalmente decidiu que todos os resultados teriam de passar por ele antes de serem disseminados para a equipe médica. Bom, eu recebo um relatório geral toda noite, e *nenhuma* pessoa testou positivo. *Mas...* isso segundo os relatórios que vejo depois de passarem pelo chanceler.

O elevador parou, a campainha familiar soou, e as portas se abriram. Thomas e Teresa saíram depois da dra. Paige e seguiram por outro corredor.

– Mas comecei a perceber sintomas recentemente – continuou ela. – Até o próprio chanceler está mostrando sinais de infecção. Agora tenho quase certeza que nosso amado líder tem alterado os relatórios. Vi Randall nas imagens de segurança esta noite. E se Randall está doente... Bem, é impossível que ele seja o único.

A dra. Paige parou diante de uma porta que Thomas vira apenas uma vez. Quando fora convidado para conhecer o próprio chanceler.

– Mas por que nós não percebemos nada? – perguntou Teresa. – Quero dizer, além de Randall, não vimos nenhum sinal de que as pessoas estão doentes.

A dra. Paige balançou a cabeça afirmativamente como se antecipasse a pergunta.

– Pode ser cedo para alguns. Outros, ainda, podem estar escondidos em algum lugar. Isso faz com que eu me pergunte se Randall não escapou de onde quer que seja esse lugar. O que aconteceu esta noite com ele fez com que eu percebesse como nossa situação tinha ficado séria. Se os resultados estão sendo forjados como eu acho, preciso iniciar o protocolo de segurança para assegurar que permaneçamos saudáveis e possamos continuar nosso trabalho. Eu preciso assumir o controle. Esta noite.

Thomas não podia acreditar em como as coisas estavam acontecendo depressa. A médica nunca parecera tão séria, tão determinada.

– Primeiro, precisamos conseguir até o último resultado dos exames de sangue, os resultados *originais*, não do relatório resumido. Vamos descobrir quem está doente e quem não está. E então vamos lidar com as coisas.

Thomas estava tentando entender o turbilhão de informações.

– Como entramos no escritório dele? As câmeras de segurança não estão nos seguindo?

Ela sorriu, um breve intervalo nas nuvens.

– Qual pergunta devo responder primeiro?

– A segunda – disse Teresa por ele. – Segurança.

Paige balançou a cabeça afirmativamente.

– Vamos dizer apenas que há muita gente que me deve favores. Além disso, todo mundo está com tanto medo de ficar doente e depende de nós para assegurar sua saúde. Ramirez está morrendo de medo de sucumbir à doença, e ele acha que eu estou mais capacitada a fazer com que a cura realmente *aconteça*. A triste verdade é que o tempo do chanceler Anderson na liderança do CRUEL chegou ao fim.

Thomas não soube o que pensar disso.

– E... esse escritório? Como entramos sem que Anderson saiba?

Em algum momento, o sorriso da dra. Paige havia desaparecido por completo.

– Ah, ele vai saber sobre isso. Ele está lá agora. Vamos entrar? – Ela levou a mão ao bolso, tirou uma máscara cirúrgica e a pôs sobre o rosto. – Acho que vocês não precisam de uma dessas, hein? – Seus olhos mostraram que o sorriso havia retornado.

A dra. Paige abriu a porta destrancada e entrou no escritório do chanceler.

Havia outra sala nos fundos de seu escritório, um espaço privativo para relaxar ou realizar reuniões mais íntimas. Eles encontraram Anderson ali, dormindo, metade do corpo deitada sobre o sofá, a outra metade perigosamente pendurada na direção do chão.

– Como você sabia? – sussurrou Teresa, tão baixo que Thomas mal a escutou.

A médica gesticulou para que eles voltassem para a sala principal, e então fechou com delicadeza a porta da sala particular onde o chanceler dormia.

– Vocês não podem imaginar as precauções que tomei para evitar pegar o Fulgor – disse a mulher, suas palavras abafadas pela máscara. – Extremas. Agora uso esta máscara praticamente o tempo inteiro sempre que estou confinada em um espaço como este com outros potencialmente infectados. Lavo a mão e o rosto a cada meia hora. Preparo minha própria comida... – Ela olhou para as mãos. – Tenho de correr *alguns* riscos, é claro. Todo dia. Eu não poderia me chamar de médica se não agisse assim.

– Mas e em relação a... isso? – perguntou Teresa, apontando para trás na direção da sala particular de Anderson.

– Ele é uma das razões para que eu seja tão cautelosa. Vinha aqui visitá-lo uma vez por semana, mais ou menos, por meses. Nós desenvolvemos uma... amizade, antes mesmo que tudo isso começasse. A gente

conversava por horas e horas. Sobre vidas passadas, o CRUEL, o progresso do projeto. Ele parou de se dar ao trabalho de trancar a porta há mais de um mês. Mas a questão é que ele mudou com o tempo.

– Quem mais a senhora acha que pode ter isso? – perguntou Teresa.

– Estamos prestes a descobrir, se ele não destruiu os resultados dos exames originais. – Ela foi até a mesa do chanceler, coberta com os porta-retratos com fotos de seus entes amados perdidos que eles tinham visto na visita anterior, e abriu seu monitor. – Com todos os seus medos envolvendo segurança, ele não foi muito original nas senhas. – Ela sorriu, em seguida começou a trabalhar, usando o teclado e também as funções de toque na própria tela. Um brilho azul encheu a sala com uma mortalha fantasmagórica.

– Não deve demorar muito... – disse ela distraidamente.

Thomas foi atingido por um pensamento súbito: e se ele não fosse realmente imune como sempre haviam lhe dito? Ele se preocupava com isso de vez em quando, mas sem dúvida eles já teriam pegado a doença àquela altura. Uma lembrança dos horríveis poços de Cranks passou por sua cabeça.

A dra. Paige seguiu um caminho através de vários níveis de segurança no computador do chanceler até finalmente chegar a uma planilha listando todos os nomes dos funcionários do complexo do CRUEL, dos trabalhadores do refeitório aos médicos e Psis e os próprios indivíduos. Ela passou por alguns registros até chegar a uma aba específica; clicou sobre ela, e uma imagem do chanceler Anderson surgiu na tela. Seu sorriso luminoso não podia ser mais incongruente com a situação que tinham em mãos. A dra. Paige mergulhou mais fundo nos dados e encontrou os resultados dos exames do fim do dia anterior. Embora ele já tivesse aceitado o que seria, quando Thomas viu a confirmação literalmente brilhando diante de seus olhos – e ainda mais em vermelho –, ela mandou um calafrio para cada canto de seu corpo.

O chanceler Kevin Anderson tinha o Fulgor.

E, como descobriram, também outros no CRUEL.

Revelou-se que 19 dos 131 médicos, Psis, cientistas, técnicos, enfermeiros e outros empregados no interior do complexo do CRUEL estavam doentes. Todos os funcionários de alto escalão, a maioria no círculo de Anderson. Não foi surpresa eles terem conspirado para esconder aquilo dos outros.

A dra. Paige levava Thomas e Teresa de volta para seu quarto e os trancara lá dentro, explicando que agora ela teria de iniciar totalmente o protocolo de Purgação e se assegurar de que tudo estivesse em andamento. Disse que iria retornar em breve. Duas horas depois, ela voltou, e trouxe Aris e Rachel com ela. Quando chegaram do corredor, a dra. Paige largou quatro mochilas carregadas no chão.

– Para que são elas? – perguntou Teresa.

– Vou explicar tudo – respondeu a médica. – Hoje vou precisar desesperadamente de vocês quatro.

Thomas deu um aceno de cabeça amigável para eles, que foi retribuído. Aris parecia ter ficado mais velho, linhas cruzavam seu rosto como pequenas marcas de preocupação. Rachel tinha cortado o cabelo ainda mais curto, e havia uma tristeza em seus olhos escuros. Mas ela demonstrava confiança, e algo naqueles dois encorajou Thomas.

A dra. Paige não mostrava sinais de cansaço. Ela havia assumido o controle com prazer.

– Foi isso o que meu pessoal descobriu – disse ela. – Anderson escondeu todos os infectados no Setor D, e, a julgar por seus sintomas, alguns parecem estar bem avançados. Isso explica por que não víamos seus rostos há algum tempo. Eu isolei toda aquela ala do complexo. Verifiquei várias vezes os resultados dos exames médicos de ontem. Além de Anderson, que ainda está em seu escritório, e Randall, em algum lugar lá na floresta, parece que contivemos todos os contaminados. Todo mundo fora do Setor D está limpo.

Ela fez uma pausa e respirou fundo duas vezes.

– Mas não podemos desperdiçar um segundo sequer. Precisamos fazer a limpeza desse pessoal, e precisamos fazer isso rápido. Tenho alguns guardas corajosos que estão dispostos a correr o risco de contaminação, mas não posso me permitir perder mais nenhuma vida para essa doença. E é aí que vocês entram.

Ela parou de falar, deixando que suas palavras pairassem no ar, e a compreensão do que ela estava dizendo de repente atingiu Thomas como um raio.

– A senhora quer dizer...

Ela balançou a cabeça afirmativamente. Sua expressão mostrava como era difícil dizer o que veio em seguida.

– Vocês são todos imunes, e são os mais velhos e mais fortes daqueles que não estão no Labirinto. Estamos lidando com gente muito doente e fraca – mais importante, porém, é que a maioria deles está dormindo, e é por isso que temos de agir agora mesmo. Essas mochilas têm seringas cheias de uma

solução preparada para esta tarefa. Basta apenas uma picada em seus pescoços, e o trabalho está feito. Vocês devem conseguir fazer isso sem problemas.

Thomas sentiu os joelhos fraquejarem, e se sentou no chão para disfarçar.

E, finalmente, disse as palavras que mais ninguém podia dizer.

– Então... nós vamos simplesmente matar todos eles?

– Eles vão morrer de qualquer jeito – disse Teresa imediatamente, chocando Thomas e arrancando-o de seus pensamentos.

– Ei, ei, ei – disse ele tornando a ficar de pé. Ele olhou para a amiga, perguntando-se se aquilo era alguma tentativa de se aliviar da culpa ou se ela tinha criado uma casca grossa em torno de si para se proteger. – Nós temos de pensar sobre isso.

– Não, Tom – respondeu bruscamente Teresa. – Ou vai *ser difícil agora*, ou todo mundo morre depois.

Thomas desabou outra vez no chão, tão atônito que sua visão estava um pouco turva. Ele não tinha resposta. Ela também tinha cortado a conexão de sua mente. Tudo o que ele podia fazer era olhar para ela.

– Desculpe – disse ela, a ferocidade derretendo. – Desculpe, Tom. Sério. Eu só... Sei que tudo isso é horrível, mas vai ser menos horrível se simplesmente aceitarmos e resolvermos.

– Ela tem razão – disse a dra. Paige. – Vocês quatro serão adultos em breve. Podem lidar com isso. Sabemos exatamente onde estão os infectados, vocês só precisam ir de quarto em quarto e injetá-los. – Ela gesticulou na direção das mochilas. – Nós trouxemos pistolas, e temos Lança-Granadas para vocês também. Tenho de enfatizar que é só por garantia. Só por garantia. Acho que vocês vão conseguir fazer isso com eles enquanto estão dormindo. E terei guardas postados, apesar do risco de contaminação, se as coisas correrem mal.

O quarto ficou em silêncio por um longo tempo. A dra. Paige estava pelo menos dando a eles um momento para pensar naquilo.

– Pode contar comigo – disse Teresa por fim.

– Comigo também – acrescentou Aris.

– Os fins justificam os meios – disse Rachel, de um jeito um tanto amargo. – Essa devia ser a logomarca oficial do CRUEL. Eles deveriam ter um banner gigante pendurado na entrada principal. *Os fins justificam os meios*. Mas estou dentro.

– Bem, é verdade, não é? – perguntou Aris. – Se pudesse salvar 1 bilhão de pessoas matando 1 milhão de pessoas, você não deveria fazer isso? Você sabe, falando hipoteticamente? Se tivesse realmente essa escolha e dissesse não, então você não está *na verdade* matando 1 bilhão de pessoas? Eu preferia matar 1 milhão que 1 bilhão.

Agora foi a vez de Aris receber um olhar perplexo de Thomas. Parecia que o mundo tinha começado a girar na direção oposta.

A dra. Paige balançou a cabeça afirmativamente para os três que tinham aceitado seu desafio.

– Thomas? – perguntou ela.

Ele não respondeu, e olhava fixamente para o chão.

– Tom? – disse Teresa. – Preciso de você comigo nisso. Com *a gente*. Por favor.

Ele não se sentia bem. Não se sentia nada bem. Ele se levantou. Seus pensamentos corriam enquanto procurava as palavras perfeitas. Ele sabia que iriam fazer o que a dra. Paige precisava que fizessem. Eles tinham ido longe demais para voltar agora. Ele tinha amigos no Labirinto, tinha de pensar em Chuck, tinha de pensar no mundo.

Ele iria fazer aquilo. A Purgação. Ela tinha de ser feita. E agora ele precisava dizer algo inteligente, algo profundo, algo os unisse juntos e desse início à jornada terrível.

– Isso é uma droga.

De depois que os quatro concordaram com a missão, a dra. Paige foi buscar alguns guardas para lhes dar instruções sobre as seringas e as armas, e para explicar o melhor plano de ataque para coordenar toda a tarefa. Enquanto esperavam, Teresa reabriu sua conexão.

Você está bem?, perguntou ela.

Eu simplesmente... Não sei como me sinto em relação a isso.

Ela fez uma pausa pelo que pareceu uma eternidade, e ele pôde sentir a mente dela acelerada. Ele esperou, embora quisesse dizer mais.

Olhe, respondeu ela por fim. *Aquela palavra sempre significava que ela estava prestes a se abrir com ele. Lembra-se de quando eu contei a você tudo sobre de onde eu vim? Quando meu nome era Didi?*

Uma pontada de dor veio com esse nome, tão forte que Thomas teve de se remexer na cadeira. *É, eu me lembro.*

Era um lugar horrível, Tom, prosseguiu ela. *Não consigo nem... Era horrível. Vi inúmeras pessoas pegarem o Fulgor, eu me lembro de correr de Cranks, lembro... A questão é que eu não paro de dizer a mim mesma que muitas partes do mundo estão desse jeito agora. Muitas garotinhas exatamente como eu era estão vendo isso acontecer. Morrendo no meio de todos esses horrores. E o CRUEL quer salvar o mundo disso. Salvar todas essas garotinhas e todos esses garotinhos.*

Eu sei, disse Thomas. *Todos nós vimos coisas ruins.*

Não como eu. Eu estava basicamente no centro da epidemia. Os contaminados estavam concentrados em um lugar, e o vírus ainda não tinha sido diluído. Estamos voltando a isso à medida que se espalha. Um dia, o mundo inteiro – toda cidade, grande ou pequena – vai ser como era na Carolina do Norte. E aí todo mundo vai estar morto.

Thomas se levantou, desejando de algum modo poder escapar daquela conversa deprimente.

Eu entendo, Teresa. Eu entendo. Precisamos encontrar uma cura. Você acha mesmo que eu já não ouvi esse discurso mil vezes?

Ele percebeu que ela estava frustrada com ele.

Tom, o discurso não é vazio. Precisamos encontrar uma cura, e não podemos mais ver as coisas a curto prazo. Estamos falando sobre extinção. Tudo o que importa é o resultado final. Como vamos chegar lá... vamos só fazer isso. Está bem? O que quer que seja necessário.

Então nós os matamos?, perguntou Thomas. *É isso o que você está me dizendo? Nós quatro vamos sair andando por aqueles prédios e simplesmente massacrar até a última pessoa que tiver o Fulgor?*

Sim. É isso o que nós vamos fazer.

Thomas tentou oferecer outra solução.

Não podemos simplesmente movê-los para os poços de Cranks?

Sério? Você acha que eles querem ser jogados em uma jaula com monstros? Tom, você não está nem pensando direito. Uma onda de frustração quebrou através de sua conexão, poderosa o suficiente para fazer Thomas se retrair.

Então nós os matamos. A sensação era de estar perdendo uma parte vital do ser humano.

Nós garantimos que a dra. Paige possa assumir o controle das instalações, manter os dois Labirintos em funcionamento. Não se trata de matar ninguém. Trata-se de salvar.

Thomas deu um suspiro.

Vou fazer o possível. O que mais ele ia fazer?

Ela foi até ele e se inclinou para falar em seu ouvido.

– Isso é muito importante – disse ela. – A coisa mais importante no mundo.

– Sim – disse ele em voz baixa. – Porque o CRUEL é bom.

Alguns minutos depois, a porta se abriu. Vários guardas uniformizados chegaram, seguidos pela dra. Paige.

– Vamos prepará-los – disse ela. – O tempo está se esgotando.

A mochila de Thomas estava pesada. Ele e os amigos tinham mochilas cheias carregando tudo do que iam precisar. Duas armas para cada, cartuchos de reserva para os Lança-Granadas que eles haviam prendido em torno dos ombros, e seringas suficientes para derrubar um zoológico cheio de elefantes. Melhor ter de mais do que de menos.

Eles avançaram pelos corredores do complexo até o primeiro alvo, o chanceler Anderson. Um homem bom com quem Thomas jamais tivera muito problema. Um homem bom que agora estava completamente louco. Eles precisavam cuidar dele antes de seguir para o Setor D.

Eles estavam correndo havia bons cinco minutos quando Aris parou e ergueu uma das mãos. Teresa quase o atropelou antes de parar.

– Ouviram isso? – sussurrou Aris.

Thomas escutou, tentando captar alguma coisa estranha acima do zumbido do sistema de ventilação e do som de sua respiração ofegante devido à corrida.

– Não – disse Thomas mesmo enquanto os outros sacudiam a cabeça.

– Apenas continue a escutar – respondeu Aris, seu olhar indo para o teto, como se o que ouvira tivesse vindo de cima. – Ali.

Um lamento longo, como um choro de criança. Depois que ele o ouviu, Thomas não conseguiu acreditar que não o houvesse ouvido antes. Agudo, triste, ele ecoava pelo corredor tornando impossível dizer de que direção vinha. Thomas imaginou uma criança no fundo de um poço.

– Talvez esteja vindo do Setor D pela ventilação – sugeriu Rachel.

O ruído lúgubre cessou.

– Ou pode ser um dos garotos – disse Thomas. – A dra. Paige escondeu todos eles em algum lugar.

Teresa falou:

– Precisamos resolver a situação de Anderson antes de poder pensar em qualquer outra coisa. Vamos.

Aris não fez objeção. Os quatro saíram correndo outra vez.

A porta do escritório de Anderson estava fechada, mas não trancada. Teresa se adiantou e a abriu. Thomas prendeu a respiração, meio que esperando que o homem saltasse sobre eles como um zumbi.

Nada além de silêncio e escuridão. E um cheiro. Um cheiro horrível.

Teresa empurrou a porta, abriu-a mais e entrou, o Lança-Granadas posicionado a sua frente, pronto para disparar. Aris foi em seguida, depois Rachel, Thomas por último. O brilho azul da estação de trabalho ainda reluzia, nada mudara desde a última vez que eles tinham estado ali. Exceto pelo fedor pútrido de suor e urina, até fezes. O cheiro atingiu Thomas, e ele sentiu ânsia de vômito, caindo sobre um joelho enquanto a garganta se fechava. Ele tentou se recompor.

Você está bem?, perguntou Teresa em sua mente.

Estou. Ele está aí dentro? Ele apontou com a cabeça na direção da sala nos fundos.

Vamos lá ver.

Mas Aris já tinha ido até aquela porta e deu um chute de leve para abri-la. Outra onda de um fedor horrível saiu da escuridão. Thomas tornou a ficar de pé e parou atrás de Aris e Teresa, olhando fixamente para o interior, tentando identificar as coisas. Rachel estava bem ao lado dele, apertando o nariz.

– Ele está morto? – perguntou ela.

– Não – disse a voz áspera de Anderson. Ele mal soava humano. – Não, morto, não. Não é seu dia de sorte. – Ele teve um acesso de tosse forte e molhada.

– Ah, cara – disse Thomas. Seu estômago não estava conseguindo lidar com tudo aquilo muito bem. – Acenda uma luz neste lugar.

– Pode ferir os olhos dele. – Isso veio de Aris, que assim mesmo mexeu no painel. Luzes se acenderam, claras como o meio-dia.

Anderson gritou e levou as mãos aos olhos. Ele se contorceu no chão em frente ao sofá, onde parecia ter ficado deitado por meses.

– Apaguem! Apaguem!

Aris diminuiu as luzes, e Thomas agradeceu a ele em silêncio por isso. A visão diante deles era quase demais para Thomas aguentar. Ele olhava fixamente para o homem que tinha sido seu líder anteriormente. Sangue cobria seu rosto e suas roupas, e seu cabelo estava emaranhado e seboso. Ele perdera peso, sua pele estava pálida e suada. Ele estava deitado de lado, a boca posicionada em uma careta permanente, exibindo dentes manchados de vermelho. E então Thomas viu por quê.

O homem só tinha dois dedos sobrando.

Cotos sangrentos restavam onde antes estiveram os outros.

– Ah, meu... – disse Aris quando percebeu, cobrindo o rosto com a dobra do braço. – Ele não fez isso. Ele não fez isso.

– Ele fez – respondeu Rachel com voz fria.

Thomas não conseguia olhar. Ele virou o rosto e foi até o monitor na mesa do ex-chanceler. Ele mostrava o sistema de comunicações, e ali na tela havia um memorando que Anderson estivera escrevendo. Por sorte, ele parecia jamais ter sido enviado. Porque o memorando em si era assustador.

– Pessoal – disse ele. – Escutem o que Anderson quase enviou para todo mundo quando estávamos fora. – E então Thomas leu para eles.

Memorando CRUEL, data 5.5.231

PARA:

DE:

REF:

Só me restam dois dedos.

Eu escrevi as mentiras de minha despedida com dois dedos.

Essa é a verdade.

Nós somos maus.

Eles são crianças.

Nós somos maus.

Nós devíamos parar, deixar que os Privilegiados dominem o mundo.

Nós somos maus.

Não podemos brincar de Deus.

Não podemos fazer isso com crianças.

Vocês são maus, eu sou mau.

Meus dois dedos me dizem isso.

Como podemos mentir para nossos substitutos?

Nós lhes damos esperança, quando não resta nenhuma.

Todo mundo vai morrer.

Não importa o que aconteça.

Que a natureza vença.

– Ele está tão confuso – disse Teresa por cima do ombro de Thomas enquanto lia as últimas palavras de Anderson.

– Eu diria que é mais que isso – respondeu Thomas.

– Meus dedos – gemeu Anderson da outra sala. – Por que vocês comeram meus dedos?

Thomas sentiu uma tristeza enorme quando seguiu Teresa até o lado de Anderson outra vez. O homem tinha se encolhido em posição fetal e estava balançando para a frente e para trás.

– Só restam dois – disse o homem, suas palavras flutuando com delírio. – Espero que os outros oitos estivessem saborosos. Sempre achei que seria eu quem os comeria. Mas não. Tinham de ser vocês, não é?

Thomas trocou um olhar com cada um de seus amigos. Depois de tudo o que tinham visto, aquilo era o mais triste? Ver um homem que controlava aquela operação gigantesca com tamanho vigor se transformar em um lunático choroso?

O corpo de Anderson se contorcia; aparentemente, cada músculo se retorcia sobre si mesmo. Ele se debateu por alguns segundos, em seguida relaxou. Seu olhar selvagem lentamente deixou o chão e seguiu a linha do corpo de Thomas de seus pés a suas coxas, a seu tronco, e, finalmente, encontrou seus olhos.

– Eles vão pegar seu cérebro no fim – disse Anderson. – Eles vão removê-lo, olhar para ele por algumas horas e, provavelmente, comê-lo. Vocês deviam ter fugido quando tiveram a chance.

Thomas não conseguiu se mexer; a clareza súbita nos olhos do homem o assustou mais que qualquer outra coisa naquele dia.

– O que fazemos? – perguntou Aris. Seu ex-chanceler não parava de falar, mas havia se encolhido em posição fetal e as palavras estavam perdidas em seus gemidos de agonia. Ele olhava fixamente para o chão bem diante de seu rosto.

– Temos de acabar com seu sofrimento – respondeu Teresa. – E aí eu acho que vai ser mais fácil para nós... cuidarmos de todo o resto. Mas precisamos ir andando.

Um ou dois meses antes, Thomas teria ficado chocado com a frieza dela. Mesmo apenas alguns dias atrás. Entretanto, não mais. Eles agora estavam lidando com a verdade fria e dura de sua situação. Quem quer que aquelas pessoas tivessem sido, elas não eram mais.

Thomas decidiu de repente que tinha de fazer aquilo. Tinha de ser ele, bem ali, naquele exato momento. E se outra pessoa executasse o ato, ele talvez nunca mais conseguisse reunir coragem.

– Tem de ser eu – sussurrou ele, mais para si mesmo. Ele não estava nem certo de que eles o haviam escutado. Mas certamente perceberam quando ele tirou a mochila dos ombros e a pôs a seu lado. Ele se ajoelhou bem ao lado de Anderson, e sangue dos ferimentos do homem molharam os joelhos de sua calça. Os outros nada fizeram para detê-lo.

Thomas abriu o zíper da mochila, remexeu em seu interior e retirou uma das seringas cheias com o preparado da dra. Paige. Ele quebrou a tampa protetora de plástico da extremidade da agulha, em seguida a posicionou com a mão, o polegar pressionando de leve o botão que controlava o êmbolo eletrônico.

– Nós temos certeza disso? – perguntou Rachel. – Quero dizer... temos *certeza*?

– Sim – respondeu Thomas, curto e grosso. Sem mais nada a dizer.

Anderson rolou de costas, agora tremendo. Seus olhos se arregalaram enquanto olhava fixamente para o teto, murmurando de forma incompreensível. Thomas se inclinou para perto, com a seringa estendida acima da cabeça do homem. Não havia sinal de consciência na expressão de Anderson, não restava nenhum sinal de humanidade.

Teresa tocou o ombro de Thomas, assustando-o. Ele virou-se e olhou para ela, e os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Desculpe, disse ela em sua mente. *Estou com você nessa. Você consegue.*

Ele balançou a cabeça afirmativamente, em seguida virou-se para Anderson, ainda tremendo muito de leve no chão, nada mais que uma simples agitação. Thomas levou a ponta prateada da agulha até a lateral do pescoço do ex-chanceler. Hesitou.

Os olhos de Anderson se moveram e caíram sobre Thomas. Ele sussurrou algo, duas palavras. Repetiu-as várias vezes. Saliva espumava nos cantos de sua boca.

– Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor...

Thomas não sabia se ele o estava encorajando a fazer aquilo ou implorando que parasse. Porém ele lentamente enfiou a agulha na carne macia do pescoço do homem e apertou o botão que controlava o êmbolo. Houve um som sibilante enquanto o fluido mortal no frasco escoava da seringa e entrava no corpo de Anderson.

Todos observaram em silêncio enquanto o ex-líder do CRUEL ficou imóvel, soltou um último e prolongado suspiro e fechou os olhos.

Restavam dezoito.

Thomas e os amigos estavam parados na sala de segurança antes administrada por Ramirez e Randall. A dra. Paige e alguns membros de sua equipe analisaram as salas e os corredores do Setor D.

– Todo mundo ainda está nas mesmas posições – disse a dra. Paige, examinando as imagens das câmeras de segurança. – Podemos determinar como objetivo que vocês alcancem cinco deles, depois voltem aqui para se reagrupar e avaliar se alguma coisa mudou.

Thomas observava distraidamente as imagens das câmeras vindas do Labirinto enquanto os outros se concentravam no Setor D. Perto da Sede, apesar do adiantado da hora, Alby e Newt estavam envolvidos em uma discussão com Nick, que muito tempo atrás havia se separado dos outros como líder da Clareira. Sem som, o conflito não tinha nenhum contexto. Pelo menos não haviam trocado socos. A maioria dos outros Clareanos estava dormindo.

– Eles não têm ideia de o que está acontecendo aqui – disse Thomas, um pouco surpreso por ter falado em voz alta. – Acho que é uma coisa boa.

Teresa olhou para ele. Ela parecia pronta para repreendê-lo – eles tinham assuntos um pouco mais urgentes.

– Eu sei. Pela primeira vez a vida está mais difícil aqui fora do que lá dentro.

– Acho que o jogo virou – disse Rachel.

– Garotos? – interrompeu a dra. Paige. Ela gesticulou na direção das câmeras focadas no próprio complexo do CRUEL. – O plano?

– Desculpe – murmurou Rachel.

Thomas concentrou a atenção outra vez nas imagens relevantes.

Um guarda apontou para uma delas em especial.

– Sala D-17. Uma sala de recreação. Alguns deles estão dormindo no chão aí dentro. Essa deve ser sua primeira parada depois de entrar no setor.

– Talvez eles estejam mortos – acrescentou Teresa.

A dra. Paige se inclinou para perto das telas, os lábios em movimento enquanto contava.

– E ali estão nossos cinco. É um bom plano. Vão cuidar deles, depois voltem aqui e nós vamos lhes mostrar aonde ir em seguida.

Eles pegaram suas mochilas cheias de morte e saíram pela porta em direção ao Setor D.

Depois que um guarda deixou que passassem pela entrada bloqueada, Thomas e os outros seguiram para a sala determinada. Eles tinham quase chegado lá quando uma movimentação no corredor adiante os fez parar subitamente. Aris estava à frente e, de repente, saltou para trás, empurrando os outros para depois da curva mais próxima.

– Há algumas pessoas ali – sussurrou ele, de costas para a parede, arfando.

– Eu os vi também – disse Teresa. – O que significa que eles provavelmente nos viram.

No tempo perfeito, um grito ecoou pelo corredor.

– Ei, vocês, garotos! – Um homem, com a voz à beira da histeria. – Venham aqui, minhas pequenas cobaias!

Isso encheu Thomas com tamanha sensação de horror que fez com que ele estremecesse. Seus braços e sua testa começaram a suar, e uma onda quente o deixou com um calor insuportável.

– Quantos? – perguntou ele.

Aris espiou além da curva, em seguida recuou bruscamente para encarar os outros.

– Dois homens. Um está rastejando no chão, o outro está andando, mas está usando a parede para se manter de pé. Eles estão chegando muito perto. E, cara, eles parecem estar em estado lastimável.

Thomas apreciou o relatório detalhado, mas isso só fez com que se sentisse pior.

– Nós voltamos para reagrupar?

– Não, nós os atacamos – disse Teresa. – Por que adiar isso? Nós quatro podemos cuidar desses dois com facilidade.

Rachel balaçava a cabeça afirmativamente enquanto ela falava, e um olhar para Aris mostrou que ele também concordava.

Thomas deu um suspiro, derrotado.

– O que você quer dizer com “lastimável”?

– O cara rastejando está completamente nu – respondeu Ari. – Está com o corpo todo arranhado. O que está cambaleando junto da parede parece ter vomitado sete cafés da manhã em cima da camisa inteira. E seu cabelo... eu acho que ele arrancou parte dele. É nojento.

Um lamento terrível de angústia ecoou pelo corredor, um som prolongado e choroso que terminou em algo parecido com risos. Eles estavam se aproximando.

– Vocês viram Anderson – sussurrou Teresa. – Os que restaram devem estar tão ruins quanto ele ou estão a alguns passos disso.

Thomas balançou a cabeça afirmativamente, tentando encorajar a si mesmo.

– Está bem, está bem. O que nós fazemos?

Teresa puxou a mochila do ombro, apenas o suficiente para abrir o zíper e olhar em seu interior. Ela sacou uma pistola e duas seringas. Ela entregou as seringas a Thomas.

– Vou ser o último recurso – disse ela, levantando a arma com a mão direita, o dedo já no gatilho. – Aris e Rachel, vocês primeiro os atingem com o Lança-Granadas. Quando eles caírem, você, Thomas, corre até eles e injeta o veneno. Vou estar bem ao seu lado. Se eles se mexerem, eu cuido deles.

Thomas olhou fixamente para ela, meio impressionado e meio aterrorizado com sua amiga mais íntima. Mas acima de tudo ele estava grato por ela ter assumido o comando.

– Está bem – disse ele, inteligente demais para discutir. Nada em relação àquilo ia ser agradável, e quanto antes eles comessem, mais rápido terminariam.

– Tudo bem – respondeu Aris. – Vocês estão prontos?

Thomas, com uma seringa com ponta mortal em cada mão, balançou a cabeça afirmativamente. Rachel ergueu seu Lança-Granadas em resposta. Teresa disse:

– Vamos.

Aris afastou-se da parede com um grunhido e fez a curva correndo, gritando com adrenalina. Rachel foi em seguida, a arma erguida, pronta, em seguida Thomas, depois Teresa, sua arma a última linha de defesa. O som do Lança-Granadas carregando encheu o ar, seguido por uma explosão de força quando uma granada foi catapultada na direção do homem que se movia junto da parede. O cabelo dele tinha mesmo sido arrancado em alguns pontos, deixando marcas vermelhas e sangrentas na pele.

A granada o atingiu bem no peito. Ele soltou um uivo quando pequenos ramos de raios dançaram em torno de seu corpo, e ele caiu no chão. Ali sofreu incontáveis espasmos enquanto a energia do Lança-Granadas tentava fritá-lo de dentro para fora.

– Sua vez, Thomas! – berrou Aris quando ele se adiantou, já apontando para o outro homem caso Rachel errasse.

Thomas correu na direção da primeira vítima, então deslizou pelo chão de lajotas e parou a apenas cerca de trinta centímetros da cabeça do homem. Ele pegou a seringa, deixou-a parada a alguns centímetros acima do rosto do homem, esperando que os raios de energia branca desaparecessem. Ele ouviu um segundo disparo de Lança-Granadas, logo depois um terceiro, seguido pelo som de pancadas. Um grito parecido com o de uma fera primitiva cortou o ar.

Thomas viu sua chance abaixo dele, as cargas de eletricidade diminuindo. Ele espetou a agulha da seringa dentro do pescoço do Crank e liberou o veneno. Ele se afastou rapidamente, batendo os pés contra o chão até tocar as costas na parede oposta, onde ele ficou de pé. Os olhos do homem rolaram para trás em sua cabeça, e ele tombou para a frente – a seringa balançou de um lado para o outro como se dançasse sobre a agulha, girando nas dobras macias do pescoço.

Dezessete, pensou Thomas. Restavam dezessete Cranks no complexo.

– Aqui! – gritou Rachel. – Corra! – Ela estava de pé junto ao segundo homem, ainda em convulsões por seu disparo do Lança-Granadas. Seu corpo alquebrado e arroxado era como uma nuvem escura de tempestade, enviando pequenos raios para morrerem abaixo no chão de lajotas.

Thomas correu até ele. Estática e fagulhas encheram o ar enquanto ele caía de joelhos. Inclinou o corpo para a frente e enfiou a segunda seringa no pescoço do homem, liberando o frasco de morte líquida.

Teresa estava ali. Suas mãos apertavam a pistola com firmeza, apontando para baixo para a cabeça do homem, só por garantia. Rachel e Aris estavam parados logo atrás dela, esforçando-se para recobrar o fôlego.

– Acho que é isso – disse Thomas. – Acabamos de matar duas pessoas sem que nenhum de nós ganhasse nem um arranhão.

– Cranks – respondeu Teresa. – Não pessoas, Cranks.

Thomas ficou de pé.

– Eu não tinha percebido que eram duas coisas diferentes.

Ela lançou um olhar duro para ele que o assustou.

– Sala D-17 – disse Aris entre respirações. – Vamos nos ater ao plano.

Teresa virou-se de Thomas e foi na frente.

— **D**... 17... — disse Aris, examinando as salas enquanto avançavam devagar. Ele apontou. — Aqui está!

Thomas, que sentia que todas as outras pessoas tinham tomado muito mais iniciativa naquele dia até então, aproximou-se da porta e pôs o ouvido contra a superfície plana. Ele a apertou, na esperança de não ouvir nada. Queria que eles estivessem mortos ou dormindo.

— Alguma coisa? — perguntou Teresa.

Thomas sacudiu a cabeça. Então:

— Não, espere. — Ele apertou o ouvido contra a porta outra vez. Havia o som nítido de um gemido baixo.

— É, tem pelo menos um acordado.

Eles se prepararam de forma bem parecida como fizeram para o encontro no corredor. Segundo as câmeras, havia cinco Cranks do outro lado da porta, imóveis. Thomas apertou três seringas na mão direita, duas na esquerda, e Aris e Rachel ergueram seus Lança-Granadas completamente carregados atrás dele. Isso deixava Teresa outra vez com a pistola, e Thomas teve a sensação que, daquela vez, ela seria forçada a usá-la.

Quando todos estavam prontos, Teresa usou a mão livre para empurrar e abrir a porta. Ela se abriu em uma sala mal iluminada, odores de suor e hálito pútrido saíam como um vento doente.

Thomas contraiu o rosto diante do fedor, lutando contra o reflexo da ânsia de vômito quando entrou. Rachel, Aris e Teresa o seguiram. As armas prontas. Uma varredura rápida revelou a cena para Thomas, e seu coração, que batia rapidamente, desacelerou. A sala era um ponto de encontro, cheia de cadeiras e sofás, telas de entretenimento, mesas de bilhar e pingue-pongue. As cinco pessoas que tinham espionado mais cedo estavam reunidas no canto a sua esquerda. Havia um homem deitado em um sofá, com o braço pendurado ao lado, outro homem no chão a seus pés. Duas mulheres estavam esparramadas lado a lado, também no chão, aos pés de duas cadeiras, os braços envolvidos em torno uma da outra como se para dar conforto. A última pessoa, um homem, estava sentado em uma cadeira com a cabeça jogada para trás, dormindo, roncões fortes e trovejantes irrompendo de sua boca escancarada.

Aris e Rachel silenciosamente se aproximaram do grupo, apontando suas armas. Passou-se um longo momento de silêncio; então o zunido eletrônico familiar encheu o ar, seguido imediatamente por uma série de detonações quando os Lança-Granadas dispararam em sequência rápida. O som de cinco baques distintos significou que eles tinham acertado seus alvos. Raios azuis iluminaram o ar enquanto os corpos dos Cranks entravam em convulsão com a eletricidade.

— Agora! — gritou Aris para Thomas. — Aqui, vou ajudar você. — Ele se aproximou, pegou seringas, passou uma para Rachel. Teresa mantinha a arma apontada para as cinco figuras em espasmos enquanto os três se aproximavam.

Thomas correu até os dois homens no chão junto ao sofá. Seus espasmos diminuía à medida que os pequenos fios de eletricidade desapareciam em algumas fagulhas pontuais. Com uma seringa agarrada em

cada mão, o polegar apertado sobre o botão de aplicação, ele se ajoelhou e enfiou as duas agulhas no pescoço dos Cranks. Liberou o veneno. Ele se afastou rapidamente e tornou a se levantar, chocado com a facilidade com que as coisas tinham acontecido. Rachel havia cuidado do homem na cadeira, e Aris estava acabando com as duas mulheres no chão.

Isso significava que restavam apenas onze em todo o setor. Consciente dos horrores de tudo aquilo – o fato de estarem assassinando seres humanos de verdade –, Thomas se afastou, concentrado na necessidade. Ele sentiu uma euforia que encheu seu peito. Talvez eles obtivessem sucesso.

A porta do corredor abriu bruscamente.

Quatro Cranks entraram na sala, todos parecendo saudáveis o suficiente para lutar. Eles se espalharam em direções diferentes.

Uma saltou sobre Aris antes que ele conseguisse disparar seu Lança-Granadas – ele caiu de costas enquanto a mulher montava sobre ele e tentava atingir a garganta do garoto. Rachel desistiu de tentar mirar um tiro sem atingir o amigo e correu. Ela usou o Lança-Granadas como porrete e bateu com sua extremidade dura na lateral da cabeça da mulher. Ela gritou e caiu de cima de Aris; em seguida Rachel disparou uma granada em seu peito.

Livre da pressão, o próprio Aris parecia traumatizado pelo ataque. De algum lugar no interior de seus bolsos, sacou uma faca e, gritando de raiva, tomou impulso para trás e enfiou a ponta da lâmina no peito da Crank eletrificada deitada ao lado dele. A eletricidade não tinha se dissipado o suficiente para fazer isso – um choque de energia fez com que ele desse um grito e saltasse para trás, derrubando Rachel no chão.

Tudo isso acontecendo muito rápido. Thomas só conseguia ver dois dos Cranks restantes, correndo em torno da sala sem lógica em seus movimentos. Thomas não tinha nada nas mãos. Teresa apontava a arma aleatoriamente, sem disparar um tiro. Provavelmente com medo de errar e atingir Aris ou Rachel.

Alguém atingiu Thomas pelas costas.

Ele tinha braços em volta de si ao cair de cara no chão. O nariz rachou de dor, e a respiração saiu rapidamente de seu peito, deixando-o vazio. Ele entrou em pânico, contorceu-se para se soltar de quem quer que o tivesse atacado.

Teresa berrou seu nome. Ele viu os pés dela bem ao seu lado.

– Socorro – tentou dizer Thomas, mas saiu como pouco mais que um grunhido abafado. O Crank atrás dele o havia soltado e agora colocava uma das mãos na parte de trás da cabeça de Thomas, empurrando seus lábios no carpete para silenciá-lo. Thomas não pensava em outra coisa além de completar a respiração seguinte – ele não conseguia inalar o menor fiapo de ar em seus pulmões. Joelhos pressionaram suas costas, apertando as costelas com tanta força que elas com certeza iriam se quebrar.

O estrondo de um tiro ecoou na sala.

A pressão em cima de Thomas relaxou. Em seguida terminou completamente. Ele levantou a cabeça bem a tempo de ver o Crank cair de cima dele e desabar no chão. Um buraco sangrento marcava a lateral de sua têmpora, e sinais de vida já haviam desaparecido de seus olhos. Thomas ergueu os olhos para Teresa, que estava tremendo, ainda apontando a arma para o mesmo lugar onde havia disparado.

– Tem mais dois – disse Thomas, sentindo distanciamento na voz.

Teresa se recuperou, respirou fundo e assumiu posição de defesa, apontando a arma para outras áreas da sala. Thomas, todo dolorido, se esforçou para ficar de pé, olhando ao redor para se assegurar que não iria sofrer outro ataque surpresa.

Não havia sinal dos outros dois Cranks – eles deviam ter se escondido atrás de um dos muitos sofás ou cadeiras amontoados em torno da sala de recreação. Thomas pegou a mochila para procurar seringas enquanto os amigos iam cuidadosamente de cadeira em cadeira. Até o momento, nada. Então Teresa deu um grito, e assim que Thomas olhou para ela, ele a viu desaparecer por trás de um sofá, caindo com um baque duro e seco.

Thomas correu em sua direção, seu coração irrompendo em um rufar rápido de tambores. Ele deixou tudo para trás – a mochila e todos os instrumentos de morte que ela continha. Parecia que o ar havia se solidificado, reduzindo sua velocidade. Nenhum outro som viera da direção de Teresa, e Aris e Rachel estavam longe demais para ajudar.

Ele chegou à parede e a atingiu com força com o ombro enquanto olhava atrás do sofá e via Teresa no chão, o braço de um homem envolvido em torno de sua garganta. Ela lutava contra ele com as duas mãos, inutilmente. Ele apertava cada vez mais, fazendo com que os olhos dela se esbugalhassem e sons terríveis escapassem da boca aberta. Sons engasgados, gorgolejantes.

– Solte-a! – gritou Thomas. Palavras não significariam nada para aquele Crank, um homem careca, suado, com um grande corte aberto na testa. O dr. Leavitt.

Era o dr. Leavitt.

Sangue misturado com suor escorria em seus olhos, que estavam cheios de veias vermelhas e ferozes. Teresa, lutando, tentou pegar algo no chão, um pouco além do alcance de seus dedos.

A arma.

Thomas a pegou, sentiu a vida da melhor amiga se esvaindo como fumaça, deixando-a rapidamente nos braços da morte. Na verdade, ele nunca havia disparado uma pistola antes, preocupado com sua habilidade em mirar. Ele pôs o dedo delicadamente no gatilho, voltou a atenção para Teresa e o Crank antes conhecido como Leavitt. O homem não relaxara, o braço era um torno de carne se fechando, e a pele de Teresa tinha ficado de um tom de roxo assustador.

Thomas desistiu de mirar e saltou em cima deles, aterrissando de barriga sobre a barriga de Teresa, seu rosto apenas a alguns centímetros do dele. Seus olhos se cruzaram, compartilhando a dor e o medo. Leavitt usou o outro braço para golpear Thomas. A palma carnuda de sua mão acertou-o na lateral da cabeça. Thomas levantou a mão, deslizando a ponta da arma pelo chão ao lado do corpo de Teresa. Depois levou para cima, passando pela orelha dela, até a cabeça do Crank ao seu lado, na têmpora.

O rosto de Leavitt de repente se transformou, perdendo toda a malícia e o ódio vazio, transformando-se em uma patética súplica infantil. A pressão de seu braço no pescoço de Teresa relaxou.

– Por favor – gemeu o homem. – Por favor, não me machuque.

Thomas puxou o gatilho e acabou com aquilo. O disparo foi como o estrondo de um trovão, a explosão do mundo se partindo. Com os ouvidos apitando, ele agarrou Teresa e a tirou do agressor morto. Thomas

nunca tinha gostado muito dele mesmo.

Ela tremia em seus braços, uma demonstração rara de fraqueza depois de um suplício tão aterrorizante. Ele se envolveu em torno dela e a apertou com força. Aris surgiu atrás dele, pôs a mão em seu ombro, mas Thomas não se virou para olhar.

– Onde está o outro? – perguntou ele, mal conseguindo falar. – Deve haver mais um.

– Rachel o pegou – respondeu Aris. – Não se preocupe. Eles estão todos mortos.

Thomas se aferrava a Teresa como se, caso não fizesse isso, fosse cair até o centro do mundo.

– Eu não aguento muito mais disso.

Rachel respondeu de algum lugar próximo.

– Sete – disse ela. – Restam apenas sete.

Até a hora do almoço eles haviam matado os Cranks que faltavam. Em comparação com o pesadelo do que tiveram de fazer na sala de recreação, o resto foi moleza. Todos dormindo, as vidas encerradas com a picada de uma agulha e uma injeção de veneno.

E foi isso.

A Purgação tinha acabado.

Que mundo era aquele em que Thomas vivia. Doença, morte, traição. Seus amigos submetidos a testes cruéis que podiam nunca significar nada. Um mundo calcinado que jazia em ruínas. Um mês atrás, ele ajudara a assassinar quase duas dezenas de seres humanos em questão de horas. E todo dia desde então, ele vivera em um poço de culpa e raiva de si mesmo, evitando os amigos a todo custo. Mesmo habitando um complexo lotado até a boca dos chamados Psis, nenhuma quantidade de terapia o ajudara a lidar com os horrores da Purgação. E jamais ajudaria.

Ele estava mudado. Pelo menos isso ele entendia.

Thomas até se mantinha longe da sala de observação ultimamente, deprimido demais para observar o Labirinto. Porém, hoje forçara a si mesmo para ir até lá e se atualizar. A primeira coisa que percebeu foi uma tela que mostrava Alby e Newt caminhando ao longo de um dos muros enormes da Clareira, mas havia algo errado. Newt se apoiava em Alby, que passava um braço pelas costas de Newt, ajudando-o a ficar de pé. Newt só conseguia colocar todo seu peso sobre uma perna. Ele balançava a cada passo, seu rosto se contorcendo em caretas de dor.

Thomas se sentou aos controles e levou um momento para decidir como iria realizar o que queria fazer. Então começou o processo meticuloso de encontrar os ângulos de câmera corretos de que precisava para formar uma história.

Mas o que aconteceu com Newt?

*

Menos de duas horas depois, Thomas havia reunido uma série de trechos de vídeo de vários besouros mecânicos, o mais perto de uma imagem contínua que ele poderia obter. Ela mostrava uma história que quase partiu o coração de Thomas. Na grande tela no centro da parede, ele começou outra vez, desde o começo.

No início da manhã do dia anterior, Newt estava totalmente bem. Ele se despediu de Minho e dos outros Corredores – aparentemente, era um dia em que Newt não iria correr. Depois que os diferentes grupos desapareceram por seus respectivos cantos, Newt passou algum tempo caminhando pela Clareira, verificando várias seções como se tudo estivesse normal com ele – tão normal quanto as coisas podem ficar vivendo em um Labirinto gigante. Ele falou com Winston perto do Sangradouro, depois conversou com Zart junto da pequena plantação de milho nos Jardins. Newt até riu um pouco e em certo momento deu um tapa nas costas de Zart como se ele tivesse acabado de contar uma piada ótima.

Newt caminhou em seguida até o Campo-santo, o bosque no canto sudoeste circundado por esqueletos moribundos de árvores que, para Thomas, sempre pareciam uma premonição de coisas ruins no futuro. Ali, Newt se jogou em um banco e ficou sentado por pelo menos trinta minutos. Thomas adiantou a imagem até o ponto em que Newt finalmente se levantava e caminhava até a pequena floresta. A vista

mudou para a perspectiva baixa de um besouro mecânico enquanto ele rastejava pouco mais de um metro às suas costas. Newt seguia direto para o cemitério, onde estacas de madeira marcavam os locais onde tinham enterrado os Clareanos que haviam encontrado a morte depois de entrar no Labirinto.

Ele se ajoelhou no chão, olhando fixa e entorpecidamente adiante, com olhos vidrados, o rosto afundando cada vez mais no desespero. Ele ficou assim sentado por um bom tempo, e Thomas achou que podia adivinhar o que estava se passando no interior da cabeça do amigo. Uma culpa debilitante por todos aqueles que tinham morrido. Pensando que, talvez, ele de algum modo pudesse tê-los salvado. Tristeza com a situação como um todo – o perigo, o tédio, a frustração de não saber por que eles estavam ali. Frustração pela perda das memórias. E, talvez, em algum nível profundo, ele estivesse se lembrando da irmã que haviam apagado de sua mente.

Newt ficou de pé. Ele se virou do cemitério e saiu andando do Campo-santo, caminhando tão depressa que o besouro mecânico que fornecia a imagem da câmera quicava enquanto corria para alcançá-lo. Newt deixou a mata sem reduzir a velocidade, seguindo direto na direção da Porta Oeste, a mais próxima. Vários Clareanos acenaram para ele ou gritaram uma saudação, mas ele os ignorou, olhando fixamente adiante com determinação implacável. Thomas se aprumou na cadeira, já sabendo o resultado daquilo e loucamente curioso para saber como tinha acontecido.

Newt deixou de uma vez a Clareira e entrou nos corredores do Labirinto. Seu passo não diminuiu, o ritmo acelerado mas regular. Ele virou à esquerda, depois à direita, depois outra vez à esquerda. Várias curvas mais. Finalmente chegou a uma longa extensão onde hera densa cobria os muros dos dois lados. Ele parou perto do da esquerda e olhou para ele, inclinando-se para a frente e se apoiando com as mãos, que desapareceram na folhagem. Ele fez uma pausa por um momento com a cabeça baixa, em seguida olhou para cima, esticando o pescoço como se quisesse ver o próprio topo do muro.

Newt estendeu os braços e começou a escalar a hera.

Seus braços musculosos faziam com que parecesse fácil. Agarrado à hera, ele subiu alto o suficiente para encontrar apoio em algum lugar na pedra com os pés. Então agarrou outra trepadeira, e mais uma, usando as duas mãos e os dois pés, e toda sua força. Ele escalou a pedra e a hera, chegando em questão de minutos a um ponto que ficava na metade entre o chão e o céu falso. Thomas soube que era ali que ele ia achar que não conseguiria ir muito mais longe. Uma combinação de ilusões de ótica artificiais e repressores pré-programados no interior de seu implante garantiriam que ele nunca chegasse ao topo. Ele subiu mais alguns metros, então parou e olhou na direção do céu, abatido.

Thomas assistia e esperava.

Newt se agarrava à hera no muro, todo seu corpo quase desaparecia por trás da folhagem. Um besouro mecânico que estivera escalando o muro ao seu lado subiu e parou a apenas alguns centímetros do rosto do garoto. Não pela primeira vez, Thomas se perguntou sobre o software que operava aquelas pequenas criaturas mecânicas. Como elas sabiam o que fazer, quando não havia ninguém por perto para lhe dar instruções?

Newt olhou diretamente para a câmera e, pela primeira vez naquela sequência construída de imagens, falou de modo que Thomas pôde ouvir o que disse.

– Não sei quem são vocês, mas espero que estejam felizes. Espero que estejam se divertindo a valer nos vendo sofrer. Então podem morrer e ir para o inferno. Isso é culpa de vocês.

Newt soltou as trepadeiras e se empurrou do muro, mergulhando para fora do ângulo de visão da câmera. O besouro mecânico correu para se reposicionar, e tudo o que Thomas escutou foi o farfalhar de seu movimento e, em seguida, um baque surdo, duro e distante. A imagem baixou até o chão e se fixou em Newt. Ele estava deitado de lado com uma perna puxada para cima, os braços envolvidos em torno dela. Ele balançava para a frente e para trás, gemendo. Esses gemidos se transformaram em soluços. Um choro profundo e dolorido que fez o peito de Thomas doer.

Newt, de repente, emitiu um berro angustiado, em seguida gritou para o ar.

– Odeio vocês! Odeio vocês!

Thomas desligou a imagem. Não aguentava mais. Ele já sabia que alguém o salvara, o retirara do Labirinto de volta para a segurança da Clareira. E ele não conseguia aguentar assistir a mais nenhum segundo daquilo.

Newt, Newt, Newt, pensou Thomas, sentindo como se o próprio ar ao seu redor estivesse ficando preto. *Você não é nem imune, cara. Você não é nem imune.*

Thomas ouviu uma batida delicada em sua porta e a abriu para encontrar Teresa. As coisas tinham praticamente voltado ao normal na sede do CRUEL, tanto quanto possível depois de acontecer algo como a Purgação.

– Ei – disse ele grogue. – Você podia ter me chamado mentalmente. Eu estava tirando um cochilo.

Em resposta, ela ergueu um tablet.

– Você viu isso?

– Hein? – Ele não tinha ideia do que ela estava falando.

Ela entrou no quarto, passou por ele, fechou a porta e sentou à sua mesa.

– Venha cá e veja isso. Você enviou um memorando geral? Ou a dra. Paige pediu permissão para usar seu nome?

– O quê? Não.

– Bem. – Ela gesticulou na direção da tela brilhante.

Thomas se inclinou para dar uma olhada.

Memorando CRUEL, data 22.5.231

PARA: As reposições

DE: Thomas (Indivíduo A1)

REF: A Purgação

Assumo total responsabilidade pelo que tivemos de fazer nos últimos dias.

No entanto, o que temos que ter em mente é que o CRUEL está vivo e mais forte do que nunca. O Labirinto está em pleno funcionamento e nossos estudos estão no auge. Estamos no caminho e não podemos nos afastar dele.

Só peço que o que fizemos aqui permaneça dentro da organização e nunca volte a ser mencionado. O que foi feito está feito, e foi uma misericórdia. Mas agora, todo primeiro pensamento do dia tem que ser dedicado à construção do projeto.

Ava Paige é a nova chanceler do CRUEL, em vigor a partir de agora.

Antes que ele tivesse tempo de processar aquilo completamente, Teresa pegou de volta o tablet.

– E veja este outro que encontrei – disse ela enquanto procurava mais alguma coisa. – Supostamente enviado pelo chanceler Anderson exatamente na *véspera* de digitar aquele outro amalucado sobre seus dedos que vimos em sua estação de trabalho. Ele não pode ter escrito isso. Veja só.

Ela devolveu o tablet para Thomas.

Memorando CRUEL, data 4.5.231

PARA: Associados

DE: Chanceler Kevin Anderson

REF: Minha despedida de todos vocês

Espero que todos vocês me perdoem por fazer isso de maneira tão covarde, enviar um memorando quando eu devia fazer pessoalmente. Entretanto, não tenho escolha. Os efeitos do Fulgor estão excessivamente em minhas ações, embaraçosos e desalentadores. E nossa decisão de não permitir a Bênzão narcótica em nosso complexo significa que não posso fingir por tempo hábil para me despedir adequadamente.

Digitar estas palavras já é bem difícil. Mas, pelo menos, tenho a habilidade e o tempo para escrever e editar nas pequenas janelas de sanidade que me restam.

Não sei por que o vírus me afetou tão rápido e com tamanha violência. Eu me deteriorei muito mais rápido que quase todo o grupo original. Mas não importa. Fui destituído, e minha substituta, Ava Paige, está pronta para assumir o posto. As elites estão adiantadas em seu treinamento para servir como ligação entre nós e aqueles que vão continuar a administrar o CRUEL. A própria Ava admite que seu objetivo parece mais ser como figura decorativa, com nossos candidatos de elite como os verdadeiros governantes.

Nós estamos e vamos continuar em boas mãos. A causa nobre que iniciamos há mais de uma década vai se realizar a contento. Nossos esforços, e para quase todos nós, nossas vidas, terão sido devidamente despendidos para o bem maior. A cura será construída.

Honestamente, isto é mais uma mensagem pessoal. Para agradecer a vocês por sua amizade, sua compaixão, sua empatia diante da implementação de tarefas tão difíceis.

Uma palavra de aviso: fica pior no final. Não prolonguem o momento de sua destituição. Eu fiz isso e agora me arrependo. Apenas partam e acabem com o sofrimento.

Isso se tornou demasiado.

Obrigado.

E adeus.

– O que é isso? – disse Thomas, completamente pasmo. – Não foi assim que tudo aconteceu. O que ela está tentando fazer, reescrever a história para que ela tenha mais credibilidade no futuro?

Teresa deu de ombros.

– Achei que você ia querer ver.

– Venha – disse ele. – Nós vamos falar com ela.

Thomas bateu à porta da dra. Paige até que ela finalmente a abriu, e ele estava tão nervoso que mal conseguia respirar direito.

A médica pareceu surpresa.

– Algum problema? – perguntou ela.

– Por que a senhora fez isso? – perguntou Thomas, tentando permanecer calmo. Ele se sentiu traído, confuso e, acima de tudo, com raiva. – Agora a senhora começou a escrever memorandos usando o nome de outras pessoas?

– Isso ajuda os outros a lidarem com nossa atual situação – disse a dra. Paige, sua surpresa se transformando em preocupação. – Dá a eles um melhor sentido de ordem. Também mostra o quanto vocês estão envolvidos nesta organização e o quanto todos vocês amadureceram. – Ela sorriu para Thomas. Ela parecia orgulhosa dele. – E eu acho que é um meio simples mas simbólico de criar uma ponte na mente de todos. Uma ligação. Entre o velho e o novo.

Thomas não sabia como responder, o que dizer. Por que ela faria com que ele parecesse tão importante? E por que ela enviaria algo de sua conta de mensagens sem pedir? Sem falar a de Anderson, seu líder na época.

– Isso faz todas essas coisas – prosseguiu ela. – Enquanto tem um ponto focal de uma pessoa. É o melhor dos dois mundos.

Ainda assim, ele não respondeu.

– A senhora podia primeiro ter pedido a ele – disse Teresa.

A dra. Paige lançou para eles um olhar de arrependimento verdadeiro o suficiente.

– Vocês têm razão. Desculpem-me. Eu me apressei demais.

– Não está tudo bem – disse Thomas. Ele se virou e saiu andando, com medo de dizer algo de que pudesse se arrepender. A dra. Paige estava cheia de mentiras. Simplesmente cheia delas.

Thomas voltou direto para o quarto. Ele disse a Teresa que não estava se sentindo bem e voltou para a cama. Thomas fechou os olhos e tentou acalmar os pensamentos, rolou para o lado, desejando dormir. Tudo parecia diferente. Não podia contar a Teresa o que estava pensando, e todo mundo que ele conhecia e de quem gostava estava no interior do Labirinto. E agora aquelas mensagens. Era simplesmente

estranho – se a dra. Paige não estava sendo franca sobre isso, o que mais ela estaria escondendo deles? Ele desejou ter dito mais quando a confrontou. Mas em vez disso, ele se acovardara.

E ali estava ele, olhando fixamente para a parede de seu quarto, pensando.

Pensando.

Aquela era a pior parte. Se ele, Teresa e Chuck pudessem apenas fugir e começar uma vida nova juntos. Mas então ele pensou em Newt. Em seu amigo caindo do muro, e em ele não ser imune. Eles precisavam de uma cura. E se encontrassem uma, todos seriam libertados – Alby, Minho, Newt, Chuck, Teresa, até Aris e Rachel. Talvez eles pudessem todos viver na mesma vizinhança, envelhecer juntos, sentar juntos e se encher de comida e contar aos filhos histórias sobre quando eles salvaram o mundo. Ele visualizou Minho diante de um grupo grande de crianças, representando a vida de um Corredor, mas por alguma razão não parava de fazer movimentos simiescos gigantes, coçando os sovacos, batendo no peito.

Se tudo fosse fácil assim. Imaginar Minho fazendo palhaçada em frente de futuros netos e tudo estaria bem. Aquele pensamento surgiu outra vez – o que, agora, mais que nunca parecia ser a coisa certa a fazer. Ele queria entrar no Labirinto. Qualquer coisa para se livrar daquele lugar, voltar para os amigos e ir para o estágio seguinte. Qualquer coisa para conseguir a cura de uma vez. Chegar ao futuro feliz. Ele só queria mentir para si mesmo e fazer isso.

O futuro, um mundo livre de Cranks, ele e os amigos vivendo no paraíso.

Que grande monte de besteiras.

Ele exalou profundamente e, então, apesar de estar no meio do dia, adormeceu.

Thomas estava de volta a seu refúgio, a sala de observação.

Durante as últimas semanas, a culpa e a raiva tinham continuado a crescer, filetes lentos que se juntavam para se transformar em um dilúvio, e agora ele estava se afogando. Só havia um meio de conseguir voltar a respirar. Estando ali, observando os velhos amigos no Labirinto.

Ele e Teresa tinham se afastado ultimamente – ela parecia ter lidado com as próprias dificuldades depois da Purgação jogando-se de corpo, mente e alma no trabalho, trabalho e mais trabalho – mas Thomas não se importava. Eles se falavam com frequência suficiente através de sua telepatia para manter um ao outro informado. O suficiente para saber que os dois estavam fazendo o que era melhor para eles.

E para Thomas, isso tinha sido ficar fora de vista o máximo possível. Ele teve de manter a rotina normal de testes, check-ups e aulas, mas fora isso, ele se tornou difícil de encontrar. A menos que Chuck e Teresa estivessem disponíveis para lhe fazer companhia, Thomas passava a maior parte do tempo no quarto, lendo ou dormindo, ou observando os amigos no Labirinto, assistindo a cada gesto deles. Esses gestos tinham se tornado bem rotineiros, os Clareanos se estabelecendo em uma comunidadezinha aparentemente impossível. Lei, ordem, rotina, segurança. Ninguém morria nem era picado havia algum tempo.

Thomas ainda adorava ouvir conversas sempre que podia. Escutando quando Alby, Minho e Newt sentavam para as refeições. Aquilo fazia com que Thomas se sentisse parte deles, quase como se estivesse lá.

E era exatamente isso o que estivera fazendo por toda a tarde, alternando entre imagens e microfones quando uma cena ficava entediante. Naquele momento, perto da Porta Leste, Newt estava conversando com Minho, que acabara de correr o vasto Labirinto.

– Alguma novidade lá fora? – perguntou Newt, com óbvio sarcasmo. – A droga de um Verdugo apareceu e pediu um beijo de língua?

Minho se apoiou na pedra, ainda recuperando o fôlego.

– Como você soube? Eu disse a ele que talvez outra hora, não faz muito meu tipo.

Aqueles dois tinham alguma variação dessa mesma conversa quase todo dia, zombando da monotonia que os Corredores encontravam em suas excursões diárias. Eles tinham começado a andar de volta para a Casa dos Mapas quando Thomas ouviu uma batida à porta às suas costas. Com tristeza, ele se afastou do mundo do Labirinto e voltou ao CRUEL.

– Quem é? – perguntou ele.

A porta se abriu, e surgiu a cabeça cacheada de Chuck.

– Oi, Thomas. A dra. Campbell disse que eu posso ter duas horas livres para ajudá-lo com suas anotações. Por isso...

– Entre, seu trolho. Você não precisa agir sempre como se fosse grande coisa.

Ele e Chuck tinham começado a usar algumas das gírias inventadas no interior da Clareira apenas entre os dois. A favorita de Chuck era *plong*. A dra. Paige disse que os Psis estavam realmente interessados em como a perda de memória afetava os Clareanos. Às vezes havia surpresas, como a invenção de palavras inteiramente novas. Algumas delas vinham de Minho, que falava muito antes mesmo de entrar no Labirinto. A perturbação causada pelo Dissipador parecia reforçar essa característica, o que os Psis também achavam interessante.

Claro, os Psis achavam tudo interessante.

Chuck entrou e se sentou ao lado de Thomas, desabando em sua cadeira com um suspiro exagerado de satisfação.

– Eles mandaram Frank lá para dentro hoje, o que significa que só me resta um mês. – A mistura de excitação e medo nos olhos de Chuck quase partiu um pouco o coração de Thomas. Ele tinha tanta culpa pela parte do medo quanto qualquer um – havia sido seu próprio egoísmo levar Chuck ali para dentro com tanta frequência, vendo algumas das coisas ruins que aconteciam no interior do Labirinto. Mas o garoto era seu irmão em todos os sentidos, menos no sangue – sem ele na vida, Thomas teria desistido muito tempo atrás.

– Você vai estar aqui antes que perceba – disse ele.

– O que *significa* – disse Chuck. – Que tudo isso vai *acabar* antes que nós percebamos também.

– É. Você está certo.

– O que você fez hoje? – perguntou Chuck. – Deixe-me adivinhar: check-up médico, aulas, pensamento crítico, observar o Labirinto.

– É. Você está certo – repetiu Thomas, fazendo o menino rir. – Eu levo uma vida bem excitante, não é verdade?

– Espere só até eu chegar ao Labirinto – respondeu Chuck. – Vou logo animar aquele lugar. – Ele disse isso com tanto entusiasmo que Thomas só podia achar ser verdadeiro. Garotos novos como ele eram propensos a lembrar apenas das partes boas.

– É. Você está certo. – A terceira vez fez até Thomas rir. Então ele se levantou.

– Desculpe, mas tenho uma reunião à qual devo comparecer.

– Ah, vamos lá, acabei de chegar aqui! Eu esperava ver os Clareanos jantarem. Acho que Gally e Alby vão finalmente se pegar no *plong* esta noite.

– Desculpe, parceiro – disse Thomas. – E você sabe que não pode ficar aqui sem mim, por isso vá para o alojamento. Mais tarde vamos pegar comida, voltar para cá e espionar mais um pouco a Clareira. Talvez os Psis mandem um Verdugo ir lá dançar para eles.

Chuck empalideceu um pouco com isso, mas fez o possível para esconder. Às vezes, em sua excitação para chegar à Clareira, ele se esquecia dos monstros.

– Desculpe – disse Thomas, querendo bater em si mesmo. – Piada péssima.

A reunião foi em uma pequena sala de reuniões, e Thomas chegou sem saber nada sobre seu objetivo. A dra. Paige estava sentada à cabeceira da mesa, com duas pessoas a sua esquerda que eram obviamente Psis. Um era dos dias anteriores à Purgação. O outro era um novato, de Seattle ou Anchorage ou sabe-se

lá de onde. Thomas não se dava ao trabalho de saber detalhes como esse de propósito. Ele não conseguia saber por quê.

À direita da dra. Paige, um homem de meia-idade de cabelo escuro e pele morena estava sentado com uma garota que aparentemente poderia ser sua filha pela idade, mas não pela genética. Ela tinha pele clara e cabelo castanho, e o homem se inclinava em sua direção como se a conhecesse bem, como se eles tivessem acabado de sussurrar.

Thomas ficou ali parado por um longo momento, todos na sala se estudando.

A dra. Paige se levantou.

– Obrigada por vir, Thomas. Você tem andado sumido ultimamente. Ajudando Chuck a se preparar para a longa viagem até o Labirinto no mês que vem? – Ela deu um sorriso inocente, como se não soubesse de cada movimento que ele fazia, cada segundo do dia. Thomas não gostava dela nem de perto como gostava antes da Purgação.

– Alguma coisa assim – disse Thomas em tom monótono.

– Bem, por favor, sente-se – respondeu Paige, apontando para uma cadeira em frente a ela, do outro lado da mesa.

Depois que estava sentado, Thomas perguntou:

– Então, de que se trata tudo isso?

A dra. Paige ergueu um dedo, parecendo irritada.

– Só um instante. Teresa deve estar aqui a qualquer segundo.

Nesse momento, a porta tornou a se abrir, e Teresa entrou agitada, oferecendo alguns acenos de cabeça como saudação antes de se sentar ao lado de Thomas. Ela sempre parecia tão... ocupada. Tão preocupada.

Oi, disse ela para ele, enviando o máximo de calor que conseguiu com o cumprimento.

É bom ver você, respondeu ele. Nunca palavras tão verdadeiras haviam sido faladas. Ele sentia falta dela.

A dra. Paige foi direto ao assunto.

– Eu gostaria de apresentar alguns novos amigos que vão nos ajudar em alguns projetos futuros. – Ela se virou na direção dos dois recém-chegados a sua direita, o homem e a garota que ele observava atentamente. – Esses são Jorge e Brenda. Jorge é um piloto de Berg, um muito bom. E Brenda tem treinamento como enfermeira, com grandes planos de se tornar Psi um dia. Não é isso, Brenda?

A garota balançou a cabeça afirmativamente, sem demonstrar qualquer timidez ou desconforto.

– O que quer que seja preciso para encontrar a cura – disse ela. Parecia uma resposta estranha, mas algo assombrado se escondia por trás de seus olhos, algo que provavelmente explicava exatamente por que ela respondera desse jeito.

– *Hola* – disse o homem chamado Jorge, olhando cada um deles nos olhos por um instante. – Estou empolgado por trabalhar com vocês.

– Trabalhar conosco? – disse Teresa. – O que está acontecendo?

Ele tinha conseguido a atenção de Thomas. Ele agora estava louco de curiosidade.

– Nós gostaríamos de sua ajuda em uma expedição futura – disse a dra. Paige. – Em algumas semanas, Jorge, Brenda e vários outros serão enviados para um lugar chamado Deserto. Nós estamos muito interessados no que podemos encontrar no interior de uma cidade próxima infestada de Cranks. Tem potencial de pesquisa significativo.

– Uma cidade infestada de Cranks? – repetiu Thomas. Ele tinha a sensação ruim de que não estava ouvindo toda a verdade.

– Sim – disse ela, sem oferecer mais nada. – E nós achamos que vai ser valioso ter você lá. Nós gostaríamos de testar a eficiência de longo alcance de sua tecnologia de implante, especialmente o monitoramento eletrônico de seus padrões da zona de conflito letal e outras avaliações. Precisamos saber se ele pode funcionar a longas distâncias. Agora eis o que temos planejado...

Thomas refletiu profundamente sobre o que ela acabara de dizer, desligando-se dela. Por que eles precisariam saber sobre monitoramento a longa distância? Será que o CRUEL estava planejando mudá-los para outro lugar? Havia mais coisas acontecendo ali que não estavam contando a ele, e ele estava com uma sensação ruim em relação a isso. Uma sensação com a qual estava havia algum tempo, mas só agora conseguia admitir para si mesmo. Ela fez com que ele se sentisse mal.

O CRUEL nunca iria parar.

Eles nunca, nunca iriam parar.

Thomas caminhou com Chuck pelo corredor comprido, que parecia se estender infinitamente a sua frente. Aquela era a sensação de todas as coisas naquele dia. Longas e sem fim. Na verdade, ele estava apenas com um estado de ânimo triste. O dia tinha finalmente chegado.

Chuck ia ser inserido no Labirinto.

Thomas pedira por aquela hora com Chuck para fazerem pelo menos uma espécie de última refeição e conversar sobre as coisas. Sua própria despedida. Então Thomas planejava deixar Chuck nas mãos dos especialistas e sumir. Ele não achava que pudesse aguentar ver Chuck ter a memória apagada, vê-lo ser tratado como um cadáver, assistir a ele ser jogado na Caixa como um monte de lixo. Eles teriam sua despedida, depois Thomas podia se esconder em seu quarto até a chegada da manhã seguinte.

O refeitório estava silencioso durante a calmaria entre as multidões do café da manhã e do almoço. Depois de pegar pratos com sobras do café da manhã, ele e Chuck se sentaram perto de uma das poucas janelas que davam para a floresta do Alasca lá fora. Eles mal haviam se falado desde que Thomas buscara Chuck em seu quarto, e agora os dois beliscavam a comida. Nenhum, na verdade, tinha dado sequer uma mordida.

– Eu posso me livrar logo da pergunta idiota – disse finalmente Thomas. – Você está com medo?

Chuck ergueu um pedaço mole de bacon e o estudou.

– Você tem razão. Pergunta idiota.

– Vou considerar isso um sim, então.

Chuck deu uma mordida no bacon, e seu rosto se retraiu.

– Tem gosto de plong.

– Claro que tem. Eles o fritaram há quase três horas. Mas seu desejo de hoje foi dormir até tarde, então eles deixaram que você dormisse até tarde. Talvez seu desejo devesse ter sido bacon crocante. Ou, você sabe, uma passagem só de ida para Denver.

Chuck deu um sorriso educado para ele, a coisa mais adulta que ele jamais tinha feito.

– Vamos lá, cara – disse Thomas. – Pode se abrir, parceiro. Conte-me em que você está pensando. O que está sentindo. Estou preocupado com você.

O garoto deu de ombros.

– Nós temos mesmo que ficar tão sentimentais assim? Eles vão me mandar para o Labirinto, e não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Vou sentir falta daqui, vou sentir falta de vocês. Mas não adianta lamentar e chorar.

– Você vai ter de passar um bom tempo sem ver meu rostinho bonito todo dia. É melhor se lamentar e chorar. Estou falando de olhos inchados, rosto molhado e coriza escorrendo em sua boca, a coisa toda. Se eu não vir isso nos próximos três minutos, vou ficar ofendido.

– O que vai acontecer depois que eu chegar lá? – perguntou Chuck, agindo como se não tivesse ouvido sequer uma palavra do que Thomas acabara de dizer. – Quero dizer, isso não pode durar para sempre, certo?

E, de repente, todo o ar se esvaiu do refeitório.

– Claro que não para sempre – disse Thomas. – Soube que eles estão perto de um mapeamento. E depois que conseguirem isso, a cura é o passo seguinte. Tenho certeza de que vamos nos reunir em pouco tempo.

Na verdade, Thomas não sabia se conseguiria contar em uma das mãos todas as mentiras que acabara de dizer. Mas o que isso importava? Chuck estava prestes a ter a memória apagada, e Thomas não achava que houvesse mal nenhum em aumentar um pouco sua esperança.

Chuck o estava olhando fixamente.

– O quê? – perguntou Thomas.

Chuck disse que ele estava falando muito “alguma coisa”, e não usou a palavra *plong*.

– Não estou – rebateu Thomas. – Olhe, cara, você tem razão. Nós não precisamos ficar tão sentimentais. Estamos nos despedindo, mas nós dois ainda vamos estar no interior deste complexo enorme. E vou estar observando você, torcendo por você. Sempre. Prometo.

– Nem vou me lembrar de você – disse Chuck. – Então é meio como se estivéssemos nos despedindo para sempre.

– Não, cara, não. – Thomas se levantou, foi até o outro lado da mesa e se sentou ao lado do amigo. – Eu estava só pensando nisso, recentemente. Vai chegar um momento, em um futuro próximo, quando teremos uma cura e todos estaremos vivendo na mesma vizinhança, ricos, gordos e felizes. Todo mundo terá suas memórias de volta, e a vida vai ser boa. Não deixe de ter esperança disso.

– Se é o que você diz.

– É o que eu digo.

– Então está bem. – O garoto sorriu, em seguida afastou o olhar, a ondulação de uma lágrima ameaçando derramar-se de seu olho. – Tudo bem.

– Sabe de uma coisa? – disse Thomas. – Nós nem precisamos dizer adeus. Despedidas são difíceis demais. Eu vou simplesmente me levantar e ir embora, tipo nada demais, e então vou ver você quando tiver de ver, está bem? Não há necessidade de sayonaras.

Chuck balançou a cabeça afirmativamente, mas quando Thomas fez o primeiro movimento para se levantar, o amigo se catapultou em sua direção e o puxou em um grande abraço, apertando-o calorosamente com os dois braços.

– Vou sentir sua falta – disse o garoto através de um soluço. – Vou sentir muito a sua falta.

Thomas retribuiu o abraço, suas próprias lágrimas escorriam no cabelo de Chuck.

– Eu sei, cara, eu sei. Também vou sentir sua falta.

Eles podiam ter ficado assim para sempre, mas a dra. Paige enviou uma pessoa para chamar Chuck, e ela gentilmente o acompanhou para ir embora. Seu olhar para trás antes de saírem do local praticamente estilhaçou o coração de Thomas.

Ele ficou sentado à mesa do refeitório por um bom tempo, imaginando Chuck no Labirinto. Imaginando Chuck sendo atacado por um Verdugo. Chuck faminto ou morrendo de sede. Imaginou Chuck morrendo cem mortes, e ninguém fazendo nada para ajudar.

Ele pensou em Newt, em Alby, em Minho.

Ele pensou em Teresa.

Algo endureceu no fundo do peito de Thomas. Por enquanto, ele tinha de fazer o que quer que o CRUEL exigisse dele. Mas esse não ia ser o caso para sempre.

Uma ideia lhe ocorreu. Uma ideia muito, muito ridícula. Um plano. Teresa dissera uma vez, muito tempo atrás, que um dia eles seriam maiores. E agora eles eram.

E se eu os salvasse?, pensou.

E se eu salvasse meus amigos?

Era apenas a segunda vez de Thomas em um Berg, e a primeira da qual se lembrava vagamente.

No início ele odiou – seu estômago quicava e se revirava, ondas de náusea enchiam sua boca de saliva – mas quando se acostumou com aquilo, ele meio que gostou. Então tornou a odiar. Estar no interior de uma grande fera voadora era excitante, diferente de tudo o que ele jamais experimentara. Viver em um mundo tão arruinado fazia mesmo com que você apreciasse algo tão poderoso que nem a gravidade conseguia manter no chão.

Teresa não tinha ido, ficara para trás para fazer sua parte nos testes das habilidades de longo alcance de seus implantes. A cada dia eles ficavam mais distantes. Ela se enterrou no CRUEL e sua missão, e Thomas, às vezes, hesitava em contar a ela no que estava pensando. Mas eles precisavam ter uma conversa, uma conversa importante. Logo.

Thomas olhava por uma das escotilhas de observação instaladas no chão do Berg. Ele viu, absolutamente pasmo, incontáveis paisagens passarem abaixo dele. Apesar da devastação que ocorrera no planeta, ele permanecia bonito. De tirar o fôlego. Verdes, azuis e laranjas misturados com muito marrom pálido. Claro, daquela altura, você não podia ver os detalhes. Não podia ver os Cranks, a fome e a pobreza nem o horror.

Não surpreende que, na época anterior às chamas solares, todo garoto quisesse ser um astronauta.

– Ei.

Ele ergueu os olhos e viu Brenda, que tinha estado ocupada com Jorge preparando todos os seus suprimentos para a expedição à cidade dos Cranks. Eles também estavam levando um monte de equipamentos do CRUEL para o Deserto, por razões que ninguém compartilhou com Thomas.

– Ei, e aí? – respondeu ele. – Vocês estão quase prontos?

Ela sentou ao lado dele.

– Mais prontos, impossível. Jorge me fez conferir tudo umas cem vezes. Ele gosta de estar preparado.

– Quando nós devemos chegar lá? – Ele não sabia praticamente nada. Mas a terra abaixo dele já havia começado a se parecer com um deserto, vários tons de vermelho e laranja tinham tomado a paleta. Praticamente não havia sinal de vida; ou que já houvera vida ali, por falar nisso.

– Acho que em cerca de meia hora. – Ela esfregou as mãos juntas, e sua expressão pareceu tensa. – Cara, estou ficando nervosa. Isso tudo parecia uma aventura divertida até dez minutos atrás.

– O que há para se ter medo? – perguntou Thomas. – Uma cidade pós-apocalíptica sem governo nem segurança, cercada por um deserto e repleta de Cranks? Quero dizer, vamos lá. Não seja frouxa. – Ele deu um sorriso rápido para a garota, para que ela soubesse que ele estava brincando.

Brenda revirou os olhos.

– Ou... – disse ele com decepção exagerada. – Poderia ser assustador.

– Você devia ser mais legal com Teresa, sabia? – disse ela depois de um instante em que eles ficaram olhando para a devastação abaixo, o zunido dos motores do Berg tão calmantes que Thomas, de repente, teve vontade de dar um cochilo.

– O que você quer dizer com isso?

– Ela obviamente tem sentimentos fortes por você. E parece que você não tem sido muito legal com ela. Desculpe, se não é da minha conta.

Thomas pensou naquilo, um assunto que ele costumava tentar evitar na própria mente.

– Não, está tudo bem. Ela é minha melhor amiga. Nós estamos juntos há mais da metade de nossas vidas, e podemos conversar um com o outro... como mais ninguém consegue. Às vezes sem sequer falar. Talvez seja por isso que eu não pareço simpático.

Brenda balançou a cabeça afirmativamente, como se isso fizesse sentido para ela.

– Só amigos? Depois desse tempo todo? Nunca vi vocês dois de mãos dadas nem se beijando nem nada. Você é um cara devagar. – Ela riu da última parte.

– É complicado – disse Thomas, surpreso com aquela conversa, as coisas que ela estava fazendo com que ele pensasse. – Ela significa muito para mim, e nada jamais vai mudar isso. Mas é meio difícil ser romântico quando você tem um mundo à beira da morte fora de sua casa, e seus amigos estão presos dentro de um experimento.

Brenda pareceu desapontada.

– É, mas vamos lá. As pessoas *amam*, Thomas. Nos melhores e nos piores momentos. As pessoas amam. Você devia se assegurar de que ela soubesse o que você sente. Só estou dizendo isso.

Thomas sentiu uma onda de emoção que não entendeu. Ele pensou na mãe, no pai e nos amigos. E aquilo tudo cresceu dentro dele, e lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. Ele não sabia do que precisava na vida, nem o que deveria realizar. Amigos eram o que ele tinha, e eles eram tudo o que importava. De algum modo, ele precisava salvá-los.

Brenda percebeu suas lágrimas, e seu rosto derreteu em algo tão delicado e cheio de bondade que Thomas estremeceu. Ela o puxou em um abraço, que ele retribuiu, sentindo como se estivesse abraçando todo mundo que acabara de passar pelos seus pensamentos. Eles ficaram desse jeito, apertados juntos, até que o Berg inclinou-se para a direita e começou sua descida.

Eles tinham chegado ao Deserto.

O CRUEL tinha mandado guardas armados com eles, e eles saíram primeiro pela rampa aberta, até o chão empoeirado e calcinante abaixo. Quando disseram que o lugar estava limpo, Thomas desceu com Brenda e Jorge, os três apertando os olhos contra o brilho cegante do sol.

– Minha nossa – disse Brenda. – Imagine como era aqui embaixo quando as chamas solares realmente atingiram.

– Tem certeza de que não quer vir com a gente, *hermano*? – perguntou Jorge. – Nós vamos armar uma festa e tanto.

Ele e Brenda riram, mas Thomas teve dificuldade para encontrar qualquer coisa engraçada naquilo. O lugar era terrível.

O Berg tinha aterrissado surpreendentemente longe da cidade dos Cranks, e os técnicos com quem Thomas deveria trabalhar estavam reunindo suas coisas, como se tivessem a intenção de ir na direção oposta. Ele não viu nada naquela direção além de desolação, o que o deixou mais que um pouco nervoso. Ele se viu ansioso para voltar para o Alasca e torceu para que os testes que eles queriam fazer não demorassem muito.

Thomas protegeu os olhos e olhou na direção da cidade. Ela parecia estar a vários quilômetros de distância. Terra, ferrugem e vidro estilhaçado compunham metade dela. Arranha-céus em ruínas erguiam-se na direção do céu como dedos quebrados. Era difícil acreditar que alguém pudesse viver ali, mesmo Cranks. Além da cidade devastada, erguiam-se montanhas. As chamas solares podiam ter levado parte de sua vida vegetal, mas as pedras e a terra pareciam provocar: “Ainda estamos aqui. O que mais vocês têm?”.

Thomas tirou os olhos da cena e viu Brenda encarando fixamente seu futuro novo lar.

– Você tem certeza disso? – perguntou Thomas. – Tem certeza de que quer entrar naquele lugar? – Ele teve a intenção de que aquilo soasse um pouco animado, mas soube o quanto era sério assim que saiu de sua boca.

– Se tivéssemos uma cura, muita gente que amo ainda estaria viva – disse ela, olhando corajosamente a distância. – Pessoas como minha mãe e meu pai, pessoas como meu irmão.

– Eu sei, eu sei – murmurou ele. – Pode acreditar em mim, eu sei.

– É por isso que Jorge e eu nos oferecemos como voluntários – prosseguiu ela. – Não só em geral, mas para isso. – Ela apontou com a cabeça na direção da cidade em destroços ao longe. – Eu tenho de fazer minha parte.

– É – disse ele.

Antes que ele pudesse acrescentar algo mais simpático, Jorge gritou que seu grupo precisava ir andando. Ele queria estar na cidade bem antes do pôr do sol.

– Tome cuidado – disse Thomas, tentando comunicar com os olhos que sentia muito. Que mais ninguém deveria ter de abrir mão da vida por aquela doença. – É sério. Tome cuidado.

– Vou tomar – disse ela. – É difícil crer que eles vão trazer seus amigos para cá depois, hein? Coitados. Bem, nos vemos mais tarde.

Ela deu um leve aceno para ele e saiu correndo atrás de Jorge.

– Espere. O que você disse? – gritou ele.

Ela não respondeu e correu para ainda mais longe.

Ele olhou fixamente para ela por um momento, percebeu a areia se movendo sob seus pés.

– O que você quis dizer com isso? – murmurou ele.

S*egunda Fase.*

Isso foi tudo o que ele conseguiu tirar dos técnicos do CRUEL aos quais fora designado. *Segunda Fase.* Ele perguntou a cada um deles sobre o que Brenda dissera, e essas foram as únicas palavras que recebeu em resposta. Além de coisas como *Vá e pergunte à dra. Paige. Não cabe a mim falar disso. Estou apenas fazendo meu trabalho.*

Mas nada disso importava porque Thomas sabia exatamente o que estava acontecendo. Ele devia ter visto aquilo bem antes de Brenda deixar que escapasse.

O CRUEL planejava mandar os Clareanos para aquele lugar horrível para outra fase de testes. Era por essa razão que eles queriam checar o monitoramento de longo alcance de sua tecnologia de implante, de modo que soubessem com que eficiência conseguiriam fazer isso com os outros quando *eles* estivessem ali. As mentiras ficavam cada vez maiores. As coisas eram ainda piores do que ele imaginara. Muito piores.

Se existia a menor semente de dúvida antes, agora ela havia desaparecido completamente. Não importava o preço: Thomas ia entrar no Labirinto para salvar seus amigos.

O Deserto ficava mais desagradável a cada passo.

Ele caminhava com os técnicos do CRUEL pela terra endurecida e morta, segurando uma toalha sob o queixo. Ele envolvera o resto dela em torno da cabeça para se proteger do sol, que caía sobre eles, derramando calor puro. O único alívio era uma brisa, embora ela também o cobrisse de areia. Eles estavam se dirigindo a uma espécie de túnel subterrâneo onde supostamente precisavam realizar testes e montar equipamento. E agora Thomas sabia para quê.

Enquanto ele e os outros caminhavam pela desolação, ele teve bastante tempo para refletir sobre seu plano em desenvolvimento para salvar os amigos. Era possível. Era mesmo. Ele só precisava convencer o CRUEL de duas coisas: inseri-lo no Labirinto e fazer isso sem apagar suas memórias. Para que qualquer tipo de plano funcionasse, ele precisava ter a mente intacta. Só assim ele saberia como retirá-los de lá.

Havia detalhes em que pensar. Como, quando e onde obter armas. Como desligar os Verdugos. Para onde ir se eles *conseguissem* de algum modo escapar do complexo do CRUEL. Mas ele tinha tempo.

Um pé à frente do outro. Suando muito.

E eles seguiam adiante.

– Aqui! – gritou por fim o homem que liderava o grupo. Os outros se reuniram ao seu redor enquanto ele caía de joelhos e tateava a areia. Ele espanou uma camada fina de terra e revelou uma portinhola de metal com um puxador simples no topo. Ela não tinha nem tranca para fechá-la – qual era a probabilidade de alguém esbarrar com a entrada do túnel ali no meio do nada arrasado?

Uma mulher se inclinou para baixo e segurou o puxador junto com o homem. Eles ergueram e abriram a porta. Thomas ficou parado na ponta dos pés para captar um vislumbre por cima do ombro de alguém – um lance comprido de escada desaparecia na escuridão abaixo.

– Acreditem ou não – disse a mulher, gritando mais alto que o vento. – Havia uma prisão aqui perto. Esta era uma rota de fuga construída pelos cartéis. Nós apenas a adaptamos para nossos propósitos. Deve ser mais uma hora de caminhada lá embaixo.

Ela não disse mais nada, só começou a descer os degraus. Um a um, o grupo a seguiu, Thomas descendo por último.

*

Era uma longa, surpreendentemente fresca e nada surpreendentemente assustadora descida para as profundezas e por infinitos túneis que o CRUEL havia confiscado. Ninguém falava muito enquanto eles caminhavam, caminhavam e caminhavam, mas, quando faziam isso, normalmente era em um sussurro que ecoava como o chamado fantasmagórico de um espírito.

– Quase lá – anunciou um homem chamado David, assustando Thomas. Ele tinha se acostumado ao silêncio, e a voz repentina o arrancou de seus pensamentos.

– Quase onde? – perguntou Thomas, suas palavras batendo nas paredes e voltando para ele.

– Tem um Transportal à frente que instalamos em nossa última viagem até aqui. Ele finalmente está pronto para ser ativado.

– Um Transportal? – repetiu Thomas. Seria assim que eles planejavam levar os Clareanos para o Deserto?

– Sim – respondeu David. – Vamos torcer para que funcione, porque é assim que vamos voltar para casa esta noite!

Thomas quase tropeçou e caiu quando ouviu isso.

– Vocês não têm ideia de quanto custa uma coisa dessas – prosseguiu o homem. – Antes do Fulgor, só milionários podiam pagar por eles. Havia até alguns governos que desejavam ter dinheiro para obter um.

– O CRUEL é rico assim? – perguntou Thomas.

David riu.

– Eles não precisam comprar essas coisas. Eles simplesmente as roubam de bilionários que estão mortos demais para se importar. Ou Cranks demais, além de passados à Insanidade. Enfim, não se preocupe, quando estiver funcionando, não há nada o que temer. É um jeito legal de viajar, isso com certeza.

– Chegamos – exclamou uma mulher. Ela lançou uma luz sobre uma estrutura retangular alta que parecia uma grande porta para o nada. Ou, mais exatamente, um portal no qual faltava a porta propriamente dita. Um painel de controle, apagado no momento, estava preso à lateral do dispositivo.

David se adiantou e parou ao lado da mulher.

– Nós fizemos todos os testes imagináveis. Só falta ligar essa droga.

Thomas se afastou da equipe do CRUEL enquanto eles retiravam ferramentas e começavam a fazer seus trabalhos. Ele não conhecia nenhuma daquelas pessoas muito bem, por isso se sentiu um completo estranho. Ele foi até a parede do túnel, bem na beira da área iluminada, e se inclinou para trás sobre pedra e terra. Ele cruzou os braços e observou as pessoas se ocuparem de seus afazeres.

Um som vibrante e baixo encheu o ar e fez seus ossos tremerem. Um brilho verde iluminou o painel do Transportal. O zunido ficou mais alto. Ele não podia acreditar que em questão de minutos ia atravessar uma parede mágica de engenharia e reaparecer a milhares de quilômetros de distância. Aquilo o deixou nervoso, o deixou preocupado que pudesse acabar espalhado através do universo quântico, nada além de uma galáxia de átomos e moléculas que nada tinham a ver uns com os outros.

Uma campainha alta fez com que ele se endireitasse de pé; em seguida uma parede tremeluzente cinza-estática encheu o espaço entre a moldura retangular do Transportal. Ela tremeluziu, piscou e se apagou algumas vezes, então ficou firme. A pulsação delicada e contínua de sua energia arrepiou a pele dos braços de Thomas. Ele ia mesmo fazer aquilo. Ele ia mesmo caminhar através de uma parede de força.

– Todos os sinais estão regulares – anunciou David, olhando para a tela no painel de controle. – Enviando objeto de teste agora. – Então, como um garoto parado à beira de um lago com uma pedra, ele jogou a lanterna através do Transportal. Alguns segundos depois, ela saltou outra vez para fora e ele a pegou. E riu. – Acho que estamos bem.

– Quem quer ir primeiro – perguntou uma mulher. – Thomas, que tal você? – Ela deu um sorriso provocador para ele.

– Na verdade, sim.

Sem saber o que o havia tomado, ele ajeitou os ombros e caminhou na direção do Transportal, tentando desesperadamente não mostrar nenhuma hesitação nem medo. Ele achou que se houvesse alguma causa de preocupação, eles iriam impedi-lo de ir nos poucos segundos que levaria para caminhar de um ponto ao outro. Mas ninguém disse nada. Alguns deles soltaram gritos empolgados. Uma pessoa aplaudiu.

Thomas entrou direto na parede cinza tremeluzente.

Algo frio passou pelo seu corpo, como se ele tivesse entrado em um lago fundo de água gelada. Mas então acabou, com a mesma velocidade que levava para atravessar qualquer porta. Várias pessoas o aguardavam do outro lado, em uma sala que ele nunca vira antes. A dra. Paige estava lá, assim como Teresa e alguns outros que ele não conhecia.

Teresa o alcançou primeiro e o puxou no abraço mais apertado que ele jamais recebera.

– Graças a Deus – sussurrou ela ao seu ouvido. Então ela disse isso outra vez em sua mente.

Ele retribuiu o abraço, sentindo tanto alívio com seu calor que tremeu enquanto a apertava. Ele queria contar a ela sobre seus planos para o Labirinto, e aquela recepção confirmou para ele que iria fazer aquilo em breve. Ele iria precisar de ajuda se tivesse alguma chance de tirá-los de lá.

– Está tudo bem – disse em resposta a ela. Ele percebeu a dra. Paige olhando para os dois como uma mãe orgulhosa. – Nada de ruim aconteceu. Nós estávamos em total segurança.

– Eu sei. Eu sei – disse ela, mas não soltou o aperto em torno dele.

– Ei – disse ele com a maior delicadeza possível. – O que foi?

Ela finalmente se afastou dele.

– Nada. Só... ter você tão longe. Me deixou nervosa.

– Senti sua falta também. – Uma resposta fraca, mas ele torceu para que ela pudesse ver em seus olhos como se sentia. *Precisamos conversar*, disse ele rapidamente por telepatia. *Logo*.

– Os resultados de seu monitoramento a longa distância foram muito positivos – disse a dra. Paige antes que Thomas pudesse explicar qualquer coisa mais. Ela se aproximou radiante, com um sorriso que parecia forçado. – As coisas, no geral, estão indo muito bem, na verdade. Estamos fazendo progresso a cada dia.

Thomas balançou a cabeça concordando, a mente correndo, pensando: *Se você soubesse*. Ele olhou para o ambiente estranho – parecia um dormitório enorme, mas completamente diferente do alojamento no CRUEL. Ele viu tijolos e argamassa e portas de madeira.

– Onde estamos? – perguntou ele.

– Uma nova instalação fora de nossa sede – respondeu ela. – Temos trazido voluntários novos para mais pesquisas e precisávamos de um lugar para alojá-los.

Thomas não acreditou em nenhuma palavra daquilo. Por que eles teriam um Transportal ligado com o Deserto se aquele lugar era para abrigar voluntários das pesquisas? Será que aquilo poderia ter algo a ver com a Segunda Fase e os Clareanos? De qualquer modo, ele tinha de se assegurar que aqueles planos nunca se concretizassem.

– Temos um transporte para voltar ao complexo principal – disse Paige. – Há muito trabalho a fazer. – Ela pareceu concentrar isso em Teresa.

– A que distância ele fica daqui? – perguntou Thomas.

– Apenas alguns quilômetros pela estrada. Menos de três, se você cortar pela floresta.

Ele deu um suspiro de alívio.

– Bom. Depois do Deserto, eu preciso muito de uma caminhada por um ar que não queira fritar meus pulmões. Vocês podem ir em frente, eu os encontro lá. – Suas pernas já doíam muito de andar naquele dia, mas ele queria mesmo ficar sozinho. E ele precisava de algum tempo para preparar o discurso para Teresa.

– Bem... nós não avistamos muitos Cranks ultimamente – respondeu Paige, pensando no assunto. – Mas está escuro lá fora. Vou lhe dizer uma coisa. Se levar um Lança-Granadas, deixo você ir. *E* um de nossos guardas. Não, melhor dois.

Thomas abriu a boca para discutir, mas não se deu ao trabalho quando viu o rosto dela. Era demais achar que ela o deixaria ir sozinho.

Alguns minutos depois, com dois guardas sem nome designados para ele, deixou o prédio.

– É melhor irmos andando – disse um dos guardas. Para seu crédito, ele e seu parceiro pareciam respeitar o desejo nítido de Thomas de estar sozinho, mas também tinham sido encarregados de sua segurança. – Está ficando tarde.

– É verdade que vocês não tiveram muitos Cranks por aqui recentemente? – perguntou Thomas, virando as costas para o prédio novo, encarando a floresta e a escuridão.

– Sim. Acho que os daqui ou morreram ou foram parar nos poços. Mas como está escuro, frio e tudo, eu só acho que nós devíamos nos apressar.

Thomas gostou que o homem não tivesse assumido o papel de guarda durão. Pelo menos, ainda não. E o outro parecia apenas um mudo.

– Está certo. Tudo bem. Vocês vão na frente, ou vou eu?

– Vou estar logo atrás de você. – O sr. Falador ergueu o Lança-Granadas e o apontou na direção do complexo do CRUEL, em algum lugar nas profundezas da floresta. Thomas tinha o próprio Lança-Granadas pendurado atravessado nos ombros com uma faixa que se afundava em seu pescoço.

– Assim posso ver você e examinar a floresta ao mesmo tempo. Xavier aqui vai de batedor à frente. O que acha?

Como se ele tivesse opção.

– Claro. Vamos fazer isso.

Sem dizer nada, o homem chamado Xavier saiu andando pela vegetação rasteira e entrou na mata. De repente tremendo de frio, Thomas o seguiu, com o outro guarda logo atrás dele.

*

Meia hora se passou, a floresta escura e silenciosa. Galhos assomavam acima deles, um dossel de incontáveis braços e dedos de madeira, mal visíveis na noite sem estrelas. O silêncio pesado pairava no ar, rompido apenas pelo triturar suave de seus passos sobre as folhas caídas. Thomas apontou o facho da lanterna para sua frente, de vez em quando a girando para cima e ao redor, morrendo de medo de ver

alguma criatura de outro mundo de um livro de histórias. Olhos amarelos, presas, uma aparição fantasmagórica. Ele estava assustado e desejou apenas ter pegado uma carona com Teresa e todo o resto.

Uma coruja piou tão alto que Thomas deu um pulo. Então ele riu, assim como o guarda às suas costas.

– Uma coruja? – disse Thomas. – Sério? Sinto como se eu estivesse em um filme de terror.

– É assustador aqui fora – concordou o homem. – Com Cranks ou sem Cranks. As crianças tinham bastante coisas com o que ter pesadelos antes mesmo que o Fulgor aparecesse.

– É. – Thomas vasculhou os galhos acima dele à procura da coruja. Às vezes ele se esquecia de que havia todo um reino animal ali fora que não sabia nem se importava com uma doença chamada Fulgor. O culpado não estava em nenhum lugar à vista. Thomas continuou andando.

O exercício o esquentara um pouco, e suas pernas tinham se soltado de sua rigidez. Ele estava relaxando, conseguindo começar a se sentir melhor em relação ao dia, quando percebeu ter perdido Xavier de vista à frente. O homem fizera uma curva em torno de um grande pinheiro, mas quando Thomas deu a volta na mesma árvore, não conseguiu ver o guarda.

– Xavier?

Nenhuma resposta, nenhum sinal dele em lugar nenhum.

Um barulho repentino de passos, atravessando ruidosamente a vegetação rasteira, veio com um estrondo por trás de Thomas. Enquanto ele se virava para ver o que era, outro som voou pelo ar. Seguido por um ruído de esmagamento, de trituração.

Então ele o viu.

O guarda às suas costas havia parado onde estava e deixado a arma cair. Escorria sangue de sua boca. Um galho grande tinha sido enfiado na lateral de seu pescoço, sua extremidade, banhada em vermelho saía pelo outro lado. Enquanto o homem caía de joelhos, Thomas viu quem tinha feito aquilo, a pessoa ainda agarrada à ponta da lança improvisada com as duas mãos, sorrindo para sua presa, que sufocava sem ar.

O agressor ergueu os olhos, direto para Thomas.

Era Randall.

Randall não parecia muito bem.

Ali estava ele, alquebrado, machucado e imundo, vestindo várias camadas de roupas em farrapos. Seu rosto tinha crostas de sujeira, os olhos estavam selvagens, e o cabelo era um emaranhado confuso – a visão de pesadelo com a qual Thomas havia se preocupado. Mas aquilo não era nenhum livro de histórias.

– Randall – sussurrou Thomas, como se implorasse que a pessoa que costumava ser Randall voltasse. Mas aquele homem não existia mais. O Crank parado a sua frente tinha passado à Insanidade havia muito tempo.

Randall disse algo incompreensível, em seguida arrancou a lança do pescoço do guarda, deixando que o homem finalmente desabasse no chão, com a vida drenada dele. Ele estava imóvel, o sangue empoçava em uma cama de agulhas de pinheiro.

– Xavier! – gritou Thomas. Ainda nenhuma resposta.

Tentando não fazer nenhum movimento brusco, ele pegou o Lança-Granadas, posicionou-o lentamente nas duas mãos, pôs o dedo no gatilho. Randall estava ali parado olhando para o sangue na própria arma como se estivesse pensando se devia limpá-la com a língua. Então ele olhou outra vez para Thomas.

– Houve uma época – disse o Crank, suas palavras agora indistintas mas compreensíveis. – Eu era um cara gostoso. Muito gostoso.

Em um vulto, Randall correu na direção das árvores, desaparecendo na escuridão antes que Thomas pudesse fazer qualquer coisa. Ele apontou o Lança-Granadas naquela direção, apertou o gatilho, ouviu a carga e o disparo. Mas a granada atingiu uma árvore e estourou em uma explosão de eletricidade. Quando ela terminou, silêncio completo envolveu a mata. Não havia sinal nem som do Crank.

Thomas agarrou a arma com tanta força que machucou os dedos. Segurando-a a sua frente, ele girou em um círculo lento, examinando a escuridão por trás das árvores. Ele deixara cair a lanterna, e então a pegou e desligou. Ele não queria ser um alvo fácil, e não queria que sua visão fosse inútil. Ansioso para que seus olhos ficassem acostumados ao escuro, ele continuou a girar e girar lentamente, o dedo coçando para puxar outra vez o gatilho.

Ele não podia acreditar que Randall ainda estivesse vivo. Como ele havia sobrevivido lá fora? Tirando a sobrevivência, parecia impossível que a própria doença ainda não o houvesse matado. O Fulgor não apenas o enlouquecia; no fim, ele desligava completamente seu cérebro.

Ele, então, pensou nos guardas. Uma onda de tristeza e culpa quebrou sobre ele. Os homens estavam mortos porque Thomas precisou dar uma caminhada, como um pirralho superprivilegiado. Mais vidas em suas mãos. Quantas mais haveria?

Seu pé pisou em um galho e o quebrou. O estalido ecoou pela noite, e ele congelou. Seus olhos tinham realmente se acostumado à escuridão, as árvores quase pareciam brilhar, a silhueta de seus muitos galhos

contra o céu. Thomas não viu nada fora do comum, mas estava certo de que Randall não tinha ido longe – sua retirada teria feito mais barulho. O Crank estava perto, provavelmente o seguindo.

Então Thomas se lembrou.

Teresa!, chamou ele. Teresa! Randall nos atacou. Ele matou os guardas. Não sei o que fazer. Como ele pode...

Tom! A resposta dela o interrompeu. Onde você está? Paige diz que vai mandar alguém aí fora. Você ainda está com seu Lança-Granadas?

Estou.

Fique aí. Não tente voltar. Logo vai haver alguém aí.

Thomas pensou ouvir um ruído a sua esquerda e girou a arma em sua direção. Não viu nada.

Tom?

Sim, está bem. Vou continuar girando em círculos até vomitar. Depressa.

Continue falando comigo.

Não, respondeu ele. Preciso me manter concentrado. Sei que ele está perto.

Está bem, mas me chame no segundo em que acontecer alguma coisa.

Eu chamarei.

A floresta escura pairava acima dele, parecendo quase flutuar, as árvores arrancadas do chão pela raiz, se estendendo. Seus sentidos começaram a lhe pregar peças. Ele não parava de ver algo pelo canto do olho, não parava de pensar que sua própria respiração era de outra pessoa. Por fim, ele não resistiu.

– Randall! – berrou. – Eles estão vindo! Eles sabem que estamos aqui.

Nenhuma resposta. Ele não sabia por que gritara – Randall não tinha mais capacidade de raciocínio que uma das árvores ao seu redor. Seus olhos haviam mostrado que tinha passado à Insanidade como nenhum outro Crank que Thomas jamais vira.

– Sinto falta de gostosuras.

Thomas prendeu a respiração. Randall falou baixo, ainda assim suas palavras pareciam trovejar pelo ar. Thomas virou para a esquerda, depois para a direita, em seguida girou em um círculo completo, a arma estendida a sua frente.

– Randall! – gritou.

Então alguma coisa o atingiu, tirando o ar de seus pulmões. Ele estava em cima dele, forçando sua cabeça e seu pescoço em uma direção estranha, cravando dor como pregos em seus tendões e músculos. Para se proteger, ele desabou no chão. Solto o Lança-Granadas. A correia se enfiou em seu pescoço enquanto ele tentava atingir o que quer que o houvesse atacado, e seus dedos encontraram pele molhada e cabelo seboso.

– Gostoso – sussurrou a voz de Randall direto em seu ouvido.

Thomas gritou, retorcendo o corpo e se esforçando para sair de baixo do monstro que o segurava no chão. Um braço passou por volta de seu rosto, sua boca ficou na dobra de um cotovelo. Ele fedia a suor e putrefação; Thomas sentiu vontade de vomitar. Randall apertou, tirando o ar de Thomas. Ele conseguiu abrir a boca, mordeu com toda a força de suas mandíbulas. Um gosto acre, azedo, encheu sua boca.

Randall urrou, um som terrível que estava longe de ser humano. Ele soltou seu braço apenas o suficiente para Thomas conseguir se retorcer e sair das mãos do homem, distribuindo cotoveladas, acertando algumas. O Crank cambaleou para trás enquanto Thomas se levantava com dificuldade, o pânico transformado em adrenalina pura. Ele pegou o Lança-Granadas, que tinha virado totalmente para suas costas. Ele o agarrou, puxou-o para a frente do corpo e ficou em posição.

Ele estava quase pronto quando o Crank o atacou, veio correndo pelo chão coberto de folhas como uma aranha monstruosa e saltou no último segundo para atingir o peito de Thomas. Ele bateu a extremidade dura do Lança-Granadas em seu esterno, expulsando outra vez o ar de seus pulmões, e ele caiu no chão com o Crank em cima de si. Randall começou a bater em Thomas com os dois punhos, como um gorila furioso, gritando a cada soco.

Thomas não conseguia revidar contra a criatura selvagem que o atacava. Ele pensou em Chuck, Teresa, Alby, Minho e Newt. Se ele morresse agora, nunca teria a chance de salvá-los.

Ele se forçou a relaxar e se concentrar. Fechou os olhos e juntou suas forças. Quando Thomas ficou imóvel, os golpes haviam desacelerado. Ele aproveitou a oportunidade. Atacou com a mão direita, agarrou Randall pela orelha, girou e puxou a cabeça do Crank para o lado. Randall perdeu o equilíbrio o suficiente para que Thomas pudesse estufar o peito e chutá-lo para longe. Ele saltou de pé, recuou enquanto tentava pegar o Lança-Granadas, agarrou-o, encontrou o gatilho e o apertou.

O som da estática de sua carga encheu a floresta enquanto Randall corria mais uma vez em sua direção. Porém uma granada atingiu o peito do Crank e o derrubou, e filamentos de energia branca dançaram através de seu corpo enquanto ele entrava em convulsão no chão, gritando de agonia.

Thomas correu até ele e ergueu o Lança-Granadas como um porrete. Ele golpeou no rosto o homem que tinha sido Randall. Um barulho de trituração repugnante interrompeu os gritos inumanos do Crank. Agora o corpo da coisa se retorcia de um jeito diferente, como se seu sistema de comunicação interno tivesse entrado em curto-circuito.

Thomas, que ondeava a cada respiração, ergueu o Lança-Granadas mais uma vez e o golpeou com toda a força que lhe restava.

Dessa vez, o Crank ficou completamente imóvel.

Teresa o encontrou ajoelhado ao lado do cadáver, olhando para ele, petrificado. Um homem que ele conhecera, um homem de quem nunca gostara muito. Na verdade, nunca gostara nada dele. Mas ninguém merecia um fim como aquele. Ninguém.

Ela praticamente teve de carregá-lo até o transporte. Ele estava atordoado tanto mental quanto fisicamente. Esgotado de todas as formas. Ele planejava dormir por uma semana.

Teresa, disse ele com a mente, no caminho de volta para o complexo.

Sim?

Depois de uma pausa longa, ele finalmente disse:

Eles nunca vão encontrar uma cura.

Thomas acordou sem que seu despertador tocasse. Ele não queria acordar Teresa antes que ela tivesse uma noite inteira de sono, por isso se forçou a esperar. Ele examinou o corpo, tocando cuidadosamente todos os pontos com curativo, um de cada vez, com expressão de dor ao fazer isso. O tempo andava em passo de caracol.

Ele dera a si mesmo um dia inteiro para se recuperar, organizar os pensamentos e fazer um plano preciso para convencer Teresa. E a cada minuto que passava, sua determinação se fortalecia.

O fato que mudou tudo surgiu em uma conversa que ele escutara ontem na enfermaria. Algo sobre “criaturas bulbosas”. Thomas não ouviu muito, mas tinha quase certeza de que tinha algo a ver com os tanques estranhos e reluzentes cheios de membros veiadados e inchaços tumorosos que ele e Newt tinham visto no laboratório de P&D. Assustador demais.

Mais indícios ainda do que ele já sabia: o CRUEL nunca iria parar.

Finalmente sua paciência se esgotou.

Você está acordada?, perguntou ele a Teresa.

Só três ou quatro segundos se passaram.

Estou, disse ela. Nenhuma censura por acordá-la, o que era um bom começo.

Encontre-me no café da manhã no segundo em que o refeitório abrir. Sente-se perto, só sussurros. Ele não sabia o quanto o CRUEL podia seguir sua telepatia e queria se assegurar de que eles não ouvissem a conversa.

Está bem. Ela estava uma mulher de poucas palavras nessa manhã – sem problemas para ele.

Maravilha. Até logo. Ele rolou para fora da cama e foi mancando até o chuveiro.

No refeitório, Thomas encontrou um lugar tranquilo longe dos poucos trabalhadores e indivíduos que comiam. Ele beliscava a comida enquanto esperava por Teresa. Ele bebeu três copos d’água. Finalmente empurrou a bandeja para longe, cruzou e descruzou os braços, se remexeu na cadeira. Quando ela apareceu, esqueceu completamente da fila da comida e foi se sentar ao lado dele.

Tudo bem?, perguntou ela em sua mente.

– Não – disse ele em voz baixa. – Só fale normalmente.

Eles se sentaram ombro a ombro. O prato de ovos com bacon de Thomas repousava na mesa à frente deles. Ele tinha de pôr aqueles planos para fora. Ele se inclinou para perto de Teresa e começou a sussurrar.

– Mantenha a mente aberta, está bem? Me escute até o fim também, antes de começar a fazer perguntas.

Ela ergueu os olhos para ele à procura de algum indício de o que ele ia dizer. Ela balançou a cabeça afirmativamente e tornou a olhar para a comida dele.

– Desculpe, isto é mesmo muito importante para mim. Por isso... Olhe, eu não aguento mais, Teresa. Eu cheguei totalmente ao meu limite. A Purgação, as mentiras, a crueldade no Labirinto. E já ouvi coisas suficientes nos últimos dias para perceber que o CRUEL tem planos para uma fase inteiramente nova de testes, no Deserto, e sabe-se lá o que mais. Você sabia sobre alguma dessas coisas?

Teresa sacudiu a cabeça com firmeza, parecendo realmente horrorizada.

– Quero dizer, eu desconfiava de alguma coisa, e depois houve a expedição ao Deserto, aqueles alojamentos que eles construíram, o Transportal. Mas eles não me contaram nada. – Ela fez uma pausa e sacudiu outra vez a cabeça. – Você tem certeza do que ouviu?

– Totalmente.

– Às vezes eles fazem com que seja muito difícil acreditar neles, não é?

Sua reação fez com que Thomas sentisse ter passado pela primeira barreira.

– Exatamente – disse ele. – Eu *fui* até o Deserto. É horrível. E eu vi aquelas coisas bulbosas que eles criaram na P&D. Elas parecem algo saído direto de um pesadelo. Isso precisa parar, Teresa. Tudo isso precisa *parar*. Estou falando sério.

No início, ela não respondeu, suas emoções impossíveis de interpretar. Mas quando ela finalmente falou, suas palavras continham um leve tremor.

– O que nós poderíamos fazer, Tom? O CRUEL é grande demais. E o que quer que estejam fazendo, eles pelo menos têm uma justificativa para isso.

– A cura? – escarneceu Thomas. – Ela nunca vai acontecer. Simplesmente não acredito nisso. Depois de todo esse tempo e todo esse trabalho, eles não têm sequer um tratamento preliminar, nenhum teste de drogas, nada. Tudo o que fazem é ficar mais perversos com suas Variáveis, em busca desse mapeamento ridículo sobre o qual estão sempre falando.

– Você acha mesmo que eles vão mandá-los para o Deserto? – perguntou ela.

– Acho. Você não?

Ela deu um suspiro.

– Acho que sim.

– Eles são nossos *amigos*, Teresa. Lembre-se de como nos divertíamos juntos. Meu Deus, pense pelo menos neles jogando Chuck no Deserto, ainda mais para os lobos naquela cidade de Cranks.

Isso pareceu realmente atingi-la. Seus olhos se umedeceram.

– Mesmo assim – disse ela. – O que nós *poderíamos* fazer? Nós dois contra o império poderoso e todos os seus guardas e suas armas?

E agora era hora de contar a ela. Ele reuniu sua coragem e foi em frente.

– Esta é a parte sobre a qual você precisa me escutar falar. Primeiro convencemos a dra. Paige a nos mandar para o Labirinto. Vamos convencê-los de que eles precisam agitar um pouco as coisas. Mas nós nos asseguramos de que eles nos mandem para lá com as memórias intactas. Essa é a chave. Vamos dizer a eles que deviam nos deixar fazer uma análise séria do interior e que podemos fazer um relatório sobre isso. Os Psis iam achar que era Natal outra vez; imagine todas as possibilidades de Variáveis. Nós podemos colocar todo nosso entusiasmo, realmente convencê-los de que queremos isso. Talvez possamos

até sugerir entrar por um mês, depois sair de volta. Não importa o que digamos, precisamos apenas ser inseridos.

– E depois? – perguntou ela. Pelo menos ela não tinha rejeitado a ideia imediatamente.

– Fazemos preparativos antes de entrar. Conseguimos as chaves de uma das salas de armas, ou escondemos armas perto da saída do Labirinto. Fazemos alguma pesquisa sobre os Verdugos, descobrimos uma maneira de desligá-los. Mapeamos a cidade mais próxima para onde possamos escapar depois que tirarmos todo mundo de lá. Então, quando entrarmos, vamos passar alguns dias convencendo os Clareanos do que vai acontecer, fazemos um plano e agimos.

– Você faz com que pareça tão fácil – respondeu ela. – Um problema é o fato de que eles estarão observando cada movimento nosso e escutando tudo o que dissermos.

– Então vamos sussurrar muito. Conversar muito no escuro, evitar besouros mecânicos, o que for. Eles confiam em nós, e isso é o maior ponto que temos a nosso favor.

Teresa se inclinou para ainda mais perto e encontrou o ouvido dele. Seu hálito aqueceu a pele dele.

– Você acha mesmo que podemos simplesmente entrar no Labirinto, pegar os Clareanos e sair andando de lá? Sem matar um monte de gente? Sem que nos matem?

Ele expirou ruidosamente.

– Sei que parece absurdo. Mas é pior ficar sentado e deixar que isso prossiga sem que tentemos impedir.

Ela deu um suspiro, mas não disse nada.

– Teresa, estou abrindo minha alma para você. A gota d’água foi Chuck. Eu amo muito aquele garoto. Não posso... eu simplesmente não posso deixar que o CRUEL continue a machucá-lo. Sem falar nos outros. Não posso. Por favor, por favor, diga que está nisso comigo.

Ele nunca havia falado com ela daquele jeito antes. Ele tinha exposto tudo ali.

Ela olhou para ele com olhos cansados.

– Você está falando sério, não está?

– Sem dúvida. E dizer isso em voz alta só faz que eu me sinta mais seguro.

Ela, então, ficou quieta. Quieta por um bom tempo.

Finalmente, ela se levantou.

– Me dê 24 horas para pensar sobre isso, está bem? – Então ela saiu andando, deixando para trás um amigo muito ansioso.

No fim, ela só precisou de aproximadamente catorze horas.

Thomas passara o dia aproveitando o tempo livre. Entre check-ups, testes e tempo de observação, ele vasculhava o tablet de pesquisa em busca de qualquer informação sobre os Verdugos nos arquivos sem a proteção de senhas. Deter as criaturas seria um fator enorme se eles iam escapar. Não havia muito, mas ele encontrou uma cópia esquemática de sua composição biomecânica no meio de uma coleção de informações variadas datadas de anos atrás.

Ele estava na cama, estudando o esquema em busca de fraquezas em potencial, quando Teresa o chamou telepaticamente.

Está bem, disse ela. Estou dentro.

Ele quase pulou para fora da cama de empolgação.

Sério? Você vai embarcar?

Por você. Por Chuck. Por nossos amigos. Eu vou ajudar você.

Genial. Isso é genial. Agora só precisamos convencer a dra. Paige.

Não se preocupe com ela. Na verdade, acho que ela vai adorar a ideia de nos inserir no Grupo A, e Aris e Rachel no Grupo B. Deixe que eu cuido dessa parte.

Sério?

Sério. Vou me encontrar com ela amanhã cedo.

Thomas estava parado na sala de observação, assistindo a uma imagem em close de Newt enquanto ele jantava perto do mastro grande e alto na Clareira. Por algum motivo, ele estava só. Talvez precisasse apenas de algum tempo sozinho. Talvez Chuck tivesse enchido seu ouvido o dia inteiro – isso era comum. Mas ele estava ali sentado, comendo aos poucos, mastigando, engolindo, olhando fixamente para nada em especial, em pensamentos profundos.

Thomas pensou na irmã de Newt, Lizzy, em algum lugar no Labirinto do Grupo B. Não seria incrível salvar os dois?

– Eu vou salvar você, Newt – sussurrou Thomas tão baixo que ninguém seria capaz de conseguir ouvi-lo. – Eu vou salvar até o último de vocês.

No dia seguinte, ele recebeu a informação oficial.

A dra. Paige tinha aprovado a inserção das elites nos Testes de Labirinto.

A dra. Paige estava parada à cabeceira da mesa, com Thomas e Teresa sentados de um lado; Aris e Rachel, do outro. Alguns Psis e técnicos estavam sentados mais longe, permanecendo, em sua maioria, calados. Mas de vez em quando a dra. Paige lhes lançava um olhar para confirmar o que estava dizendo.

Os planos para a inserção das elites tinham sido apresentados, e eles estavam expondo os últimos detalhes. Thomas lutava para manter a paciência, para fazer o jogo como se estivesse dedicado de corpo e alma às coisas que haviam planejado para eles. Mas era sua intenção – e grande esperança – que nada daquilo jamais acontecesse.

– Vocês podem ver aqui – disse a dra. Paige, gesticulando na direção de uma tela na parede atrás dela, onde um grande gráfico cheio de informação tinha sido projetado. – E vejam quantas Variáveis novas e únicas nossos Psis desenvolveram em torno dessa inserção. Nós a levamos muito além de suas simples sugestões, Teresa. Vemos isso como uma oportunidade de ouro, um catalisador, se preferir, para estimular muitos padrões de ruína universal que nunca conseguimos medir antes.

Thomas estava olhando de olhos estreitos para a imagem tentando ler alguma linha dos itens individuais. Mas as palavras eram pequenas demais. Então, a um sinal da dra. Paige, a tela ficou vazia outra vez.

Ela prosseguiu.

– Mesmo as primeiras 24 a 48 horas vão levar acontecimentos à Clareira que nós nunca vimos antes. Acontecimentos que vão perturbar significativamente o que se transformou em rotina por lá, e estimular muitos pensamentos e emoções novos. Indivíduos chegando em dias consecutivos, um membro do sexo oposto chegando pela primeira vez, estamos mesmo muito animados com as possibilidades. Por isso tenho de dar muito crédito a Teresa por esta ideia. – Ela deu um sorriso radiante para a amiga de Thomas.

Em relação a ele, não se importava nem um pouco que ela estivesse levando todo o crédito. O plano talvez nunca tivesse funcionado se Thomas os tivesse abordado. Mas nada disso importava. Por mais que já tivesse amado a dra. Ava Paige, ele esperava que em breve jamais tivesse de vê-la outra vez. Nem ninguém nem nada relacionado ao CRUEL.

Ele olhou para Aris, em seguida para Rachel, e os dois não pareciam muito satisfeitos. Eles não tinham se falado muito ultimamente, e ele e Teresa ainda estavam tentando decidir se deviam incluí-los no plano. As coisas já estavam bem complicadas, com riscos demais. Mas ele também não podia imaginar *não* contar a eles. De qualquer forma, ele tinha toda a intenção de salvar o Grupo B junto com seus próprios amigos do Grupo A.

– Thomas?

Ele voltou bruscamente a prestar atenção e percebeu que a dra. Paige – assim como todos os outros – o estava olhando fixamente.

– Desculpe – disse ele, se remexendo em seu assento. – Perdi alguma coisa?

Ela olhou séria para ele.

– Eu perguntei se você tinha alguma opinião sobre o apagamento de memória.

Ele sentiu um formigamento de suor, um calor desconfortável.

– O que a senhora quer dizer?

– É o único aspecto desta inserção que ainda me deixa preocupada. Todas as cobaias antes de vocês tiveram a memória removida, e me preocupa romper o ciclo de consistência. Eu queria saber sua opinião sobre o assunto.

Ele se recompôs, organizou os pensamentos. Aquele podia ser o momento mais importante de sua vida.

– Posso entender a preocupação, mas Teresa e eu conversamos muito sobre isso. – Incluí-la só iria reforçar seu argumento. – Achamos que isso vai apenas acrescentar às coisas de que vocês estão falando, todas essas novas oportunidades, os relatórios que faremos para vocês aqui. Essa é uma perspectiva que nunca tivemos. Eu a vejo como o próximo nível nas inúmeras observações que fiz nos últimos anos.

– É um bom argumento – respondeu a dra. Paige. – Isso é mesmo tão diferente?

Ele se esforçou para manter a compostura.

– Mas não é só por esse lado. O que é mais importante: pensem nas análises que poderão fazer em mim, Teresa, Aris e Rachel. Não se esqueçam de que somos cobaias também. Estudar nossos padrões, com memórias em vez de sem, no interior da Clareira e do Labirinto, é algo que vocês nunca conseguiram fazer antes.

A dra. Paige balançava a cabeça afirmativamente enquanto ele falava, mas não de um jeito que necessariamente significasse que ela concordava.

– Há muitas outras maneiras em que acho que isso pode ser valioso, mas essas são as mais importantes.

– Ele decidiu encerrar aí mesmo em vez de continuar falando, e torceu para que seu último comentário funcionasse para fazê-la pensar que realmente havia muito valor que não fora mencionado.

– Bem falado, Thomas – disse a dra. Paige. – Você vai ficar aliviado em saber que a maioria de nós nesta sala concorda com você. – Ela deu um sorriso, quase como se a pergunta tivesse sido um teste.

Bom trabalho, disse Teresa a ele.

Obrigado, respondeu ele. *Estou todo suado embaixo dos braços agora.*

A reunião prosseguiu por pelo menos mais uma hora. Mas no fim, pensou Thomas, as coisas não podiam ter corrido melhor. Os planos foram finalizados e aprovados.

Thomas entraria primeiro no Labirinto. No dia seguinte, seria seguido por Teresa. Os dois com as memórias intactas. Rachel e Aris seguiriam o mesmo padrão no Labirinto do Grupo B. Thomas conseguira tudo o que queria.

E agora havia trabalho a fazer.

Finalmente tinha chegado a hora.

Thomas se exaurira nos preparativos.

Ele sabia tanto sobre Verdugos quanto possível, incluindo suas fraquezas e fontes de energia. Se combinasse isso com o que sabia de construir o Labirinto, e sobre como funcionava a escotilha dos Verdugos, sentia-se bem com a possibilidade de enfrentar um deles e sair com vida. Com a ajuda de Teresa, ele conseguira os códigos para um depósito de armas muito perto da entrada do Labirinto, por onde eles e os Clareanos iriam fugir. Eles haviam encontrado uma cidade do Alasca onde podiam buscar asilo, apenas a cinquenta quilômetros do complexo do CRUEL. Aris e Rachel sabiam do plano, mas não iriam tentar nada até que Thomas e Teresa chegassem a seu Labirinto para buscá-los. Tudo tinha se encaixado no lugar. Restava basicamente esperar. Nada podia acontecer até que eles estivessem no Labirinto e pudessem reunir apoio entre os velhos amigos.

E essa hora finalmente chegou.

Thomas estava sentado na cama, recostado na cabeceira. Teresa estava sentada na cadeira de sua mesa, que puxou para perto da cama. Ela se inclinou na direção dele, o rosto a menos de um metro de distância. Eles estavam conversando havia horas, desde a volta do jantar. Era a primeira vez que eles faziam algo assim desde antes da Purgação.

– Você jura que não vai dar para trás? – perguntou Thomas. – E você não vai deixar que eles mudem de ideia sobre o processo do Dissipador?

– Você acabou de desrespeitar nosso combinado.

Eles tinham jurado não falar sobre o plano de fuga, pelo menos por uma noite. E tinham basicamente conseguido. Lembraram de suas infâncias, riram de alguns momentos divertidos que tiveram com Newt e todo o resto, filosofaram sobre o futuro do mundo. Eles até conversaram sobre o espaço, sobre ciência, sobre história. Coisas estranhas como teorias de conspiração famosas. As grandes guerras. Como a vida era. Eles falaram, falaram, falaram...

Até que Thomas estragara tudo e os trouxera de volta à realidade.

– É, eu sei – disse ele. – Eu fiquei sem assunto.

– Bem, juro pela vida de todo mundo que já amei que estarei na Clareira com você 24 horas depois de sua inserção, exatamente como combinamos, com as memórias intactas. Está bem? Eu prometo.

– Me dá o dedinho?

Ela se encostou na cadeira.

– Espere aí. Isso é coisa muito séria.

Ele estendeu o mindinho. Ela envolveu o seu em torno dele, e eles apertaram os dedinhos.

– Ufa – disse ele. – *Agora* me sinto melhor.

Ela ainda não tinha soltado seu dedo. Suas mãos tinham parado sobre o cobertor da cama.

– Às vezes me esqueço de como você pode ser um idiota adorável. Gostaria que você soltasse mais esse seu lado.

– Meu lado de idiota adorável? Não sabia que tinha uma coisa dessas. Mas eu devo tomar isso como um elogio?

– *Sim*, você deve tomar isso como um elogio. – Ela o soltou, mas aproximou a cadeira até ficar ao lado dele.

– Sei que há meses tenho sido terrível.

– Não – respondeu Thomas, mas nem ele conseguiu tornar isso convincente.

Ela riu.

– É só que... ainda há uma parte de mim que acha que uma cura é possível. Você não se sente assim? Pelo menos um pouco?

– Sim, claro que sim. – Ele se sentiu um pouco envergonhado com a repreensão. – Mas deve haver outro jeito. Tudo o que sei é que se eles precisam alcançar isso torturando meus amigos, então não está certo.

– E parece que as coisas só vão piorar – disse ela.

Thomas de repente sentiu uma onda de euforia. Ele se levantou, colocando as pernas ao lado da cama para repousar os pés no chão. Ele olhou para ela, com as pernas pressionadas contra as suas.

– É estranho – disse ele. – De certa forma, estou empolgado. Acho que é mais como alívio. Eu fiquei cansado demais de esperar, esperar, esperar. Agora estamos aqui, chegamos a um ponto de onde não há mais volta. Tudo que posso fazer agora é... entrar na Clareira e fazer com que alguma coisa aconteça. Parece loucura?

– Não. Eu sinto a mesma coisa. – Ela sorriu, em seguida se moveu e foi realmente sentar ao lado dele na cama. Ela o puxou em um abraço e repousou a cabeça em seu ombro. – Você é muito importante para mim – disse ela.

Tudo atingiu Thomas de uma só vez. Uma onda de emoção tomou seu peito e queimou como mil chamas. Todos os anos, todas as memórias, todos os tempos difíceis, e todos os bons também. Ele começou a chorar, liberando tudo, o corpo trêmulo. Ela o apertou com mais força, chorando também. E eles ficaram ali sentados por vários minutos, colocando tudo para fora. Embora com grande carga de tristeza, a sensação também era boa. Revigorante. Ele ardia com algo mais perto da alegria do que jamais sentira antes.

– Diga-me que vamos sobreviver a isso – disse ele quando conseguiu finalmente soltar as palavras. – Diga-me que vamos entrar lá e tirar nossos amigos.

– Nós vamos sobreviver – respondeu ela, em seguida ergueu as mãos, segurou seu rosto e olhou em seus olhos. – Eu prometo.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, sem saber ao certo se podia dizer mais alguma coisa. Eles se envolveram nos braços um do outro, jogaram os pés para cima da cama e deitaram juntos. Ficaram assim a noite inteira, até que chegou a manhã, e o Labirinto chamou.

— **E**stá se sentindo bem? – perguntou a dra. Paige. – Normal? Forte?

Thomas estava sentado em uma cadeira em um dos consultórios médicos, depois de passar por um exame médico rápido. Paige acabara de entrar para vê-lo uma última vez. Ela carregava uma xícara de chá fumegante.

– Sim, eu me sinto ótimo. – A verdade era que ele nunca estivera tão nervoso. Em questão de horas ele estaria com os Clareanos. Parecia impossível. – Um pouco nervoso, para ser honesto.

– Foi por isso que eu lhe trouxe isso. – Ela entregou a xícara a ele.

Ele a pegou, cheirou. Cheirava a frutas vermelhas.

– O que é?

– Uma infusão especial de chá que fiz só para você. Ela vai acalmar um pouco seus nervos.

– Obrigado. – Ele deu um gole lento e cauteloso. – Nossa, isso é bom. – Ele deu outro gole e resolveu experimentar fazer uma atuação, desviá-la da pista de seus planos. – Então como estão as coisas do seu lado? Está se sentindo bem com o plano?

– Você agora é parte disso, Thomas. Não podemos mais compartilhar muita informação com você. Para que as coisas funcionem, precisamos de um pouco de distanciamento.

– Mas eu vou passar informações para a senhora.

– Eu sei. Mas como você disse antes, precisamos nos lembrar de que você é uma cobaia nisso tudo. Podemos interferir nos resultados se falarmos demais.

Ele já havia bebido metade do chá, o calor que sentiu por todo o corpo compensava a queimação. Latejante. Flutuante.

– A senhora não pode me dar só uma pista? Uma dica? Há algum *gran finale* planejado para os Testes de Labirinto? – Ele esperava que seu entusiasmo ingênuo mostrasse que ele não tinha nada malicioso planejado.

– Você sabe de todos os detalhes de que precisa saber – respondeu ela um tanto bruscamente.

– A senhora vai sentir minha falta, certo? – perguntou ele.

Ele achou que ela sorriria, mas o sorriso não apareceu.

– Não lute contra isso, Thomas. Tudo vai ficar bem no final.

– O que a senhora quer dizer? – A cabeça dele agora estava girando.

– Sua capacidade incalculável de confiar nos outros é o que sempre me tocou – disse ela, olhando tristemente em seus olhos. Seu rosto tinha começado a se turvar. – E desculpe por ter tirado proveito disso tantas vezes. Eu sempre fiz apenas o que era preciso. – Ela ficou de pé, mas ele viu três ou quatro delas, distorcidas, se expandindo, se contraindo.

– O que a senhora... – tentou dizer ele. Sua boca não funcionava direito.

– Fui eu, Thomas. Sei que não vai se lembrar disso, mas quero dizer as palavras a você mesmo assim. Me explicar. Fui eu quem contaminou o chanceler Anderson e sua equipe de alto escalão. Eles queriam encerrar as coisas depois dos Testes de Labirinto. Eles queriam desistir. E eu jamais poderia permitir isso, poderia? O que estamos tentando alcançar é algo importante demais.

– O que... – tentou ele novamente, mas agora era inútil. Ele já estava relaxando na cadeira, incapaz de sentar reto. A xícara caiu de suas mãos e se estilhaçou no chão. Ele sentiu como se algodão doce tivesse enchido seus ouvidos.

– Você sempre foi meu favorito – disse a dra. Paige. Ele sentiu a atenção dela se voltar para outra pessoa. – Vamos prepará-lo.

*

Traído.

Thomas estava deitado de costas em uma mesa de operação, apagando, incapaz de se mexer, olhando para um aparelho estranho no alto que parecia uma máscara de algum inferno de criaturas robóticas. O aparelho que iria disparar seu mecanismo do Dissipador, facilitar a perda de memória. Ele podia sentir sua consciência desaparecendo, sabia que estaria completamente fora dela em breve. Então eles iriam baixar a máscara, e o processo começaria. Restavam apenas minutos, talvez mesmo segundos, de sua vida como ele a conhecia. O pânico parecia uma tempestade de raios explodindo em detonações ardentes por todo seu corpo e toda sua mente.

Ainda assim ele não conseguia se mexer.

Logo as memórias que tanto o assombravam, deixavam-no tão triste, iriam desaparecer.

Ele não queria que elas desaparecessem. O CRUEL o havia enganado. Claro que eles o haviam enganado. Ele não soube sempre que eles eram assim? Não foi por isso que, inicialmente, ele planejava se rebelar? Porque essas pessoas não eram nada além de monstros manipuladores obcecados. E a dra. Paige tinha confirmado tudo isso.

Se ele pudesse apenas ver Teresa uma última vez. Suas últimas palavras para ela – “Até amanhã” – doíam demais. Sim, era verdade. Eles *seriam* reunidos no dia seguinte, mas suas memórias teriam desaparecido. Ele sequer iria reconhecê-la.

O CRUEL os manipulara até o fim.

Ele foi invadido por uma angústia insuportável.

Então foi tomado pelo alívio do sono, que o levou embora.

Ele abriu os olhos no interior do que sabia ser um sonho. Estava deitado em um campo verde-claro ofuscante de outro mundo, a grama se agitava com a brisa suave ao seu redor. Um céu azul reluzente brilhava acima, pontilhado por nuvens fofas espalhadas que pareciam perto o suficiente para ser tocadas. Supostamente, toda pessoa que experimentava o Dissipador fazia isso de sua própria maneira. E ali estava ele, com as memórias ainda intactas, imerso em beleza.

Mais uma vez, o pânico explodiu em seu interior.

Mas ele não conseguia se mexer. Não conseguia gritar. Ele tentou chamar Teresa, mas ela não existia ali.

Uma bolha grande entrou em seu campo de visão pela direita, a apenas pouco mais de um metro de distância. Ela se agitava e cintilava com um brilho oleoso, distorcendo o mundo às suas costas enquanto se aproximava flutuando e parava bem acima dele. No interior da bolha, surgiu uma imagem, uma imagem em movimento. Uma imagem complexa, tridimensional. Embora seus sentidos lhe dissessem claramente que a imagem estava no interior de uma bolha, ela também parecia consumi-lo, cercá-lo. Tudo aquilo o relaxou, como se drogas opiáceas tivessem sido bombeadas em suas veias.

Ele era um menino. Sentado em um sofá, com o pai ao seu lado e um livro aberto dividido entre seu colo. Os lábios de seu pai se moveram, seus olhos se iluminaram com falso drama, lendo a história que obviamente cativava a versão jovem de Thomas. Uma pequena centelha de alegria brilhou em seu peito. Ele não queria que acabasse. *Não, pensou. Por favor, não levem isso embora. Faço qualquer coisa. Por favor, não façam isso comigo.*

A bolha estourou.

Gotas minúsculas de líquido jorraram para fora e pairaram magicamente no ar, captando a luz em pequenas piscadas que fizeram Thomas apertar os olhos. O que ele tinha acabado de ver? Algo sobre seu pai. Algo sobre um livro. Era confuso, mas ainda estava lá. Ele tentou relembrar, mas parou quando surgiu outra bolha.

Mais uma vez, ela pairou; cores brilhavam por sua superfície, distorcendo as nuvens além. Uma imagem em movimento surgiu, ao mesmo tempo pequena e ainda assim enchendo todo seu mundo.

Ele caminhava por uma rua, a mãozinha na mão da mãe. Folhas eram sopradas pela calçada. Era como se ele estivesse lá. O mundo já havia sido devastado pelas chamas solares, e ainda assim pequenas saídas no lado de fora eram possíveis. Ele ansiava por cada momento ao ar livre, apesar da tristeza e do medo que sentia no comportamento dos pais. Apesar do risco de radiação que apenas alguns minutos causavam. Ele tinha sido tão feliz em momentos como...

A bolha estourou. Mais gotas de líquido pairaram suspensas no ar, juntando-se às outras. Dezenas de fagulhas no sol. A confusão de Thomas cresceu. Ele ainda estava consciente do processo do Dissipador, sabia que essas memórias estavam sendo removidas dele. Mas elas haviam apenas enfraquecido, não desaparecido. Apesar da onda de felicidade maravilhosa, ele lutou contra aquilo, batalhou com sua mente. Ele gritou em silêncio, mentalmente.

Mais bolhas vieram.

Mais estouraram.

Brincando de pique. Nadando. Banhos. Cafés da manhã. Jantares. Bons momentos. Maus momentos. Rostos. Emoções. Coisas que a dra. Paige lhe dissera. Ele teve vontade de gritar quando viu o pai enlouquecendo devido ao Fulgor.

Essa bolha estourou.

Mais delas vieram, não mais uma a uma. Elas passavam voando em precipitação, uma sobrecarga sensorial que entorpecia sua mente fervilhante. Música. Filmes. Dança. Beisebol. Comida. Do tipo que ele adorava (pizza, hambúrgueres, cenouras) e do tipo que odiava (estrogonofe de carne, abóbora, ervilhas). Rostos nas memórias começaram a se turvar; as vozes, a ficar indistintas. As bolhas iam e

vinham tão depressa que ele mal conseguia acompanhá-las. O resíduo de seus estouros enchia todo o céu acima dele, milhões de gotas de qualquer que fosse o líquido que as formava.

Ele tinha esquecido com o que estava tão preocupado.

Veio um vento forte. Um vento brutal, agitado. Ele girou as gotas em um grande círculo, um ciclone de orvalho em turbilhão acima dele. Bolhas estouravam antes mesmo de alcançá-lo, os resquícios de suas antecessoras passando através delas, fazendo-as desaparecer antes que Thomas pudesse sequer experimentar suas memórias. Tudo aquilo remoinhava acima dele, girando cada vez mais rápido. Logo tudo se misturou em um borrão, um furacão retorcido de névoa cinza, desprovido de toda cor.

Thomas sentiu como se fosse uma flor murchando por falta de sol. Ele jamais sentira tamanha confusão, tamanho... vazio. O mundo girava acima dele, e ele ficava cada vez mais vazio, a mente sendo sugada. Perdida no furacão altíssimo que o estava roubando, roubando o que fazia que ele fosse ele.

Desaparecido.

Tudo havia desaparecido.

Ele fechou os olhos. Chorou sem chorar. Uma escuridão profunda consumia sua mente e seu corpo. O tempo se estendia diante dele como um mar infinito, sem nenhum horizonte para jamais aparecer. Nada à frente, tudo deixado para trás.

Horas depois, ele abriu os olhos.

Ele estava acordado.

Ele estava de pé.

Cercado por escuridão fria e ar bolorento e empoeirado.

Memorando CRUEL, data 1.1.232; hora 15h12

PARA: Conselho de Liderança

DE: Chanceler Ava Paige

REF: Razões

Quero agradecer brevemente a todos da equipe do CRUEL. Passaram-se dez anos, mas nossos testes preliminares terminaram. Vocês ensinaram bem nossos candidatos de elite, e a essa altura estamos prontos para começar os últimos dias dos Testes de Labirinto – o que sempre soubemos ser o mais importante.

Thomas e Rachel foram totalmente preparados. Tudo o que levou a este momento, sua inserção nos Labirintos, não teria sido possível sem cada um de vocês. Foram necessárias muitas horas de dedicação, planejamento e cuidado meticuloso para nos trazer até onde estamos hoje. Obrigada pelo trabalho duro que vocês executaram com tamanha disposição durante a última década, e especialmente durante os dois últimos anos.

Nunca soubemos quem seriam os candidatos finais, mas hoje estamos felizes por celebrar Teresa e Aris e sua lealdade a nossos propósitos aqui. A Segunda Fase é iminente, e acredito que nosso futuro é mais animador do que nunca.

Mais uma vez, obrigada.

Memorando CRUEL, data 1.1.232; hora 14h01

PARA: Toda a equipe

DE: Teresa Agnes

REF: Uma última palavra

Acabei de me despedir de Thomas, e ele agora está na Clareira, em segurança. Amanhã vai ser minha vez. A dra. Paige me pediu para mandar uma última mensagem para todos, compartilhando meus pensamentos. Fico muito feliz de fazer isso.

Sinto-me bem em relação ao plano de deixar minhas memórias e as de Aris intactas. Você precisa de alguém em cada grupo com quem possa se comunicar e planejar durante as fases dos Testes. Aris e eu também podemos fazer toda a coordenação.

Prometo manter minha função em sigilo. Vou interpretar o papel de verdadeira semelhante a eles com o melhor de minhas habilidades, e não vou interferir nas decisões que eles tomarem, a menos que vocês me instruam a fazê-lo.

Estou com o CRUEL há bem mais de dez anos, a maior parte de minha vida. Mal tenho alguma memória de minha existência anterior. A maioria das pessoas no mundo poderia me considerar com sorte por ter vivido uma vida de conforto – tive roupas limpas, calor, segurança, comida. Sou grata pelo que o CRUEL forneceu. Sou grata pelos amigos que fiz, amigos que são as melhores pessoas do mundo. Eu nunca teria feito essas coisas a menos que acreditasse piamente que um dia eles vão compreender e me agradecer. Eu sou grata pelo que aprendi, pelo crescimento que tive, pelas muitas experiências que deram forma a quem sou. Eu sou grata por estar viva.

Também quero deixar claro que acredito no que o CRUEL está fazendo.

Pretendo escrever três palavras no braço antes de entrar na Caixa, na esperança de que essa mensagem simples plante uma semente nos Clareanos que a virem. Para lembrá-los, mesmo subconscientemente, daquilo pelo que lutamos. É uma expressão que vi em uma noite fria e escura muito tempo atrás, com os poços de Cranks fervilhando às minhas costas. É uma expressão em que acredito de todo coração, apesar dos horrores.

Acho que vocês sabem qual é.

agradecimentos

Eu sempre me repito, por uma boa razão. As pessoas a seguir fizeram de minha vida o que ela é, e não há como pagá-las ou lhes fazer justiça com um simples obrigado. Esperançosamente, sem querer ofender ninguém, só vou listar algumas para mostrar a elas o que significam para mim e minha carreira.

Krista Marino, minha editora. Este livro foi difícil, e brigamos um pouco. E, como os melhores irmãos, saímos disso nos amando mais que nunca. Observação: Ela sempre tem razão.

Michael Bourret, meu agente. É impossível descrever exatamente como é maravilhoso ter um agente que também parece ser seu melhor amigo. Clichê ou não, ele é a ilha no meio de uma tempestade furiosa.

Lauren Abramo, minha agente internacional. Esta é a mulher em quem você deve pensar se leu isto em uma língua diferente do inglês. É por meio de seus esforços incansáveis que agora estamos em mais de quarenta idiomas. Além disso, ela adora futebol, o que faz dela uma humana perfeita.

Kathy Dunn, minha assessora. Como você pode imaginar, a vida ficou um pouco louca ultimamente. E foi Kathy quem assegurou que eu não enlouquecesse nem ficasse assoberbado. É um caso raro quando uma assessora se preocupa mais com você enquanto pessoa que com seu sucesso como autor.

Por último, e principalmente, minha família: Lynette, Wesley, Bryson, Kayla e Dallin. Os últimos anos me ensinaram a apreciá-los em um nível que eu nunca compreendi antes. Eu os amo mais do que jamais poderia descrever, não importa quantos dicionários você jogue para mim.

E você, leitor. Eu dedico este livro a você. E estou falando sério. Obrigado.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, out. 2016

FONTE Bembo Std 11/15pt; Trajan Pro Bold 29/15pt; Courier Std 12/15pt